



CARL ROLLYSON

ÍISIS

AMERICANA

A vida e a arte de
SYLVIA PLATH

BB
BERTRAND BRASIL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Carl Rollyson

ÍISIS AMERICANA

A VIDA E A ARTE DE
SYLVIA PLATH

Tradução
Regina Lyra

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2015

Copyright © 2013 by Carl Rollyson
Publicado mediante contrato com St. Martin's Press, LLC. Todos os direitos reservados.

Copyright © Tradução Editora Bertrand Brasil Ltda.

Título original: *American Isis*

Capa: Oporto design
Imagem de capa: © Bettmann / CORBIS

Editoração da versão impressa: FA Studio

Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2015
Produzido no Brasil
Produced in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

R659i Rollyson, Carl
Ísis americana [recurso eletrônico]: a vida e a arte de Sylvia Plath / Carl Rollyson;
tradução Regina Lyra. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
recurso digital

Tradução de: American Ísis
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
sumário, agradecimentos, nota do autor, introdução
ISBN 978-85-286-1999-7 (recurso eletrônico)

1. Plath, Sylvia. 2. Plath, Sylvia - Crítica e interpretação. 3. Mulheres e literatura -
Biografia. 4. Livros eletrônicos. I. Título. I. Lyra, Regina. II. Título.

14-18930

CDD: 811
CDU: 821.111(73)-1.09

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA .
Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

Para Lisa

SUMÁRIO

Agradecimentos

Nota do Autor

Introdução

1. Filha Primordial dos Tempos (1932-50)
2. Senhora de Todos os Elementos (1950-53)
3. Rainha dos Mortos (1953-55)
4. Eu Sou a Natureza (1955-57)
5. Rainha do Mar (1957-59)
6. A Mãe Universal (1960-62)
7. Rainha Também dos Imortais (1962-63)
8. No Templo de Ísis: Entre os Hierofantes (1963-)

Apêndice A: Sylvia Plath e Carl Jung

Apêndice B: A biblioteca de Sylvia Plath

Apêndice C: David Wevill

Apêndice D: Elizabeth Compton Sigmund

Fontes

Bibliografia

AGRADECIMENTOS

Sem o poderoso apoio da minha agente, Christina Ward, esta biografia não teria sido escrita. Sem a recomendação entusiasmada de Lindsay Sagnette a seus colegas na St. Martin's Press, esta biografia não teria sido aceita para publicação. Sem o apoio entusiasta do meu editor, Michael Flamini, este livro não contaria com tanto estímulo e um cuidadoso aconselhamento. Sem os conselhos astutos da minha esposa, Lisa Paddock, a este livro faltaria certo polimento. Desde o início, confiei na experiência, no encorajamento e na generosidade de Peter K. Steinberg, um extraordinário estudioso de Sylvia Plath, que me encaminhou para muitas fontes primárias importantes. Ele também me deu permissão para reproduzir suas fotos, que documentam o mundo de Sylvia Plath. Peter evitou que eu cometesse vários erros. Sou muito grato a Susan Plath Winston (filha de Warren Plath) por ter me autorizado a reproduzir diversas fotos e por responder às minhas perguntas. Sou muito grato a Ellis B. Levine, da Cowan, Debaets, Abrahams & Sheppard, pela sábia assessoria jurídica.

Karen V. Kukil, renomada estudiosa de Plath e arquivista, fez de tudo para atender as necessidades da minha biografia. O trabalho feito por ela nos arquivos da Smith College é estupendo. Graças à sua abertura e acessibilidade, a política desses arquivos pode servir de modelo para o

mundo. É uma lástima para os estudiosos que outros depositários dos trabalhos de Plath tenham cedido aos restritivos e cerceadores protocolos do espólio de Plath. Ainda assim, agradeço a pronta e generosa ajuda que recebi de Kathleen Shoemaker na Universidade Emory, de Helen Melody, nas coleções dos trabalhos de Ted Hughes e Olwyn Hughes na Biblioteca Britânica, e de Beth Alvarez e Ann L. Hudak, na Universidade de Maryland. De menos ajuda, mas não obstante indispensável, naturalmente, é a Coleção Plath na Biblioteca Lilly, da Universidade de Indiana. Fico em débito com a minha maravilhosa aluna-assistente Tara Gildea, do Macaulay Honors College, pela perita recuperação de diversas fontes secundárias. Seu trabalho cuidadoso e de primeira qualidade representa o que há de melhor no que diz respeito à Universidade Municipal de Nova York.

David Wevill cordialmente respondeu às minhas perguntas por e-mail, mas não quis ser entrevistado. Concordando, porém, em me deixar reproduzir sua resposta a uma das minhas perguntas (ver Apêndice C). As cartas que enviei para Marcia Brown e Richard Sassoon ficaram sem resposta, mas contei com o benefício das lembranças de Constance Blackwell de sua amizade com Sassoon à época de Sylvia na Smith College. O que Eddie Cohen tinha a dizer me pareceu presente em suas cartas, e essa era a história que eu queria contar. W. S. Merwin praticamente nada acrescentou para Olwyn Hughes, a quem respondeu em 13 de outubro de 1987 com a observação de que escrever sobre Sylvia “me parece um mau negócio”. Não consegui imaginar por que ele falaria comigo e, por isso, decidi não me arriscar a ser rejeitado. Mas pude ter um vislumbre da amizade entre Merwin e Hughes no curso de uma conversa inesperada e espontânea com Grace Schulman, minha colega da Universidade Baruch.

Até os dias atuais, a maioria dos amigos de Olwyn respeita um código de silêncio. Sou agradecido pelo fato de Marvin Cohen, graças aos esforços de

Charles DeFanti, ter aberto uma exceção para mim. Para maior conhecimento a respeito de Olwyn e Ted Hughes, bem como do tratamento dado por ambos a Sylvia Plath, recorri a A. Alvarez, um homem incrivelmente generoso e receptivo, que pacientemente cobriu um terreno que já explorara com eloquência em seus próprios trabalhos. Sou grato a ele, também, por abordar sua correspondência com Olwyn, agora arquivada na Biblioteca Britânica. Sua esposa, Anne, encontrou tempo durante um dia atarefado para falar comigo sobre Olwyn Hughes e Assia Wevill. Igualmente, o testemunho de Elizabeth Sigmund, casada com David Compton quando Plath e Hughes moraram em Court Green, foi inestimável. Depois de passar quase dois dias inteiros com ela, observando-a contar em minúcias os dias em Devon enquanto examinava seus volumosos arquivos, obtive uma compreensão melhor do motivo por que Aurelia Plath acreditava que Elizabeth fosse essencial ao bem-estar de Sylvia. Em vez de apenas reproduzir as lembranças de Elizabeth quanto a um ou outro aspecto, da maneira como se pode encontrá-las em biografias anteriores de Plath, achei pertinente deixá-la falar com a própria voz (ver Apêndice D), de modo a invocar uma época passada. Ao marido de Elizabeth, William Sigmund, que eventualmente participava das nossas conversas e providenciava almoços e chás deliciosos — sem falar no transporte —, quero expressar minha gratidão e afeto.

Fui especialmente afortunado por falar e me corresponder com várias ex-alunas da Smith College que conheceram Sylvia Plath e com várias que conheceram Ted Hughes. Meu obrigado a Jody Simon, Constance Blackwell, Kathleen Knight, Judy Denison, Marilyn Martin, Ellen Ouelette, Barbara Russell Kornfield, Anne Mohegan Smith, CB Follett, Barbara Schulz Larson, Daryl Hafter, Clare Goldfarb, Helen Lane, Nanci A. Young e Ravelle Silberman Brickman. Essas mulheres forneceram uma perspectiva nova,

outros materiais e — em um dos casos — uma foto inédita de Sylvia Plath, sempre um esplêndido bônus. Todas tornaram um prazer falar sobre ela e inspiraram meu esforço por fazer justiça à sua personalidade e sua obra multiformes. Sou grato a Aubrey Menard, que me pôs em contato com Richard Larschan, um amigo de Aurelia Plath. Larschan descreveu alguém com estrutura própria e não apenas a mãe de Sylvia Plath, visão corroborada pelas anotações de Aurelia para o estudo acadêmico de Judith Kroll, cuja cópia se encontra no *Mortimer Rare Book Room* na Smith College. Sou grato, ainda, ao professor Larschan por me fornecer um exemplar das memórias de Trevor Thomas impresso internamente.

NOTA DO AUTOR

Escrevi esta biografia em parte porque sentia existirem aspectos de Sylvia Plath que outros biógrafos haviam desprezado ou entendido de forma equivocada. Confesso, contudo, que, enquanto escrevia o livro, reli meus antecessores — em geral depois de escrever um capítulo do meu livro. Checava para ver como outros lidaram com o mesmo material. Acho válido mencionar essa prática porque abri mão de uma porção de informações padronizadas que a maioria dos biógrafos se sente compelida a fornecer. Abordo pouco, por exemplo, o passado dos pais de Plath. Não descrevo em detalhes a Smith College ou sua história. Contextualizo muito pouco. Biógrafos anteriores fazem tudo isso e mais, e o que me impressiona em suas obras é quão dispersivo pode ser esse pano de fundo para alguém que deseje ter uma visão de Sylvia Plath, de como ela foi e o que defendia. Em outras palavras, já que biógrafos anteriores tanto fizeram para contextualizá-la, eu não quis repetir esse exercício, por mais valioso que possa ser para o admirador novato de Plath. Em vez disso, tentei me concentrar na intensidade da pessoa que ela foi, restringindo minha abordagem dos seus escritos a textos cruciais que auxiliam a minha narrativa. Em consequência, certos poemas e contos importantes não aparecem aqui, e outros o fazem apenas brevemente. Reduzi até mesmo paráfrases de poemas e contos ao

mínimo indispensável, pressupondo que o leitor familiarizado com Plath não necessite deles. Ao mesmo tempo, tentei escrever uma narrativa tão focada — sem interrupções para expor sua obra — que um leitor não familiarizado com a biografia de Plath seja capaz de sentir parte da euforia e do desespero que marcaram a vida da poeta. As datas que se encontram na introdução de cada capítulo avisam o leitor aonde vamos, de modo que eu possa prosseguir com a história.

A vantagem da minha abordagem, creio eu, é que ela me permite fazer justiça aos que se corresponderam com Plath, cujas cartas li com toda a atenção em diversos arquivos de forma a aquilatar o impacto de suas vozes sobre Sylvia. É incrível, por exemplo, a banalidade das cartas de Dick Norton quando comparadas às de Eddie Cohen, e quão rebuscado e estéril parece o discurso de Richard Sassoon em relação à prosa robusta de Cohen. Ler as longas cartas de Gordon Lameyer para Sylvia — sobretudo as escritas durante o tratamento a que ela se submeteu no verão de 1953 após a tentativa de suicídio — é reconhecer como ela foi incrivelmente importante para dar sentido à vocação de Lameyer. Por meio da leitura dessas cartas, percebi o esforço de Plath para tentar viver muitos tipos diferentes de vida e ser várias coisas distintas para aqueles com quem se correspondia. Claro que ela não vivia exclusivamente pautada por elas, mas garantir um lugar de destaque para sua correspondência me parece um modo de reforçar a finalidade desta biografia: Sylvia Plath foi uma grande poeta, sim, mas também foi igualmente grande sob outros aspectos, aspectos que nenhum livro anterior abordou.

INTRODUÇÃO

Eu sou a natureza, Mãe universal, senhora de todos os elementos, filha primordial do tempo, soberana de tudo que é espiritual, rainha dos mortos, rainha do mar, rainha também dos imortais, manifestação única de todos os deuses e deusas que existem, meu aceno governa as alturas cintilantes dos céus e a brisa do mar. Embora me venerem em muitos aspectos, me conheçam por inúmeros nomes (...) há quem me chame de Juno, outros há para quem sou Bellona (...) os egípcios, que se destacam pelo conhecimento e culto antigos, me chamam pelo meu verdadeiro nome (...) Rainha Ísis.

— Apuleio, *O asno de ouro*

Sylvia Plath é a Marilyn Monroe da literatura moderna. Ocupa um lugar que nenhuma outra escritora há de suplantar. A colega poeta Anne Sexton reconheceu esse fato quando chamou o suicídio de Plath de “uma boa manobra em termos de carreira”. Esse comentário rude revela uma ambição estratosférica que Plath e Sexton partilhavam. Ambas queriam ser mais do que grandes escritoras; queriam nada menos que se tornar o núcleo da mitologia da consciência moderna. Plath suplantou Sexton porque — como disse Marilyn Monroe, falando de si mesma — sonhou mais alto. Aos 8 anos, já se expunha ao público, vindo mais tarde a ganhar prêmios e a se exibir como o epítome da mulher moderna que queria tudo. E ao obter tudo, fez de si e de seus escritos algo ameaçador e atraente, mortal e vital ao mesmo tempo. Os biógrafos sempre cismaram sobre o que quis dizer Ted Hughes ao afirmar, de forma bastante dramática: “Era ela ou eu.” Esse ponto

é claro: Hughes não queria ser Osíris para a Ísis de Plath. Embora tenha entrado no casamento achando que ela precisava dele para complementá-la, aos poucos Hughes percebeu que seu papel era atuar como consorte na mitologia da esposa.

Os biógrafos se equivocaram na construção de Plath, tornando-se obcecados por seus problemas psicológicos, pelo que Ted Hughes lhe fez — e o que um fez ao outro, com Janet Malcolm liderando o time dos que supõem que, de alguma forma, é impróprio desenterrar a vida de uma “mulher silenciosa” que não pode falar por si mesma. Na verdade, Plath queria ser totalmente conhecida. Hughes ficou atônito ao descobrir que a esposa confiara suas cartas de amor à mãe. Mas Aurelia Plath não se surpreendeu, tendo criado nada menos que uma primordial filha do tempo, uma mulher que escreveu para a posteridade e que não nutria a menor preocupação com as noções mesquinhas do marido a respeito de privacidade.

Plath precisa de uma nova biografia, uma biografia que reconheça seu acachapante desejo de ser o foco da atenção, a força-guia e o farol para as mulheres e os homens modernos. As pressões sobre uma mulher que se vê de forma tão megalomaníaca são enormes, e compreender tais pressões e as reações de Plath a elas provê uma perspectiva inédita e incrível que torna a obra, o casamento e o suicídio da autora finalmente compreensíveis em termos do modo como vivemos hoje.

Ao contrário de outros escritores da sua geração, Plath percebeu que os mundos da arte nobre e da cultura popular vinham convergindo. Quando criança, ela ouvia o *Super-Homem* e *O sombra* no rádio. Destinou uma carta a uma paródia de *Dragnet*. Sentia-se tão atraída pelos romances best-sellers quanto pela arte nobre. Antes de se formar no segundo grau, havia lido três vezes *E o vento levou*. Antes de entrar na faculdade, publicou um conto na

revista *Seventeen* e logo se tornou uma *protégée* de Olive Higgins Prouty, autora de dramalhões de sucesso como *A estranha passageira* e *Stella Dallas, a mãe redentora*, apresentado como série radiofônica de 1937 a 1955.

Durante o período da sua bolsa Fulbright na Inglaterra, Plath fez uma sessão de fotos para o *Varsity*, o jornal da Universidade de Cambridge, para acompanhar o seu artigo “Sylvia Plath faz um tour pelas lojas e prevê o que será moda em maio”. Além de fotos num vestido de baile e num vestido de coquetel branco, o artigo estampa um instantâneo em que ela veste um maiô típico da década de 1950. A foto exhibe as pernas compridas da modelo de 1,75m, fazendo lembrar a icônica *pinup* americana da Segunda Guerra Mundial. “Com amor, Betty Grable”, rotulou-se Plath, divertida, em recortes que mandou para a mãe. Não foi, sem dúvida, a primeira poeta americana a se autoglamorizar — Edna St. Vincent Millay e Elinor Wylie são duas que me ocorrem —, mas nenhuma de suas antecessoras perseguiu o prestígio público de forma tão determinada e estratégica. Plath foi uma incansável candidata a prêmios literários, não apenas devido ao valor monetário deles, mas também porque a mantinham visível ao público. Nada tinha de uma Emily Dickinson, que escrevia originalmente para si mesma e deixou a posteridade cuidar de sua obra. Plath precisava que uma plateia testemunhasse o espetáculo do que significava ser Sylvia Plath.

Ted Hughes se espantou com o desejo de Plath de escrever prosa popular. Como a maioria dos escritores “sérios” da sua geração, ele imaginava uma linha divisória separando o vulgar da boa arte. Desprezava as tentativas de Plath de escrever ficção convencional como “uma negativa persistente da própria genialidade”. Plath era mais esperta. Na faculdade, tentou escrever um conto para a revista *True Confessions*, mas acabou relatando com sagacidade em seu diário que isso exigia “uma trama bem-amarrada e uma

naturalidade que não se consegue da noite para o dia, como acontece com uma prostituta barata”. Sabia que havia arte na criação de ficção de massa e queria dominar esse gênero. Tudo fazia parte do que significava ser Sylvia Plath, algo que Hughes entendia até certo ponto. Afinal, em sua introdução para *Zé Susto e a bíblia dos sonhos*, uma coletânea dos contos da esposa, ele argumentou com perspicácia que “parece provável que a sua criação real tenha sido sua própria imagem, de modo que toda a sua escrita dá a impressão de anotações e lembretes dirigindo a atenção para o problema central — ela mesma”. Mas Hughes não foi capaz de viver com as consequências da busca perene da esposa, evitando sanar dúvidas biográficas e se comportando como se proteger Plath fosse problema dele.

Os amigos de Ted, para os quais apenas a poesia era importante, não gostavam de Sylvia — com efeito, eles a viam como uma americana vulgar —, mas ela persistiu em sua abordagem polivalente da literatura. Embora muita ênfase tenha sido dada a seu último período — breve, porém brilhante — como poeta, na verdade durante essa época ela também planejou e escreveu dois novos romances e acalentou a ideia de uma carreira que envolvesse mais que a poesia. “A poesia é uma evasão da tarefa real de escrever prosa”, escreveu.

Susan Sontag, nascida apenas um ano depois de Plath, costuma ser considerada uma mestra na fusão da literatura intelectual com a popular na década de 1960, mas Sontag, com efeito, abominava o entretenimento de massa e se recolheu ao Parnasso assim que viu as consequências de misturar a plateia da ficção de massa com a plateia minoritária (elitista). Na verdade, Sontag explicitamente rejeitou, numa entrevista, a necessidade de aprovação popular de Plath, pois não conseguia imaginar uma artista que transitasse em todos os níveis da cultura ao mesmo tempo. Plath — muito mais ousada

que Sontag é uma artista muito maior — apossou-se de *tudo* que a sua sociedade tinha a oferecer.

Vejam, por exemplo, o relato instigante de Plath em seu diário no dia 4 de outubro de 1959:

Marilyn Monroe me apareceu ontem à noite num sonho, como uma espécie de fada madrinha. Uma ocasião de “bate-papo” com audiência, assim como a ocasião com Eliot há de ser, suponho. Falei, quase em lágrimas, de quanto ela e Arthur Miller significam para nós, embora possam, é claro, não nos conhecer. Ela fez minhas unhas com perícia. Eu não lavara os cabelos e lhe perguntei sobre cabeleireiros, dizendo que aonde quer que eu fosse, eles sempre me impunham um corte horrendo. Ela me convidou para visitá-la durante o feriado de Natal, prometendo uma vida nova, florescente.

Nenhuma passagem nos escritos de Plath demonstra melhor sua sensibilidade ímpar. No entanto, seus biógrafos ignoraram ou interpretaram mal essa prova crucial. Em *Rough Magic: A Biography of Sylvia Plath* [Rude magia: uma biografia de Sylvia Plath], Paul Alexander rotula de “estranho” o sonho. Em *The Death and Life of Sylvia Plath* [A morte e a vida de Sylvia Plath], Ronald Hayman chama o encontro imaginário com Monroe de um dos sonhos “menos perturbadores” de Plath. Tais caracterizações tipificam as narrativas maldirecionadas que infestam o legado de Plath.

Plath imagina Marilyn Monroe como curandeira e fonte de inspiração numa época em que a maioria das mulheres e dos homens via a atriz como pouco mais que um símbolo sexual, a encarnação de uma fantasia masculina. “Que boneca”, não para de repetir o administrador do prédio em *O pecado mora ao lado*. Ainda assim, no mesmo filme, Monroe funciona

como uma figura calmante e solidária para o desajeitado Tom Ewell, dizendo-lhe que ele é “simplesmente elegante”. E ela o faz exatamente do jeito maternal, *à la* fada madrinha, que torna o sonho de Plath familiar e não estranho. Marilyn Monroe “bate papo” com Sylvia Plath. A deusa do sexo tem uma conversa de “mulherzinha” com a autora. Essa concatenação de altos e baixos deságua numa referência a T. S. Eliot, com quem Plath e Hughes iriam se encontrar em breve. Plath antecipava o encontro com um grande poeta que podia também ser alguém com quem ela pudesse bater papo. A “audiência” se transforma, no sonho de Plath, num bate-papo muito americano.

Quem, em 1959, pensava no casamento de Marilyn Monroe e Arthur Miller como um modelo a imitar? Apenas Sylvia Plath. Indícios descobertos por Peter K. Steinberg, estudioso de Plath, demonstram que a escritora teve Marilyn Monroe na cabeça durante um bom tempo. Na primavera de 1959, a *The New Yorker* rejeitou um poema, “A Winter’s Tale”, mas o editor sugeriu que Plath tornasse a submetê-lo à apreciação depois de mudar uma linha no terceiro verso, “cabelos louros como os de Marilyn”, em referência às auréolas dos anjos numa cena natalina. Essa fusão do sagrado e do profano, digamos assim, foi substituída por uma mais moderada: “auréolas lustrosas como Sirius”, a estrela mais brilhante no céu, e o poema foi publicado em 9 de outubro, pouco depois de Plath ter seu sonho com Monroe.

Sylvia, como Marilyn, era deslumbrada pela fama. Via Hughes como seu herói, da mesma maneira que Monroe admirava Miller. Os casamentos Plath-Hughes e Monroe-Miller aconteceram, ambos, em junho de 1956. Como Miller, Hughes queria que sua obra fosse elogiada pela crítica e também amplamente aceita. Ambos se apossaram de esposas que ampliaram seus raios de ação ao expandirem suas plateias. E assim como Miller escrevia para os filmes de Monroe, Hughes sonhava vender suas fábulas infantis para

Walt Disney. Via a esposa, Sylvia, como um símbolo americano e um condutor ao sucesso — ainda que praticamente nada entendesse a respeito de sua terra natal ou de suas motivações. O casamento dos casais acabou, em parte, porque Hughes, tanto quanto Miller, não entendia a ambição da mulher. Com efeito, ambos se encolheram ante as aspirações vorazes das esposas.

Que Monroe pudesse atuar como “excelente manicure” para a poeta parece estranho apenas para alguém que não entenda que o dom de Monroe era parecer disponível e anódina. Plath, sempre meticulosa quanto à higiene pessoal, imaginou uma Marilyn domesticada, agora abrigada numa união feliz com um grande escritor — o mesmo destino que imaginava para si mesma, evitando o “corte horrendo” que a cultura impunha até mesmo sobre mulheres realizadas. Marilyn Monroe representava sobretudo promessa para Sylvia Plath. Nos primórdios da sua história, Plath afirma seu senso de superioridade retratando uma jovem que diz a um rapaz casadoiro: “Então você não sabe como tratar Ava Gardner quando ela também tem o cérebro de Marie Curie. Por isso estou aqui para lhe dizer que sou sua fada madrinha em pessoa, com bolo de chocolate e tudo.” Ted Hughes não pôde ajudar Sylvia, cuja promessa incluía bolo de chocolate e inteligência. O desejo dele por um mundo privado ia de encontro à própria essência da persona que Plath estava no processo de construir. Ele a decepcionou de maneiras muito mais devastadoras do que com sua infidelidade.

Em *Her Husband* [Seu marido], Diane Middlebrook escreveu de modo convincente sobre como Hughes via em Plath a encarnação da deusa branca de Robert Graves. Mas a autora se via de forma bem diversa. Ela lembra, na minha opinião, a Ísis americana. Queria ser um exemplo de mãe e esposa — mas com seu poder e sua magia intactos. Ísis, sobretudo em sua mais remota encarnação egípcia (antes da imposição do mito de Osíris), parece uma

metáfora perfeita para Plath, já que a mitologia inclui a associação da deusa com todos os níveis da sociedade, ricos e pobres. Porque Plath frequentou as melhores universidades e se vestia bem, Hughes erroneamente achou que ela era abastada quando a conheceu. Na verdade, tais privilégios foram duramente adquiridos por ela graças à mãe, que trabalhava horas a fio para garantir o lugar da filha na sociedade. Hughes era um ingênuo em comparação a Plath, que dera duro oito horas por dia como ajudante de fazenda no verão anterior ao ingresso dela na Smith, de modo a ter dinheiro suficiente para as roupas e os livros que sua bolsa de estudos não lhe permitiria comprar.

Não espanta que Plath tenha se tornado uma figura tão reverenciada. Era uma deusa doméstica, que adorava cozinhar e limpar. Apreciava as alegrias do cotidiano. Ted Hughes não sabia como controlar um talão de cheques. Sylvia Plath, sim. Ele jamais lavou suas próprias roupas. Sylvia, sim. Ele não sabia como competir num mundo literário em rápida mudança. Sylvia, sim. Ele rejeitou a sátira de amigos e parentes feita por ela em *A redoma de vidro*, interpretando mal a obra, que propositalmente transgredia a separação entre arte e autobiografia. O casamento talvez tenha durado o tempo que durou porque ele gostava de cozinhar e admirava a poesia dela. Mas Sylvia pôs abaixo a noção do marido de que os dois partilhavam “uma única mente”, conforme ele disse ao entrevistador Peter Orr. Ela disse a Orr que era “mais pragmática”.

Plath é uma pioneira na questão do gênero e uma heroína transcultural. Faz a ponte entre as culturas, tal como Ísis, que acabou se tornando um caro objeto de adoração em todo o mundo greco-romano. Plath se tornou o objeto de uma espécie de culto, tendo seu túmulo se transformado em local de peregrinação como os santuários erguidos em homenagem a Ísis. A repetida desfiguração de sua lápide — para que “Sylvia Plath Hughes” virasse

“Sylvia Plath” — é mais que uma simples vingança contra Ted Hughes. O ato de apagar seu nome equivale a uma declaração de que, em si, esse nome é uma afronta à mitologia de Sylvia Plath.

A Plath-Ísis possui características que poderiam parecer incompatíveis. Seu suicídio — e os poemas que flertam com a morte — se tornou parte do Eros e Tãatos da sua biografia. E é precisamente esse tipo de tensão entre elementos conflitantes que transforma Plath num ícone moderno, um ícone que continuará a encantar e confundir biógrafos. “Mais uma biografia de Sylvia Plath?”, indagará o leitor. Sim, é chegada a hora de definir o mito Plath para uma nova legião de leitores e escritores.

CAPÍTULO I

FILHA PRIMORDIAL DOS TEMPOS

(1932-50)

27 de outubro de 1932: Sylvia Plath nasce em Boston enquanto sua família mora em Winthrop, Massachusetts; **1934:** Otto Plath publica *Bumblebees and Their Ways (Os zangões e seus costumes)*, um estudo-referência sobre entomologia; **27 de abril de 1935:** Nasce Warren; **21 de setembro de 1938:** o grande furacão da Nova Inglaterra; **5 de novembro de 1940:** morre Otto Plath de embolia após uma amputação; **10 de agosto de 1941:** o primeiro poema de Sylvia é publicado no *Boston Herald*; **7 de dezembro:** os Estados Unidos entram na Segunda Guerra Mundial; **1942:** Aurelia Plath muda-se com a família para Wellesley e começa a dar aulas na Universidade de Boston; **1944:** Sylvia dá início a um diário e começa a escrever para a revista literária do primeiro ano do colegial, *The Philippian*; **20 de janeiro de 1945:** Sylvia e a mãe comparecem a uma encenação de *A tempestade* em Boston; **6 e 9 de agosto:** bombas atômicas são lançadas sobre o Japão; **1947:** Sylvia coedita o jornal do colégio, o *Bradford*, durante o último ano do colegial; **1950:** Sylvia ganha uma bolsa de estudos na Smith College, em Northampton, Massachusetts, e mora no campus, na Heaven House. Publica um conto na *Seventeen* e um poema no *The Christian Science Monitor*.

Alguns escritores nascem para serem exilados perpétuos e pensarem em si mesmos como criaturas marinhas. Sylvia Plath gostava de contar a história da mãe colocando a neném Sivy na praia para ver o que ela faria. O bebê engatinhou na direção do mar com naturalidade, escapando de ser afogado por uma onda graças a uma mãe vigilante que se agarrou aos tornozelos da filha. Terá sido isso mesmo? Sylvia sempre se mostrou ambígua em relação à

mãe. Mais tarde, Aurelia escreveria para a acadêmica Judith Kroll que, de fato, foi Warren quem engatinhou até as ondas — mas tais fatos não interessavam para uma poeta que estava em vias de criar a própria mitologia.

Conforme escreveu num ensaio irradiado pela BBC próximo ao fim de sua vida, Plath passou a infância onde a terra terminava. Descreveu as marés cheias do Atlântico como “montanhas corredeiras”. Ao espiar o interior caleidoscópico de uma concha azul de mexilhão, imaginou como respiravam as primeiras criaturas da Terra. Morando numa casa à beira-mar, a poeta era embalada pelo som das ondas. Jamais sua vida voltaria a ser tão esfuziante.

Sylvia desfrutou esse berço costeiro durante oito anos. Então o pai morreu e a família se mudou para longe do mar, isolando Sivvy dos encantos da infância, semelhante — para usar sua própria expressão — “a um navio dentro de uma garrafa”. A visão de um mundo marinho sumiu tão abruptamente quanto o pai, e ambos lhe pareceram “um mito branco voador”, fugaz e puro e inalcançável e moribundo para uma criança que crescia num mundo diferente desse. Tão furiosa quanto Coriolano, uma Sylvia Plath enlutada se exilou. Iria realizar muitos feitos grandiosos, mas jamais com a segurança de alguém realizado. Sempre olharia para trás, cheia de nostalgia e insegura quanto ao futuro, ainda que tenha enfrentado tantos momentos em sua vida com grande expectativa. Sua vida — começando com a admiração pelo Super-Homem — tornou-se uma cruzada.

Siv tinha 6 anos quando a guerra chegou à Europa e era suficientemente madura para uma criança precoce com um pai estrangeiro para dar-se conta de que o mundo estava cheio de vilões. “Quem sabe que mal espreita no coração dos homens?”, indagava todas as noites de domingo a voz radiofônica insinuante do Sombra, respondendo: “O Sombra sabe.” Siv ouvia os discursos de Hitler, que os americanos escutavam com o mesmo tipo de compulsão excitada demonstrada diante da arenga do seu compatriota

fascista, Father Coughlin. Mais tarde, imagens do Führer e do Holocausto assombrariam a poesia de Plath, fundidas em sua visão de um marido problemático.

Syl não estava sozinha. Frequentava a escola com os filhos de imigrantes que viam seus pais — exaustos após um dia pesado de trabalho — desabarem ao lado do rádio, aguardando notícias sobre a própria terra natal. Na escola, demonstrava lealdade não em relação aos americanos com sobrenomes hifenizados, mas às crianças que ainda eram chamadas de irlandesas católicas, judeu-alemãs, suecas, negras, italianas, e o que a escritora mais tarde viria a descrever como “aquele puro e raro passageiro do *Mayflower*, alguém *inglês*”. Com a mão no coração, essas crianças encaravam uma bandeira americana cobrindo como “uma toalha de altar a mesa do professor”. Na verdade, não se tratava de um item diferente da capa do Super-Homem, parte de um figurino que protegia “a verdade, a justiça e o jeito americano”.

Cantavam “America the Beautiful”, e Syl chorava quando atingiam o trecho “de mar a mar brilhantes”, frase que fazia muito mais sentido para um aluno do ensino fundamental do que “acima da planície frutificada”. Ventos úmidos vindos do mar impregnavam o pátio do recreio com íons positivos, o proverbial sopro de ar fresco que cheirava à esperança e os fazia exultar — quando não estavam jogando bolinha de gude, pulando corda ou jogando queimado — “Olhem só, lá no céu! É um pássaro, um avião? É o Super-Homem!”.

A versão em gibi do Super-Homem tornara-se o hit da Action Comics no final da década de 1930, mas Sylvia, ao que tudo indica, achava a versão radiofônica seriada especialmente interessante. O programa estreou em 12 de fevereiro de 1940, e na sua abertura um apresentador se dirigia a meninos e meninas, falando dos clubes do Super-Homem que vinham

sendo criados no país. O Super-Homem não era apenas um herói de aventura, mas também o jornalista Clark Kent, que conseguira um emprego no *Daily Planet* prometendo ao seu editor uma boa história. Kent conseguia as histórias, ao mesmo tempo que, sob o disfarce de Super-Homem, salvava mocinhas e outros em perigo, desvendando crimes que envolviam tanto corrupção nos negócios americanos quanto ameaças à segurança nacional. Um sonho estranho durante o período passado na colônia de férias deixou Sylvia achando que não lhe causaria surpresa ouvir o Super-Homem bater à sua porta. Aos 10 anos, a ideia de um homem poderoso surgindo para consertar tudo tornara-se um elemento da imaginação de Sylvia Plath. O mesmo ocorrera com a ideia da mulher independente, encarnada por Lois Lane, que tratava Clark Kent com desconfiança e desprezo consideráveis, embora idolatrasse o Super-Homem. Conseguir a história, conseguir o homem, num mundo em que tanto o indivíduo quanto a pátria estavam à beira da destruição, viria a permanecer crucial para a ideia que Sylvia nutria sobre ordem mundial.

Durante um curto período de tempo, Sylvia contou com seu próprio Super-Homem em casa: o pai, Otto Plath. Um homem erudito e entomologista autoritário, o professor Plath era conservador. De nacionalidade alemã, sua palavra era lei. Para a filha, encarnava Próspero, um adivinho dos segredos da natureza. Mostrou-lhe como pegar zangões — o pai de mais ninguém era capaz de tal feito! Mas era distante e irascível. Não sabia brincar com os filhos. Não era fácil amansar Otto, o Colérico. A mulher, Aurelia, ex-aluna de Otto, tentava acalmá-lo com palavras, mas acabava perdendo a paciência, e ele explodia em exclamações trovejantes, acordando o irmão caçula de Sylvia, Warren. Os ruídos enfurecidos vindos de um outro quarto no lar dos Plath não deviam ser muito diferentes das vituperações de Hitler.

Otto exaltava a excelência e gostava de prover à filha altos padrões. Ela adorava vê-lo corrigir os trabalhos dos alunos; era como consertar o mundo. Mas precisava ficar calada para ter o privilégio de testemunhar as melhorias realizadas pelo pai. Marcas de lápis vermelho riscavam os trabalhos que continham palavras inadequadas. O viés sádico de Otto se mostrava quando ele dizia à filha que na aula do dia seguinte haveria “choro, gemidos e ranger de dentes”. Para Sylvia essa afirmativa apenas comprovava o poder de um pai que ensinava a centenas de alunos como o mundo era organizado. Para a jovem, ele lembrava um monarca, olhando de cima de seu tablado professoral, chamando seus súditos à responsabilidade. Eles se aproximavam para receber o julgamento terrível das correções do mestre. De forma bem diversa da imagem construída por Sylvia, um dos colegas de Otto, George Fulton, recordou-se, para o biógrafo Edward Butscher, de que o professor Plath era amistoso e falastrão, com um apetite voraz por grandes sanduíches de carne de porco. Elizabeth Hinchliffe, uma outra biógrafa, conversou com os colegas de turma de Otto em Harvard, e eles se lembraram do seu dom para idiomas e sua preferência pela literatura em detrimento da ciência. Afora o interesse pela natureza e sua área de conhecimento especial, abelhas, Otto não se parecia em nada com um cientista. Com efeito, Sylvia deleitou o pai com seu interesse precoce pela poesia e logo descobriu ser capaz de conquistar sua admiração escrevendo poemas para ele. Mais tarde, seu poema mais famoso, “Daddy”, seria dedicado a Otto.

Sylvia adorava ver o pai furar onda como um deus marinho. Ele a levava nas costas sem qualquer esforço aparente, deixando um rastro ao passar. O medo que ela sentia das profundezas sombrias desaparecia quando o movimento do corpo do pai a embalava. Enquanto o asmático Warren ficava em casa, pai e filha traquinavam na praia. A pálida Sylvia jamais ficava vermelha quando tomava sol, adquirindo, ao contrário, um belo bronzeado.

Era tudo um conto de fadas, e Sylvia sabia disso. Otto, sofrendo os efeitos da diabetes, não podia ter realizado os feitos físicos a ele atribuídos. Conforme revela *Letters Home*, o Deus-pai marinho na verdade era “vovô”, o vigoroso pai de meia-idade de Aurelia. Mas Sylvia se preocupava em recriar o poder da presença do próprio pai, e a bravura que atribui a ele é seu modo de dramatizar o papel dele na imaginação da filha. Como explica Richard Larschan em seu artigo esvaziador de mito, Plath também mitologizou parte de seus primeiros anos escolares, exagerando os aspectos multiculturais da própria criação para se adequar à natureza da época.

Havia uma guerra em curso, e Otto, o alemão, era suspeito. Essa desconfiança não lhe fazia justiça, já que ele nada tinha a ver com Hitler ou com o nazismo. No entanto, fosse no rádio, nos gibis ou nos filmes, a voz da vilania era, com efeito, a voz de Otto. Ele fazia parte de uma mitologia que a filha não conseguia de todo separar da sua própria vivência com o homem. Para uma criança, a disciplina cruel de Otto não podia ser facilmente apartada de um mundo de campos de concentração, de jornalismo cinematográfico que retratava o horror dos campos de prisioneiros de guerra japoneses. Como Susan Sontag, outra filha da guerra, Sylvia Plath via o mal documentado em imagens gráficas que ficaram registradas em sua psique pré-adolescente.

A natureza escaldante do mal e a maneira como sua própria família podia ser contaminada por ele causavam impacto profundo numa garota suburbana moradora de Winthrop, Massachusetts, a menos de dez quilômetros de Boston. A tragédia podia se abater a qualquer momento — como aconteceu com o grande furacão de 21 de setembro de 1938, quando terra e mar viraram do avesso, atirando um tubarão no jardim da sua avó. Sylvia viu o mar se erguer com “violetas malévolas nos olhos”. Durante todo o dia, ouviu a mãe dar telefonemas histéricos, antecipando o pior de uma

tempestade devastadora que poderia aniquilar a única existência conhecida por Sylvia. Soava como o Armagedom, um mundo emborcado com postes de luz derrubados e casas em ruínas tragadas pelas águas.

Sylvia sentiu o êxtase do terror, achando, no dia seguinte, a destruição satisfatória e de algum modo proporcional à sua ideia de tragédia. Ela nasceu para uma vida bíblica, chamando a chuva torrencial de uma “ducha de Noé”. Começou a escrever poesia e contos praticamente assim que aprendeu a ler e escrever, e a tempestade perfeita que refez seu universo passou a ser associada a seu próprio cosmos criativo, capaz de remodelar de modo similar a realidade para caber em seus domínios. O processo tautológico de percepção inventiva, no qual o mundo era embalado no tapete mágico das palavras arrumadas em frases, representava a própria essência da vida para ela. Quando sucumbiu a um bloqueio criativo pela primeira vez, no verão de 1953, Sylvia o encarou como uma morte em vida e tentou pôr fim à própria existência. Um segundo e famoso suicídio bem-sucedido veio mais tarde, quando já era uma poeta exaurida, drenada de palavras, não mais capaz de gerar energia, que chegara ao máximo em seu trigésimo ano de vida.

Sylvia Plath, porém, não era solipsista. Mais do que a maioria das crianças na sua idade, era uma cidadã do mundo, aprendendo com entusiasmo geografia nas aulas do ensino fundamental, apresentando trabalhos dignos de nota máxima. Era extremamente encorajada pela mãe, que lhe escrevia bilhetes cheios de elogios e orgulho. Aurelia Plath, ela própria uma aluna exemplar, preparada e disposta a se sacrificar, parecia a mãe perfeita, e Sylvia com frequência lhe dizia isso em bilhetes escritos durante os verões passados longe de casa, nas colônias de férias. Ao contrário de Otto, que tanto exigia dos filhos, Aurelia oferecia sugestões, alternativas e um leque de exercícios para fortalecer a autoestima — que a

filha viria a abominar. O que havia de errado com a mãe? Em certo sentido, nada. Em outro, o que havia de errado era que ela não era Otto Plath. Ele possuía a mística e a majestade da erudição que a filha reverenciava. Aurelia não esperava menos de Sylvia do que esperava o marido, mas Aurelia também havia sido escrava dele. Como poderia atuar como feitora da filha?

A morte de Otto, em 5 de novembro de 1940, nunca deixou de ser uma ferida supurada na vida da escritora. Como era possível que um homem tão poderoso morresse, sobretudo prematuramente? Ele tinha apenas 55 anos. Mas se recusou a consultar médicos, até ser tarde demais. Mesmo após o diagnóstico de diabetes, Otto insistia numa dieta que privilegiava gordura e açúcares, o que apressou seu fim. Aurelia cuidou dele durante seus últimos dias, limitando o contato do marido com os filhos para poupá-los de ver o pai agonizante. Também decidiu não permitir que Sylvia e Warren comparecessem ao enterro. Para a filha, porém, as atitudes de Aurelia significaram privá-la do afeto e da aprovação do pai. Tal reação fez sua morte parecer ainda mais misteriosa e arbitrária, uma interrupção tirânica de sua infância, o que o tornava censurável também. Como um pai podia dominar de tal forma o mundo da filha e simplesmente desaparecer assim? Era monstruoso. Uma criança que, após a morte do pai, diz que não falará mais com Deus (falar, note-se, não rezar), não irá tolerar outros iguais a ela e, menos ainda, quem lhe for superior, em seu cosmos. É possível que se sintam por um instante — talvez mesmo durante um ano — suplantada por outrem, mas todos os seus escritos falam de uma necessidade de concentrar a atenção do mundo.

Foi Aurelia quem apresentou a filha à poesia, lendo poemas que imaginava adequados ao amor da filha pelo ritmo e pela cadência. “O tritão abandonado”, de Matthew Arnold, pareceu a Sylvia ter sido dirigido a ela — ou, ao menos, a crianças como ela:

Come, dear children, let us away;
Down and away below!
Now my brothers call from the bay,
Now the great winds shoreward blow,
Now the salt tides seaward flow...

Para uma criança que visitava com frequência os avós numa faixa de terra em Winthrop chamada Point Shirley, com vista tanto para o mar quanto para a baía, o chamado do tritão para as profundezas marinhas evocava a imagem de cavalgar nas costas de Otto Plath, aos poucos esquecendo o medo do mar escuro e profundo enquanto ele nadava em braçadas rítmicas.

A poesia de Arnold era o mundo de Sylvia “through the surf and the swell... where the sea-beasts ranged all round”. A poesia revelou-se um ponto intermediário entre ela e o mundo, uma junção como a da terra ao mar. O tritão, abandonado por sua amada Margaret, anseia por seu retorno. Ela, porém, permanece em terra, na igreja, “os olhos... grudados no livro sacro!”. A voz do tritão é a do poeta e expressa o encantamento das palavras que Margaret também havia ignorado, mas que Sylvia, “uma garota marinha” como a mãe, sorvia maravilhada, dizendo que elas lhe davam vontade de chorar, mas também a faziam muito feliz. A poesia exercia tamanho poder sobre Sylvia que ela viria a viver e morrer por sua causa.

Plath publicou seus primeiros versos, simplesmente intitulados “Poema”, no *Boston Herald* em 10 de agosto de 1941. Esse poema breve sobre a natureza contendo sons de grilos e imagens de vagalumes apareceu na seção infantil, “The Good Sport Page”. Paul Alexander rotula essa primeira publicação de o dia mais importante daquele verão. Mas a ocasião foi mais que isso: Sylvia conscientizou-se de que o mundo estava atento. A publicação é uma forma de julgamento da qual outro tipo de sensibilidade

— digamos a de Emily Dickinson — se esquivaria, mas Sylvia já tinha o hábito de se destacar. Media a si mesma pela avaliação que outros dela faziam.

Aurelia entendia essa característica da filha. Quando, no outono de 1942, Aurelia vendeu a casa em Winthrop e mudou-se com a família para Wellesley, seu objetivo não era apenas levar a filha para uma cidade universitária. Sylvia Plath precisava de uma tela maior para praticar sua arte. Já desenhava muito bem um ano após publicar “Poema”, tendo ganhado um prêmio pelo retrato de uma mulher usando chapéu. Como outros escritores extraordinários — Rebecca West, Norman Mailer e Susan Sontag, por exemplo —, Sylvia desde cedo encarava o ofício de escritora como uma espécie de brincadeira séria.

Jane Eyre e *E o vento levou* estavam entre seus romances favoritos, mas Syl também gostava de ouvir *O zorro* e *The Jack Benny Show*. Se Aurelia se incomodava ou não com o fato de os filhos assistirem tanto à TV, tal preocupação não deixou rastros. Sylvia adorava bonecas de papel e amava ganhar livros de bonecas de papel representando Rita Hayworth e Hedy Lamarr. Também guardava com carinho um autógrafo de Bette Davis. Syl podia parecer “geniozinho” para outras crianças, mas sua natureza expansiva e seus interesses e atividades variados — nadar, tomar sol e brincar com meninos — nada revelam com relação ao comportamento *nerd* e introvertido em geral atribuído a estudantes excepcionalmente brilhantes. Helen Lawson, professora de inglês dela na nona série, contou a Edward Butscher que Sylvia, uma perfeccionista, “aparentemente tinha um respeito absoluto por seus colegas de turma — o que não era o comportamento de um ‘CDF’”.

Aproximadamente aos 12 anos, Sylvia chegou à marca de 160 num teste de QI, o que a qualificava como gênio, segundo Dorothy L. Humphrey, que

falou desse resultado com Edward Butscher. Humphrey observa que Sylvia não apenas era incomumente esclarecida para a idade, como também mostrou um interesse notável pelo teste em si, parecendo gostar de “todo o procedimento demorado”, prolongado por ela própria, que continuava dando respostas corretas.

No ano seguinte, Sylvia assistiu à encenação em Boston de *A tempestade*. Aurelia anotou no programa a data de 21 de janeiro de 1945 e o preservou no arquivo Smith, observando que a filha havia sido “totalmente transportada para a ilha mágica de Próspero”, tendo comentado a peça durante todo o trajeto de trem na volta para casa. Era um lindo dia de sol. Para Aurelia, “a matéria-prima dos sonhos” da peça parecia refletida nas pilhas de neve brilhantes. Sylvia vinha lendo Shakespeare, encantada por um poeta que mais uma vez lhe trazia o mar adorado.

Full fathom five thy father lies;
Of his bones are coral made;
Those are pearls that were his eyes:
Nothing of him that doth fade
But doth suffer a sea-change
Into something rich and strange.
Sea-nymphs hourly ring his knell:
Ding-dong.
Hark! now I hear them — ding-dong, bell.

Os sons desse poema e o efeito do dobrar fúnebre do sino criam uma ressonância mágica muito capaz de cativar uma criança seduzida não meramente pela poesia, mas por todos os efeitos sonoros no rádio — como a música portentosa da “Abertura de Guilherme Tell”, que anunciava a

presença do Zorro. Sylvia adorava criar melodramas radiofônicos no pátio da escola, e já estava escrevendo contos e tramando romances, ao mesmo tempo que tentava posicionar os dedos de forma correta no teclado nas aulas de piano da colônia de férias.

Ainda assim, ela também tinha tempo para os colegas de colônia, adotando um nome novo, “Sherry”, e consolando uma menina com saudades de casa. Garantiu a Aurelia que as cartas maravilhosas dela a ajudavam a se adaptar à distância de casa. Sylvia estava “incrivelmente feliz” e comia bem. Se seus relatos eram precisos, empanturrava-se de comida. Por que tomar um prato de sopa de tomate, quando podia tomar três? O mesmo valia para o bolo de café e a melancia: ela comia quatro fatias de cada. Falava de suas conquistas, como nadar de costas cem metros depois de corajosamente mergulhar na água fria quando todos os demais se fingiam de doentes. Fazer novas amizades era uma atividade competitiva. Joan Beales, por exemplo, sabia tocar piano e violino, além de ser perita no sapateado — e, o mais fascinante, cantar no rádio. Ah, mas ela não sabia desenhar, explicou Sylvia a Aurelia.

Um aspecto da vida na colônia de férias que distinguia o mundo de Sylvia do nosso era o show de menestréis. Ela se vestiu de “negrinha” e descreveu seu desempenho como “um grande sucesso”. Sylvia não tinha amigos “pretos” (para usar um termo da época. Ela não tinha visto muitos afro-americanos em sua vizinhança.) Como seres humanos, eles eram praticamente invisíveis — não apenas para ela, mas também para milhões de americanos, como explicou com eloquência Ralph Ellison em *O homem invisível*. A figura negra mais familiar na vida de Sylvia deve ter sido Rochester, o factótum astuto de Jack Benny, que vivia usando artifícios para obter um dia de folga dos serviços prestados ao empregador parcimonioso. O programa cômico de meia hora de Benny aos domingos à noite deleitava

milhões de espectadores, que engoliam de bom grado uma versão anódina de humor escravo. A plateia ria de piadas sobre a cor da pele de Rochester — por exemplo, seu pedido para que Benny parasse de raspar a torrada enegrecida nas mãos do criado porque “Patrão, o senhor está me castigando”. O único outro exemplo-modelo de negro era Mammy, a escrava doméstica de Scarlett O’Hara, que insiste para que a adolescente rebelde entregue a seus cuidados adote o comportamento pertinente a uma moça de sua classe e raça.

Envolvida no que os filmes pregavam ser o comportamento filial desejável, Sylvia buscava agradar Aurelia e representava a filha obediente para a mãe de santidade comparável à mãe de Scarlett O’Hara, Ellen, sempre uma lady. Aurelia lembrava o tipo de pai ou mãe que incute um regime moral estrito não por meio de castigos, mas de uma martirização aos princípios. Os cartões e cartas de Sylvia enviados da colônia de férias batem continuamente na tecla do amor maternal. Foi o que a salvou, segundo Sylvia, de sua própria “inveja mesquinha”. Sylvia corria para Aurelia em busca de consolo, assim como Scarlett ansiava pelos abraços de Ellen. Mas Scarlett O’Hara jamais conseguiria ser tão boa quanto a mãe, e Sylvia se deu conta muito cedo de que o mesmo se aplicava a ela.

Às vezes, Sylvia relegava Aurelia ao papel de uma mãe de bastidores, como Stella Dallas. Aurelia veria um dia sua amada filha partir para a Inglaterra e para uma vida tão apartada e inatingível quanto a vida da filha de Stella Dallas para a protagonista do romance de Olive Higgins Prouty. Stella, com o coração partido, pode apenas espreitar da rua, pela janela, o abastado e imponente mundo novo da filha. No entanto, como mostram as cartas de Sylvia, Aurelia — mais uma vez à semelhança de Stella Dallas — exerce certo poder. No rádio, Stella, como o Super-Homem, com frequência tirava as pessoas de apuros. Era uma fortaleza para a filha. É revelador o fato

de que, ao casar-se com Ted Hughes, Sylvia tenha querido apenas a mãe a seu lado.

Ao longo dos anos do ensino médio, Sylvia ganhou prêmios em redação e artes. Além do seu mentor, o professor secundarista Wilbury Crockett, que dava aulas como se fossem seminários universitários, os outros professores de forma alguma a viam como um gênio, embora Anna C. Craig, uma orientadora na Wellesley High School, tenha mencionado para Edward Butscher sua lembrança de que Sylvia “devorava” Shakespeare e era uma leitora ávida, bem como uma escritora criativa, uma aluna destacada, mas também “solitária”. Uma das colegas de classe de Plath, Louise Lind, contou a Butscher que ela e Sylvia “trocavam boas risadas sobre os projetos escolares”. Muitos anos depois, quando Aurelia ainda ponderava os motivos para o suicídio da filha, Wilbury Crockett lhe disse:

Como já lhe falei várias vezes, aqueles que me perguntam sobre Sylvia parecem descrentes quanto às minhas lembranças. Mas na minha presença ela era sempre positiva, cheia de exuberância, apaixonada pela vida — com um inabalável encanto pela aventura humana. Curiosamente, dava a impressão de quase perder o fôlego diante disso tudo. Eu adorava quando ela ia à minha casa... Ríamos muito — e, é claro, tínhamos conversas sérias. Como você provavelmente imagina, passei a conhecê-la bem depois de tê-la como aluna durante três anos. E me lembro do nosso relacionamento com grande carinho.

Se precisasse escolher uma única palavra para descrevê-la, eu escolheria *radiante*.

Sylvia talvez fosse demasiado dócil, demasiado ansiosa para agradar, para se destacar de forma estereotípica como uma intelectual inconstante, distante, destinada à glória. Parecia segura e, como afirmava com frequência, o bronzado lhe caía bem. Gostava de pedalar e jogar tênis, esporte que aprendeu com um garoto da vizinhança, Phil McCurdy. Ao contrário de outros meninos, ele aparentemente não se sentia intimidado por uma garota com QI 160 e uma conversa densa. Já no primeiro ano do ensino médio, Sylvia tinha encontros e não costumava passar muito tempo sem as atenções de um rapaz, como Perry Norton, que morava perto. Houve muitos outros ao longo dos anos colegiais.

A aparência era importante para Sylvia. Assim como as roupas que ela usava. Bem como boas maneiras e dicção. Ela se queixava de que algumas meninas na colônia de férias usavam palavras como “né” e “pra” que feriam seus ouvidos. Elas “*não* eram bem-criadas”. Uma noção pequeno-burguesa de adequação jamais deixou de ser uma característica marcante dessa poeta mesmo durante o tempo em que conviveu com os tipos decadentes do mundo literário. Seus comentários azedos sobre outras pessoas eram um modo de remover a sordidez que cercava alguns escritores e outros integrantes de conclaves boêmios. Seus heróis radiofônicos favoritos — o Zorro, o Sombra e o Super-Homem — eram parte de uma espécie de equipe de faxina, tornando o mundo moralmente imaculado. Sylvia sentia uma repulsa visceral por sujeira — fosse ou não de natureza moral —, o que explica suas reações extremas, mais tarde, à lamentável higiene física e moral do marido.

Aurelia e, depois, Ted Hughes jamais se sentiram à vontade com as observações ácidas acerca deles próprios ou de terceiros. Jamais, ao que tudo indica, se deram conta de que o que soava ofensivo a outras pessoas *divertia* Sylvia, que era por natureza satírica, como demonstra claramente Diane

Middlebrook. Essa tendência satírica explica por que Jack Benny tanto agradava a Sylvia adolescente. O programa de rádio de Benny zombava incessantemente dos fracassos dele, caçoando da forma como ele tocava violino, da peruca que usava, da avareza e até do jeito efeminado como andava. O programa promoveu um concurso nacional com dez mil dólares em prêmios, que pedia aos ouvintes para completarem a frase “Por que odeio Jack Benny”. Infelizmente, não há como saber se Sylvia chegou a participar. Uma piada recorrente no programa mostrava o astro de cinema Ronald Colman e a mulher sempre evitando topar com Benny, o vizinho presunçoso. E Jack retribuía na mesma moeda, caçoando do locutor obeso, Don Wilson (que, de tão gordo, ficava entalado em poltronas), zombando do preguiçoso Rochester e ridicularizando Phil Harris, o líder da banda do programa, que não sabia ler partituras — ou qualquer outra coisa, aliás. Sylvia tinha uma sagacidade que naturalmente a deixava deleitada com esse tipo de humilhação, que a plateia estimulava com gargalhadas sonoras tanto quando Jack era o alvo como quando era o autor da piada. O gênero de chacota privilegiado por Benny — a destruição de pretensões, inclusive as próprias — tinha um viés agressivo. Os participantes habituais do programa tentavam superar uns aos outros com ofensas cômicas, que geravam um crescendo de gargalhadas da plateia em seus melhores dias. A intensa energia desses programas de domingo à noite obviamente agradava Sylvia e milhões de outros que se preparavam para mais uma semana de trabalho. Qualquer coisa capaz de transformar a natureza competitiva da sociedade numa diversão prazerosa exercia enorme atração sobre uma mente jovem tão séria como a de Sylvia.

As aulas de Wilbury Crockett trouxeram à tona a natureza competitiva da poeta. Depois que Crockett recitou uma lista enorme de leituras e uma carga volumosa de deveres de casa, um terço dos alunos presentes no

primeiro dia não retornou para a aula seguinte, transferindo-se para uma turma menos exigente. Crockett desenvolveu um quadro de vinte alunos superiores, chamados “Crocketeiros”. Otto Plath teria aprovado o corporativismo intelectual de Crockett. Essa noção de um grupo de eleitos — uma força literária de elite, igualmente política por natureza, acompanhando os últimos acontecimentos na Europa e outros lugares — levou Sylvia a escrever sobre temas como a Guerra da Coreia e a bomba atômica, seguindo fielmente a política pacifista do pai.

Na primavera de 1947, Sylvia começou a se corresponder com um adolescente alemão chamado Hans-Joachim Neupert. Eles manteriam essa correspondência durante os cinco anos seguintes, revelando, da parte de Sylvia, um forte desejo de descobrir o que a guerra havia significado para um menino que vivia numa paisagem devastada por bombardeios. Ela tinha muita consciência sobre a própria criação segura num ambiente de classe média, mencionando que a vida de uma adolescente americana devia parecer frívola a Hans. Acaso ele não achava que, afinal, a guerra era fútil? Sylvia contou ao rapaz que vinha considerando carreiras tais como a de correspondente internacional, repórter de jornal, escritora ou artista. Em cartas escritas posteriormente, falou dos seus escritos e das rejeições que recebera de vários veículos de publicação. Essas últimas jamais pareciam desencorajá-la. Sua atitude sempre foi a de um profissional que se dá conta de que para cada aceitação existem numerosas recusas.

Em cartas posteriores, Sylvia desenhou o mapa de Massachusetts, que cobria de Salem a Winthrop e Boston, Cambridge, Wellesley e a baía de Boston, onde uma serpente marinha pulava da água, tendo acima um balãozinho com a mensagem: “Oi, Hans!” A língua e o rabo atrevido da serpente eram visíveis acima do mar sereno, mas sob a linha d’água

espreitava uma figura semelhante à de um dragão com uma comprida língua viperina.

Hans evidentemente era um bom correspondente (suas cartas não sobreviveram). Sylvia elogiava seus textos, revelando bastante a respeito do próprio temperamento, tão parecido com o mar, alternando de “um humor para outro — de ondas altas nos dias sombrios e tempestuosos para tranquilas marolas em dias ensolarados”. Ela achava incômodo o fato de tanta história estar se desenrolando enquanto tudo a seu redor permanecia complacente e plácido em comparação aos horrores testemunhados por Hans.

Essas cartas explicam muita coisa a respeito da poeta que escreveu “Daddy” e seu desejo de integrar a história da própria família ao Holocausto. Mesmo nessa tenra idade, ela se sentia tocada pela história que ainda não a afetara. Ali estava uma sensibilidade que se sentia implicada no que fora feito a Hans e seu povo. Sylvia queria “mergulhar no mundo vital”, reconhecendo corretamente que a guerra não podia ser tão real para ela quanto havia sido para Hans. Incomodava-a que assim fosse. Manifestações de desejo de viajar para o exterior a fim de remediar a insuficiência de sua própria criação confortável são impressionantes de ler na prosa de uma aluna da décima série. Apenas dois anos mais tarde, ela confessaria a seu diário sentir-se sufocada pelo “peso dos séculos”.

Sylvia falava de sua conexão com a Europa através dos avós austríacos. Com efeito, Aurelia falara alemão enquanto crescia no seio da família Schober, e Sylvia ouvia histórias sobre os sentimentos antigermânicos nos Estados Unidos durante a Primeira Guerra, quando Aurelia morava num bairro majoritariamente irlandês. Em vez de rejeitar seu histórico étnico, Sylvia se declarava cheia de “orgulho patriótico” por ele. Fez questão de fazer uma exposição oral sobre Thomas Mann, o escritor mundialmente famoso e

antifascista que se tornara uma celebridade nos Estados Unidos. Ela contou a Hans que lera em voz alta na classe parte da carta dele que descrevia a recente visita de Mann à Alemanha.

Plath às vezes ficava com os avós enquanto a mãe trabalhava em expediente integral para custear as despesas extras, como a colônia de férias, para os dois filhos. Em seu diário, menciona a admiração do vovô por tudo que ela fazia e as ricas receitas da vovó, que apeteciam a uma criança com apetite voraz. Ela também gostava do tio Frank, que aparecia em seus sonhos vestido de Super-Homem. Essa família estendida, com laços com a “velha pátria”, deixava Sylvia claramente consciente do que significava ser americana, embora também lhe desse, muito cedo na vida, uma perspectiva incrivelmente cosmopolita que a ajudou a se esquivar de qualquer forma de xenofobia.

Em carta de 30 de maio de 1950, anunciou que fora aceita na Smith College, em Northampton, Massachusetts, a cerca de noventa milhas de Wellesley. Com a excelente média escolar e o não menos excelente histórico extracurricular (o trabalho no jornal da escola, a participação no time de basquete e a contribuição para o grêmio escolar), ela podia ter sido admitida na Wellesley com uma bolsa de estudos municipal e poupado dinheiro morando em casa. Mas, como muitos estudantes ambiciosos, Sylvia queria se testar frequentando uma faculdade longe do lar e, claro, da mãe. Não demasiado longe, porém. Aurelia era o salva-vidas da filha, por mais ressentimento que esta lhe tivesse — ou ao menos havia nela uma necessidade acachapante de confiar na mãe. Aurelia suportou o peso do que Plath esperava de si mesma e aparentemente não fez objeções ao desejo da filha de estudar na Smith. Com efeito, a mãe revelou à acadêmica Judith Kroll, mais tarde, que via com bons olhos todos os sinais da crescente independência da moça.

Obviamente agradava a Sylvia, também, o fato de que, apesar de receber alguma ajuda de custo, fosse preciso trabalhar para ajudar a pagar seu primeiro ano na Smith. Conforme escreveu a Hans, trabalharia duro numa fazenda naquele verão, pedalando para cima e para baixo na lavoura e numa estufa, “fizesse chuva ou sol”. Sua única experiência anterior desse tipo havia sido um dia na colônia de férias colhendo mirtilos por dez centavos o quilo. Ela previa músculos doloridos, mas também dava a impressão de gostar da ideia de se exaurir — e, sem dúvida, de adquirir um bronzeado. Sylvia aguentaria firme durante o verão longo e cansativo, fazendo amizade com os trabalhadores rurais e vivenciando o pesado trabalho braçal da classe proletária por um breve período.

Plath falou com Hans sobre os estonianos e os poloneses que colhiam frutas, verduras e legumes a seu lado. Gostava das histórias engraçadas que contavam — praticamente a única diversão de que desfrutava, já que quando chegava em casa estava tão exausta que caía na cama por volta de nove da noite. Era bom trabalhar no campo, porém, mais do que isso, o ritmo cotidiano do trabalho duro a acalmava. Deitada na cama à noite, pensando nas mudas de morangueiros que plantaria no dia seguinte, de repente entendeu por que para alguns indivíduos esse tipo de vida bastava. Por que pedir mais?, perguntou-se em seu diário.

Sylvia não contou a Hans que Ilo, o rapaz estoniano, a atraía até seu quarto — com a desculpa de lhe mostrar seu trabalho artístico — e lhe sapecara um apaixonado beijo de língua, o primeiro que ela experimentou, antes que se retirasse abruptamente ao perceber que ouviria insinuações sobre apaixonar-se por ele. Mas a experiência não chegou propriamente a perturbá-la. Ela aceitava a ideia de uma vida sexual gratificante, mas temia as consequências e queria adiar esse tipo de envolvimento físico intenso até encontrar um parceiro com o qual se sentisse mais segura. Em seu diário,

rotulou-se de “virgem americana vestida para seduzir”. Com Emile, um outro namorado daquele verão, ela se deixou beijar e bolinar, sentindo a ereção dele ao colar os seios em seu corpo. Em 1950, sexo casual para uma moça da sua idade e criação era simplesmente arriscado demais.

Conversas sobre a Guerra da Coreia a deixavam furiosa. Ela não via propósito na batalha, salvo como uma manifestação de anticomunismo raivoso. Não se pode matar uma ideia, argumentava. Ainda que Hans lhe dissesse que ela não passava de uma “garota tola”, que não entendia como os rapazes se sentiam em relação à luta, ela dizia que a guerra era absurda. Vinha lendo os poemas tristes e melancólicos de Thomas Hardy, como “The Man He Killed” (O homem que ele matou), que transcreveu para Hans. Os versos de Hardy não apenas dramatizavam a humanidade de homens atirando uns nos outros, mas também a estranheza e a ironia de tal comportamento:

Sim; absurda e curiosa é a guerra!

Mata-se um companheiro

Para quem pagaríamos uma bebida ou emprestaríamos meia coroa S
e encontrássemos em um bar e não no campo de batalha.

O que doía em Sylvia era a forma como a guerra destruía atos simples de delicadeza e generosidade e o desejo de trocar confidências, como ela fazia com Hans. Chamou o uso da bomba atômica de “pecado”.

Plath usou a experiência de verão na fazenda para compor um belo poema, “Bitter Strawberries” (Morangos amargos), publicado em 11 de agosto de 1950 no *The Christian Science Monitor*. A obra se parece um pouco com os poemas de guerra de Thomas Hardy ou de Siegfried Sassoon, embora também lembre as vinhetas de William Carlos Williams de cenas

americanas com uso de discurso direto. Nos campos, fala-se dos russos, culminando com a “capataz” dizendo “Com uma bomba, tire-os do mapa”. Isso era frequentemente ouvido no início da década de 1950, quando certos americanos ecoavam o que o general Patton declarara imediatamente após a Segunda Guerra Mundial: aniquilem os russos antes que eles adquiram poder para retaliar. A necessidade de outra bomba atômica tornou-se urgente por causa da nova lei de recrutamento a que alude o poema de Sylvia. Uma menina de olhos azuis reage com terror às palavras duras e lhe dizem rudemente para não se preocupar. Esse pequeno drama termina com todos voltando à colheita, ajoelhados junto às fileiras de frutos e os protegendo com as mãos antes que suas hastes sejam partidas “entre o polegar e o indicador”. A descrição irônica que o poema faz da equipe reunida por um líder que lida com uma letalidade delicada contrasta, ao mesmo tempo, a era nuclear que Plath detestava e evoca essa mesma era — de destruição mutuamente garantida, que, como escreveu ela em seu diário, privaria seu irmão Warren da oportunidade de levar uma vida plena e produtiva.

Sylvia jamais pôde abandonar seu pacifismo da juventude, talvez também influenciada pelas cenas devastadoras de destruição retratadas em *E o vento levou*. Para ela, pacifismo significava não apenas rejeição à guerra, mas também uma noção de solidariedade com outros lugares, outros povos. A correspondência com Hans ajudou a arrancá-la de Wellesley, à semelhança do trabalho na fazenda, de modo que ela pudesse aparecer na Smith, como aparecia todos os verões na colônia de férias, mais uma vez decidida a se reinventar.

CAPÍTULO 2

SENHORA DE TODOS OS ELEMENTOS

(1950-53)

Agosto de 1950: Sylvia publica “And Summer Will Not Come Again” na *Seventeen*; **1950-53:** Guerra da Coreia; **1950-51:** frequentando a Smith College com uma bolsa de estudos, Plath começa a namorar, mas não encontra o seu Eleito; **1951-52:** trabalha num hotel e depois como babá a fim de ganhar dinheiro para suas despesas pessoais; **1952:** o conto de Sylvia “Sunday at the Mintons” ganha um prêmio e é publicado na *Mademoiselle*; **1953:** sai o primeiro número da *Playboy*, com Marilyn Monroe na capa.

Em 3 de agosto de 1950, Sylvia Plath recebeu sua primeira carta de um fã. Eddie Cohen, de 21 anos, lera o conto “And Summer Will Not Come Again”, sua estreia na *Seventeen*, depois de a revista haver recusado mais de quarenta trabalhos seus. Nessa história de um romance malfadado entre uma jovem e seu professor de tênis, Cohen detectou uma disposição que transcendia o sentimentalismo bobo da ficção das revistas populares. O título do conto foi tirado de um poema de Sara Teasdale, “An End”:

I have no heart for any other joy,
The drenched September day turns to depart,

And I have said goodbye to what I love;
With my own will I vanquished my own heart.

Não tenho energia para outra alegria,
O dia molhado de setembro vira despedida,
E eu disse adeus ao que amo;
Por vontade própria dobrei meu coração.

On the long wind I hear the winter coming,
The window panes are cold and blind with rain;
With my own will I turned the summer from me
And summer will not come to me again.

No vento frio sinto o inverno chegar,
As janelas estão frias e cegas com a chuva;
Por vontade própria afastei de mim o verão,
E o verão não voltará para mim jamais.

“O que eu não daria para saber escrever assim”, comentou Sylvia, aos 14 anos, em seu diário. “Assim” significava não apenas o domínio da simplicidade e da delicadeza, que eram os traços característicos de Teasdale, como também a capacidade de evocar de forma ímpar a própria sensibilidade, de descrever por que o poeta escreve movido por uma sensação melancólica de autoimolação. Tais preocupações constituem o pano de fundo nos diários de Plath.

O crítico Steven Gould Axelrod mostrou o quanto da sensibilidade de Teasdale permeou a obra de Sylvia Plath. Teasdale desenvolveu o que ele

chama de “retórica da angústia”. Celia, a heroína de “And Summer Will Not Come Again”, cita uma parte de “An End” que evoca uma poderosa sensação de perda, de ser apanhada numa dinâmica autoderrotista. Eddie Cohen, ainda se perguntando o que fazer da própria vida, identificou-se com a heroína de Sylvia quando leu o exemplar da *Seventeen* da irmã. Achava que talvez tivesse talento para escritor e, como Sylvia, vinha investigando o mercado. Esperava, contudo, apenas obter algumas dicas. Ficara espantado com a maneira como o conto realmente mexera com ele. Sua primeira carta para Sylvia é bastante condescendente — uma mensagem de um rapaz mais velho dizendo a uma moça mais nova que talvez ela levasse jeito para o ofício. Ele queria descobrir.

Ao longo da correspondência entre os dois, Eddie provaria repetidas vezes que sabia ler Sylvia, a pessoa e a escritora. Detectava tensões nela que mais ninguém — nem mesmo Aurelia — identificava. Cohen descobriu em Plath uma “voz aprisionada”, para usar um termo empregado por Axelrod para os “oradores enlutados” de Teasdale. E como Teasdale, Plath escrevia poemas e contos com narradores inconsoláveis. Na verdade, a afinidade dela com Teasdale, bem como as semelhanças de seus suicídios — ambos provocados pela partida de um homem poderoso —, as uniu, cedo e tarde, na carreira de Plath.

O desespero é um tema subjacente em grande parte do que escreveram essas duas poetisas, já que ambas lutaram para equilibrar suas vocações de escritoras com suas vidas pessoais como mulheres. Metáforas recorrentes envolvendo a natureza, sobretudo o mar, funcionam como influências apaziguadoras para as sensibilidades incrivelmente frágeis de poetisas que buscaram ancorar sua obra em formas clássicas, mesmo quando abraçaram a modernidade. De alguma forma Eddie Cohen percebeu que havia mais em

“And Summer Will Not Come Again” do que na ficção pasteurizada que a *Seventeen* costumava publicar.

Em 6 de agosto, Sylvia respondeu a Eddie, dizendo que entendera o que ele queria. E se ele deixasse de lado o tom superior e fosse franco, ela gostaria de se corresponder com um crítico. Não nutria ilusões acerca do seu conto, considerando-o parecido com a habitual “baboseira” da *Seventeen*. Assim, por que as “lisonjas sutis”?, perguntou-se. Por acaso ele fizera uma aposta com Hemingway quanto a “aspirantes a escritoras”? A pergunta mostra que ela já se ressentia da segregação das mulheres no cânone literário. Eddie lhe despertara os instintos competitivos, e Sylvia queria que ele soubesse que ela era tão forte quanto qualquer homem e não uma “doce e confiante” leitora esperançosa da *Seventeen*, facilmente manipulável.

Dois dias depois, Eddie efetivamente se expôs, chamando a si mesmo de “idealista cínico”, uma boa alça para uma sensibilidade tão honesta quanto a de Sylvia, mas calejada por anos a mais de expectativas fracassadas. A autora, por sua vez, admitiu que seu sarcasmo mascarava o medo de ser magoada. Como Eddie, ela gostava de se manter meio distante e até mesmo cáustica em suas avaliações. Quando ela admitiu que tentava não deixar à mostra sua “essência vulnerável”, Eddie respondeu, animado, que seus colegas de faculdade se lembravam de que ele dissera precisamente a mesma coisa a respeito de si próprio.

Quando, muitos anos mais tarde, a mãe de Path levantou objeções às caracterizações cruéis que Sylvia fizera dela e de outros em *A redoma de vidro* e em suas cartas, diários e contos, Aurelia não registrou plenamente a necessidade da filha de pôr as pessoas em seus lugares de modo a não perder o próprio sentido de singularidade, a identidade excepcional que o pai havia nutrido e exemplificado. Sylvia partilhava o poder de identificar defeitos com Virginia Woolf, que usou seus diários tanto como exercícios literários quanto

para fortalecimento de identidade. E, assim como Sara Teasdale, Plath manteve seu frágil equilíbrio com o contrapeso da escrita poética.

No final de setembro, Sylvia já cursava o primeiro ano de estudos na Smith, mandando para a mãe relatos animados em postais diários e em cartas que forneciam detalhes copiosos. Era quase como se Sivvy, a filha afetuosa e ansiosa, estivesse conferindo a própria temperatura para a mãe apreensiva e amorosa, a quem chamava de “minha pessoa favorita”. O quarto da estudante na Haven House era “aconchegante”, todos se mostravam amistosos e a comida era “fabulosa”. Ela já conhecera Ann Davidow, que se tornaria amiga da vida toda. Ann tinha pais judeus, conforme contou Sylvia a Aurelia, mas era “uma livre-pensadora” e adorava discutir Deus e religião e homens. Quase tão alta quanto Sylvia, Ann cintilava. Sylvia já vinha sendo aconselhada a apreciar a si mesma, o que significava socializar e se tornar uma pessoa “popular”.

Eddie pareceu se divertir com as primeiras cartas impetuosas vindas da Smith, chamando-as de “inquieta”. Também lhe agradou o fato de Sylvia lhe pedir para continuar a escrever. Não se preocupe, garantiu ele; a moça havia se tornado “um vício”. Ela encontrara os pontos fracos dele. Lisonjeava-o “lindamente”. Que homem seria capaz de resistir? Mas ela não hesitava em contradizê-lo, e ele achava atraente essa independência.

Sylvia jamais exibiu sua ironia devastadora nas cartas que escrevia para casa, que expressavam sua generosidade e desejo genuíno de incluir Aurelia em seu entusiasmo. Aurelia era uma plateia disposta a aplaudir. Entendia que, para a filha, a decoração do quarto era tão importante quanto encontrar um rapaz que se revelasse um poeta. Sylvia apregoava sua nova identidade em letras maiúsculas, o equivalente a pôr o próprio nome numa marquise: “AGORA SOU UMA ALUNA DA SMITH.” Suas cartas, contudo, não refletiam as pressões que cresciam em seu íntimo conforme ela tentava

compatibilizar seu compromisso consigo mesma, com sua literatura e com o mundo, compromisso esse agora centrado na faculdade. Numa carta datada de 26 de setembro (que Aurelia não incluiu em *Letters Home*), Sylvia confessou que adorava jornalismo porque a fazia sentir-se menos inibida e ansiosa por entender os outros.

Naturalmente, a moça não podia esquecer-se de si mesma por muito tempo, sobretudo após um exame médico, exigência criada para todos os calouros em 1924 e suspensa apenas em 1969. Daryl Hafter, que se formou um ano depois de Sylvia, se recorda, com a voz trêmula, de entrar nua num ginásio muito grande para ser examinada por um professor de educação física. Fotos de postura eram tiradas para identificar mazelas, como escoliose, passíveis de se transformarem em problemas ortopédicos. Considerava-se a boa postura um atributo essencial para a boa saúde, não apenas na Smith, mas também em universidades e escolas de todo o país. Apenas muito mais tarde tais exames começaram a ser encarados como um desrespeito aos direitos dos estudantes por impor um padrão de conduta considerado coercitivo.

Plath relatou à mãe que media agora 1,75m e pesava 62 kg, com uma preocupação tão exagerada com relação à postura que ao alinhar orelhas e calcanhares se esquecia de “ficar ereta”. Essa última observação provocou o seguinte comentário do professor: “Você tem um bom alinhamento, mas vive em constante perigo de cair de cara no chão.” Ao mesmo tempo que Plath se preocupava com sua postura, um exemplar de *The Thinking Body*, de Mabel Elsworth Todd, repousava na mesinha de cabeceira de Marilyn Monroe. Nessa época, as mulheres — quer frequentassem escolas preparatórias, universidades de prestígio ou escritórios comerciais — andavam empertigadas.

Eddie Cohen, “lendo nas entrelinhas” com engenhosidade, segundo suas próprias palavras, detectou o desconforto de Sylvia num novo mundo perturbador, que lhe era “indiferente” e que escapava à sua plena compreensão. Ele abandonara a prestigiosa Universidade de Chicago e apenas recentemente começara a frequentar a Universidade Roosevelt. Eddie percebeu “algo próximo do terror” no relato de Sylvia de um de seus encontros com um rapaz. Ela se impressionou tanto com a análise de Eddie que, surpreendentemente, reportou-a à mãe. Numa outra carta importante, datada de 8 de outubro, que Aurelia não incluiu em *Letters Home*, a moça admitiu que andara buscando refúgio de forma frenética, e que Eddie, com sua percepção costumeira, “acertara na mosca”.

Sylvia já começava a pegar resfriados, sinusite e mazelas desse tipo que a obrigavam, vez por outra, a ir parar na enfermaria. Preocupava-se com as notas, dizendo à mãe que não esperava nenhum dez, e que temia ser reprovada em História, disciplina reconhecidamente difícil, mesmo para alunos mais adiantados. A leitura de quarenta páginas de História toda noite convenceu Sylvia de que ela não possuía “bagagem”. Era como bater a cabeça “de encontro ao conhecimento de séculos”, confessou em seu diário. Para alguém da idade dela, sua compreensão do passado e das questões contemporâneas era impressionante. Mas agora ela percebia a diferença entre o acadêmico e o meramente bem-informado. Com enorme frequência, suas preocupações com os estudos foram retratadas como não mais que um problema psicológico, como se fosse excessivamente exigente consigo mesma. E de certa forma era isso mesmo. Mas o que deu estatura a Sylvia Plath — não só como poeta, mas como alguém criativa — foi sua profunda humildade, sua sujeição à História como um assunto que precisava ser dominado, sua rendição à autoridade de uma disciplina que faz parte do que, no fim das contas, a transformou numa escritora genial. Antes que

pudesse ser ousada o suficiente para exercer o domínio exibido em sua poesia madura, ela precisava ser dominada pelo que estudava.

O estranho mundo novo que Eddie Cohen descreveu incluía esse desejo assustador de perfeccionismo. Afora Wilbury Crockett, antes de entrar na universidade Plath não tivera um professor que a desafiasse e perturbasse da forma como a leitura da História fizera na Smith. Eddie Cohen, que havia enfrentado problemas com o exigente currículo da Universidade de Chicago, sabia exatamente o que Plath estava enfrentando: uma ansiedade intelectual que extrapola os clichês sobre adaptação ao primeiro ano universitário.

Outros aspectos da existência universitária também agitavam Sylvia. Ela queria aproveitar a vida social, mas não via como passar a noite toda jogando bridge como as outras calouras faziam. Depois de três encontros às escuras, ela escreveu em seu diário sobre sentir-se indesejada, uma constatação espantosa que a deixou perplexa. Havia sido muito popular antes de entrar na Smith, cheia de segurança em sua capacidade de atrair o sexo oposto. Agora, se queixava do estilo dos encontros, da perambulação com os rapazes de uma fraternidade para outra ou de visitá-los em universidades próximas e depois voltar com relatórios sobre o que vira ou fizera. Isso não parecia, de forma alguma, a maneira de encontrar um homem apropriado.

Desanimada, Sylvia apoiou-se pesadamente em Eddie, dizendo-lhe que ele era seu “sonho”, embora esperasse jamais conhecê-lo porque, da forma como andavam as coisas, o relacionamento de ambos iria interferir “na minha literatura, no meu desejo de ser muitas vidas”. Começou a se esquivar do desejo dele de conhecê-la. Apesar de toda a sua perspicácia — ou talvez devido a ela —, Sylvia se apavorava ante a ideia de tamanha proximidade com Eddie. Afinal, fora a sua forma de escrever, e não a sua pessoa, que atraía Eddie, que, no entanto, pensava em si mesmo como mais que o alter

ego de Sylvia e lhe avisou que não via motivo algum para que os dois não se conhecessem. Ele procurava a “Mulher de Ouro”, capaz de partilhar “todas as facetas” da sua existência. Sylvia, basicamente, andava atrás da mesma coisa: um jovem alto, bonito, sensual, mas intelectualmente sério também— trocando em miúdos, Ashley Wilkes. Já contara a Eddie que, a julgar pela foto que recebera, ele era bem-apegoado. Eddie passou a ter esperanças de que fossem compatíveis — embora reconhecesse que partilhavam apenas um “mundo de papel”, mundo que ela chamara de “irreal”, o que o decepcionara bastante. Eddie admitiu que ficava satisfeito quando os encontros de Sylvia não davam certo e que sentia ciúmes quando ocorria o contrário.

As alterações de humor de Sylvia na Smith ficam aparentes num cartão-postal datado de 28 de outubro que Aurelia optou por não incluir em *Letters Home*. Na biblioteca, um professor sentou-se a seu lado, e ela descobriu que ele sabia seu nome. A Smith, de repente, ficou bem menos impessoal: “*Existe* alguma outra faculdade além da Smith?”, indagou ela. Como sua contemporânea Susan Sontag, então frequentando a Universidade de Chicago, Plath era uma entusiasta. Enquanto, porém, as decepções inevitáveis tornaram Sontag amarga, ressabiada e cínica, Plath sentia-se magoada e traída toda vez que um indivíduo ou lugar que ela endeusava se mostrava indigno. A decepção era devastadora e podia ocorrer de uma hora para outra. Sontag era mais contemplativa e introvertida. O fato de não aprender a jogar bridge jamais a incomodaria. Ela não valorizava o ter que se adaptar aos valores, enquanto a ideia de não jogar bridge incomodava Plath, que queria se encaixar. Era tão autocentrada quanto Sontag, mas também incrivelmente aberta à própria cultura, permitindo que ela lhe impingisse conceitos de uma forma que Sontag, com seu forte senso de autoproteção, era capaz de rejeitar a seu bel-prazer. Ambas eram inseguras e podiam esconder a própria vulnerabilidade por baixo da

arrogância, mas apenas Sontag transformou tal arrogância na armadura da própria identidade. Os muros da fortaleza de Plath seriam penetrados vez após vez, de modo a fazê-la sentir-se invadida. Numa carta em 11 de novembro para a mãe, ela menciona casualmente o suicídio, dizendo ter aconselhado a grande amiga Ann Davidow a não cometê-lo porque “algo inesperado sempre acontece”.

Em meio àquele outono febril, Sylvia ficou eufórica ao saber que recebera uma bolsa de estudos de Olive Higgins Prouty, autora do romance *Stella Dallas*, um melodrama transformado em novela radiofônica, bem como em dois filmes. Prouty queria que Sylvia escrevesse a respeito de seus planos futuros. A bolsa de estudos deu alento a Sylvia. Para Aurelia, ela declarou que a Smith a estimulava, levando-a a “extremos de raciocínio que jamais imaginei possíveis”. Acreditava estar armazenando experiências — e até mesmo sofrimento — que viriam a produzir arte.

Na sua carta de agradecimento a Prouty, datada de 1o. de dezembro, uma Sylvia inquieta escreveu sobre observar o rosto de seiscentas calouras na escada do ginásio Scott, sentindo que estava “se afogando num mar de personalidades, cada uma tão ansiosa quanto eu para ser um indivíduo completo”. O que a torna uma figura tão significativa — uma cinosura, na verdade — é sua recusa a simplesmente adotar o papel de artista alienada ou indivíduo desinteressado, ainda que acreditasse que sua verdadeira vocação de artista estivesse em outro lugar. A começar com seu primeiro ano na Smith, ela estava tentando, honestamente, viver suas contradições.

Quando um soldado de 25 anos, veterano da Guerra da Coreia que passara dois anos num hospital convalescendo de um ferimento no pulmão, a atacou durante um passeio tarde da noite no campus, Sylvia ficou chocada com o pouco conhecimento que tinha do mundo. Ele desistiu quando ela gritou, mas surpreendeu-a ver quão ofendido *ele* se sentiu, já que presumira

que o encontro de ambos culminaria num estupro — embora nenhum dos dois tenha usado a palavra então. Uma Sylvia mortificada percebeu o quanto havia sido ingênua e acabou, com efeito, consolando o sujeito aflito, que pôs a cabeça em seu colo. A jovem entendeu que havia algo de errado com essa cena. Não deveria ser ele a lhe pedir desculpas? Mas a época era tal que nem um nem outro foi capaz de ver além do que eram os marcadores culturais convencionais do encontro de ambos. Sylvia se mostrou perplexa por ter cometido um erro tão elementar e jurou nunca mais se pôr em posição tão vulnerável. De volta à Haven House, uma Sylvia abalada falou do episódio com amigas e descobriu que todas já haviam passado por experiências similares.

Em 8 de dezembro, Eddie Cohen botou-a na linha:

Embora tenha uma compreensão incomum do mundo em termos de ideias e grupos de indivíduos, você até hoje não entende o indivíduo em conflito consigo mesmo ou com a sociedade nem o impacto da emoção sobre um indivíduo a ponto de superar seu lado racional. Isso deriva de duas coisas: você jamais ter vivido a experiência de enfrentar sozinha uma situação pessoal demandante e jamais ter experimentado um caso de amor realmente arrebatador, irresistível. Nesses reveses, o tempo fará você superar. Sua atitude é quase precisamente a minha há dois anos, e desde então descobri coisas que só a experiência nos mostra. A lógica não é tudo.

Ninguém falava com Sylvia assim. Ela se calou, como Eddie observou em duas cartas seguintes.

Por estar deprimida, não escrevia. Admitiu isso para a mãe, dizendo que desistira de modelar um bloco de madeira que agora representava seu

próprio vácuo. Para compensar seu “desespero negro”, comparecera a uma aula de arte com modelos vivos e sentiu seu astral melhorar quando fez esboços de uma aluna da Smith que posou para ela. Mas Sylvia continuava a se perguntar como chegaria ao Natal. Também contou a Aurelia que Ann Davidow ia abandonar a Smith porque não se achava inteligente o bastante para acompanhar o curso. Ann, com efeito, era suicida, disse Sylvia. Em *Letters Home*, Aurelia viria a acrescentar uma nota sugerindo que a filha exagerara e que o humor de Ann, na verdade, não passava de uma projeção do próprio humor de Sylvia.

Em 24 de dezembro de 1950, Sylvia escreveu para Hans descrevendo a Smith em termos bastante positivos, embora admitisse se sentir “meio perdida”. Continuava a crer que o mundo provavelmente teria um fim sombrio: os Estados Unidos eram como o Império Romano, “novo e brilhante”, mas estavam desmoronando. *Na praia*, o romance de Nevil Shute sobre os efeitos de um holocausto nuclear, somente seria publicado dali a sete anos, porém Sylvia já imaginava a extinção não apenas de suas esperanças, como também as do mundo. Conseguiu chegar ao Natal, mas voltou para a Smith num humor sombrio. Sentia falta de Ann Davidow. Escreveu para Ann, dirigindo-se a ela como “Davy”, para dizer que estava perdida sem sua confidente. A infelicidade de Sylvia, contudo, não durou muito. Ela fez amizade com Marcia Brown, uma companhia animada que adorava discutir ideias durante longas caminhadas. Sylvia foi para New Hampshire com Marcia no início de fevereiro para uma breve estadia na casa da amiga.

Eddie Cohen apareceu repentinamente na Smith no começo de abril, exausto depois de atravessar o país vindo de Chicago e pouco preparado para a recepção gélida de Sylvia. Ele a levou para casa de carro em meio a um silêncio quase absoluto. O encontro incômodo abalou a confiança de

Eddie, que imaginou que talvez a tivesse iludido e não fosse o sujeito bem-apegoado da foto que lhe mandara. De todo modo, assumiu a culpa pelo contratempo e disse a Sylvia que iria fazer terapia por estar desconfiado de que lhe faltava alguma peça em algum lugar e “ansiava por descobrir qual era e onde estava”.

Eddie havia sido substituído por Dick Norton, um estudante de Medicina em Yale, alto e bonito, irmão mais velho de Perry Norton, com quem Sylvia andara saindo no ensino médio. O filho mais velho dos vizinhos percebeu que ela crescera e a convidou para passar um fim de semana em sua escola — sempre um convite especial, que exigia providências para a viagem de trem e um lugar para se hospedar, garantindo que tudo estivesse em ordem para uma aluna da Smith decidida a preservar a própria castidade. Dick era um mestre da rotina e a princípio impressionou Sylvia. Era amistoso, porém não em excesso, escrevia cartas bem elaboradas perguntando dos estudos, falando das famílias de ambos e mostrando interesse sobre o que ela andava escrevendo. Ele também descrevia eventos no campus da sua faculdade, inclusive o da visita de Reinhold Niebuhr, um teólogo protestante então popular graças a seu talento para se dirigir a um amplo leque de leitores preocupados com o lugar dos Estados Unidos na história. Como Plath, Niebuhr temia que o país estivesse indo pelo mesmo caminho do Império Romano.

Se Dick era promissor, ele também precisava ser burilado, confiou Sylvia a Ann. Agia como um “indulgente primo mais velho”, decorando poesia e recitando-a para ela, ainda que descontasse a “expressão emocional”, salvo se contasse com uma base científica “ou algo assim”. Enquanto o confiante Eddie via um futuro glorioso para a jovem como escritora, o pragmático Dick observou: “Você não vai se dar mal, Syl, se ela [Aurelia] lhe ensinar taquigrafia e se eu puder lhe instilar algum entusiasmo por ciência

naturalista. Uma ou ambas as coisas virão com o tempo.” Sylvia teve de deixar de lado esse conselho tão tacanho na esperança de que Dick fosse mais que isso. Naquele exato momento, era Dick ou outras doses daqueles terríveis encontros às escuras.

O primeiro fim de semana dos dois foi um enorme sucesso. Dick se deu bem, aparentemente, porque era um cavalheiro e seguro de si, traços que Sylvia admirava. Ao contrário de seus pares nos encontros às escuras, não se acovardou ante a inteligência dela; na verdade, achou-a devedora em certos aspectos. A mera ideia de que *ela* pudesse ter defeitos fez Sylvia se deslumbrar com Dick, conforme revelou numa carta para Ann datada de 5 de março: “Nunca na vida me senti tão inconsistente.” E ele sabia como divertir uma garota, levando-a para uma excitante competição de natação, pedalando e jantando num restaurante chinês. Ao relatar à mãe o fim de semana com Dick, Sylvia assim o resumiu: “Ele sabe tudo.”

Em seu diário, fez um retrato portentoso de Dick. Podia muito bem se tratar de um romance editado pela Harlequin, pois a cena se passa à noite, com o vento fustigando a espuma da expectativa, enquanto ela avança a “passos de prata” de mãos dadas com seu amado sob as luzes brilhantes dos postes da rua. “Nós dois, fortes e unidos.” No céu, ela observa uma catedral de constelações, e Dick comenta que é como “estar na igreja”. Eles se beijam, várias vezes. Sylvia salivava ao pensar naquele “glorioso espécime de dicknismo”, que lhe enviou uma carta que começava com “Querida Incomparável” e que assinou como “Seu escravo de bom grado”.

Para a mãe, ela falava de forma convencional em físgar um homem. No diário, ela se reprovava, “tão orgulhosa e contrária ao conservadorismo”, por pensar em casamento como uma opção viável, opção que lhe exigiria sujeitar-se a um marido e canalizar sua criatividade através da carreira dele. Ainda Assim, Sylvia nutria a esperança de que seu homem tolerasse a vida

de escritora freelancer que antevia para si. A ideia de uma carreira — essa mera palavra — a incomodava. Não havia de todo desistido de obter um diploma universitário, mas, como Susan Sontag, apenas um ano mais nova, encarava as rotinas das instituições acadêmicas e a parafernália da vida de um erudito com ambivalência. Afinal, como um indivíduo criativo poderia funcionar com tantas amarras? O casamento, escreveu Sylvia em seu diário, talvez lhe drenasse a criatividade, embora admitisse que ter filhos pudesse surtir o efeito contrário, tornando-a uma artista mais realizada.

Marcia Brown, tão racional e sensível segundo Sylvia, ofereceu consolo e companheirismo, e Plath ficou animada em maio quando ambas conseguiram emprego de babá durante o verão em Swampscott, Massachusetts. A essa altura, passado um mês mais ou menos de euforia com Dick, Sylvia começava a ter dúvidas. O que estaria por trás do seu tom jocoso? Ela desconfiava, apesar da confiança do rapaz, que ele estivesse pouco à vontade com algo. Em 14 de maio, disse à mãe que arrancara parte da irritante “máscara jovial” de Dick.

Sylvia tomou o rumo seguro típico da Smith, encontrando um emprego de verão como babá dos filhos da família Mayo, de 6, 4 e 2 anos. Chamava os três de crianças “adoráveis, mas que aparentemente ficam bem menos encantadoras depois de um longo dia ajudando com o café da manhã, fazendo as camas, lavando e passando roupa e dando banho no bebê à noite”. Em seu diário, Sylvia lamentou a tragédia do gênero feminino. Queria estar no mundo, pegando a estrada e convivendo com soldados e marinheiros, passando o tempo em bares — ao estilo Jack Kerouac. Mas sua mera presença seria encarada como um convite para fazer sexo.

Sylvia se sentia pouco à vontade na cozinha, já que mal sabia cozinhar. Agora se dava conta do quanto a mãe competente a estragara ao nem sequer exigir que ela aprendesse as noções elementares do preparo de uma refeição.

Era bastante trabalho, e tinha ideias assassinas sobre seus “queridinhos”. Em julho, já estava farta do esquema itinerante que a fazia funcionar “sob esporas” das sete da manhã às nove da noite. Era bem tratada e sentia certo prazer em cuidar dos pimpolhos, mas inevitavelmente sofreu no papel subalterno, papel que mulheres brilhantes antes dela — Marie Curie e as irmãs Brontë, entre outras — haviam aguentado durante os duros anos de aprendizado. Precisava trincar os dentes, como as outras haviam feito, e lidar diariamente com crianças incontroláveis. Em seu diário e nas cartas, Sylvia, efetivamente faz lembrar a Agnes Grey de Anne Brontë. O mais insuportável nesse tipo de situação é que ninguém nota o belo gênio que habita em seu meio. Ninguém elogiava a aparência de Sylvia, que admitiu para Ann Davidow que se sentia diminuída. O reconhecimento dos outros sempre foi importante para Sylvia, a quem o papel de gênio solitário nada dizia. Ansiava por notícias de Eddie, mas ele se calara depois que ela deixou de responder suas últimas duas cartas. Para Aurelia, confessou sentir-se “alijada da humanidade”. Não podia trabalhar por conta própria, já que a sua tarefa principal era sempre supervisionar as crianças. Perdera o bronzado e tinha os olhos fundos. Resolveu dar um basta nos encontros com Dick, embora acabasse voltando atrás quando ele conseguia se esquivar do trabalho de garçom na Latham Inn. Marcia assumira um emprego semelhante ao de Sylvia com a família Blodgett, e as duas se encontravam com frequência. Mesmo assim, em seu diário ela repreendeu a si mesma por permitir que o medo e a insegurança a dominassem.

As cartas aflitas de Plath após um mês como babá refletem o quanto seu senso grandioso de si mesma foi afrontado por esse emprego. A carta de 7 de julho para Aurelia sugere a intensidade com que ela via a discrepância entre as cartas de fãs que lhe eram encaminhadas pela *Seventeen* e sua falta de autoconfiança. A leitura da correspondência dos fãs gerou um comentário

irônico na terceira pessoa: “Sylvia Plath sem dúvida tem alguma coisa — mas, afinal, quem é ela?” Citando uma frase do famoso poema de William Ernest Henley, “Invictus”, ela escreve: “Minha cabeça sangra, mas não se curva”, à qual acrescenta outra de sua autoria: “Que os ossos de crianças adornem minha mortalha.” Essas crianças seriam a sua morte, intui Sylvia numa sombria piada poética, um tremendo contraponto à conclusão do poema de Henley: “Sou o dono do meu destino:/ Sou o comandante da minha alma.” A autora teve alguns encontros inconsequentes naquele verão, e no final de agosto passou uma temporada agradável com Dick. Na maior parte do tempo, porém, como escreveu a Aurelia em 4 de agosto, estava descobrindo “as limitações da esfera feminina”.

Como acontecia com frequência, porém, o que Sylvia escrevia em uma página podia ser contradito em outra. A alternância de humores impossibilitava sua acomodação. Assim, uma passagem em seu diário, escrita após o retorno à Smith para um segundo ano de estudos, elogia os encontros às escuras e os trinta e poucos rapazes que a tornaram mais sociável e confiante. Ela fazia suas entradas na Haven House com uma “indiferença calculada”, não mais se preocupando em saber se estava impecável ou não. Tornara-se capaz de se ver como uma invenção atraente. Era hora do show na Smith College. O que a incomodara tanto com relação ao emprego de babá em Swampscott, conforme observa em seu diário, foi viver à “sombra da vida de outros”. A mera expressão de tal sentimento sugere o quanto ela sentia falta de holofotes.

A retomada da correspondência com Eddie Cohen foi um sinal evidente de que Sylvia se recuperara do verão à sombra. Também acabara se dando conta de ter sido extremamente desagradável com o rapaz, que empreendera uma longa viagem para vê-la. Contou-lhe sobre a corte hesitante de Dick, que Eddie diagnosticou como falta de segurança do pretendente quanto a si

mesmo e a ela. Eddie não precisava ler o diário para identificar o problema da amiga: a enorme discrepância entre a maneira como ela estava vivendo e seus planos ambiciosos, uma discrepância que o casamento viria a complicar. Mas ele não sabia que Sylvia também não se descuidava da passagem do tempo, calculando que uma mulher não contava senão com oito anos antes que as rugas começassem a aparecer e a atração física deixasse de existir.

Foi quando Sylvia teve um daqueles episódios *Jane Eyre/Thornfield Hall*. Todas as moradoras da Haven House foram convidadas para a festa de debutante de Maureen Buckley na mansão de sua família em Sharon, Connecticut. Maureen era irmã de William F. Buckley Jr., então no último ano da Universidade de Yale e mais tarde o fundador da *National Review* e um dos principais luminares do conservadorismo americano. Bill, por sua vez, havia convidado seus colegas de Yale para conhecerem todas as garotas da Smith. Sylvia, disputada para dançar por vários rapazes, se viu eufórica, talvez pela primeira vez, com a própria feminilidade, sentindo-se como uma princesa escoltada pelos herdeiros de famílias abastadas, inclusive Plato Skouras, filho de Spyros Skouras, presidente da 20th Century Fox. Outro dos seus cortejadores chegou mesmo a chamá-la de “Milady”. Um terceiro disse que ela se parecia com a Madonna de Botticelli que enfeitava a parede acima da lareira dos Buckley. Naquela noite, antes de adormecer e ter “sonhos incríveis” na mansão que bem poderia ser descrita como Thornfield Hall, Sylvia ouviu o vento “uivando do lado de fora dos muros de pedra”.

Esse idílio — ocorrido tão pouco tempo depois do verão passado como babá e do romance passageiro com Dick — foi transformado por ela em versos que a situavam no mundo pastoral da poesia renascentista, moldando a escultura em bronze de um rapaz “mergulhado até os joelhos em séculos”, enfeitado com folhas e anunciando a passagem do tempo. Sylvia mal podia conter o anseio fosse de frequentar tabernas, fosse de flunar em propriedades

rurais. De volta ao campus da Smith, porém, confessou a Aurelia que o esforço para acompanhar o curso a atemorizava e que não se sentia preparada para tanto. Via o próprio futuro como trabalho e mais trabalho.

Eddie vinha falando de uma nova visita, e dessa vez a jovem queria lhe proporcionar mais diversão. Alertou a mãe de que gostaria de convidá-lo para a própria casa. Eddie funcionava como uma espécie de teste de realidade para a tendência de Sylvia de romantizar os acontecimentos. Quando ela lhe descreveu Constantine, um dos convidados da festa dos Buckley que a convidara para passar um fim de semana em Princeton, Eddie (fazendo lembrar Nelson Algren) observou: “Ele me recorda vagamente alguém que conheço. Sei lá, alguma criatura romântica, em que esbarro a toda hora, que conversa sobre amor & literatura & potência atômica com igual desembaraço & aparece e desaparece tão repentinamente quanto Mefistófeles.” Sylvia reproduziu para Aurelia o veredicto de Eddie, concluindo sucintamente: “Nada mal para uma descrição resumida!”

Plath, apesar de todas as suas preocupações, sobreviveu ao segundo semestre de 1951 e, como sempre, saiu-se bem nos estudos. Em janeiro de 1952, passou um fim de semana em Yale com Dick, que a levou em suas rondas de estudante de medicina. Ela testemunhou um parto, que aparentemente encarou muito bem. Não estava preparada, contudo, para a revelação chocante de que Dick, que a fizera pensar o contrário, não era virgem. Ficou zangada com esse engodo e com a súbita confissão. Costumava ficar brava com os homens, que podiam namorar e se divertir de formas que não eram permitidas às mulheres. Sua referência a ele agora como “deus louro” sem dúvida era sarcástica. Sylvia nada tinha de puritana, mas Dick era diferente. Ela o alçara ao pedestal de ídolo imaculado. Então ele se parecia com qualquer outro homem, alguns dos quais ela teria levado para a cama caso os amasse e não se preocupasse tanto com envolvimento

emocionais e gravidez. Continuava se preservando para uma figura mais alta, mais romântica que Dick, para que pudesse usar saltos altos e esquecer o pragmatismo. Mesmo no auge da paixão, cedo ou tarde ela avaliava seus homens. Ansiava pela inquietude do romance, mas também lia os jornais e se preocupava com os acontecimentos mundiais, continuando a expressar sua ansiedade quanto à guerra nuclear nas cartas que voltara a escrever para Hans.

Apenas Eddie, porém, via o que realmente incomodava Sylvia em Dick. Será que lhe ocorrera, indagou Eddie, que ela não havia sido mais iludida, como mulher, do que “um engenheiro cujo projeto mais recente de um avião não satisfizera plenamente as especificações em termos de desempenho?”. Eddie não estava interessado em defender Dick, mas achava que a questão maior era o medo da amiga quanto ao que o sexo faria com ela num relacionamento compromissado. Sua busca de um “Deus de Ouro” parecia um sintoma do seu desejo de obter à força algum tipo de solução para as próprias ansiedades. Ele percebeu que na última carta ela usara a palavra “estupro” ao menos cinco vezes. “Acorda, garota, sua dinâmica talvez vá mal das pernas”, alertou-a. Será que ela percebera que todas as crises de sinusite, bem como as de outras mazelas, haviam ocorrido depois de um rompimento ou outro contratempo envolvendo algum homem? Eddie não era especialista em doenças psicossomáticas, mas estava começando a ficar intrigado.

Dick, por sua vez, continuava, em suas cartas, a lembrar muito Sir Charles Grandison, o cavalheiro irreal criado pelo escritor Samuel Richardson. “Estou ciente da felicidade, da honra de estar próximo de você e sob seu encantamento”, escreveu em 28 de janeiro de 1952. Esse tipo de trivialidade podia ser bacana no curto prazo, mas suas cartas pasteurizadas explicam por que Sylvia dizia buscar alguém “mais intuitivo”. Dick escrevia frases que bem podiam ter sido copiadas de um manual de conduta. Ela

queria elogios, é claro, mas eles deviam ser feitos com garbo. Se Eddie fosse capaz de produzir um estilo que levasse Sylvia tanto ao salão de estar quanto à taberna, talvez acabasse conseguindo conquistá-la.

Eddie Cohen jamais perdeu de vista a Sylvia escritora, mas Dick sim, pois matutava a respeito da vida de uma esposa de médico, levando Sylvia a duvidar de que ele fizesse alguma ideia do espaço e do tempo necessários para escrever. O trabalho dela não era uma atividade paralela, e acreditava que perderia o respeito por si mesma caso simplesmente fosse absorvida pela carreira do marido — sobretudo porque Dick se tornara mais peremptório nos encontros muito planejados dos dois. Seria essa a consequência de um “complexo maternal”? Assim como Aurelia, a mãe de Dick era uma “matriarca sutil, meiga”, mas também a mãe manipuladora sobre a qual Sylvia andara lendo em *Generation of Vipers*, de Philip Wylie. O mamismo, argumentava Wylie, vinha emasculando os homens e sedando as mulheres num conformismo que se tornaria um dos temas dominantes nos livros sobre a família americana na década de 1950. A sra. Norton administrava as finanças da família e governava o lar, reduzindo o marido, às vezes, a um pedinte, o pai fraco que também era o personagem das comédias de costumes da década de 1950. Talvez a sedução da moça de Vassar contada por Dick a Sylvia fosse a própria versão de rebeldia dele contra o mamismo, especulava a jovem. Será que agora não procuraria impor a ela um padrão de comportamento submisso, de modo a evitar seu domínio sobre ele? Uma carreira médica poderia muito bem representar o melhor caminho para manter ao largo uma esposa e mãe exigentes. Sua tentativa não totalmente bem-sucedida de adquirir supremacia a Sylvia talvez explicasse o binômio contraditório de negação e aceitação existente entre os dois. Em resumo, Sylvia acreditava que ambos temiam o que um pudesse vir a fazer com o

outro — como revelaria mais tarde em seu conto “The Fifty-Ninth Bear” (O quinquagésimo nono urso).

Sylvia confessou a seu diário que não era capaz de amar — ao menos naquela época — por ser tão absolutamente dedicada à sua arte. Queria a liberdade de experimentar outras vidas assim como experimentava vestidos. Incomodava, porém, a ânsia por segurança, por acomodação ao confortável, próprias à classe média. Abrir mão de Dick podia significar uma oportunidade perdida. Ou, como ela mesma definiu quando resumiu seu segundo ano na Smith, estava agora mais ciente das próprias limitações. Acreditava ter um senso mais sóbrio de suas ambições de publicar o que produzia e de viajar para o exterior com uma bolsa da Fundação Fulbright, o que não só ensinaria muito trabalho, mas autopromoção. Precisaria ser eleita para o conselho de honra e se envolver no programa de jornalismo da Smith, bem como trabalhar na *Smith Review*. Com efeito, adotou a política de excelência, algo que a Sylvia mais introvertida do primeiro ano de faculdade não se achava preparada para buscar.

Eddie achava que ela complicava em excesso sua vida amorosa. Declarou francamente que seus problemas com Dick e outros homens tinham mais a ver com sua própria superioridade do que com qualquer outra coisa. Em geral, Eddie encontrava palavras bastante insolentes para ela sobre seus encontros repulsivos. (Tanto a quantidade de pretendentes indignos, quanto o tom superior de Sylvia fazem lembrar Scarlett O’Hara.) Eddie era capaz de ver que a amiga já destruía qualquer amor que pudesse sentir por Dick, e se o relacionamento dos dois prosseguisse, isso só significaria que ela ainda não se encontrava pronta para abrir mão da segurança que Dick provia. Naturalmente, Eddie não era um observador desinteressado. Na primavera de 1952, ele declarou abertamente seu amor por Sylvia. Admitiu sentir

ciúme e desejá-la, sobretudo depois de ouvi-la dizer que ainda sentia forte atração física por Dick.

Ao longo de todo o segundo ano da faculdade, Sylvia continuou a trabalhar em seus contos, ficando acordada até tarde na cozinha da Haven House, datilografando. Boa parte do trabalho recebia bilhetes de recusa, que pouco serviam para abalar sua determinação, que acabou recompensada no início de junho, quando lhe deram o prêmio de ficção da *Mademoiselle*, no valor de quinhentos dólares, por “Sunday at the Mintons”. Plath pôs seus sentimentos hostis com relação a Dick na obra, transformando-o no irmão metuculoso de Elizabeth Minton, Henry, que recrimina a irmã por sonhar acordada e por sua natureza pouco pragmática que a deixou sem rumo — praticamente incapaz, em sua opinião, de desempenhar suas funções como bibliotecária municipal. A irmã é uma solteirona que foi morar com o irmão aposentado. Este, claro, é o destino que Sylvia estava decidida a evitar: ficar presa a um companheiro cujas artérias intelectuais endureceriam e, em consequência, fossilizariam sua própria existência.

Sylvia se perguntou numa carta à mãe se Dick reconheceria a si mesmo no conto. Apenas na conclusão fica claro que Elizabeth sonhou acordada com o afogamento de Henry durante um esforço cavalheiresco para resgatar um broche da mãe, que Elizabeth deixara cair numa pedra para ser levado pelas ondas de uma tempestade que se avizinhava. Numa reviravolta interessante, que tornava o conto palatável para uma plateia juvenil, a fantasia de vingança de Elizabeth na verdade desperta sua simpatia pelo irmão, que já não tem ninguém para cuidar dele nas profundezas limosas e turvas do mar. Mas a redenção da história sem dúvida fica por conta do comentário irônico sobre o falecido presunçoso, refletido na pergunta que Elizabeth faz a si mesma: “Quem iria ouvi-lo falar sobre a forma como a lua controla as marés ou sobre a densidade da pressão atmosférica?”

A jovem arranjara um emprego de verão limpando mesas no hotel Belmont e durante esse período recebeu a boa notícia sobre o prêmio da *Mademoiselle* num telegrama de Aurelia. Gritou de alegria e abraçou a surpreendida chefe das garçonetes. Plath acabara de entrar no emprego, mas já se mostrava insatisfeita, novamente descobrindo estar pouco preparada para lidar com o lado subserviente da vida. Mais decepcionante ainda era o fato de a terem incumbido do salão lateral, devido à sua inexperiência. Esse arranjo significava que ela não ganharia as boas gorjetas distribuídas no salão principal. Havia mais em jogo que dinheiro, afinal Sylvia sempre quis ser vista e admirada. Em sua opinião, até pra servir mesas havia hierarquia, e ela não estava qualificada para ocupar o alto escalão.

No dia anterior ao que soube do prêmio, Sylvia escreveu num bilhete não incluído em *Letters Home* que carregar bandejas numa única mão a aterrorizava. Ela não entendia nada daquele trabalho, confessou. Consolava-se dizendo que colheria material para escrever durante boa parte do verão. Com efeito, em seu diário catalogou não menos que 22 personagens, cada qual dono de um epíteto apropriado: “Oscar, o insignificante líder da banda, com seu jeito de passarinho...; Clark Williams, estudante de direito em Harvard, com expressão estoica e postura altiva...; sra. Johnson, a alta e sagaz esposa irlandesa do chef com seu sotaque carregado e temperamento feroz”, e daí por diante.

Mesmo assim, era difícil para ela superar a experiência do hotel Belmont transformando-a em ficção. Sentia-se humilhada por seu jeito estabonado e invejava as garçonetes que manejavam com perícia pratos especiais. Acreditara que de alguma forma conseguiria se encaixar ali. Inteligência e imaginação aparentemente contavam pouco em ocupações e organizações que dependiam de passos rápidos e excelente coordenação. Não ser facilmente adaptável a um emprego de verão, na verdade, é humilhante para

uma escritora com complexo de superioridade. Sylvia Plath queria não apenas elogios da elite, mas também o respeito do populacho. Caso contrário não poderia ter escrito, menos de uma semana após a chegada do telegrama de Aurelia, que sua vida parecia terrível e o prêmio, “irreal”. O trabalho a aterrorizava e aborrecia, embora ela se recusasse a correr para os braços da mãe — sempre uma tentação quando se sentia acachapada.

Uma outra preocupação aflitiva ausente de *Letters Home* é a decepção de Sylvia com o fato de as outras moças não se darem bem com ela. O motivo não é difícil de entender. Ela garantiu à mãe que era autônoma e independente o suficiente para não precisar do afeto das outras. No entanto, este era, ao que tudo indica, precisamente o problema: as moças não sentiam simpatia por Sylvia porque ela dava a impressão de ser autocentrada. Outro motivo de irritação era Dick, que abandonara a postura de sabe-tudo. Acaso ele teria lido “Summer at the Mintons”? De todo modo, Sylvia gostaria que ele “parasse de ser *gentil* e me deixasse em paz”.

Por um lado, Plath vinha recebendo cartas de editores de Nova York demonstrando interesse em seus trabalhos futuros e desejando saber que livros ela planejava escrever. Por outro, tinha sonhos inquietantes à noite, nos quais servia mesas sem parar. Ideias para tramas continuavam a lhe ocorrer, e ela resolveu aguentar firme mais um mês — até o início de agosto —, de modo a ter um mês inteiro para trabalhar em suas ficções antes de voltar para a Smith. Uma sinusite, porém, a deixou tão combalida que, depois de três semanas no Belmont, foi obrigada a pedir demissão. Um médico aconselhou-a a voltar para casa a fim de se recuperar.

Quando o hotel ligou oferecendo-lhe o emprego de volta, Sylvia pediu à mãe para dizer que não sabia ao certo quando a filha retornaria. Refletindo acerca das três semanas passadas no Belmont, a jovem percebeu que ficara presa numa espécie de gaiola que odiava. Olhando para aqueles dias agora,

comparou o que viu a erguer uma redoma de vidro sobre “uma comunidade que funcionava como um relógio”. A rotina governava e, por mais cansativa que fosse a natureza repetitiva do trabalho, aquela estrutura rígida conferia propósito à vida daqueles que estavam no interior desse mundo. Em carta de 8 de julho para Marcia Brown, Sylvia já lançava um olhar em perspectiva sobre o episódio do Belmont, referindo-se à “abençoada rotina” do trabalho pesado durante seis horas, aos finais de semana quando conseguia encontrar-se com Dick e às garotas de quem aprendera a gostar e que vinham lhe mandando bilhetes gentis. Precisava, no entanto, recuperar o seu propósito. Aparentemente não podia permanecer em casa e escrever. A casa, de fato, jamais voltaria a ser um refúgio, tendo sido por ela abandonada assim que entrara na Smith. Podia perceber suas próprias depressões reverberando em Aurelia. Na verdade, confidenciou Sylvia a Marcia, a mãe se solidarizava em excesso e prolongava os períodos sombrios da filha. O retorno a Cape levou-a de volta à praia e aproximou-a de onde Dick estava trabalhando naquele verão.

Soava imperativo, nesse momento, ter “um trabalho”, escreveu em seu diário. Lendo os anúncios de emprego, avaliou as possibilidades: pintar cúpulas de papel para abajur, arquivar, datilografar ou ajudar uma corretora de imóveis. Chegou mesmo a passar um dia com uma delas, fascinada pelos métodos manipuladores da mulher, concluindo, porém, que atuar como sua assistente provavelmente não ensejaria uma boa remuneração. Mesmo o emprego de garçonne continuava a ser uma opção, mas então Sylvia viu um anúncio que pedia uma babá para trabalhar com cientologistas abastados, os Cantor. Apesar de ter jurado “NUNCA MAIS” assumir tal tipo de trabalho, Sylvia gostou da voz da sra. Cantor ao telefone e apreciou a entrevista, conforme relatou numa carta para Marcia Brown. Dessa vez, teria sob sua responsabilidade duas crianças pequenas, mas também contaria com a

companhia da filha adolescente dos Cantor. Sylvia não pôde resistir ao ambiente confortável da casa dessa família encantadora em Chatham, Massachusetts, perto do mar — sempre um atrativo para ela — e a duas horas de carro de Wellesley.

Sylvia era bem-tratada, considerada mais como um membro da família do que em sua experiência doméstica anterior. Tinha longas conversas com a sra. Cantor sobre Cientologia, e tanto lhe agradaram que passou a frequentar as aulas de religião aos domingos, em que se orgulhava, segundo escreveu a Aurelia, por saber “todas as respostas corretas”. Uma Sylvia cética se achava por demais materialista para aceitar uma doutrina que proclamava que o mundo material era uma espécie de ilusão, um mal criado pelo homem que podia ser superado por meio da lealdade à palavra de Deus. Mas ela não descartou a fé de imediato porque acreditava, sim, no poder dos bons pensamentos, no triunfo da mente sobre a matéria, até certo ponto. Afinal, fazia parte do seu credo de artista a convicção de ser capaz de reformar o mundo. A Cientologia, ademais, se inspira na natureza platônica do cristianismo que postula o domínio irrefutável do que a poeta chamava de “fato absoluto”. Os indivíduos, devido à própria natureza, não podiam ter acesso a essa decisiva fonte de verdade. Sylvia soa como São Paulo, ecoando suas observações sobre a falibilidade do conhecimento humano quando alude à “grotesca lente de distorção” do próprio indivíduo. Num trecho fascinante do seu diário, ela compara a sensibilidade do indivíduo a uma caixa de ressonância captando intimações de imortalidade. Wordsworth, Berkeley — uma hoste de pensadores e artistas — aparentemente exercem grande influência sobre a síntese de Sylvia da própria experiência, conduzindo a uma declaração notável sobre os “programas de rádio... por todo lado, entupindo o ar, necessitando apenas de certo mecanismo sensível para torná-los uma realidade, um fato”. Sylvia viria mais tarde a escrever

para o rádio — o telégrafo, como era chamado na Grã-Bretanha —, percebendo quão poderosamente essa mídia falada podia penetrar na psique, induzindo o ouvinte a criar um simulacro de mundo. Pensou nas palavras de Hamlet, “Nada é bom ou mau, mas é o pensamento que o faz assim”. Pensou no que havia feito da morte do pai. A falha da Cientologia estava em sua incapacidade para diferenciar a verdade e o “mundo de sonhos” do indivíduo, mundo esse suficientemente válido para quem o imaginava e até para a própria Sylvia, mas não necessariamente próximo da verdade imaginada por outros. O que ela observava era que esses cientologistas decerto encaravam suas crenças como reais — tão reais quanto a sua “bolha de realidade”, expressão que capta maravilhosamente a fugacidade da percepção. O que era um fato imutável? Poderia ser encontrado em laboratório? Essas perguntas lembram as próprias certezas de Dick, que Sylvia não era capaz de partilhar. Ela parece mais à vontade com a noção de Wordsworth sobre a nossa semipercepção e semicriação do mundo; não estava disposta a separar o conhecedor do que é conhecido. Talvez fosse melhor dominar o que ela chamava de “contraposições”, a dialética entre versões concorrentes da verdade.

O que agradara em especial a Sylvia em “Sunday at the Mintons” era o fato de que, embora a inspiração inicial para criar Elizabeth tivesse sido unicamente ela mesma, acabara criando um mundo que não derivava meramente do seu. Esse progresso parecia uma descoberta, resultando numa obra de arte que transcendia sua própria esfera — criando, com efeito, uma história que dramatizava as tensões entre sonho e realidade que o trecho de seu diário examinava.

Em 2 de agosto, escreveu à mãe falando sobre seu encontro com Valerie Gendron, que escrevia histórias de amor para publicações baratas e revistas femininas. Sylvia queria passar o dia conversando com uma escritora que

tivesse “aprendido na prática”. Uma visita posterior a Val levou à decisão de Sylvia de seguir o conselho de sua mentora: escrever 1.500 palavras por dia, independentemente de qualquer coisa. Devia pensar nisso como um exercício de canto ou de aquecimento, sugeriu Val durante um encontro de cinco horas do qual a outra se lembrava como uma de suas melhores aventuras como escritora. Foi um maravilhoso exercício que incluiu a crítica de Val ao conto de Plath, um gesto que Sylvia considerou excepcionalmente generoso. Escreveu extensamente sobre essa experiência em seu diário, descrevendo em detalhes a biblioteca móvel dirigida por Val para ajudar no sustento dela, uma espécie de independência desganhada que, a Sylvia, soa deliciosa — bem como os três pedaços de bolo que registrou ter comido. De repente, seu diário se encheu de esboços de histórias românticas do tipo preferido pelas revistas femininas.

Encontros agradáveis com Dick talvez tenham estimulado também essa ficção moça/rapaz. No tranquilo e esquematizado verão de 1952, Sylvia parece ter deixado de lado suas dúvidas sobre Dick. Um dia de folga do emprego de babá dava a impressão de que sua vida saíra do controle. Ela precisava da segurança de saber que em poucas semanas estaria de volta à Smith e mergulhada na loucura dos estudos. A sra. Cantor a tratou como se fosse a Chapeuzinho Vermelho quando Dick ligou uma noite, por volta das onze horas. Onde Sylvia conhecia tantos rapazes?, perguntava-se a sra. Cantor. Nesse momento a atmosfera desregrada do Belmont, os bailes que entravam pela madrugada e as festas na praia que Sylvia descrevia para Enid Epstein, uma colega da Smith, pareciam preferíveis aos guardiões Cantor. O hotel Belmont era como “uma faculdade sem controle”.

Um novo encontro com Eddie antes de Sylvia começar seu segundo ano na Smith gerou problemas. O rapaz interpretou as frias cartas da amiga que se seguiram como indicação de que ela havia achado que ele não a

considerara à altura de suas expectativas. Nesse caso, insistiu Eddie, sua impressão estava errada. Ela o deixara ainda mais encantado que antes, embora, segundo Paul Alexander, Eddie tenha se mostrado preocupado com a tendência de Sylvia para representar, para fingir prazer — como fez enquanto assistia a uma apresentação ruim de jazz num clube de Boston. Era afetada, pouco espontânea e parecia usar “*uma máscara*”. Em seu diário, Plath viria mais tarde a se comparar a Nina Leeds, personagem de *Estranho interlúdio*, de Eugene O’Neill, peça que faz experimentações com o uso de máscaras para dramatizar a disparidade entre o que os indivíduos dizem e o que pensam, quando evitam mostrar-se aos outros.

Em 23 de setembro, Dick levou Sylvia de carro, em estado de grande tensão, para a Smith, onde ela começaria o segundo semestre. Então reservado e distante, ele a deixou nervosa. Será que fizera algo de errado? Teria ele percebido o seu ciúme?, escreveu no diário. Sylvia se voltou para o irmão mais extrovertido de Dick, Perry, sempre uma de suas companhias preferidas, que retribuiu a cálida confiança nele depositada. Perry admitiu sua ansiedade em relação a Dick, que é “difícil de engolir quando está ‘daquele jeito’”. Perry se perguntava se os problemas emocionais do irmão tinham a ver com sua visão conflituosa dos pais e com os padrões morais que lhe eram impostos. Será que Dick era capaz de amar, questionava Perry, acrescentando: “Sem dúvida ele precisa de alguém que acredite nele.” Mas Sylvia não deveria se culpar: “Syl, você é maravilhosa. Vive me ajudando; dando, jamais tirando, jamais pedindo. O que eu faria sem você? Amor, amor, Perry.” Perry permaneceu um admirador declarado de Sylvia e anos mais tarde assessorou o biógrafo Edward Butscher, que não conseguiu obter a cooperação de Dick Norton.

Apesar de todas as reservas quanto a Dick, a amiga se perturbou com a frieza do rapaz e passou a depender ainda mais da correspondência afetuosa

com a mãe, que lhe mandou a notícia, no início de outubro, de que um conto seu, “Iniciação”, ganhara um prêmio de cem dólares da *Seventeen*, onde seria publicado em janeiro de 1953. “Iniciação” fala dos sentimentos ambivalentes de uma aluna de ensino médio sobre o ritual humilhante da fraternidade a que pertence, sentimentos reforçados quando a fraternidade despreza sua melhor amiga por esta não usar as roupas certas e não se adequar ao senso de decoro do grupo. Sylvia, inclusive, passara por sua própria “iniciação”, tendo contado à mãe que haviam lhe exigido perguntar a todos os passageiros de um ônibus o que cada um comeria no café da manhã. Um passageiro brincalhão respondeu “Torradas com sobancelhas de *heather birds*”, explicando que essas criaturas viviam em “charnecas mitológicas”. Ponha isso num conto, disse Aurelia. *Letters Home* contém uma nota explicando as circunstâncias da origem de “Iniciação”, mais uma tentativa por parte da mãe de neutralizar o impiedoso retrato dela pintado pela filha em *A redoma de vidro*, que seria publicado mais tarde. Nesse caso, Olive Higgins Prouty avalizou a sugestão de Aurelia. “Pense no material que você tem!”, insistiu Prouty com Plath. Conforme sugere Paul Alexander, esse foi um momento crucial na vocação para escritora de Sylvia, treinando-a para se concentrar no mundo diante de seus olhos.

No início de novembro, Dick Norton disse a Sylvia que recebera o diagnóstico de tuberculose e ficaria internado num sanatório em Saranac, Massachusetts. Os exames logo comprovaram que ele não contraíra a doença, mas a separação forçada de ambos a deprimiu. Em 3 de novembro, Sylvia escreveu em seu diário ter sido essa a primeira vez em que pensou seriamente em suicídio. Invejava o ócio forçado de Dick. Suas refeições, o tempo que ele tinha para relaxar e sua liberdade para ler o que quisesse a irritavam. A Smith se tornara uma gaiola. As ideias de suicídio, no entanto, eram apenas isto: ideias para serem descartadas como mero desejo de

aniquilar o mundo aniquilando a si mesma. “A euforia ilusória do egoísmo desesperado”, opinou, desprezando a si mesma por chorar no “colo da mãe”. De repente, ela entendia por que tanta gente sucumbira a Hitler, dessa forma aliviando a tenebrosa responsabilidade de pensar e agir por conta própria. Estava começando a entender que para alguém como ela, e como as mulheres que admirava — Sara Teasdale e Virginia Woolf —, a ideia de viver feliz para sempre era a “falácia da existência”. Numa passagem reveladora do diário, admitiu que, por não saber quão alto deveria pôr a própria ambição, sentia-se especialmente deprimida. Mais do que nunca, sentia falta de Ann Davidow. Marcia se mudara do campus para morar com a mãe, e Sylvia não sentia empatia pela nova colega de quarto, Mary, uma excelente aluna de ciências.

Dick escreveu em 8 de novembro, praticamente corroborando a análise de Perry: “Tenho me conscientizado de alguns dos meus defeitos, em especial uma falsa presunção de superioridade, uma inflexibilidade, uma busca infantil por prazer sensual, certo grau de puritanismo perplexo e uma indisposição para enfrentar os fatos honestamente.” As palavras soavam um pouco como confissões e desculpas de “autorreconciliação”, próprias dos que passam por tratamento nos Alcoólicos Anônimos. A carta de Dick pouco fez para diminuir de imediato o nervosismo de Sylvia.

Em 14 de novembro, depois da noite usada para aliviar tensões no Joe’s Pizza, em Northampton, Sylvia foi visitar Marcia, que “tocou no ponto sensível, permitindo que ela ‘se abrisse’ e deixasse cair ‘a máscara’”. Plath chorou e convenceu a si mesma de que precisava burilar o próprio caráter. Precisava parar de representar a “criança mimada”. No dia seguinte, recebeu uma carta de Dick. Em Saranac, ele começara a ler Virginia Woolf, Hemingway, Conrad e outros autores favoritos de Plath. Abriu mão, em grande medida, de sua postura confiante: “Sinto-me, nesse momento,

extremamente grato e ciente da minha cegueira em desentendimentos passados. Posso dizer que ‘amo você’ sem reservas e sem piscar.” Dick não estava morando no “luxuriante e erótico Jardim do Éden” que Sylvia inventara para ele.

Alguns dias depois, o rapaz tentou uma abordagem ainda mais direta: “Como eu gostaria de acariciar suas costas quentes, macias, afastar o sutiã bem-comportado e descobrir que aqueles seios macios e levemente arfantes são redondos e coroados por mamilos escuros... a penugem macia encaracolada...”

Suas tentativas eróticas parecem bastante artificiais e até mesmo clínicas, e a depressão de Sylvia não melhorou. Em 18 de novembro, ela confidenciou ao diário: “Você está crucificada por suas próprias limitações.”

Em 19 de novembro, uma Sylvia exausta escreveu para a mãe demonizando o curso de ciências que a desestabilizara. Em *Letters Home*, Aurelia observa que o comentário da filha contra o estudo de “fórmulas secas e estéreis” que a estavam levando a divagar — inclusive a pensar em suicídio, fazendo-a cogitar se deveria consultar um psiquiatra — representou o primeiro sinal da tendência da filha para “exacerbar a dimensão de uma situação”. O suicídio recente de um dos colegas de Warren em Exeter enfureceu Sylvia, sugeriu Aurelia, e foi o subtexto do estado mental extremado da filha. Mas ela não partilhou com a mãe o drama sobre Dick. Seu medo de ficar atolada no que chamou de absurdo nauseante e artificial da ciência talvez tenha sido uma projeção da própria ambivalência com relação a Dick. Continuava a se preocupar com o fato de precisar, como outras formandas da Smith, se acomodar a uma vida de apoio a um marido cujos interesses não eram os seus. Segundo Aurelia, a filha voltou à Smith depois do feriado de Ação de Graças descansada e envolvida nos estudos.

Evidentemente fizera as pazes com a ciência, embora esse alento fosse ter curta duração.

Sylvia escreveu para Eddie Cohen no fim de novembro sugerindo que os dois publicassem uma versão da correspondência de ambos sob o título “Dialogue of the Damned” (Diálogo dos malditos). A ele não agradou a ideia de se tornar a metade de um empreendimento de Sylvia Plath, um mero “material” para sua imaginação, e a ideia de que pudessem se retratar como representantes de uma geração lhe pareceu absurda. Ambos eram dois “cabeças-ocas com QI elevado”, em nada parecidos com a massa. Ao contrário de Aurelia, ao contrário de Dick, ao contrário de qualquer outra pessoa em sua vida, Eddie jamais passou a mão na cabeça de Sylvia. Jamais supôs que ele fosse minimamente como a escritora brilhante que reconhecia em Sylvia Plath, mas também jamais agiu como se fosse menos inteligente que ela — o que significava que quase sempre podia identificar os momentos em que a amiga se iludia com o egoísmo por ela própria identificado em seu diário. Às vezes Eddie soava como uma voz interior, uma voz desesperadamente necessária quando ela mergulhava em negativismo ou delírios de grandeza. Ele não devolveria as cartas que ela pedira até que tivesse certeza de que ela o via como uma “pessoa de verdade”, e não como um “produto da sua vida”. O clarividente Eddie já nutria uma fixação pela romancista que viria a fazer, em *A redoma de vidro*, precisamente o que ele suspeitava: transformar gente de verdade em produtos da sua imaginação.

Em 1o. de dezembro, Sylvia escreveu uma carta animada para Warren sobre sua luta com joules, amperes e outros termos científicos eufônicos. Estava entusiasmada com Myron Klotz, um brilhante aluno de Yale e lançador de uma equipe de segunda divisão dos Detroit Tigers. Uma Sylvia impressionada escreveu para a mãe contando que Myron ganhara dez mil dólares numa única temporada. Perry Norton a apresentara ao “sujeito alto

e bonito”. Myron descendia de mineiros austro-húngaros que mal falavam inglês. Ela simplesmente amou esse tipo de combinação, que a fez lembrar-se de Ilo, o camponês estoniano e artista. Sylvia não entendia nada de beisebol, mas Myron sem dúvida era um “grandalhão bonito”. Ela gostava de pensar em si mesma como alguém que se adapta ao mundo de imigrantes e que é capaz de conviver com damas e cavalheiros. Queria escrever na língua dos pertencentes à elite literária e dos ficcionistas baratos. Ela lembrou a Warren um prato que os dois apreciavam na infância, carne “skalshalala” (o nome que deram a “um pedaço de carne que fica na boca por mais que se mastigue. Em outras palavras, cartilagem”), acrescentando: “como diria Mickey Spillane, ‘te amo, anjinho.’” Alguns dias depois, Aurelia recebeu uma carta similar (que não incluiu em *Letters Home*), mencionando o emocionante encontro de Sylvia com Myron, bem como sua decepção com os poemas e contos que Dick lhe mandava, nenhum dos quais com “*sentimento*” suficiente.

Myron revelou-se muito divertido, observou Sylvia em outro relato à mãe. Os dois comeram pizza no Joe’s e conversaram sobre beisebol e poesia. No caminho de volta à Smith, Myron fez o papel de um gângster e Sylvia, o da “mulher do bandido”, com o campus como cenário. Sylvia desenhou depois o chapéu de feltro usado por ele, presente da mãe, que temia que o filho pegasse um resfriado. Myron também usava um casaco preto de gângster. Ela achava engraçado que ele portasse uma chave Phi-Beta-Kappa: “Que mistura de vaidade (o quanto é disfarce, não sei) e doçura genuína.” Emocionou-a o fato de ele ter decorado uma de suas cartas.

Uma carta de Eddie recebida em meados de dezembro identificava com precisão o amor de Sylvia pelo histrionismo, que podia ser transformado num romance de Henry James que erodisse a ação e, bem trabalhado, fosse projetado de volta para a sua sensibilidade. Ele observou, por exemplo, que a

atitude da amiga quanto a Dick havia mudado. Agora ela parecia criar um melodrama centrado nos cuidados prestados a um herói doente. Com efeito, Dick lhe disse que estava lendo *Adeus às armas*, e era tentador visualizar Sylvia imaginando uma inversão de papéis na qual não é a moribunda Catherine, mas, sim, Frederic Henry (Dick) que precisa do apoio (de Sylvia). Eddie, jamais disposto a fechar os olhos à verdade quando a enxergava, proferiu um veredicto devastador: não estaria ela criando uma trama para se autossatisfazer, em lugar de enxergar os homens em sua vida como eles realmente eram? Não seria por acaso, a ideia de uma história de amor que a atraía e não os homens reais que a cortejavam? Correndo o risco de soar “indelicado”, Eddie sugeriu que Sylvia demonstrava maior interesse pelo drama desses relacionamentos do que pelos relacionamentos em si. Sylvia entendeu perfeitamente o que Eddie queria dizer, porque havia feito esse mesmo tipo de observação a respeito de si mesma em seu diário.

Como se pretendesse mostrar que estava apaixonado por *ela* e não por alguma criação da sua mente, Eddie mencionou os atributos que apreciava nela: a voz, o bronzeado, o jeito como ela se acomodava languidamente numa banquetta, seu jeito de sorver o ar com a língua como se saboreasse as ideias que brotavam de seu cérebro deleitável. Falou do rosto sensual, embora não especificamente de seu traço mais erótico: os lábios carnudos que talvez justificassem a observação de Dick de que Sylvia possuía feições “negroides”. Eddie prometeu devolver suas cartas, mas não cumpriu a promessa. Talvez ainda estivesse preocupado com o retrato que ela pudesse fazer dele em sua prosa.

Na verdade, Eddie diagnosticou Sylvia como um narrador de Henry James. Sylvia queria estar perto da ação, embora sem jamais se comprometer por completo com ela. Apenas duas semanas após o diagnóstico de Eddie, Dick avalizou-o, relatando o que seus amigos diziam sobre Sylvia: “Você era

uma *observadora* da vida e não uma *participante*, sob certos aspectos... Parecia interessada nas partes grosseiras, cruas da vida, de uma forma sensual — apesar de lhe bastar ler, observar, ver, sem entrar nela.”

Sylvia podia amenizar sua depressão escrevendo com graça para Aurelia sobre as aventuras num avião com Myron, virando de cabeça para baixo acima de Northampton e voltando ao prumo, em êxtase, mas não vinha dormindo à noite. Em 15 de dezembro, anunciou à mãe que iria consultar um psiquiatra a respeito da “sua ciência”. Seja qual tenha sido o resultado dessa consulta, daí não brotou um plano para tratamento a longo prazo, e Sylvia saiu dela iludindo a si mesma de que fizera o bastante para afugentar sua melancolia.

Em 28 de dezembro, durante uma visita a Dick em Saranac, Sylvia quebrou a perna numa pista para esquiadores experientes. Em *Letters Home*, Aurelia sugere que Sylvia, rejeitando conselhos profissionais, havia descuidadamente se atirado morro abaixo. O telegrama de Sylvia anunciava uma “fíbula fabulosamente fraturada”, como se ela tivesse realizado uma espécie de feito hemingwayesco. Para Myron, ela se descreveu num estilo tipicamente barroco mergulhando satisfeita montanha abaixo sem ter aprendido como manter o rumo, encontrando então um momento similar ao voo de avião dos dois: “uma repentina e breve eternidade em que efetivamente me soltei do solo, cambalhoteando (...) e aterrissando de cara. Me levantei, ri, e comecei a me afastar a pé. Nada feito. Bang.” Assinou o telegrama para Aurelia como “sua fugaz, frágil e fraturada Sivvy”. Era um modo suave de dizer que surtara. Em momentos de estresse, Sylvia perdia o controle — como viria, literalmente, a fazer mais tarde, quando perdeu o controle da direção do carro depois que Ted Hughes a deixou. Sylvia procurou, contudo, garantir à mãe que o acidente fora, na verdade, salutar, fazendo-a perceber, com o choque, que tinha sido tola ao sucumbir a

“obstáculos mentais” criados por ela própria. O acidente, em outras palavras, romperia um padrão de comportamento autodepreciativo.

Sylvia, porém, não estava brincando quando escreveu para Eddie, deixando de lado a empáfia e admitindo os méritos da análise do amigo. E não estava tão saudável quanto parecera a Aurelia. Com efeito, Eddie ficou tão perturbado diante do que leu que lhe respondeu aconselhando-a a consultar um psiquiatra. Observara um padrão recorrente: o surgimento de um “estranho de boa aparência” com o qual ela criava um “vínculo imediato e miraculoso”, apenas para deixá-lo sumir de seu horizonte. Eddie não quis dizer o que significava tal cenário, embora deva ter se sentido tentado a fazê-lo, já que numa ocasião o estranho fora um acadêmico familiarizado com o trabalho de Otto Plath, que dava a impressão de ser uma espécie de pai substituto e também de candidato a amante. Talvez a realidade estivesse se insinuando por entre as ilusões de Sylvia, especulou Eddie, mostrando-lhe que prolongar o relacionamento com Dick apenas traria à tona o lado vicioso, competitivo da amiga. Mas essa “realidade” podia ser tão debilitante e até mais perigosa do que as ilusões, motivo pelo qual ele insistia para que ela procurasse uma ajuda profissional.

Em seu diário, rejeitou o conselho de Eddie, dizendo que tudo de que precisava era mais sono, “uma atitude construtiva e um pouquinho de sorte”. Estava decidida a ser mais sociável e conhecer melhor as colegas da Smith, bem como os professores. Em seu segundo ano, Sylvia se mudou da Haven para a Lawrence, um dormitório para alunas com bolsas de estudo. Mesmo as amigas casuais dizem que ela aparentava interessar-se por elas. “Atitude é tudo”, anunciou Sylvia em seu diário, soando como uma psicóloga pop de autoajuda — e também a mitóloga de si mesma, declarando que seu solstício de inverno se encerrara e que o “deus moribundo da vida e da fertilidade renascera”.

Nancy Hunter Steiner, que se tornou colega de quarto de Sylvia, explica num livro de memórias por que a Lawrence House foi um ambiente mais harmonioso para Sylvia. Na condição de alunas bolsistas, observa Nancy, “nós nos empenhávamos com afincamento quase selvagem até mesmo nas atividades mais triviais — numa determinação feroz de sermos bem-sucedidas, que emanava de todas como perfume barato”. Ninguém esperava que Sylvia passasse a noite jogando bridge. As alunas da Lawrence House não viam o casamento com um jovem rico como prioridade, recorda-se Ellen Ouelette. Judy Denison, estudante de física inspirada pelo trabalho de Marie Curie, pretendeu imitar a ganhadora do Prêmio Nobel casando-se com um físico — que, infelizmente, disse a ela mais tarde que se contentasse em passar suas camisas. “Se você quisesse me fazer feliz, compraria camisas que não precisassem ser passadas”, respondeu Judy. O casamento terminou em divórcio.

Ellen Ouelette lembrou-se de quão diferente era a Lawrence House dos outros dormitórios. No Natal, as alunas da Lawrence tinham o hábito de escrever poemas umas para as outras a fim de não precisarem comprar presentes, algo que nenhuma delas tinha recursos para fazer. Cada qual sorteava um nome e depois escrevia um poema para essa pessoa. Eileen sorteou o nome de Sylvia e ficou petrificada. Ela tirara um D em Inglês no primeiro ano e tinha plena ciência do status de estrela de Plath no campus. O que fazer? Procurou, então, a colega de quarto da sorteada, Nancy Hunter, e explicou seu dilema. Descobriu com Nancy que ela gostava de quadros de Modigliani. Por isso, Nancy escreveu um poema que começava assim: “Para Sylvia Plath com seu olhos à Modigliani,/ Meu presente de Natal será uma surpresa.” Sylvia não fez comentários sobre o poema, mas o recebeu educadamente.

Plath às vezes parecia nervosa e estressada, mas na maior parte do tempo demonstrava uma segurança considerável. Resolvera seus sentimentos com relação a Dick, percebendo que sua atitude ambivalente quanto ao rapaz tinha origem na infância. Mesmo então ela já competia com ele, pedalando quase sem fôlego para alcançá-lo em sua bicicleta. Era ele que lhe ditava o ritmo na infância, uma projeção do “idealismo ingênuo” dela — e ela era forçada a admitir que não queria beijar um homem que temia que estivesse cheio de germes.

Enquanto isso, para Myron (que ela chamava de seu Hércules) não era problema carregá-la de um lado para o outro mesmo com a perna engessada. E sem demora — Eddie, sem dúvida, esboçaria um sorriso — surgiu mais um laçao: Gordon Lameyer, um aluno do último ano da Universidade Amherst, com quem Sylvia teve uma “afinidade instantânea”. Lameyer era devoto de James Joyce, e Sylvia escolhera o escritor como tema da própria monografia de graduação. Gordon lhe pareceu “*altamente promissor*”, escreveu para a mãe em 5 de fevereiro, como se avaliasse mais um candidato para sua guarda pretoriana. Falou do “novo Gordon”, como se fosse o último modelo de um carro. Ele também era “absolutamente exuberante”. Sylvia adorava conversar sobre religião com esse autorrotulado “unitarista renegado”. Suas mães eram bem parecidas. Com efeito, a mãe de Gordon, moradora de Wellesley, lhe falara de Sylvia, que fizera uma palestra no clube local da Smith. A sra. Lameyer encorajou o filho em seu desejo de namorar essa aluna brilhante, agora primeira da classe e ganhadora de vários prêmios literários da faculdade. Gordon também oferecia a Sylvia algo novo. Estava no Naval Reserve Officer Training Corps e já ostentava o modo de ser, como diz Edward Butscher, de “um oficial e cavalheiro no estilo da velha e respeitável tradição”. Myron, com sua “pele ruim” e “pais bárbaros”, agora parecia do segundo time, registrou Sylvia em seu diário.

Plath vinha evitando encontrar-se com Dick. Não lhe dera o fora ainda. “In the Mountains”, publicado na *Smith Review* (1954), sugere o porquê. Quando sente o braço “quente e possessivo” de Austin em seus ombros, Isobel se vê assaltada pelo “velho e doloroso medo,” só de recordar como havia sido. Assim como em “Sunday at the Mintons”, o protagonista é extravagantemente confiante em suas prerrogativas. Como Dick, Austin está num sanatório lendo um romance, o que foge a seus hábitos (obviamente, *Adeus às armas*), “preocupando-se com o homem imaginário e a moça moribunda” porque a história de ambos o faz lembrar-se dele mesmo e de Isobel. No início do relacionamento de ambos, Austin havia advertido Isobel sobre “a tolice que ela comete sentindo pena dos personagens dos livros”. Ele agora quer provar que mudou, ao declarar ostensivamente sua necessidade dela. Mas para Isobel essa mudança é um sinal de fraqueza, e embora não consiga lhe dizer que não o ama, deixa isso implícito: “É diferente agora.”

Desgostoso porque o último encontro de ambos não aliviara sua ansiedade, Dick começava a se mostrar irritável, escrevendo para Sylvia em 23 de fevereiro: “Seu individualismo entusiasta, centrado na carreira, às vezes desencoraja o interlocutor e apresenta o casamento como um obstáculo ou um estado indesejável para os humanos menos afortunados e esforçados.” Mesmo que não houvesse outro motivo além do estilo de prosa dele, Sylvia jamais poderia se casar com alguém como Dick. Claramente ciente de estar perdendo a namorada, Dick tentou uma abordagem mais conciliatória, acrescentando em 10 de março: “Um dos sintomas associados à tuberculose é a insegurança quanto ao próprio valor essencial para os amigos.” Também escreveu para a mãe dela, tentando sondar o que estaria se passando na cabeça de Sylvia. Uma Aurelia cautelosa consultou a filha e mandou para Dick uma carta cuidadosamente escrita, dizendo-se emocionada com a preocupação dele e acrescentando que naquele momento

Sylvia não estava “pensando em casamento”. Aurelia também tentou dissuadi-lo com tato: “Sempre considereei Sivvy muito honesta. Caso esteja sendo evasiva nesse momento, garanto que é por medo de magoá-lo num período em que isso possa lhe ser fisicamente prejudicial...” Em vista, porém, de mais respostas negligentes de Sylvia, um Dick rabugento respondeu para Aurelia: “Ninguém deveria se preocupar com a ‘mágoa’ que pode me causar, preocupação mais bem dirigida a uma criança de 5 anos prestes a perder um brinquedo. Meu interesse sempre tem como objeto os ‘fatos do caso’, ainda que eles sejam perturbadores a princípio. O que é escondido dos olhos costuma ser mais perigoso para todos do que o passageiro desconforto de sua descoberta.” Mais uma vez, o estilo pomposo de Dick sem dúvida desagradou Sylvia, justamente então compondo um drama da própria vida ao gosto de O’Neill, no centro do qual imperava “o grande Deus Gordon”, conforme se referiu a ele numa carta para a mãe em 11 de abril.

Se entendesse mais de beisebol, Sylvia teria feito de Myron Klotz um dos integrantes do seu “banco de reservas especial”, que incluía mais uma nova aquisição, Ray Wunderlich, um aluno da faculdade de medicina de Colúmbia que conhecera durante seu breve período como garçõete no hotel Belmont. Ele a levou para assistir a peças em Nova York (*As bruxas de Salém*, de Arthur Miller, e *Camino real*, de Tennessee Williams). A viagem à cidade deixou-a animada para o concurso da *Mademoiselle*, dirigido a escritoras aspirantes e jovens que seriam escolhidas para passar o mês de junho em Manhattan como editoras convidadas da revista. Ao mesmo tempo, Sylvia estava ansiosa para ver W. H. Auden, o poeta em voga da época, chegar para uma estadia na Smith, dizendo ao irmão, Warren, que um dia gostaria de tocar a “barra do seu manto” e presenteá-lo com um poema, “Encontrei meu Deus em Auden”.

Sylvia voltara a escrever poesia, sempre um projeto difícil enquanto estudava na Smith. Ela adorava formatos de métrica e verso como a *villanelle*, um poema de rima elaborada e estruturado com dezenove linhas. Pareceu estimulada quando recebeu mais do que uma carta padrão de rejeição da *The New Yorker* por “Doomsday”, um trabalho que a Harper’s aceitou alguns meses mais tarde e se encontra incluído na seção juvenil do *The Collected Poems*. Trata-se de um comentário muito bem composto e sagaz sobre a vaidade das aspirações humanas, entre outras, sem dúvida, as dela: “Our painted stages fall apart by scenes.” As imagens de ruptura, esfacelamento, fratura, explosões e desmoronamentos sem dúvida são reminiscências da sua descida desastrosa numa pista de esqui, culminando numa outra queda, quando Sylvia tentou ficar de pé após o acidente. Os protagonistas de “Doomsday” que se detêm em “choque mortal” são emanações de uma sensibilidade que acabara de vivenciar precisamente tal colisão. E o unitarista renegado emerge na linha “Our lucky relics have been put in hock”.

“Doomsday”, a despeito do tema sombrio, tem um tom alegremente mordaz, que reflete a Plath exuberante desse período. Em cartas para a mãe, ela incluiu poemas como “Verbal Calisthenics”, que começa com: “My love for you is more/ Athletic than a verb..” Sylvia recebeu exultante a notícia da sua eleição para o cargo de editora da *Smith Review* para o ano seguinte, seu último na faculdade. Parecia, com efeito, estar caminhando para um estado maníaco, enquanto a lenda de Sylvia Plath se espalhava pelo campus, transformando-a numa apoteose de si mesma. “Louros para poema recente/ Sylvia Plath vence novamente”, anunciou a edição de 16 de abril do jornal da faculdade, como se ela fosse uma égua de corrida e não a autora de um outro conto da *Seventeen*.

Em 27 de abril, Sylvia observou em seu diário que a aceitação de “Doomsday” e de dois outros poemas pela *Harper’s* marcaram “sua primeira aceitação profissional genuína”, e que “as coisas vêm acontecendo como um espocar de fogos em cadeia”. Na casa de Elizabeth Drew, uma das professoras de Sylvia e uma das críticas literárias mais respeitadas do país, a poeta presenciou W. H. Auden bebericar cerveja e fumar Lucky Strike enquanto discutia *A tempestade*, comentando que Ariel encarnava a imaginação criativa. Comparado a seus sonhos de grandiosidade masculina, mesmo Gordon começou a eclipsar-se quando Sylvia soube que ele vinha cogitando a carreira de vendedor de seguros, e Ray tornou-se fraco, física e emocionalmente. Ele nem fizera uma tentativa para conquistá-la. Sylvia queria, confessou, o impossível: “um semideus”, um “herói romântico inexistente”.

Numa carta para Warren em 12 de maio, ela regozijou-se por ter sido aceita na Universidade de Harvard, esperando que sua bolsa aliviasse Aurelia do fardo financeiro. Com efeito, Sylvia esperava que as duas pudessem se autofinanciar no ano seguinte, porque sabia muito bem como Aurelia trabalhara duro para dar aos filhos o melhor de tudo: “Mãe efetivamente se Mataria por nós se calmamente aceitássemos tudo o que ela desejava fazer em nosso benefício.” Sylvia era sincera, embora ao mesmo tempo se aterrorizasse com a extensão do altruísmo de Aurelia — embora não tenha dito isso a Warren, ou mesmo se dado conta sozinha do fato. O autossacrifício de Aurelia cobrou um preço caro da filha, que queria se sentir menos devedora, mas também achava extremamente dolorosa a necessidade de agradar à mãe, problema esse que piorou conforme o verão de 1953 avançava. No entanto, ocorreu exatamente o oposto na primavera, quando o mundo todo pareceu se abrir para Sylvia. Estava na hora de pagar

dividendos a Aurelia por tudo que ela havia investido nos filhos, insistiu Sylvia com o irmão.

CAPÍTULO 3

RAINHA DOS MORTOS

(1953-55)

Junho de 1953: Plath vivencia um período intenso na cidade de Nova York, na *Mademoiselle*, que considera excitante e depois exaustivo — sua primeira incursão na megalópole da fama que mais tarde viria a dissecar em *A redoma de vidro*. De volta ao lar no final de junho, cai em depressão e então passa por uma terapia de eletrochoques; **24 de agosto:** Sylvia tenta, e quase consegue, se suicidar; **1955:** Forma-se *summa cum laude* e parte para a Inglaterra como bolsista da Fulbright na Universidade Newnham, em Cambridge.

No início de maio, as notícias são ainda melhores: Sylvia é escolhida para o cargo de editora convidada da *Mademoiselle*. A escolha partiu do conselho universitário da revista, presidido por Marybeth Little. Em “O seu trabalho como editor convidado”, a revista explicava que aquela era uma oportunidade de aprender mais sobre seu público leitor. O cargo também fornecia aos selecionados treinamento e aconselhamento valiosos e uma visão “dos bastidores” do mundo editorial. A competição para esse estágio de prestígio levou em conta não só a capacidade de redação da aluna, mas também sua participação em atividades extracurriculares. Entre elas, Sylvia mencionou ser membro do Studio Art Club, trabalhar nas decorações da formatura dos calouros e do baile de caridade, participar dos conselhos

editoriais da *Smith Review* e da *Campus Cat* (uma revista de humor), atuar como secretária do Conselho de Honra (uma das organizações do campus incumbida de lidar com alunas laureadas) e possuir experiência como correspondente do *Springfield Daily News* por meio do Departamento de Jornalismo da Smith.

Todas as editoras convidadas trabalhariam cinco dias por semana de 1º a 26 de junho. Uma editora da *Mademoiselle* redigiu sugestões quanto à indumentária: vestidos escuros leves, feitos de náilon, xantungue ou outras sedas e algodões, e um maiô para os finais de semana. “Planejamos dar uma festa ‘chique’, motivo pelo qual é recomendável levar também um vestido formal, sem esquecer os chapéus — eles são necessários para todas as aparições públicas que as editoras convidadas farão”, escreveu Marybeth Little em 5 de maio.

Sylvia já estava se preparando para um dos seus encargos editoriais: entrevistar um escritor famoso e ser fotografada com ele. Enviara à revista suas escolhas preliminares: Shirley Jackson, E. B. White, Irwin Shaw e J. D. Salinger. Naturalmente, já lera todos eles na *The New Yorker*, a publicação em que ela mesma mais desejava aparecer. *O apanhador no campo de centeio* serviria mais tarde como modelo para *A redoma de vidro*, mas como eram diferentes os dois autores: enquanto Plath buscava a fama, Salinger cultivava a mítica do escritor que se esquia apagando-se da visão do público. No fim, mesmo antes de partir para Nova York, Sylvia já marcara a entrevista exigida com a romancista britânica Elizabeth Bowen.

Numa estadia de apenas dois dias em casa, entre o término das provas na Smith e sua partida para Nova York, Sylvia freneticamente fez as malas e planejou seu mês na *Mademoiselle*, o tempo todo insistindo com a mãe para ela desenvolver uma atividade para si mesma — talvez escrever artigos para revistas femininas sobre sua carreira de professora, que Sylvia adoraria

editar. Na saída, ela não poupou palavras de extrema gratidão por todos os sacrifícios da mãe, que possibilitaram tantas oportunidades para os filhos.

Betsy Talbot Blackwell, editora-chefe da *Mademoiselle*, entrevistou todas as editoras convidadas no primeiro dia. Conforme se depreende do seu cargo, era dela a última palavra sobre tudo. Betsy também avaliou as moças e decidiu como distribuí-las pelos vários departamentos. As editoras convidadas foram, então, divididas em pequenos grupos para almoçarem com os funcionários da *Mademoiselle*. Sylvia logo descobriu que a uma editora não cabia somente escrever e revisar, mas também atuar como estafeta e datilógrafa, conforme explicava um memorando enviado ao grupo. Ela acrescentou um ponto de exclamação na margem esquerda, junto à seguinte observação: “*Os prazos de fechamento das revistas são tão decisivos quanto as datas de provas e devem ser obedecidos religiosamente — nenhuma atividade extracurricular será marcada até serem superadas as crises dos prazos!*” Essa pode ter sido a primeira pista que Sylvia teve sobre as pressões que a tirariam do prumo, fazendo-a recordar-se dos estressantes preparativos para as provas. Crises? Ela já vivera o suficiente delas, e agora, antes do primeiro dia no emprego, estava alerta, na expectativa de mais. Como de todas as demais, exigia-se que ela “atuasse como membro de uma equipe”, assumindo tarefas em qualquer departamento que necessitasse de ajuda. Embora o memorando promettesse “momentos mais suaves”, também declarava que aquele não era um “emprego glamoroso”. Depois de palavras tão preocupantes, o memorando terminava com um capítulo sobre atividades extracurriculares, mencionando visitas a designers, comparecimento a desfiles de moda, encontros com celebridades, estreias teatrais, jantares e bailes, bem como sessões de cinema privadas. Metade cética e metade esperançosa, Sylvia escreveu no final do memorando: “Parece um conto de fadas, não?”

A “Sivvy deslumbrada pela cidade”, como ela própria se rotulou numa carta para Aurelia, passou seu mês de estágio no sexto andar da Madison Avenue, 575 trabalhando até tarde. À noitinha, do seu quarto (1511) no hotel Barbizon, ela podia ver Manhattan se acender e ter vislumbres da Terceira Avenida e do East River. Laurie Levy, outra editora convidada naquele verão, lembrou-se de uma saída com Sylvia: “Vagamos pelas ruas movimentadas, com o festival de verão, tentando parecer sofisticadas em nossas saias compridas de algodão.” As duas se cruzavam nos corredores da *Mademoiselle*, “nossos dentes brancos em contraste com o batom magenta, no auge da moda de 1953”. Sylvia recebeu todo tipo de material para ler e reescrever, inclusive de autores como Elizabeth Bowen, Rumer Godden, Noël Coward e Dylan Thomas. Adorou escrever uma nota de rejeição para um funcionário da *The New Yorker*, mas também temia não conseguir participar do curso de verão altamente disputado de Frank O’Connor em Harvard.

Ela admitiu para a mãe que a correria do fim do semestre e a rápida partida para Nova York haviam sido ao mesmo tempo motivo de euforia e medo e que tinha dificuldade para lidar com situações de grande pressão. Na *Mademoiselle*, uma especialista em grafologia havia apresentado sua análise sobre Sylvia:

PONTOS FORTES: Intenso aproveitamento da experiência de trabalho; noção de forma, beleza e estilo, úteis nas áreas de moda e decoração de interiores. Ansiosa por sucesso.

PONTOS FRACOS: Superficialidade latente, comportamento artificial, aparência rígida.

Plath estava agradecida pelo volume de trabalho importante que a editora executiva da *Mademoiselle*, Cyrilly Abels, lhe encaminhava. Sylvia assinou-se “Syrilly” numa carta para Aurelia. Abels era, nos termos da cartilha para as editoras convidadas da *Mademoiselle*, a “chefe dos fechamentos”. Cabia a ela a aprovação de todo e qualquer material. Graças a seu amplo contato com escritores, editores e agentes, também se tornou a embaixadora da revista no mundo literário.

Euforia e exaustão se fundiram quando Sylvia e muitas outras editoras convidadas adoeceram com intoxicação alimentar. Ainda assim, ela vinha conhecendo autores de renome, como Vance Bourjaily, saindo com rapazes do mundo todo, que trabalhavam na ONU, e passando um bom tempo em Greenwich Village. Então as cartas animadas se reduziram. Levaria anos para que a história completa fosse conhecida.

Durante esse mês movimentado, a terrível execução dos Rosenberg, condenados pela participação numa conspiração de espionagem soviética com a finalidade de roubar o segredo da bomba atômica, causou um impacto tão forte que deixou Sylvia enojada. A pacifista de “Bitter Strawberries”, que ficara chocada com a capataz que queria varrer a Rússia do mapa com uma bomba, reapareceu numa anotação no diário em 19 de junho descrevendo uma garota linda e sofisticada acordando de um cochilo no divã da sala de conferências, bocejando e dizendo com uma grosseria encantadora e entediada: “Que bom que eles vão morrer.” Todos os demais continuaram com seus afazeres habituais, planejando o fim de semana sem um pensamento sequer sobre a preciosidade da vida humana. Parecia irônico a Sylvia que a opinião majoritária considerasse correto executar os Rosenberg por roubarem o segredo do funcionamento de uma invenção desumana, guardado com zelo por seu país. Era uma pena que a eletrocussão não pudesse ser televisionada naquela noite, observou Sylvia,

pois a cena seria muito mais realista do que os thrillers criminais. Ela imaginou o país encarando tais mortes de forma tão indiferente quanto a beleza *blasée* em seu escritório.

Mais de vinte anos depois, em *The Public Burning*, Robert Coover faria uma descrição cruel da execução dos Rosenberg, que incluía o tipo de espetáculo imaginado por Plath. Assim como ela, Coover acreditava que a execução maculara e degradara sua nação. Ambos os escritores se preocuparam com a relação do indivíduo com a história e — como Rebecca West no prólogo de sua obra-prima, *Black Lamb and Grey Falcon* — deploraram o fato de que os indivíduos pudessem ser tão idiotas a ponto de não ver como seus destinos se entrelaçavam com as vidas de milhões de outros. Por mais que fosse importante trabalhar na *Mademoiselle*, Sylvia jamais perdeu de vista o mundo em geral, ao qual se encontrava irremediavelmente conectada pela consciência do que significava ser plenamente humana. Os acontecimentos de junho de 1953 tornaram-se a base de *A redoma de vidro*, em que Plath transfigurou o mês traumático numa fábula, uma história ao estilo de *O apanhador no campo de centeio*, que capta todo o esplendor e a perfídia da cidade de Nova York, endereço do talentoso e do impostor, do predador e do pretensioso.

Quando Sylvia voltou para casa no fim de junho, Aurelia achou a filha incomumente taciturna. Aquele intenso período em Nova York também afetou outras pessoas em grande medida. Laurie Levy escreveu: “Nós nos dispersamos em direções diversas para vivenciar nossas desilusões sozinhas.” Aurelia teve medo de dar a má notícia a Sylvia: a filha não fora escolhida para o curso de redação de Frank O’Conner em Harvard. Como muita gente ambiciosa, Sylvia não se importava com quantos prêmios havia ganhado, desde que continuasse a ser aceita (O’Connor diria mais tarde ter achado Plath adiantada demais para seu curso). Aurelia, porém, já esperando a

decepção da filha, ficou consternada ao perceber que a notícia mergulhara Sylvia no desespero.

Ainda que possa ser a causa mais direta da sua depressão, é improvável que aquele único mês em Nova York, por mais difícil que houvesse sido, produzisse essa Sylvia sem humor e até mesmo apagada. Durante mais de um ano, Eddie Cohen a vinha alertando de que algo estava seriamente errado. Ao longo desse ano, ela escreveu como se o poder do pensamento positivo fosse capaz de sustentá-la. Mas trabalhar numa revista cheia de vitalidade na Madison Avenue desgastou a vontade dela de vencer, já bastante enfraquecida pela dúvida de conseguir avançar com seu talento para o nível seguinte. Em outras palavras, o emprego de Sylvia em Manhattan acelerou o colapso nervoso que Eddie tentara evitar.

Aurelia descreveu “a grande mudança” de Sylvia em *Letters Home* como um rompimento fundamental na filha, que sempre havia demonstrado tanta *joie de vivre*. O diário da poeta sugere que seu esforço para manter uma imagem de fortaleza desmoronara. Não era mais suficiente desabafar caindo nos braços de Marcia e se livrando dos medos e ansiedades em meio às lágrimas. Escrever para Eddie não aliviava mais a pressão. Um curso de verão sobre como escrever com um autor de renome não estava à disposição para ajudá-la a superar a rejeição.

Sylvia só viu uma saída para essa situação difícil: frequentar a Escola de Verão de Harvard e fazer um curso de psicologia, que ela considerava ao mesmo tempo uma maneira pragmática e criativa de desenvolver seu talento. Ela poderia, igualmente, conhecer gente nova e ter acesso à biblioteca e a outras atividades em Cambridge, o que lhe estruturaria a vida. Morria de medo de ficar sozinha em casa com o ônus tenebroso de montar seus próprios horários. Admitiu em seu diário estar apavorada e chamou a si mesma de “bebezona”. A insegurança solapava sua criatividade.

Mas o curso custava 250 dólares, uma quantia nada desprezível à época para uma aluna sem diploma que calculava ter apenas o bastante para chegar ao último ano na Smith e que contara em amenizar o verão da mãe vendendo contos confeccionados nas aulas de O'Hara. Trocando em miúdos, era melhor permanecer em casa, enfrentar os próprios temores, aprender taquigrafia com Aurelia como competência prática (uma mulher no Departamento Vocacional da Smith sugerira esse caminho), começar a ler Joyce para montar sua monografia de graduação e tentar “esquecer a droga do meu eu autocentrado”.

No dia 6 de julho, Sylvia falou de si mesma em seu diário como se fosse uma princesa de contos de fada que precisasse ser trazida de volta à Terra depois do baile. Não conseguir escrever em casa seria um fracasso que provaria sua incompetência. Ela chegou mesmo a usar Dick como modelo. Afinal, ele fora capaz de ler e escrever internado num sanatório. Mas como conseguiria escrever se comparava sua permanência em casa à volta ao útero e se começava a pensar em suicídio? Ela falou disso em termos extremos: “Pare de pensar em navalhas e automutilação e em acabar com tudo.” Em 14 de julho, Sylvia não dormia mais que duas horas por noite e tinha pensamentos homicidas acerca de Aurelia. Confessando não mais imaginar uma existência fora de seu “eu limitado”, clamou por Deus — ou por um deus, alguma força fora de si mesma que melhorasse seu astral.

Sylvia, conforme suspeitava Eddie, não entendia que saber quando pedir ajuda fazia parte do processo de se tornar adulta. Dizia a si mesma que o seu “negativismo” era uma espécie de doença, mas, como uma cientologista, achava que podia se curar, ainda que não fosse capaz de pôr sua fé em Deus. Pensando que pudesse controlar a própria emoção de alguma forma, via seu dilema como ético ou moral, uma questão de comportar-se de acordo com determinado padrão que considerava apropriado para sua idade e

capacidade. Apesar do interesse pelo curso de psicologia de Harvard, não enxergava como seu comportamento se tornara compulsivamente repetitivo, que o problema era sua própria psicologia. Escapara da crise no Belmont ao encontrar refúgio junto aos Cantor e aguardar ansiosa o começo das aulas. Dessa vez, sentia-se ainda menos capaz de confrontar seus demônios em casa, na esteira do que rotulava de rejeição por parte de O'Hara.

A descrição de Aurelia em *Letters Home* do comportamento de Sylvia sugere todos os sintomas de depressão clínica. Nem mesmo os banhos de sol pareciam terapêuticos. Ela se sentava, com um livro nas mãos, mas não conseguia ler. *Sylvia Plath não conseguia ler!* Só falava em como havia decepcionado a todos. Pior do que isso: não conseguia escrever. Aurelia notou cortes nas pernas da filha, e Sylvia reagiu, dizendo: “Eu só queria ver se tinha coragem!” Horrorizada, Aurelia sentiu o toque febril da mão de Sylvia e ouviu seu grito abrasador de que o mundo “é tão podre que eu quero morrer! Vamos morrer juntas!”. Em vez disso, a filha concordou em consultar um médico e depois um psiquiatra, embora nem um nem outro, aparentemente, tenham sido de grande ajuda, além de receitar comprimidos para dormir e depois submetê-la a um tratamento brutal de eletrochoques, administrado sem sedativos ou relaxantes musculares.

Em 24 de agosto, um dia em que Sylvia parecia melhor, Aurelia saiu com uma amiga e ao voltar para casa encontrou um bilhete em que a filha dizia ter ido dar uma longa caminhada. Sylvia sumiu durante três dias, até Warren ouvir o que lhe soou como um gemido vindo do porão. Ali a encontrou num espaço apertado, semiconsciente depois de vomitar os comprimidos para dormir que tomara para pôr fim à vida. Tinha um corte no rosto que deixaria uma cicatriz, mas de resto se recuperou com bastante rapidez das mazelas físicas. Em setembro, começou a melhorar sob a supervisão da dra. Ruth Beuscher, no Hospital McLean, em Belmont,

Massachusetts. Sylvia descreveu mais tarde sua terapeuta para Gordon Lameyer como “uma das minhas melhores amigas, apenas nove anos mais velha que eu, parecida com Myrna Loy, alta, boêmia, fulgorantemente brilhante e absolutamente maravilhosa”.

O sumiço e a descoberta de Sylvia foram amplamente divulgados, e ela se tornou notícia de uma forma que jamais pretendia, mas que provocou um impacto notável em sua vocação de escritora. No fim, ela viria a perceber que morrer se tornara parte do seu genuíno objetivo. A noção de viver com pensamentos de morte iria impregnar bastante seus melhores e mais sinceros trabalhos. Ela quisera morrer e se sentira mais forte quanto a isso do que quanto a qualquer outra decisão que jamais tomaria. O suicídio, uma espécie de compromisso absoluto, repudiava o engodo e aparências falsas. O que quer que acontecesse a seguir teria de ser mensurado em relação à autenticidade daquele ato.

Não havia um caminho fácil para voltar da morte, que possui uma certeza e um propósito que atraíam Plath. A recuperação foi um processo muito menos decisivo, espasmódico e penoso, com confusão e dúvidas a respeito da sua capacidade de reacender a própria criatividade. Decerto ela não se encontrava capacitada a voltar para a Smith. O crítico literário Robert Gorham Davis, um dos professores favoritos de Sylvia, escreveu para Aurelia oferecendo ajuda, mencionando que a filha dele conhecia bem Sylvia. Ele e a esposa, a quem Plath também admirava, haviam sido pegos de surpresa, uma vez que Sylvia lhes parecera alegre ao longo do último semestre de aulas. “Embora tenhamos, ambos, experiência com perturbações desse tipo em outras pessoas, não percebemos quaisquer sinais de estresse dessa ordem durante a primavera, embora esses talvez nos tenham passado despercebidos.” Com efeito, Davis certa vez havia comentado com o colega George Gibian que, ao contrário de outras alunas neuróticas de escrita

criativa, Sylvia parecia totalmente equilibrada e saudável, acrescentando, porém, que ela “exigia demasiado de si mesma”.

A professora Elizabeth Drew, outra preferida de Plath, escreveu diretamente a Sylvia:

Sei exatamente como você se sentiu, porque certa vez na minha vida tive uma depressão similar, embora por motivo diverso, & essa me *pareceu* a única & lógica saída. Mas agora isso é passado e você precisa se lembrar, o tempo todo, de como a vida é boa & quanta alegria & aventura aguardam você. Quanto ao seu trabalho, você é, de longe, a melhor aluna de Inglês na Smith & não precisa se *estressar* para tanto. Você é capaz de fazer isso de olhos fechados e dormindo! Desconfio que andou exigindo demais de si mesma na primavera (...) Apenas se esgotou por um momento. Agora precisa deixar a vida voltar a fluir em você de novo, & ela *voltará*, não tenha medo.

Tais cartas dão testemunho do impacto potente de Sylvia Plath na Smith, indicando o quanto era querida e a falta que fazia, bem como as boas-vindas calorosas que teria ao voltar.

A carta de Gordon Lameyer talvez tenha sido igualmente importante para ela: “Admiro você, Sylvia, *admiro* mais do que a qualquer outra moça que conheço. Mais do que tudo, não desejo que você sinta alguma diferença com relação a mim agora. Quero ser seu amigo mais próximo e mais querido, assim como você tem sido para mim desde junho. Acredite, por favor, acredite em mim, posso *entender* qualquer coisa. Sua felicidade é tudo para mim, por isso fique boa o mais depressa possível.” Lameyer viria a escrever longas cartas enquanto servia à Marinha, embarcado.

Essas cartas aparentemente não tiveram um impacto imediato sobre Sylvia, a julgar pela carta de Aurelia para Olive Higgins Prouty, que queria se manter informada sobre os cuidados com Sylvia, bem como contribuir financeiramente nesse aspecto. Prouty sofrera um colapso nervoso vinte anos antes e se recuperara completamente sob os cuidados de especialistas que a deixaram “mais bem-equipada para lidar com a vida”. Prouty não queria menos do que isso para Sylvia. Aurelia lhe escreveu que os psiquiatras haviam dito que a filha não lhe confessara a dimensão da própria insegurança. O fato de que ela também ansiava pela orientação de uma figura paterna não chegava a surpreender Aurelia. Para Sylvia, o suicídio parecia preferível a anos de encarceramento numa instituição para doentes mentais, o tipo de lugar que ela associava ao desempenho pungente de Olivia de Havilland em *A cova da serpente* (1948). Prouty visitou Plath no início de outubro e escreveu para a dra. Beuscher, no dia 14, demonstrando preocupação por ela não estar convivendo bem com outras pessoas, mostrando-se desanimada por não ter coordenação suficiente para o tipo de trabalho manual (costura, nesse caso) que os programas de tratamento em geral prescreviam para os pacientes. Tentou tecelagem, e embora a médica achasse seu trabalho bem feito, Sylvia o menosprezava.

Em novembro, recebeu eletrochoques — dessa vez administrados com mais preparo e com a dra. Beuscher a seu lado — e terapia de insulina, essa última foi tema de “Tongues of Stone”. Na narrativa, uma menina vê o próprio corpo engordar com os tratamentos de insulina e nesse estado de temor não é capaz de ler palavras que lhe parecem “hieróglifos letalmente negros”. Ela perdeu seu bronzado e se esconde do sol, desejando poder encolher até o tamanho de uma mosca. Dia após dia, relata que as injeções de insulina não operam mudanças e acredita que esteja secando e vivendo o último estágio de afastamento de uma vida disparatada. Viera “fingindo ser

inteligente e alegre, e o tempo todo esses venenos se acumulavam em seu corpo, prestes a vir à tona sob as brilhantes bolhas falsas de seu olhos a qualquer momento gritando: Idiota! Impostora!” Assim como Sylvia, a menina tem medo de passar mais sessenta anos com um cérebro se contraindo como “um morcego cinzento, paralisado na caverna escura de seu crânio vivo”. Na história, a menina interpreta seu resgate como uma derrota, já que foi ressuscitada para virar um zumbi, pálida e ferida e “atirada de volta ao inferno de seu corpo morto”. “Tongues of Stone” termina abruptamente numa transição que parece forçada, ainda que seja genuína no caso de Sylvia: de repente, durante o sono, a menina vê uma luz penetrar sua cegueira e todas as fibras da mente e do corpo cintilarem com o “sol para sempre nascente”.

Sylvia atribuía sua plena recuperação ao período passado na McLean. Jane Anderson, uma paciente da mesma época e aluna da Smith que acabou se tornando terapeuta, duvidou de que Plath tenha se dedicado à terapia com afinco. Ela não assumiu “um grande compromisso em termos de tentar entender o que estava acontecendo em si mesma e se irritava com isso”. Quando Anderson comentou sobre a reação bastante passiva de Plath ao tratamento, ela deu a impressão de tornar-se “menos amistosa e menos disposta a abordar qualquer assunto com profundidade”. Aurelia escreveria mais tarde para a esposa de Ted Hughes: “Qualquer um que não tenha conhecido Sylvia *antes* que ela se submetesse ao primeiro tratamento [de eletrochoques] (e isso inclui a dra. B) *jamais conheceu Sylvia por completo.*”

No início de dezembro, Plath aparentemente saiu da depressão. Wilbury Crockett, seu professor do ensino médio, visitou-a e relatou a Aurelia que ela lhe pareceu feliz jogando bridge com outros pacientes e se comportando cordialmente. Até a tentativa de suicídio, ele jamais a vira deprimida, e agora parecia ter recuperado seu brilho. Sylvia disse à mãe que queria voltar à

Smith para o semestre que começaria em janeiro de 1954. No fim do mês, escreveu uma longa carta para Eddie e depois decidiu não enviá-la, entregando-a, em vez disso, à mãe, como um registro do verão de 1953. Aurelia incluiu uma parte da missiva em *Letters Home*.

Basicamente, Sylvia se apresentava como uma fraude que desperdiçara seu primeiro ano na Smith cursando as disciplinas erradas e se comprometendo a elaborar uma monografia sobre James Joyce, embora tivesse apenas um conhecimento superficial da sua obra. Exaurida após a provação de Nova York, ela se mostrara desapontada ao ver as amigas satisfeitas com as próprias conquistas. Insônia, consultas infrutíferas com psiquiatras e bloqueio de escrita contribuíram para a tentativa de suicídio. O corpo resistira às tentativas de autoafogamento, e ela ingeriu um número excessivo de comprimidos para dormir e atingir o esquecimento. Como a menina de “Tongues of Stone”, sentiu raiva do próprio resgate. Então a sra. Prouty interveio, e Sylvia se surpreendeu com a própria melhora — exatamente como a personagem de *A cova da serpente*, que contou com um terapeuta sábio e solidário. Sylvia também mencionou as cartas de Gordon Lameyer, que continuava a lhe escrever e prometia retornar mesmo não tendo recebido uma única palavra de Sylvia ao longo de quatro meses.

Em *Letters Home*, Aurelia identifica Eddie apenas como “E”, e omite o seguinte convite crucial: “Sinto falta de conversar com você (...) Por favor, me escreva de forma franca e plena sobre o que tem havido com você nesses últimos meses (...) Por favor, me censure, me acalme, me conte dos seus amores e perdas, mas fale comigo, viu? Como sempre, Syl.” Embora Sylvia não tenha enviado a carta entregue à mãe, algum tipo de versão dela chegou a Eddie, que respondeu em 29 de janeiro que não havia sido insistente o bastante para que ela procurasse ajuda psiquiátrica. Chegara mesmo a discutir o assunto com um amigo psiquiatra, que lhe disse que não cabia a

ele intervir no caso por falta de conhecimento do que estava acontecendo afora suposições baseadas num punhado de cartas. À pergunta de Sylvia sobre se ele lera notícias de sua tentativa de suicídio, Eddie admitiu que sim, mas achou melhor esperar que ela se comunicasse com ele. Foi então que disse à amiga o que ela provavelmente mais desejava ouvir: Ela parecia a velha Sylvia, aquela cujo “fluxo fácil de palavras” e “a comunicação eletrizante” o tinham atraído. Quando essa Sylvia sumira de suas cartas, ele se alarmara. Agora, porém, ela voltara a se recompor, insistiu Eddie.

O que importava a Plath, Eddie entendia, era sua capacidade de escrever — acima de tudo, o seu estilo. Quando perdera a capacidade de imaginar, era como se tivesse morrido, ponto esse que ela explora em “The Wishing Box” (A caixa dos desejos), publicado na *Granta* (1956). Agnes tem inveja dos sonhos extravagantes, literários e em technicolor do marido, que se tornam a matéria-prima da vida dele. Agnes tem apenas pesadelos vagos — em nada parecidos com os sonhos maravilhosos que tinha na infância com a “caixa dos desejos” e o Super-Homem, que sobrevoava o Alabama. Vai ao cinema e assiste à TV, mas sua imaginação se fechou. Ela entra em pânico e não consegue dormir à noite. A mente, já incapaz de formar imagens, é condenada a um “vazio perfeito”. Por ser oriunda de uma família longeva, ela teme a perspectiva de passar “dias e noites acordada e sem imagens”. Toma, então, os cinquenta comprimidos para dormir que lhe foram receitados e comete suicídio, ato que é apresentado como uma espécie de vitória nas últimas linhas da história, que descreve seu “secreto sorriso de triunfo, como se, em algum país distante e inatingível para os mortais, ela estivesse, finalmente, valsando com o príncipe moreno de capa vermelha dos seus sonhos infantis”. Tal história sugere que o ato de suicídio em si não é vergonhoso nem tão somente consequência de uma mente perturbada. Ao contrário, o suicídio em determinadas circunstâncias tem uma

inevitabilidade atraente, quando a capacidade humana de criar um mundo se desintegrou. A distância não é muito grande entre essa história e um dos últimos poemas de Plath, “Edge”, em que a mulher perfeita jaz com um “sorriso de realização”.

Sylvia escreveu sobre os primeiros meses do seu retorno à Smith em termos idílicos, descrevendo para Enid Epstein em 18 de janeiro os bosques cobertos de neve. Contou também de seus passeios à sombra das árvores no caminho para Northampton, sobre jogar bridge e outros jogos com amigos, frequentar a cafeteria com Marcia Brown para discutir Dostoiévski e assistir a bons filmes. Para Sally Rogers, que cogitava candidatar-se a uma vaga na Smith, Sylvia escreveu uma carta louvando a atmosfera aconchegante da instituição. Como aluna bolsista, Sylvia não se sentia deslocada, pois mesmo as alunas de famílias abastadas se vestiam informalmente. Havia tantos tipos de residência, grandes e pequenas, que Sally com certeza encontraria seu nicho. As turmas pequenas e os professores prestativos, que com frequência visitavam as residências, convinham a Sylvia, que não gostava da ideia de grandes anfiteatros. Sally podia ser tão sociável quanto quisesse ou se ater aos estudos e tirar proveito de membros do corpo docente que se interessavam pelas alunas, convidando-as a frequentar suas casas. Claro que houve momentos em que Sylvia ficara “triste”, mas depende de “você”, disse ela a Sally, transformar-se no que quiser — tarefa nada fácil, admitiu, quando “ainda se está crescendo, como acontece conosco”.

Não era possível morar na Lawrence House sem ter ouvido falar na dramática tentativa de suicídio de Sylvia. Várias calouras haviam lido contos dela na *Seventeen*. Marilyn Martin, da turma de 1957, se recorda de que era como se as paredes sussurrassem “Sylvia voltou, Sylvia voltou”.

CB Follett (’Lyn), turma de 1958, escreveu mais tarde um poema que captou a mística de Sylvia Plath:

We all knew, didn't know,
knew of her...
never pointed
just a flinch of our head
as she walked
cool and brilliant
along campus paths...

Todas sabíamos, não sabíamos
todas a conhecíamos...
jamais apontávamos
não mais que um meneio
quando ela caminhava
altiva e brilhante
pelas trilhas do campus

No poema de Follet, a cicatriz no rosto de Sylvia é o único indicador da sua diferença. Ela foi um daqueles que experimentou a morte e entrou na “câmara de choque”, voltando depois, de alguma forma novamente inteira, e fazendo os demais se sentirem frágeis. Parecia-se com outras estudantes com seu corte de cabelo *pajem a la June Allyson*, e, no entanto, “era, em sua camuflagem,/ um item exótico acrescentado à nossa coleção”.

Fora da Lawrence House, porém, o que havia acontecido era objeto de muita especulação. Ravelle Silberman, uma caloura com aspirações literárias que incluíam escrever poesia e seguir o exemplo de Plath, pensava, como outras colegas novatas, que Sylvia engravidara e viajara para ter o bebê. Uma gravidez indesejada costumava ser responsável pela interrupção dos estudos das meninas da Smith. Ravelle, que morava na Gillette House, não chegou a

conhecer bem Sylvia até que a escritora voltasse à Smith para lecionar. Para uma caloura como Ravelle, Sylvia e seu grupo na Lawrence House davam a impressão de ser um tanto esnobes em seus figurinos Smith cuidadosamente arrumados, enquanto Ravelle preferia jeans a saias. Ravelle se mantinha ao largo dessas bolsistas, mesmo frequentando a Smith com bolsa de estudos e compartilhando muitas aspirações literárias com elas. Sua fascinação por Plath viria mais tarde a fazê-la entender um pouco o casamento com Hughes e também a aura que Sylvia começou a criar para si mesma bem mais tarde em Londres.

Várias ex-alunas da Smith se lembram de sua admiração por Sylvia, uma aluna mais adiantada, popular e amistosa. A atenção da veterana as lisonjeava. Conforme escreveu numa carta para Phil McCurdy, Sylvia escolhera uma caloura, Kathleen Knight, para namorar seu irmão, Warren. Kathleen acreditava ter sido escolhida por ser alta, alourada e pálida como a cunhada e disse que Warren era tímido e muito meigo. Assim como Judy Denison, a futura física, Kathleen era uma bolsista que recebeu Sylvia como uma espécie de modelo alternativo. “Diziam às calouras que elas deviam aspirar a ser bons membros da ‘Liga Júnior,’” lembrou-se Kathleen. Em outras palavras, esperava-se que as mulheres abrissem mão das carreiras e se engajassem em trabalho voluntário com finalidade filantrópica ou educacional. “As bolsistas olhavam umas para as outras e diziam: ‘Como assim?’ Era para isso que haviam entrado na faculdade.” Judy resumiu a forma como muitas alunas da Smith se sentiam: “Alguém reclamava do próprio namorado que dizia não poder assumir um compromisso porque isso atrapalharia seus planos. E nós dizíamos: ‘Não podemos nem fazer planos enquanto não tivermos um compromisso.’”

Helen Lane, então no primeiro ano, se lembrou de que as alunas foram instruídas a não mencionar a tentativa de suicídio de Sylvia. Na verdade,

não era difícil tratá-la como uma aluna normal da Smith. Ela usava o cabelo na altura dos ombros, cortado em estilo pajem, e jogava um pouco para trás a cabeça quando ria. Usava meias três quartos, bermudas, suéteres de *shetland* e saias plissadas. “Um look muito universitário”, comentou Judy Denison, outra aluna do primeiro ano, que mencionou ainda que Sylvia tinha um sorriso deslumbrante, e Helen, que Sylvia ria com facilidade. Plath deu conselhos a Marilyn, que estava se candidatando a um estágio na *Mademoiselle*, e encorajou-a a participar de um simpósio no qual Alfred Kazin e o editor da *New Yorker* foram palestrantes. “Sylvia disse que frequentar a Smith era mais do que assistir às aulas. Ela me estimulou. Acho que não teria ido se não fosse por isso”, disse Marilyn. Plath sentou-se ao lado de Helen, então lendo T. S. Eliot, e discutiu “The Lovesong of J. Alfred Prufrock”. Helen ficou atônita ao descobrir que Plath também era uma jogadora de bridge muito competente e que jogava apenas com as melhores, enquanto as principiantes a observavam lidar com as cartas. Mais tarde, Helen pensou em Sylvia planejando cada movimento do mesmo modo com que estrategicamente criava cada linha de poesia ou prosa.

Em 25 de fevereiro, Sylvia datilografou uma animada carta de oito páginas e espaço simples para Jane Anderson. As duas não eram especialmente próximas, mas Jane crescera em Wellesley e namorara Dick Norton. Ela havia se interessado particularmente pelo caso de Sylvia e chegara mesmo a presenteá-la com os recortes de jornal que falavam do seu sumiço de três dias e da descoberta dela por Warren no porão de casa. Assim como Sylvia, Jane atribuía boa parte do seu desejo suicida à relação conflituosa com o pai. Admirava as conquistas de Plath, mas também acreditava que, por meio dos tratamentos de eletrochoques, teria pegado um atalho, sem jamais lidar com as causas subjacentes da sua tentativa de suicídio. Em *A redoma de vidro*, Jane é transfigurada em Joan Gilling, uma

colega de instituição psiquiátrica bastante misteriosa e uma espécie de cópia sua que Esther encara com um fascínio temeroso. No romance, Esther se recupera, mas Joan comete suicídio. No relato feito a Jane, porém, Sylvia se mostrou alegre, contando como se reajustara bem à vida estudantil — mensagem que parece endereçada à dra. Beuscher, já que Sylvia insistiu com Jane para mostrar a carta à terapeuta. Plath ficou satisfeita por ter seu velho quarto só para si, situação que se tornou possível porque as moradoras da Lawrence House garantiram que ninguém o ocupasse. Durante a leitura de Dostoiévski, o tema do suicídio veio à tona em sala de aula e, igualmente a Hester sentindo o calor da sua marca em *A letra escarlate*, Sylvia “teve certeza” de que sua cicatriz “cintilava simbolicamente”. Ainda assim, descobriu que não só era capaz de discutir o tema abertamente, mas também de se sentir uma espécie de especialista em suicídio — embora ninguém tivesse coragem de questioná-la a respeito da sua tentativa. Sylvia já tivera muitos encontros com rapazes e, a despeito de estar um ano atrasada e de saber que sentiria saudade de algumas de suas colegas formandas, aparentava contentamento, até mesmo felicidade, ante a ideia de passar mais um ano na Smith. Adorava os estudos, sobretudo as aulas de literatura americana e russa.

Sylvia também tinha um novo “alter ego”, Nancy Hunter, uma caloura que morava no quarto que Sylvia escolhera para o segundo semestre de 1953, mas jamais ocupara devido ao seu colapso nervoso. Nancy passara o primeiro semestre cercada pela aura de Sylvia Plath, ouvindo histórias sobre uma aluna que já se transformara em lenda. Na primeira vez que avistou Sylvia, porém, Nancy se espantou e exclamou: “Não me disseram que você era bonita.” Sylvia e todas as demais caíram na gargalhada. Nancy escreveu que ela poderia ter sido “uma aeromoça ou a heroína ingênua de um filme B. Não parecia torturada ou alienada; às vezes era difícil para mim acreditar

que ela havia sentido um impulso autodestrutivo”. Hunter achava que nenhuma foto que vira dela lhe fazia justiça, observação que Ted Hughes mais tarde repetiria. A julgar pela carta de Sylvia para Phil McCurdy em 15 de abril, Nancy não se expunha em conversas sobre sexo, guerra e pena capital. Uma carta posterior descreveu Nancy como “alta, magra, com um rosto encantador em forma de coração, olhos verdes, cabelos pretos e mais que uma semelhança de cor com certa odalisca de Modigliani”.

Uma poeta exuberante escreveu para a mãe em 16 de abril para contar que compusera seu primeiro soneto em um ano. “Doom of Exiles” detalha a descida de um mundo alegre de velas verdes “para o inferno assombrado por perigos demoníacos”. Como boa parte dos primeiros poemas de Plath, esse endurece quando ela produz um intrincado esquema de rimas e versos que é, ao mesmo tempo, notável, mas também artificialmente poético. Dessa vez, ela tentou equilibrar uma sensação de humanidade derrotada e seu desejo indomável de “quebrar a noz/ Que encerra o enigma da nossa raça”. Não é difícil imaginá-la — com um tesouro nas mãos, como relata Nancy Hunter em suas memórias — buscando a palavra exata, num processo torturante, trabalhoso.

Em 19 de abril, Sylvia anuncia à mãe que havia conhecido Richard Sassoon, cujo pai era primo do poeta britânico Siegfried Sassoon. Descreveu Richard como um esbelto “sujeito parisiense”, ainda que ele fosse um súdito britânico e tivesse parentes na Carolina do Norte. Ela se deleitava com a conversa *outré* que ele desenvolvia em cartas juvenilmente pretensiosas, boa parte das quais escrita em francês. Talvez Sylvia apreciasse seu jeito bastante decadente, tão incompatível com a cultura contemporânea. Gostava do seu “riso maldoso”. Ele se apresentava como um exilado, e sem dúvida isso a atraía.

Richard estudava em Yale, e Sylvia, familiarizada com New Haven após suas saídas com Dick Norton e Myron Klotz, notou, agradecida, o quanto Sassoon se diferenciava de seus contemporâneos. Constance Blackwell, da turma de 1956 da Smith, às vezes se juntava a Sylvia e Richard nos fins de semana em Yale. Blackwell se recorda de que Sassoon era “em geral visto como o mais inteligente e mundano de todos — era muito divertido e espirituoso. Era membro do Elizabethan Club, aonde fomos uma ou duas vezes tomar chá e fumar cachimbos de barro. Richard estava se preparando para ser uma grande figura literária”. Esse clube abrigava livros dos séculos XVI e XVII, bem como promovia saraus literários, enquanto criadas irlandesas em uniformes pretos e aventais brancos serviam a tradicional bebida inglesa. Em tal cenário, Plath deve ter se sentido suficientemente bem-vinda para nivelar-se a Richard Sassoon de uma forma que não lhe era possível com outros rapazes da sua geração. Na única conversa “de mulher para mulher” que Blackwell chegou a ter com Plath, Constance se lembra de ouvir de Sylvia: “Como é difícil falar sobre os nossos sonhos e ambições com rapazes que adoramos, pois eles têm seus próprios demônios de ambição.”

Mais de uma década depois, no outono de 1968, quando Yale se tornou mista, as mulheres ainda achavam a “masculinidade de Yale” acachapante. “Clubes onde os homens comiam, ruas povoadas de homens e até mesmo um programa de saúde dirigido ao sexo masculino. Caminhando por uma rua de Yale, sentimos nitidamente os olhares. Temos consciência de nós mesmas como objetos, objetos comuns para serem olhados e avaliados.” Janet Lever e Pepper Schwartz descrevem a própria experiência em *Women at Yale: Liberating a College Campus* (1971). “Esperava-se que fôssemos uma mistura de Margaret Mead e Scarlett O’Hara”, contou Lever a um entrevistador da *Time*. Bem, Sylvia Plath, que lera três vezes *E o vento levou*, estava preparada.

Richard fazia parte de um grupo masculino pouco usual, inspirado pelo carismático Henri Peyre, rotulado de “quintessência do homem francês” em seu obituário no *New York Times* (10 de dezembro de 1988). Autor de mais de trinta livros, inclusive *French Novelists of Today* e *The Contemporary French Novel*, Peyre contou numa entrevista à *Newsweek*: “O único esporte de que gosto é conversar com mulheres. A maior parte da vida é pura questão de nuança, e as mulheres ajudam os homens a perceber isso. Yale é um lugar demasiado masculino.” Para os acólitos de Peyre, a literatura era um estilo de vida. Na Smith, sugere Constance Blackwell, a literatura era mais uma espécie de aquisição, quase uma mercadoria. Sassoon e seus amigos eram donos de uma vulnerabilidade atraente, recorda-se ela, e eram simplesmente o perfeito antídoto para os beberrões de Yale. Sassoon e cia. eram autênticos. Quando bebiam, observou Constance, tomavam sherry, o que a situava, por assim dizer, a meio caminho da Inglaterra, onde era seu desejo estudar e amadurecer como escritora.

Assim, Richard Sassoon era quase como um sonho literário tornado realidade para Sylvia Plath. Ele parecia mágico, o tipo de amante que Plath descreve no refrão de sua *villanelle* “Mad Girl’s Love Song”: “Acho que inventei você na minha cabeça.” Em tantas saídas noturnas, Sylvia zombara de homens que não sabiam conversar com ela! Lamentava as próprias tentativas de livrar-se de quaisquer expressões originais que pudessem intimidar seus acompanhantes. Mesmo alguém como o literato Gordon Lameyer foi um projeto que Sylvia precisou moldar para que se adequasse à sua conveniência. Com Richard, ela não precisava invocar uma postura obediente para mascarar suas emoções genuínas. O Sassoon *soigné* era também um mestre no planejamento de encontros, excursões à cidade e eventos culturais. Sylvia costumava dizer que o achava baixo demais para ela, mas ainda assim, em sua opinião, um homem que transpirava

esteticismo era altamente atraente. A história, conforme ouviu Constance Blackwell, remonta ao pai de Richard, que havia iniciado o filho nas delícias do sexo levando-o até uma prostituta.

Sassoon tinha um carro Volkswagen, lembra-se Blackwell, e era “um tantinho hipocondríaco. Costumávamos fazer troça dizendo que ele e seu Volkswagen adoeciam ao mesmo tempo”. Sylvia contou a Phil McCurdy sobre uma parada num posto de gasolina em que se deleitou com a cena de si mesma dormindo no carro de Sassoon, sentada entre garrafas de vinho e livros sobre Baudelaire, atraindo a atenção que recebeu com “despreocupada indiferença”. Para Aurelia, ela quase se desculpou, descrevendo Sassoon como “um sujeitinho estranho e intuitivo cujos olhos são pretos e sombreados de modo a fazê-lo parecer um viciado em absinto (...) tudo isso combinado faz com que eu me sinta leve e alegre”. Sassoon foi decididamente um tônico boêmio para os encontros ortodoxos de Sylvia. Nancy Hunter achava que Plath havia transformado Sassoon num herói byroniano, mas também “num brinquedinho divertido”. Às vezes, a poeta dava mesmo a impressão de achá-lo repulsivo, dizendo à colega de quarto: “Quando ele me abraça, me sinto como a Mãe Terra com um pequeno inseto marrom subindo pelo meu corpo.” A única maneira que Nancy encontrou para explicar os contínuos encontros de Sylvia com ele foi concluir que “ela não podia resistir a explorar o bizarro ou a feiura, mesmo quando isso a atemorizava ou enojava, e não consigo deixar de pensar que para uma moça com um equilíbrio precário esse era um passatempo perigoso”.

Quando uma moradora da Lawrence House chamou Sassoon de verme, Nancy explicou o quanto ele fazia Sylvia se sentir poderosa. Marilyn Martin teve um vislumbre em primeira mão do diagnóstico de Nancy. Estava habituada a ver Sylvia com Gordon Lameyer, que segundo Marilyn era “o protótipo do americano (...) uma pessoa bonita e encantadora”. Sylvia e

Gordon formavam um casal maravilhoso, como o de um cartaz de cinema. Depois de um encontro com um sujeito de Amherst, Marilyn voltara com ele para a Lawrence House. Estavam na varanda, o local de namoro a que recorriam os casais enquanto as moças aguardavam o sino avisar que era hora de voltar para o quarto. Marilyn viu Sylvia se aproximar da varanda com um rapaz que lhe era desconhecido. Era baixo e moreno. Mais tarde, descobriu tratar-se de Richard Sassoon. Os casais em geral procuravam um canto escuro, mas Sylvia, à plena vista, praticamente atacou seu par, inclinando-se sobre Sassoon, que estava sentado numa mureta. “Foi um tanto constrangedor”, disse Marilyn. Sylvia estava “muito passional, mais passional do que a maioria ousaria ser ali na varanda”. Aquele era “um grau de sexualidade com o qual não me senti à vontade, (...) na literatura, sim, mas logo ali?”.

Constance Blackwell achava que Richard tinha um pouco de medo de Sylvia. Para o namorado de Constance, Alex Holm, um Sassoon chocado relatou ter ouvido dela: “Eu gostaria de poder levar seu pênis comigo para a Smith.” Ao contrário das garotas católicas e judias que Constance conhecia, a Sylvia protestante não parecia nutrir culpa alguma quanto a sexo. Ainda assim, atravessando o campus, ela parecia uma típica aluna da Smith, com o cabelo esvoaçante e a saúde robusta. Dava para imaginá-la empunhando uma raquete de tênis. A visão de Blackwell evoca Katharine Hepburn em seu auge. “Acho que Richard sabia que não fazia jus a Sylvia. Apesar de charmoso, ele não tinha aquele caráter forte. Quando vi Sylvia com Ted, me dei conta de que ele era suficientemente grande para ela”, concluiu Blackwell.

Sylvia admitiu para Phil McCurdy que não acompanhava totalmente o francês que seu “expatriadinho” falava com ela, embora decerto entendesse “*je t’adore*”. Que Richard era um pouco desgastante, porém, fica visível na confissão que faz a Phil, de que às vezes sentia falta de “um bom, saudável e

vulgar sol americano, suor, cantoria... *entendu?*”. Essa era, afinal, uma aluna ainda não diplomada da Smith que gostava de se gabar por escalar uma torre de 250 metros de altura com três outras para admirar “a coroa circular de luzes ao longe”, uma experiência ao mesmo tempo corajosa, apavorante e arrebatadora. O Sassoon paternalista e esquivo podia ser um tanto cansativo às vezes. Eis como ele tenta acalmar Plath: “Por favor, não diga que não me conhece. Isso me deprime um pouco (...) E você acha que eu me conheço suficientemente bem? (...) Tenho falado *muito* sobre o mundo — sem dúvida, não sem me revelar um pouco. E faço você sorrir, faço você rir — talvez tenha até feito você chorar —, esse não sou eu? Só eu?”

Eddie Cohen parece ter sido o único dos correspondentes de Sylvia a não levar ao pé da letra a sua recuperação. Em 28 de abril, ele escreveu uma resposta detalhada a duas cartas da amiga que descreviam seu colapso nervoso. Para ele, alguma coisa estava faltando. Por que chegara a uma depressão tão profunda no exato momento em que “a vida deveria estar no auge”? Ele percebeu que investigava experiências ainda delicadas, mas duvidou seriamente de que Sylvia pudesse continuar durante muito tempo sem entender o motivo por que escolhera aquela forma de suicídio e por que sua terapia inicial havia sido tão ineficaz. Ele lhe pedia, em resumo, para examinar as próprias reações: “Tentar sentir carinho por aquela velha vida em que as coisas eram relativamente descomplicadas pouco há de adiantar, e quando a realidade intervier, o que deve acontecer cedo ou tarde, você simplesmente vai tornar a voltar para o lugar de onde retornou recentemente.”

Voltando ao tema em 6 de maio, Eddie não desistiu — dessa vez chamando a atenção para o fato de Sylvia tentar incorporar seus pretendentes a histórias por ela própria inventadas. Eddie provou ser intratável quando apareceu sem avisar. Como Sylvia não fizera um script

para a ocasião, o que “poderia ter sido uma experiência excitante se transformou numa *débâcle* total”, queixou-se Eddie. A superorganizada Sylvia havia ficado devastada com a experiência na *Mademoiselle*, observou Eddie, porque uma parte considerável da sua rotina exigia que ela reagisse às exigências de terceiros: “Você gosta de tramar todas as possibilidades em seu futuro, à semelhança de um conto. Quando eu soube dos seus problemas no verão passado, não pude deixar de me perguntar o que não saíra da maneira como você planejara.”

Dois dias antes, Sylvia escrevera para a mãe: “Apenas um bilhete em meio a uma programação rigorosamente planejada...” Aparentemente ela se deleitava com um projeto de leitura de dez horas diárias que a ocuparia até o fim de maio, escrevendo para Phil, no dia 13 daquele mês, depois de “um dia cheio de disciplina rígida”, encerrando *Guerra e paz* e *Anna Karenina*. Aguardava ansiosa o verão — com um tanto de exuberância excessiva, revelou-se depois.

Plath voltou para casa com o cabelo tingido de louro. Uma Aurelia chocada acabou se adaptando e admitiu em *Letters Home* que a mudança embelezou a filha. Sylvia disse a Gordon Lameyer que achava que a nova cor do cabelo desviava a atenção da cicatriz facial. Depois de uma rodada de visitas a Nova York e uma curta estadia em Wellesley, Plath juntou-se a Nancy Hunter para passar o verão em Cambridge, estudando alemão num curso de férias em Harvard e comparecendo a vários eventos culturais. As duas visitaram Olive Higgins Prouty no caminho. As garotas, excitadas e irreprimíveis, comeram e repetiram sanduíches de pepino na maior “demonstração de esganação, em nada compatível com moças educadas”, escreveu Hunter.

Hunter forneceu um retrato impressionante do verão de Sylvia num livro de memórias escrito pela primeira vez na década de 1970, para corrigir

certos mal-entendidos sobre Plath. Apesar das ambições vorazes e dos interesses literários, a amiga, sob muitos aspectos, não passava de uma aluna convencional da Smith. Não era rebelde e, com efeito, reprovava o contingente de não conformistas da Lawrence House, que desdenhavam as convenções da Smith. Aceitava o mundo como ele era, observa Hunter, sem imaginar que ele mudaria muito — ou que tivesse alguma obrigação de desafiar suas convenções. Um dos projetos de Sylvia naquele verão, com efeito, era melhorar sua culinária, empenho que impressionou Nancy. O gosto de Sylvia era sofisticado e, embora as duas contassem com um orçamento modesto para refeições, ela em geral ignorava os itens básicos, esperando que Hunter cuidasse disso, enquanto se esforçava em suas criações. Apesar das queixas de Hunter quanto à preferência da colega de quarto por itens especiais, o que acabava corroendo os recursos limitados de ambas, Sylvia não dava atenção a tais preocupações, considerando-as problema de Nancy.

Plath não parecia, em absoluto, constrangida em discutir o colapso nervoso do verão anterior. Na verdade, fez um comentário surpreendente sobre Otto Plath (que não surpreendeu os leitores de “Daddy”), chamando-o de autocrata e dizendo: “Eu o adorava e desprezava, e provavelmente desejei várias vezes que morresse. Quando ele me satisfez e morreu, achei que o tinha matado.”

As colegas de quarto combinaram aceitar todos os convites que incluíssem jantar, embora Nancy, cautelosa, tenha se arrependido quanto a um professor, identificado como “Irwin”, que conheceram do lado de fora da Biblioteca Widener, onde Esther Greenwood encontra seu Irwin em *A redoma de vidro*. Segundo Steiner, Irwin depois ligou e convidou Nancy para sair. Ela ficou surpresa ao saber, a caminho do jantar, que ele seria o cozinheiro. Nunca havia ficado a sós com um homem em tais circunstâncias

e somente concordou em acompanhá-lo quando ele lhe disse que manteria a porta aberta e que sua senhoria estava por perto. No curso da noite, porém, o rapaz fez uma investida e acabou perseguindo Nancy pelo apartamento. Ela escapou e contou seu infortúnio a uma Sylvia intrigada. Quando Irwin telefonou, Plath atendeu e acabou concordando, para espanto de Nancy, em sair com ele. A mensagem era clara. Plath se achava capaz de lidar com um homem assim, um “lobo”, na linguagem da década de 1950. Com efeito, escreveu para Gordon Lameyer sobre a tendência de Nancy a exagerar em suas reações. Nancy era como “o sol prateado num lago escuro e turvo, e sua calma, o resultado de tensões que se rompem em casa em gritos estridentes e neuróticos”. Aprender a lidar com Nancy fora proveitoso para ela, confessou a Gordon, já que lhe ensinou a trabalhar a própria equanimidade para compensar as “eternas crises” da amiga.

Mas ela voltou do encontro nervosa, sangrando copiosamente. Admitiu que Irwin a estuprara. Uma Sylvia apavorada — com medo mórbido de hospitais e do tipo de atenção recebida após a tentativa de suicídio — fez Nancy ligar para um médico que Irwin anteriormente chamara para tratar de Sylvia, e por telefone Nancy anotou as instruções dele sobre como estancar a hemorragia. Quando perceberam que o sangue não era estancável, Nancy finalmente convenceu Sylvia de que precisavam procurar um hospital. Nancy ligou então para Irwin, insistindo para que ele as levasse de carro até lá, para encontrar o médico, e que pagasse o tratamento de Sylvia. No hospital, Nancy ouviu o médico dizer que a paciente não teria mais complicações, acrescentando depois que o que lhe acontecera não era surpresa. Ele já tratara de outras na mesma situação. Para espanto de Nancy, Sylvia continuou saindo com Irwin.

Como explicar esse aparente masoquismo? Como sugere o comentário de despedida do médico, a concepção de abuso sexual na década de 1950 era

bastante diferente das atitudes contemporâneas relativas a tal comportamento. Para os Irwins daquela época, as mulheres eram objeto de escárnio, e por culpa própria. Como Sylvia via sua culpa não está claro, sobretudo quando Hunter, ao que tudo indica, desconhecia as motivações da colega de quarto.

Sylvia talvez não fosse capaz de explicar a si mesma o próprio comportamento. Dava a impressão de estar passando por uma transformação, levando Eddie, já irritado, a queixar-se em 10 de agosto de que suas cartas eram “demasiado pobres”. Ela o driblava, provocando e seduzindo, concluiu Eddie. Nancy observou que “Sylvia parecia considerar os homens como objetos manipuláveis a seu bel-prazer”. Ambas continuaram amigas, mas jamais voltaram a ser tão próximas. Nancy acreditava que Sylvia “sugava a essência das pessoas como doses de uma droga psicodélica única, destinada a expandir sua consciência. Às vezes, tenho a impressão de que ela se esquece de que os outros têm emoções e vontades próprias”.

Kay Quinn, uma das alunas da Smith que dividira o apartamento em Cambridge com Sylvia e Nancy, contou mais tarde a Helen Lane que a jovem agia “de modo estranho” às vezes, levando-a a desconfiar de que ela não havia superado o comportamento que resultara na tentativa de suicídio. Kay também mencionou um incidente em que Sylvia, sangrando muito na vagina, lhe pediu para acalentá-la. Se tal incidente está ou não relacionado ao estupro de Irwin não é algo claro. Mas o impetuoso envolvimento de Plath com Irwin — mesmo após ter sido alertada por Nancy — soa como precursor de seu desejo posterior de fisgar o assustador Ted Hughes.

Os relatos sobre Irwin no livro de memórias de Nancy Hunter Steiner e em *A redoma de vidro* são tão similares que o especialista em Plath, Peter K. Steinberg — depois de observar que Irwin é chamado de Edwin na biografia

de Paul Alexander —, resolveu ir atrás do homem real. No Arquivo Frances McCullough, na Universidade de Maryland, Steinberg descobriu uma carta do poeta Donald Hall, datada de 11 de janeiro de 1975, especulando que o amigo Edwin Akutowicz fosse Irwin. Akutowicz acabara de escrever uma carta para Hall expressando surpresa pelo fato de que a Sylvia Plath com quem saíra tivesse ficado famosa. Hall chamou Edwin de “totalmente desligado. Ele saía por aí fazendo amor com qualquer mulher, num ritmo extraordinário, sem afeto algum, ao que tudo indica”. Essa descrição certamente se encaixa com o alheio Irwin do romance e das memórias, assim como o fato de que, igualmente a Irwin, Edwin (com um diploma de doutorado em Harvard em 1948) era um professor de matemática. Em 10 de março de 1975, McCullough escreveu para Akutowicz, explicando que editara as cartas de Plath e estava curioso para saber sua impressão sobre Sylvia, que, à época em que Edwin a conhecera, apenas começava a se reconectar com o mundo após a tentativa de suicídio.

Em 25 de março, Akutowicz respondeu, observando que ainda podia ouvir o “riso delicadamente malicioso” de Sylvia na lembrança superficial que tinha dela. Não detectara quaisquer “tensões profundas” na moça. Com efeito, à primeira vista, alguém poderia supor que ela fosse “bonita e burra”. Mas Sylvia não era nada disso, acrescentou. Na verdade, lembrava-se não somente das conversas sobre poesia (em especial sobre Edmund Spenser), mas sobre probabilidade, assunto de óbvio interesse para um matemático. Recordou-se do caloroso riso e da descrição sem constrangimento feita por ela sobre o fato de ter entrado engatinhando no porão para tirar a própria vida. Era menos neurótica do que a maioria das jovens que ele conhecia. O que a tornava incomum, a seu ver, eram as lembranças bastante sombrias que Sylvia tinha do pai, a dedicação intensa à poesia e a forma como ela “lidava com a ideia de suicídio como uma realidade”.

No fim do verão, Sylvia voltou para a casa da família em Wellesley. Escreveu cartas muito animadas para Aurelia, que tirara o verão para estar com os pais em Cape Cod e para se recuperar de uma úlcera hemorrágica recorrente. Para outras pessoas, Sylvia fazia referência passageira à sua “mãe muito atraente, porém nervosa, a quem encontro o mínimo possível”. Mencionou fins de semana agradáveis em que cozinhava para Gordon Lameyer. Os dois haviam consultado a dra. Beuscher, de quem Sylvia ainda dependia.

Quando voltou à Smith para cursar seu último ano, Sylvia resolvera candidatar-se a uma bolsa da Fulbright para estudar em Oxford ou Cambridge. Estava reunindo suas referências: Elizabeth Drew, Mary Ellen Chase e Newton Arvin, todos membros destacados do corpo docente da Smith, professores de sua predileção e escritores com reputação nacional. Sylvia achou que uma carta da dra. Beuscher seria a melhor forma de lidar com a história do colapso nervoso e da internação, que resultara, na opinião de Plath, na cura total. Também estava se candidatando a um curso universitário, com Harvard, Yale e Colúmbia no topo da sua lista. Deixara o cabelo voltar ao castanho natural para enfatizar uma aparência recatada de moça estudiosa.

No outono de 1954, fez amizade na Smith com Elinor Klein, cuja expectativa era encontrar uma “menina tímida de óculos e sem graça, acuada num canto e agarrada ao seu Dostoiévski”. Aquela, porém, era uma beleza esguia, com “grandes olhos escuros e meigos”, uma “boca larga e risonha” e uma “baita cabeleira clara”. Sylvia imediatamente dispensou quaisquer “atitudes de adoração”, mostrando a Elinor os comunicados de rejeição que recebera, dos quais parecia ter orgulho por serem prova de que trabalhava duro. As duas conversaram ininterruptamente na primeira de

muitas tardes gloriosas. Klein se lembrou com ternura do humor da amiga, que brotava sem esforço, mesmo durante as “conversas mais sérias”.

Jody Simon, da turma de 1955 da Smith, conheceu Sylvia superficialmente. As duas frequentavam a mesma aula de filosofia, onde Simon percebeu que os comentários de Plath eram especialmente perceptivos e interessantes. “Ela sempre me pareceu meio trêmula”, além de brincar com o próprio cabelo, lembrou-se Jody. “Eu achava que se tratava de uma intensidade interior exteriorizada.” A impressão geral de Simon, contudo, era de uma pessoa calma e confiante. “Eu passava a sensação de ser tímida e reticente, fui descrita como ‘calada’ no anuário de 1955, e sentia que Sylvia se voltou para mim de uma forma gentil, interessada e atenta.” No curso de alemão, Darryl Hafter observou uma Sylvia calada e discreta aos poucos dominar o idioma, apresentando à turma um poema de Rilke numa impressionante tradução de próprio punho para o inglês.

Sylvia atribuiu seu alto astral naquele outono ao verão boêmio, sugerindo à mãe que havia sentido necessidade de tirar uma folga do seu eu pragmático — aquele que seguia horários, atrelado a seu lado puritano. A dra. Beuscher evidentemente a encorajara a isso, para livrar Sylvia do espírito de “boa moça”, que a deixara ressentida com a mãe, a encarnação do decoro modesto e bem-comportado. Para Nancy Hunter, porém, ela foi longe demais na direção oposta, não só abandonando o comportamento tradicional de uma aluna da Smith, mas mostrando uma falta de bom senso inquietante. Sylvia racionalizava suas “experiências ardentes” como uma forma de aprender “do modo difícil” a ser independente.

Ela estava ciente da própria tendência a se automitologizar quando se voltou para Dostoiévski a fim de preparar uma monografia de fim de curso: um estudo do duplo em seus romances. No que talvez seja o trecho mais revelador do estudo, Plath se pergunta se Golyadkin, o protagonista de *O*

duplo, lida com um alter ego real ou simplesmente com uma projeção da própria imaginação. Ela cita diversos críticos que reprovam Dostoiévski por ele não esclarecer o sentido de realidade de seu personagem principal. Plath concorda, mas obviamente a questão em si — o que é real — mexeu com suas emoções mais profundas. O que ela escreveu a respeito da própria infância em ensaios como “Ocean 1212-W” e “America! America!” faz parte desse mito essencial. Não seria a “Plath” de seus diários e cartas também seu duplo e alter ego?

Marilyn Martin se lembra de uma conversa com Plath sobre o romance *Retrato de uma mulher*, de Henry James, “é como, às vezes, nos transformamos naquilo que lemos. Entramos nesse mundo. Sylvia e eu conversamos sobre isso. Sobre a diferença da leitura quando se tem de escrever a respeito em vez de ficar de fora e criticar. Identificando-se com os personagens”. Como tantos artistas criativos, a poeta absorvia a arte pela corrente sanguínea e lhe custava um esforço razoável funcionar fora dessa sensibilidade assimilada e escrever conforme um crítico literário. Com efeito, em seu primeiro trabalho para a disciplina de Inglês na Smith, ela ficara extremamente desapontada ao receber um B-. Frequentemente se diz que suas preocupações quanto a sair-se bem na Smith eram produto do seu perfeccionismo, mas esse tipo de análise ignora como devia ser extenuante para uma sensibilidade como a dela acomodar-se ao modelo acadêmico de aprendizado. Sua monografia sobre Dostoiévski prova que ela era capaz de aprender a produzir um trabalho acadêmico muito bom, mas suas cartas também mostram que produzi-lo foi estressante. Sua mudança de Joyce para Dostoiévski também sugere que ela encontrou um tema no autor russo que ecoava mais profundamente em seu íntimo do que qualquer escrito de Joyce.

O fato de Sylvia Plath ter ciência de suas tendências para mitologizar não significa, é claro, que pudesse controlá-las ou que não cometesse erros,

confundindo sonho com realidade, como faz Golyadkin. Partir para a Inglaterra com uma bolsa da Fulbright (se tivesse sorte de ganhá-la) seria mais um teste, escreveu para a mãe em 13 de outubro. Aceitar a bolsa de estudos significaria abandonar a segurança da terra nativa, descobrir novas amizades e tentar vencer num mundo formidável e intelectualmente desconhecido. Conforme elaborava seu primeiro pré-projeto de mestrado, Sylvia se preocupava em ter algo novo a dizer sobre um tópico antigo. Não era isso também o que a Inglaterra representava? A ousadia de sair-se bem numa cultura muito mais antiga que a dela e ameaçadora para uma americana? Ela não pensou, contudo, que também a Inglaterra viria a se tornar um projeto Sylvia Plath, vista através de suas lentes especiais, capazes de distorcer, bem como descobrir, a realidade.

O mundo literário ficou mais palpável para Plath quando ela conheceu Alfred Kazin, autor de *On Native Grounds* e renomado crítico literário americano, que estava dando um curso na Smith. Sua descrição de uma figura lacônica e distante é adequada. Em *New York Jew*, Kazin se recorda de que ela não se diferenciava de qualquer outra aluna da Smith. Quando lhe mostrou seu trabalho, ele desconfiou, por achá-lo por demais burilado e profissional. Sugerindo que ela lhe apresentara um plágio, Kazin deu o nome da revista em que o vira. “Eu sei”, respondeu Plath. “Ele já foi publicado.”

Kazin se animou quando percebeu que se tratava de uma autora publicada e extremamente séria com seu ofício. Gostou de que ela tivesse trabalhado durante o curso na faculdade. Sentia-se desapontado com seus alunos apáticos e, a princípio, supusera tratar-se simplesmente de mais uma “garotinha mimada da Smith”, escreveu Sylvia para a mãe em 23 de outubro. Ele a convidou para assistir a suas aulas como ouvinte, o que Sylvia aceitou, decidida a aprender o máximo possível com “um homem como aquele”, que lhe disse que a turma precisava da sua contribuição. Ela não fez conjecturas,

mas o que Kazin lhe oferecia era outra versão de independência. Kazin levava a sério o dinheiro e as honrarias do mundo acadêmico, mas, ao contrário de outros professores, não fazia realmente parte daquele mundo. O importante era escrever; não havia desculpas para não fazê-lo. “Você não escreve para se sustentar; você trabalha para sustentar seu ofício de escritora”, foi a mensagem dele para Plath; mensagem que ela transcreveu para a mãe. Logo Sylvia se tornou uma favorita de Kazin. Constance Blackwell ainda pode ouvi-lo chamar: “Syl-via, Syl-via.” Na carta que enviou referendando a candidatura de Plath a uma vaga na universidade, Kazin observou que não era seu hábito recomendar alunos — e menos ainda com os superlativos usados para descrevê-la. “Ela é uma pessoa a ser observada, a ser estimulada — e a ser lembrada”, concluiu.

Sylvia ainda tinha como meta publicar na *The New Yorker* e na *The Atlantic Monthly* e se entusiasmou com o interesse de Kazin por ela — que incluiu uma espécie de sarau na casa do mestre, lendo e discutindo seu conto “Paula Brown’s Snowsuit”. Ao mesmo tempo, continuava a personificar a “moça comum” — para citar o comentário em *New York Jew*, a “primeira a tirar a mesa depois do café”. Sylvia não parecia ter medo de criar esperanças, pois, como disse a Aurelia em 7 de dezembro, adorava viver “em suspense”. Kazin a convidara para um almoço informal e estava escrevendo uma recomendação referente à sua candidatura a uma bolsa da Woodrow Wilson. Fica claro, em seu último comentário sobre Kazin, quão extravagante Sylvia podia ser: “Tenho veneração por ele.” Mas para Kazin, ela dava a impressão “de reservada ao extremo. Eu nada sabia a seu respeito e jamais esperei saber”. Ela simplesmente projetava uma imagem de perfeição, a mascote do que ele chamou, em *New York Jew*, “o nervoso Departamento de Inglês”.

Plath passou parte dos feriados de Natal em Nova York, com Sassoon no papel de Príncipe Encantado para sua Cinderela, conforme ela descreveu numa carta para uma amiga. Gordon Lameyer, ainda bastante presente na cena, estava na escola da Marinha na Virgínia. Numa típica descrição do próprio itinerário, Sylvia mencionou um café da manhã de ostras num cenário que não destoaria num filme romântico de Hollywood, encerrando o dia, ao estilo do cinema *noir*, “falando com detetives no 16º. distrito policial”.

Continuava a escrever poesia para um curso de escrita criativa, e enviou um conto para o *Ladies Home Journal*, que rejeitou o trabalho, mas pediu para que ela o reescrevesse — um sinal encorajador, já que as rejeições costumavam incluir um convite para o envio do conto seguinte. Mais rejeições se seguiram, do *The Saturday Evening Post* e de outras revistas; contudo, ter sempre algo encaminhado a um editor parecia impulsioná-la. Afligia-se com o que lhe soava como uma chance remota de estudar em Oxford ou Cambridge, e vivia avaliando qual delas seria mais vantajosa, considerando que, conforme disse a Aurelia em 29 de janeiro, “escrever é a primeira paixão da minha vida”.

A forte inclinação de Sylvia Plath apontava para o estudo e talvez o magistério no estrangeiro. Seu pacifismo e sua noção de solidariedade internacional a faziam repudiar a Guerra Fria americana e o macarthismo, que ela desejava combater, como deixou claro numa carta para Aurelia em 11 de fevereiro, atuando de acordo com sua percepção de que “novas raças vão influenciar o mundo (...) à semelhança do que aconteceu com os Estados Unidos na sua época áurea”. Sylvia pensou em ensinar em Tãnger. Então, em 15 de fevereiro, escreveu para Aurelia anunciando que fora aceita em Cambridge e que o Departamento de Inglês da Smith a apoiava na sua rejeição “aos diplomas americanos automatizados... P.S.: Os homens ingleses

são fantásticos!”. Escrevendo vários poemas por semana, ela também vinha pensando em submeter um livro à aprovação para ser incluído na série *Yale Younger Poets*.

Novas visitas excitantes a Nova York e uma carta encorajadora da *The Atlantic Monthly* fizeram da primavera de 1955 uma reprise da malfadada estação de 1953, quando o surto eufórico de sucesso e atividade frenética só haviam servido para deixá-la em pânico. Dessa vez, porém, ela se aproximava da formatura e estava contente com sua dissertação e seu orientador, o professor de literatura russa George Gibian. Ele se impressionara profundamente com ela, descrevendo-a para Edward Butscher como a aluna ideal. Até mesmo uma sugestão “capenga” vinda de Gibian transformou-se num maravilhoso capítulo do trabalho, lembrou-se o professor. Sylvia também fazia as vezes de babá para Gibian e escreveu com entusiasmo para Gordon Lameyer: “Peguei os gêmeos deliciosamente morninhos no colo e lhes dei mamadeira (depois de cinco copos de sherry, senti um impulso incontrolável de me despir e amamentá-los).”

Sylvia continuou sob a influência tranquilizadora da dra. Beuscher, a quem consultava periodicamente, bem como sob o estímulo sóbrio de Alfred Kazin e a atenção generosa da professora Mary Ellen Chase, que se assegurou de que ela soubesse, passo a passo, a impressão causada pelo seu pedido de admissão e o que esperar em seguida. Sylvia fez novas amizades, propositalmente evitando isolar-se como fizera antes da tentativa de suicídio. Sue Weller se tornara uma amiga tão próxima quanto Marcia Brown, e Sylvia convidou-a para passar as férias de primavera em sua casa.

Continuou a se encontrar com Gordon Lameyer e chegou a pensar, brevemente, em ficar noiva dele, decidindo em contrário porque não queria podar oportunidades nem ser onerada com o compromisso de suprir apoio à carreira do rapaz, assim evitando mais um envolvimento constrangedor do

tipo que fugira com Dick Norton. Richard Sassoon era uma outra história. Ele podia escrever apaixonadamente, mas jamais mencionou o assunto casamento: “Carrego o nome do amor esta noite e me sustento sozinho e sozinho me retiro para o leito do tédio e carrego meu amor como uma cruz — inconformado por você não estar comigo — e praguejo enlouquecido porque é verdade — oh, deus das divindades, mantenha ao largo os *pidgins!* Ah, vencer a morte — não evitá-la —, mas tê-la de quando em vez — entre agora e então —, até lá, todo o meu amor, Richard.” Tais cartas evidentemente divertiam Sylvia, que propôs levar Sassoon com ela numa das visitas a Olive Higgins Prouty.

Ela começava a conhecer grandes poetas contemporâneos como Marianne Moore e John Ciardi. Fez uma leitura pública do seu trabalho para um concurso de poesia intercolegial (empatou com outro concorrente no primeiro lugar) e gostou de levar a plateia ao riso. Mais tarde, a emissora de rádio universitária gravou-a lendo seu trabalho. Moore causou-lhe uma forte impressão, lembrando uma espécie de fada madrinha e demonstrando o desejo de conhecer Aurelia, informou Sylvia à mãe numa carta em 16 de abril. Uma carta da *The Atlantic Monthly* pediu a revisão de um poema, revisão que Sylvia temeu pudesse arruinar a espontaneidade do trabalho. Ela admitiu, pesarosa: “Há uma luta em mim entre o oportunismo maquiavélico desesperado e a ética artística isenta.” O primeiro venceu.

Plath ficou eufórica ao receber uma carta de Ciardi chamando-a de poeta de verdade. Também tinha esperanças de que o mês de maio trouxesse mais publicações na *Vogue*, na *The Atlantic Monthly* e na *Mademoiselle*, bem como muitos outros prêmios da Smith. Ler as cartas dela é como fazer as rondas do desejo perpétuo. Dessa vez houve menos decepções. Esforçando-se por mostrar como Sylvia se sentia realizada no fim da primavera de 1955, Aurelia mencionou o telefonema de aniversário dado pela filha em *Letters*

Home: “Obrigada, mãe, por me dar a vida.” No início de maio, Sylvia foi convidada para o júri de um concurso num festival de escritores nos Catskills. Adorou o trabalho e a atenção recebida — equivocadamente achando, porém, que seu bom desempenho público significava que lhe agradaria a carreira de professora.

A concessão oficial de uma bolsa da Fulbright para estudar em Cambridge foi anunciada no fim de maio, ao mesmo tempo que Edward Weeks, editor da *The Atlantic Monthly*, lhe escreveu para dizer que a versão original de “Circus in Three Rings” era melhor do que a revisão que a revista pedira. Ele publicaria o trabalho na edição de agosto. Depois do telefonema em que lhe pedia mais trabalhos, Sylvia comentou praticamente às gargalhadas com a mãe: “Aquela fortaleza de respeitabilidade conservadora bostoniana foi ‘conquistada’ pela sua filha que anda na corda bamba!” Na mesma carta de 21 de maio, Plath listava os onze prêmios que recebera naquele ano, totalizando 470 dólares. Na formatura, ouviu Adlai Stevenson fazer o discurso de paraninfo, viu Marianne Moore receber um diploma honorífico, retribuiu o aceno de Alfred Kazin enquanto recebia seu diploma e sussurrou no ouvido da mãe: “Minha taça transborda!”

A apoteose de Sylvia parece ter atingido o ápice em junho, quando cartas de Gordon Lameyer e Richard Sassoon chegaram com homenagens de tirar o fôlego — e, no caso de Sassoon, com um novo e quase suplicante erotismo que complementava a adoração sincera de Lameyer: “Com você (...) descobri uma linguagem, um modo de olhar a vida, uma beleza nos paradoxos terríveis. Você me deu coragem para trabalhar no escuro, energia para me concentrar no trabalho, visão para ignorar os mestres que me olham de cima com um risinho gélido, confiança para atuar na peça vital de Hamlet. Tomei tudo o que você tinha a dar — e você me deu mais que qualquer outra pessoa.” Sassoon escreveu sua carta em 4 de junho, um dia depois,

humilhando a si mesmo enquanto a exaltava: “Oh, minha doce querida e sábia Sylvia! Você fará com que os céus respondam um dia (...) se jamais eu chegar lá (...) e chegarei.”

Um novo tom de urgência, beirando o pânico, invade as cartas de Sassoon nesse verão, quando ele se dá conta da possibilidade de perdê-la: “Não acredito ser capaz de amar outra mulher tão profundamente, com tamanha felicidade, tamanha tristeza, confiança, desespero, tão plenamente (...) algo em mim se rompeu (...) Adeus minha amada Sylvia (...) o amor — é uma coisa enorme, mesmo quando fracassa. E foi o amor realmente que falhou ou fracassou, não foi? Porque ele vive.”

No dia seguinte, 19 de julho, Sylvia comentou com a mãe que em Cambridge ela saía para jantar e assistir a uma peça com Peter Davison, mais um de seus amantes naquele momento. Alfred Kazin apresentara Plath a Davison, então com 27 anos e editor na Harcourt, Brace. Na Smith, Davison encontrou a típica formanda, robusta e ingênua, mas também motivada a escrever e cheia de perguntas sobre o mundo editorial. A aluna da Smith convencionalmente bonita usando o tradicional conjunto de saia e suéter forjava uma “aliança curiosa, até mesmo perturbadora” com sua intensidade de expressão, observou ele em *Half-Remembered*. Davison pediu a ela para lhe mostrar seu primeiro romance quando o escrevesse. Ele pareceu especialmente conveniente para o verão antes da partida de Sylvia para Cambridge porque, conforme confidenciou à mãe, sua voz soava “agradável, britânica e como *tweed*”. Era um diplomado de Harvard que escrevia poesia, e seu pai, um poeta escocês, contou Plath a Warren.

O caso de amor começou tranquilamente com um jantar e Sylvia pulando na cama de Davison com bastante naturalidade. Ele logo descobriu que ela era dura com seus amantes e suspeitou não lhe fazer jus. Por partilharem certa “reciprocidade”, apenas Richard Sassoon parecia tê-la

satisfeito sexualmente. Assim como Eddie Cohen, Davison sentiu Plath se retrair. Apenas uma vez sua máscara caiu, quando ela revelou os tenebrosos detalhes da sua tentativa de suicídio e a hostilidade em relação à mãe, bem como o desdém pelo pai, “uma espécie de professor conservador que lidava com insetos em Boston”. Davison achou Plath uma companhia fascinante, que partilhou livremente suas ambições e experiências, assim como ele fez durante o romance de verão, que terminou abruptamente após uma visita de Plath à mãe.

Ele conheceu Aurelia e ficou impressionado com seu formalismo e correção quando ela o recebeu como se estivesse recebendo um dos sérios pretendentes à mão da filha (Eddie Cohen tivera recepção similar). Em casa, Sylvia tratou a mãe com afeição. Em seu passeio com Sylvia mais tarde, a história foi outra — não só com relação a Aurelia, mas também a ele. Ela o fez saber que o envolvimento de ambos chegara ao fim agora que partiria para a Inglaterra. Dispensou-o de uma forma que o fez sentir-se usado e bastante imaturo, ainda que inicialmente ela o tivesse tratado com respeito. Em seu diário, Plath explicou ser “demasiado séria” para Davison, e que apenas Richard Sassoon entendia a natureza da sua “felicidade trágica”. Embora o caso com Davison tenha sido curto, ele retornaria mais tarde como uma figura importante na carreira editorial de Sylvia — e mais tarde, ainda, nas disputas biográficas envolvendo o patrimônio da escritora.

Tudo parecia sob controle para Plath. Gordon Lameyer escreveu dizendo que esperaria por ela, e Richard Sassoon permaneceu em cena com suas loas: “Sylvia, você é uma grande mulher, saudável, poderosa!” Que ela jamais se esquecesse disso, mesmo quando não estivesse se sentindo assim, escreveu Sassoon em 9 de agosto numa carta com tom extraordinariamente paternal. Em *Letters Home*, Aurelia não menciona estresse algum entre ambas durante esse verão, mas as cartas de Sassoon se referem ao próprio pesar por haver

“tanto ódio e frustração em sua casa”. Sabendo que estava tocando num assunto delicado, o cauteloso Sassoon mesmo assim aventurou-se a alertá-la: “Acredite que não é bom deixar a própria casa com um gosto amargo pairando no ar. Sobretudo porque nunca se sabe o que há de acontecer na nossa ausência. Por favor, Sylvia, pense nisso. Apenas diga que ela é uma cadela e depois se conforme em aguentá-la somente mais este mês. Afinal, foi esse o seu propósito quando decidiu passar o verão em casa, e você se sentirá melhor se tiver realizado algo aí...” Sem a resposta de Sylvia, é difícil dizer exatamente o que a perturbava ou como ela reagiu à admoestação de Sassoon — ou o que fez a esse respeito.

Com outro ânimo, Plath era perfeitamente capaz de confessar, como fez a Warren em 28 de julho, que já estava sentindo as saudades de casa que começavam a bater sempre antes que partisse em suas viagens. Queria que ele soubesse o quanto ela o amava. Esperava que ele confiasse nela e que lhe escrevesse durante os dois anos de sua ausência. Andava perdida em “uma triste fase de incrível nostalgia”. Não dava para saber qual Sylvia Plath encontrar a cada dia. “Minhas asas precisam ser testadas. Oh, Ícaro...”, declarou ela a Warren.

CAPÍTULO 4

EU SOU A NATUREZA

(1955-57)

Setembro de 1955: Plath chega à Inglaterra; **25 de fevereiro de 1956:** primeiro encontro impactante com Ted Hughes; **16 de junho:** Plath e Hughes se casam e passam a lua de mel na Espanha; **1957:** ela obtém seu diploma de Cambridge, e o casal se muda para os Estados Unidos.

Em setembro, Sylvia partiu de navio para Londres, aproveitando o percurso para um breve romance a bordo e fazendo uma escala na França, onde “os homens sabem como olhar para a gente”, garantiu a Elinor Friedman Klein. Ela se deleitou com os séculos de tradição londrina, imbuídos da luminosidade prateada e nebulosa de um quadro de Constable. Caminhou quilômetros nos parques, fez um tour pelo Soho e visitou a National Gallery na Trafalgar Square, um pub dickensoniano e quiosques de venda de livros. Já começava a reunir numa lista as revistas literárias britânicas às quais enviar seus trabalhos.

Cambridge não a desapontou. Ela continuava naquele romântico humor de viagem que tornava sua toca encantadora com um fogareiro e uma lareira, que significavam, é claro, a ausência de aquecimento central. Os jardins formais, “as estranhas ruas curvas”, o rio Cam e a King’s Chapel

faziam parte de um quadro pitoresco, intimista, que Sylvia pintou de si mesma. Cercada pelos seus livros, esperava comprar um conjunto de chá e gravuras para pendurar nas paredes nuas. “Aqui tudo há de começar de novo”, escreveu a Aurelia em 3 de outubro. Estudava os clássicos das eras antiga e moderna, filosofia e ética, além de crítica literária. Descreveu o controverso crítico literário F. R. Leavis dando aula: “um homenzinho magnífico, ácido, malevolamente espirituoso e igualzinho a um duende de pernas tortas”. Sylvia esperava que Richard Sassoon fosse realizar o desejo dele de estudar na Sorbonne, achando que não poderia haver acompanhante melhor durante sua incursão a Paris.

Em meados de outubro, ela foi a uma festa no Labour Club e vinha tendo encontros (os homens eram mais numerosos que as mulheres, numa proporção de dez para uma, em Cambridge). No topo da lista estava Mallory Wober, alto, moreno e bonito, um londrino que passara quase uma década na Índia. Ele a levou para remar no rio Cam e a fez lembrar-se de Dmitri Karamazov, escreveu Sylvia para Elinor Friedman Klein. Com efeito, Plath acolheu Wober como um personagem de ficção, como o “moreno Dmitri Karamazov esculpido nas pedras do Himalaia”, que desceria sobre ela “numa nuvem escura”, deixando atônito o “maometano cansado que provavelmente estará tentando com afinco enforcar-se com metros e mais metros de fita sagrada convenientemente fornecidos por um ogro invisível que mora debaixo da escada”. Outros “camaradas” a levavam para tomar chá, para almoçar e jantar, assistir a concertos e dar longas e pitorescas caminhadas. Nenhum desses encontros parece ter sido muito excitante. Wober era boa companhia, enchendo-a de discos fonográficos e entretendo-a com um órgão que levava para o quarto da amiga. Ela o encarava como um substituto para o irmão, de quem sentia falta. Para Edward Butscher, Wober afirmou lembrar-se da sua incrível presença, como ela era capaz de

entrar numa sala e atrair todos os olhares. Ele a considerava cheia de energia e poder.

Sylvia saiu-se bem em sua audição para o Amateur Dramatic Club, no papel da inteligente e franca Rosalind em *As You Like It* e de Camille em *Camino Real*, baseada na famosa cortesã de Dumas, transmutada na deusa moribunda encarnada por Greta Garbo em *A dama das camélias*. Sylvia provocou risos na plateia ao descrever sua ideia de palco, e um espectador masculino elogiou, em seguida, sua voz maravilhosa, que enchia a sala. Escreveu muitas cartas para Wober com ilustrações divertidas, em que se imaginava aguardando visitas em seu quarto, “lânguida como Camille entre minhas dalias já amareladas”. Achou exaustivos os ensaios e escreveu para ele contando sobre os enteveros com “déspotas dramáticos”. Estava brincando, sem dúvida, mas ainda assim parecia aliviada em pensar nele tanto como um acompanhante quanto como uma válvula de escape. Gostava de pronunciar o nome Mallory, disse-lhe, que continha o número certo de sílabas para produzir um efeito dramático, algo que algum dia demonstraria a ele.

Depois de um mês em Cambridge, Sylvia anunciou que estava “aproveitando”. Tinha convites para dois chás e um coquetel no dia em que escreveu a Elinor Friedman Klein sobre seu “paraíso” em Cambridge. Ela se rotulava de popular, mas, quando Edward Butscher posteriormente entrevistou vários de seus contemporâneos em Cambridge, estes aparentemente a descreveram como uma chata — excessivamente metódica, até quando cortava os ovos e torradas em quadrados, e radiante demais com sua bagagem Samsonite, que chamava atenção se comparada à penúria da Inglaterra do pós-guerra. A própria Sylvia se destacava em meio à “feiura opressiva” e à sujeira “puída” até mesmo das casas de família da classe média alta num país que ainda se recuperava das agruras da guerra.

Jane Baltzell Kopp, uma colega também americana, se encolhia às vezes na companhia de Sylvia, devido ao seu americanismo tão ostensivo e à aparente incompreensão das piadas que os alunos de Cambridge contavam a seu respeito. Na verdade, ela não era tão desatenta quanto supunha Kopp. Sabia muito bem que desconcertava as pessoas com sua “efusão emocional e irresponsável”, conforme escreveu em seu diário, mas quase nunca conseguia evitar ser assim. Em seu quarto, muito bem-decorado, ela se entusiasmava com a alegria que lhe dava determinada peça da mobília, e seus colegas ingleses matutavam sobre a estranheza de empregar um verbo como alegrar para referir-se à decoração. Na rua, Sylvia às vezes dava a impressão de não passar de mais uma turista americana *gauche*. Era infantil, lembrou-se Kopp, pedalando sua bicicleta com o frenesi de uma criança pequena. Um dos professores de Plath recordou-se de que ela usava “roupas charmosas, de garotinha, o tipo de roupa que fazia quem passava olhar para a garota, não para o figurino, os cabelos ainda lhe descendo até os ombros, mas sempre muito bem-escovados e penteados e presos por uma faixa larga no topo da cabeça”. Kopp chamava o estilo dela de “universitário tradicional: *jumpers*, blusas de gola rulê, saias, suéteres e mocassins”.

Conforme admite Kopp, sua amizade com Plath era bastante delicada, já que a poeta considerava a similarmente bem-instruída Kopp como seu “duplo” — sem dúvida um conceito altamente influenciado não só pela leitura de Dostoiévski, como também a partir do conto de Edgar Allan Poe “William Wilson”, no qual o epônimo duplo do herói surge nas mais inconvenientes ocasiões. Kopp não se adequava tão bem ao papel, rejeitando essa caracterização ao ser entrevistada por Edward Butscher. Mas havia algo estranho entre essas duas mulheres, visto que ela insistia em agir de uma forma que desagradava Plath. Algumas dessas ações pareciam involuntárias — como o fato de ela deixar a chave na fechadura do lado de dentro de um

quarto de hotel que as duas dividiam em Paris, impedindo Sylvia de entrar e dormir depois de uma noitada. Outras, porém — como escrever nos livros de Plath —, sugerem provocações, conscientes ou não, à escrupulosa Sylvia. O refrão das reminiscências de Kopp é que Sylvia se levava muito a sério, atitude que, ao que tudo indica, sempre surpreendeu Kopp, sabe-se lá por quê. Em seu diário, Sylvia escrevia com admiração sobre o humor, a beleza e a personalidade magnética de Kopp. Enxergava as duas em termos francamente competitivos: “É uma disputa mútua pela coroa de rainha; nós duas temos de ser ímpares.” A solução, segundo Sylvia — soando como Elizabeth evitando Mary, rainha da Escócia —, era se manterem afastadas e não “se sobreponem em muitos lugares”.

Pertencer a um clube de teatro fez toda a diferença na adaptação de Plath a Cambridge, já que ela desenvolveu uma compatibilidade imediata com o elenco e os membros da equipe e saía com eles para se divertir. “Simplesmente sou tratada como uma rainha!”, escreveu em 29 de outubro, dois dias após seu vigésimo terceiro aniversário. Parecia encantada por ter sido escolhida para representar uma poeta louca numa farsa do século XVIII, comentando com Mallory Wober que havia sido um “laivo de intuição” do produtor. No mesmo dia, numa carta para Olive Higgins Prouty, Sylvia se mostrou para a mentora de certa forma mais contida, relatando ficar com os dedos roxos no quarto mal aquecido e estar assistindo a quinze horas de aula por semana, afora as sessões com um tutor toda manhã. Estava menos inclinada a querer o sucesso imediato e mais propensa a aperfeiçoar seu trabalho e seu talento aos poucos.

No início de novembro, ficou contente por ver aceitos dois poemas seus por uma pequena revista literária de Cambridge. Estava começando a encarar as atividades do clube de teatro como algo extenuante e decidira desistir caso não obtivesse papéis mais importantes. No semestre seguinte,

confidenciou a Wober, iria abandonar “a vida exuberante & me tornar uma acomodada *femme du salon*”. Também vinha elaborando um esquema que lhe permitisse escrever duas horas por dia, fossem quais fossem as circunstâncias. Aguardar o momento perfeito, afirmou a Wober, significava tornar-se “paralisada pela falta de prática”. Embora gostasse dos estudos, concluía que uma carreira acadêmica não era para ela. Soava bastante restritiva, pedante e estática — em outras palavras, nada tinha a ver com o mundo real. Descreveu o pequeno número de mulheres do corpo docente como solteironas birutas, modelos em nada atraentes para uma jovem que queria o mundo e também um companheiro.

Sylvia se mostrava exausta com a novidade do ambiente que a cercava, onde não contava com nenhum dos antigos amigos. O gélido clima de Cambridge também cobrou seu preço — sem falar na comida gordurosa, farinácea e horrível, tão diferente das refeições apetitosas da Smith. Com saudades de casa, abasteceu o quarto de frutas. Crises de sinusite indicavam estresse. Em seu diário, ela declarou que o inverno inglês talvez acabasse com ela.

Admitiu para a mãe sentir falta de Sassoon, agora estudando na Sorbonne. Ele lhe parecia mais maduro do que os rapazes de Cambridge que conhecera, embora David Buck, com quem tivera um encontro, possuísse algumas das qualidades estéticas e mundanas que admirava em Richard. Sua primeira carta para Sassoon em 22 de novembro lembra uma paródia do estilo dele, um poema abstrato, barroco descrevendo chamas artificiais refletidas em taças de sherry. Apesar de toda a sua “cultura”, Cambridge não deixava de ser tediosa e provinciana. “No começo era o verbo e o verbo era Sassoon”, disse ela. Para Mallory Wober, Sylvia escreveu uma carta obscura em 23 de novembro, mencionando sua tendência a adotar várias personas, concluindo com o alerta: “Cuidado com as mulheres esquizofrênicas.” Estava

interpretando uma prostituta em *Bartholomew Fair* e mandou um bilhete para Wober no dia 24, agradecendo sua presença na plateia, que a fez sentir-se como uma prima-dona, ou, ao menos, “uma vadia sublime”.

Sentindo, nesse momento, uma gigantesca saudade de casa, Sylvia agradeceu profusamente à mãe pelo presente de Natal, uma caixinha cheia até a boca de enormes biscoitos de avelã. Cozinhar e cuidar da casa, escreveu ela à sra. Prouty, eram atividades “muito importantes”. Plath não era uma “carreirista”, termo que descrevia uma mulher sozinha, determinada a rejeitar a vida de casada. Estava abandonando sua antiga personalidade de aluna-modelo e ganhadora de prêmios, afirmou à sua benfeitora. Longe de casa no Natal pela primeira vez na vida, sentiu-se como uma versão feminina de Ulisses “vagando entre a Cila do Big Ben e a Caríbdis da Torre Eiffel”. Embarcou numa orgia epistolar — trinta mensagens ao todo — para as pessoas maravilhosas que conhecia. Algumas receberam cartões e bilhetes curtos com desenhos. Esse surto de correspondências a deixou agradecida e gratificada.

Para Elinor Friedman Klein e outros, Plath transformou Cambridge num cenário para seus infortúnios. Encontrava prazer em criar sensações e depois descrever para os amigos as consequências — como fez com a excursão a cavalo que a cobriu de hematomas. Sua montaria, Sam, abandonara as delícias serenas de um passeio pelo campo e a mergulhara num cruzamento movimentado do campus de Cambridge. Ela se deleitou com o caos que se seguiu: “Vi-me agarrando com paixão o pescoço de Sam, ao mesmo tempo que senhoras e crianças corriam gritando em busca de abrigo enquanto subíamos na calçada... Que poder: como os velhos deuses da sorte. Senti-me tal qual um humano se vingando do trovão”, escreveu para Klein em 14 de dezembro. Sam, cansado, acabou parando. Duas vezes antes, ela tomara o caminho para a própria destruição: despencando por

uma pista de esqui e quebrando a perna, depois derrapando com um carro desgovernado quando Warren patinou no gelo em Northampton no dia do retorno à Smith após sua tentativa de suicídio. Logo partiria para a França para passar as férias natalinas, e parecia fixada nos perigos das partidas e chegadas.

Sylvia gostou de Paris e de Nice, escrevendo cartas detalhadas para Mallory Wober sobre as viagens — embora sem mencionar a grande parcela de tempo em companhia de Richard Sassoon. No diário, descreveu uma viagem de trem com ele, com “o peso agradável de Sassoon, dormindo a sono solto, de encontro ao meu peito”. A menção ao balanço do trem em cima dos trilhos intensifica a imagem maternal. Esse momento parece uma suspensão da natureza obsessiva da própria ambição, manifestada desde a sexta série, quando traduzira sua imaginação como uma imagem de Marselha — agora visível pela janela do trem — delineada contra o luar acima do Mediterrâneo. O diário explode em cores — vermelho para a terra, laranja para os telhados das *villas*, amarelo e pêssego e turquesa para os muros, além de palmeiras verdes de encontro a um “mar de azul intenso”. Era um retorno à infância, aos sonhos de menina com o mar.

No final dessas férias aparentemente idílicas, Richard confessou estar saindo com outra moça, uma suíça que queria se casar com ele. Declarou que desejava ser livre para continuar a se encontrar com Sylvia e talvez outras mais. Seu anúncio abrupto causou um impacto profundo no amor-próprio de Sylvia, que escreveu um conto de 25 páginas sobre a estadia na França, que a *The New Yorker* rejeitou no fim de fevereiro, e que ela própria acabou por considerar “absurdo e sentimental”. Mas nem por isso abriu mão por completo de Sassoon, confessando a Aurelia que ele era o único homem por quem sentira “amor de verdade”. Sylvia com frequência se vestia de preto nessa época, segundo observou no diário, que continha trechos em que se

referia ao amante perdido como se ele estivesse morto. Richard despertara o que havia “de mais nobre” nela, confessou a John, um de seus pretendentes em Cambridge. Muitos “bons rapazes” haviam expressado o desejo de se casarem com ela, mas estava à espera de um homem que se igualasse a ela. Sassoon, apesar de ter sido o que mais se aproximara dessa noção, a deixava preocupada em vista da saúde e natureza depressiva dele. Não parecia o tipo de homem por quem se sentiria atraída, mas isso acontecera, admitiu para a mãe. Num humor diferente, supôs que amasse Richard em função daquilo em que pretendia transformá-lo, não propriamente por ele ser quem era. A deserção de Richard levou-a a culminante anotação em seu diário, com um lamento: queria um marido, um amante, um pai e um filho, “tudo ao mesmo tempo”. Esperava que Richard voltasse a precisar dela. Mandou um bilhete para Mallory Wober em 8 de fevereiro se desculpando por cancelar um compromisso por se encontrar com um humor feroz e, como Garbo, desejar ser deixada em paz.

O casamento parecia ocupar o pensamento de Plath, e ela não parava de escrever à mãe negando ser uma “carreirista”. Sentia falta da intensidade da união que a vida familiar provê. Ao que tudo indica ainda pensando em Sassoon, escreveu no diário sobre seu desejo de lutar pelo homem que desejasse. Vislumbrava uma vida no exterior, no continente, próxima às “correntes de gente em movimento”. Nem mesmo o câncer terminal da avó conseguiu levar Sylvia de volta aos Estados Unidos, que para ela agora representavam um beco sem saída. Tinha esperanças de que a bolsa Fulbright fosse renovada de modo a não precisar vender fósforos em Moscou ou rodar bolsinha na Place Pigalle.

A expectativa do futuro e de um verão no continente mal foram suficientes para permitir que Sylvia superasse um período negro em sua vida social e criativa. Vendera um artigo superficial sobre Cambridge ao *The*

Christian Science Monitor e continuava enviando seu trabalho para a *The New Yorker*, mas seus poemas lhe pareciam “pobres”. Admitiu para a mãe, em 25 de fevereiro, que consultara um psiquiatra, cujo modo acolhedor a deixara à vontade para falar do passado e sentir alguma continuidade da vida que ficara para trás. Percebeu que em Newnham, onde ficava sua faculdade, não tinha o equivalente às mulheres mais velhas que a orientaram na Smith. Chamou suas professoras de “intelectuais grotescas”. Pior que isso, cada faculdade dentro de Cambridge era uma sociedade fechada, tornando praticamente impossível para ela encontrar um mentor experiente fora de Newnham, onde as docentes do sexo feminino conheciam apenas o tipo de vida de “segunda mão”.

Ansiando por uma maneira de escapar do desânimo invernal, Sylvia escreveu à mãe, nesse mesmo dia de fevereiro, dizendo que iria a uma festa para comemorar a nova revista literária que representava uma ruptura com as formais publicações universitárias, que lhe pareciam amadoras. O novo veículo, criado por um grupo de alunos americanos e britânicos, tinha um estilo estimulante, mordaz e “tenso” que lhe despertava admiração. No fim de uma carta de 3 de março, Sylvia menciona um poeta, ex-aluno de Cambridge que conhecera numa festa bastante animada e patrocinada pela *St. Botolph's Review*. Escrevera um poema sobre ele, que percebera ser o primeiro britânico com o qual ela talvez “fosse forte o bastante para se equiparar”. Duvidava de que algum dia viesse a vê-lo de novo. “É a vida”, concluiu, como se acreditasse que dessa vez não conseguiria fazer coincidir sua imaginação e a realidade.

Sylvia já chegou bêbada à festa, mas suficientemente bem para recordar e recitar a obra de Ted Hughes, o poeta da *St. Botolph's* que mais admirava. Segundo seu diário, ela entrou na sala com uma “naturalidade corajosa”. Jane Baltzell Kopp, sua *doppelgänger*, observou a chegada de Sylvia e a

achou “jovem e insegura, o que não era típico”. Jane estava na festa porque lera os “selvagens poemas, potentes e contemporâneos em termos de conteúdo” de Hughes, tão diferentes do “modo comportado, exangue, afável de outros formandos”. Conforme ele mesmo escreveu à irmã, Olwyn, Hughes rejeitava “a degradação e a apatia de quase toda a poesia inglesa moderna”. Jane quis dar uma boa olhada nele, mas resolveu não abordar o sujeito emburrado e aparentemente misantropo encostado a uma parede. “Ele era grande e assustadoramente poderoso, tanto física quanto psicologicamente falando.” Sua expressão sombria produziu um impacto maléfico sobre a festa, sugere Kopp. Escrevendo a um amigo, Hughes não demonstrou sinais de estar infeliz. Tomara parte na organização da festa na Women’s Union, escolhendo um salão adequado, com vitrais semelhantes aos de uma igreja, parte dos quais havia sido quebrada durante a farra.

Kopp acrescenta um detalhe que ajuda a explicar por que Plath se concentrou em Hughes. O trabalho dele, resume a colega, “muito se aproximava de transmitir a audácia da retórica quase renascentista em que era escrito”. Quando chegou a Cambridge, Plath quase imediatamente percebeu que, embora a Smith a tivesse preparado bem com relação a Chaucer e Shakespeare, sua noção da literatura dos séculos XVI e XVII, que agora se esperava que dominasse, não era tão boa. E ali estava Hughes, tão jovem e, no entanto, sob certos aspectos importantes, já competente.

O humor da poeta pode ser mais bem-avaliado quando se analisa as referências ao “satânico Lucas” em seu diário: Lucas Myers, quase tão alto quanto Ted e, para Sylvia, o único presente à festa que rivalizava com Hughes como escritor. Sylvia dançou primeiro com Myers, que mais tarde se lembrou dos sapatos vermelhos e da “ostentação” dela (“coisa rara nas garotas de Cambridge dessa época”, comenta Elaine Feinstein, biógrafa de Hughes). No dia seguinte à festa, Plath relatou-a em seu diário, cheia de

excitação. Estimulada pela música, vislumbrou sua presa e descreveu o que viu com um surpreendente jogo de palavras: “Então o pior aconteceu...” Referia-se ao rapaz “grandalhão, moreno” e “bonitão” sobre o qual andara fazendo perguntas. Ele a vira. Os dois trocaram palavras aos gritos para se fazerem ouvir acima do barulho, e as primeiras que Hughes ouviu da sua boca foram os versos dele. “Você gosta?”, indagou Hughes enquanto a seguia até outra sala e lhe servia uma dose de brandy. Então a beijou — “bang, direto na boca”, rasgando a faixa que prendia seu cabelo e lhe arrancando os brincos, enquanto vociferava “Eu fico com isso”. O breve discurso que ela registra no diário reforça o talento de Hughes para evitar a tagarelice da festa, a polidez de Cambridge que sabidamente desprezava. Quando a beijou no pescoço, ela retaliou com uma mordida demorada e forte que fez brotar um filete de sangue no rosto de Hughes. Ele podia muito bem ter saído direto de um romance de Brontë. Sylvia não conseguia parar de pensar obsessivamente nele. Já haviam lhe dito que Hughes era o maior sedutor de Cambridge. Os devaneios sobre ele quase bastaram para aplacar sua saudade de Richard Sassoon.

Dois dias depois, Plath concluiu “Pursuit”, o poema dedicado a Ted Hughes, que tem início com um incrível *insight* sobre tudo que ela precisava saber sobre o amor da sua vida. A imagem, na primeira linha, de uma pantera de tocaia imediatamente deságua numa conclusão surpreendente: “Um dia vou morrer por sua causa.” Se tal desenlace a apavora, ele também lhe parece bem-vindo como uma dádiva — ou melhor, a autora parece saborear a própria morte como algo que irá tirá-la dele. O verso admite um laço, um mutualismo, entre predador e vítima. Na mitologia de Plath, a morte por qualquer meio que fosse — mesmo o suicídio — podia ser poética, uma espécie de completude estética e, por isso, desejável desenlace, ainda que sinistro, desenlace este consumado com tanta perfeição como num

conto de Poe. Conforme confidenciou ao seu diário, ela colhia as identidades poéticas dos personagens que morriam e acreditava nelas “totalmente durante algum tempo. O que eles dizem é Verdade”. Hughes, cujos poemas frequentemente trazem animais selvagens, já parece ser uma figura saída de “O tigre” de William Blake, com fogo correndo por sua rubra rede de veias.

O poema estabelece empatia com a pantera voraz, cuja felicidade feroz ante a consumação do apetite se torna estetizada em linhas como “doce... chamuscada fúria da sua pelagem”. A figura da pantera como amante é uma alegoria comum entre os apaixonados literários como H. G. Wells (Jaguar) e Rebecca West (Pantera), a última, recém-independente quando conheceu seu amante mais velho. As cartas trocadas entre Wells e West também consideram o êxtase uma caçada mútua. Em “Pursuit”, a pantera “me obriga a correr”, diz a amada, enquanto ela lhe atira seu coração para “frear-lhe o passo”. O poema termina em tom de medo, depois que a amada se dá conta de que a pantera exige “um sacrifício total”. Quando o animal sobe as escadas em direção à sua porta trancada, o clima geral é de horror e excitação, e a anotação em seu diário relata que “o pior aconteceu”. As derradeiras linhas do poema, porém, ecoam outro trecho do diário: “Sempre aguço o ouvido para passos na escada e odeio quando eles não se dirigem a mim.” Citando Edward Butscher, a pantera pode ser interpretada como “um aspecto dela mesma,” bem como um exemplo do “masoquismo” de Plath, segundo Anne Stevenson e Elaine Feinstein. Mas a pantera é “enfaticamente um macho, e as mulheres, suas vítimas”, retorque Ronald Hayman. Em outras palavras: nenhum outro homem é capaz de provocar uma reação tão veemente, tão abrangente, e Plath, ao que tudo indica, intuiu o triunfo e a tragédia de se unir a um homem assim. O fato de Hughes não ser fisicamente violento, segundo Anne Stevenson, não é relevante. Ele tinha

uma imaginação violenta, e Plath previu ter sido um infortúnio conhecer tal homem, ainda que o fantasiasse como a sua salvação. Conforme observa a crítica Margarot Uroff, “só muitos anos mais tarde o próprio Hughes escreveria sobre um animal tão voraz quanto a pantera de Plath”.

Depois de passar vários dias sonhando com Ted Hughes — uma figura fantástica que Plath realmente acreditava que jamais voltaria a se materializar —, Sylvia voltou a pensar em Richard Sassoon, um ser de verdade, o homem que a deixara. Com ele em mente, ela escrevera um poema que soa tão profético quanto “Pursuit”. Em “Circus in Three Rings”, incluído em seu *The Collected Poems*, Sassoon emerge como um Mefisto zombador, desaparecendo com uma “facilidade diabólica” na fumaça que queima os olhos do narrador. Em seu diário, Plath lhe escreveu: “Frature a sua imagem e a arranque de mim.” O “satã da sombra” de seu poema e o Sassoon do diário parecem causar um impacto mágico, um poder similar ao de Próspero, para aparecer e desaparecer tanto na imaginação quanto na vida de Plath, que queria que ele, de uma vez por todas, se declarasse “indisponível” para ela — ou se dispusesse a salvá-la da morte. Insistindo na força talismânica de Sassoon, ela implora “mate sua imagem”. Do contrário, não lhe restaria senão permanecer “congelada na terra dos mortos de bronze”.

Jamais será possível explicar plenamente a parte de Sassoon nesse relacionamento atormentado enquanto ele permanecer como uma das figuras fugidias da biografia de Plath, que evita seus cronistas assim como fugia dela. Sassoon mandou-lhe uma carta que não lhe dava esperança alguma, embora ela tenha confessado em outra, enviada à mãe em 9 de março, que havia sido rejeitada porque ele não estava pronto para casar — sem dúvida não antes de se firmar numa profissão e poder criar o lar e a família que ela desejava. Ainda assim, Sylvia não desistiria de seu amor,

mesmo depois de listar todos os defeitos e fraquezas do rapaz. A rejeição de Richard agrediu seu orgulho e sua sensação de bravura, a noção petulante de que o amor dela era capaz de “derreter portas”, conforme registrou no diário. Voltou a escrever para ele, reconhecendo sua razão ao dizer que ela lhe exigia algo que ele não podia dar. Agora, porém, era Richard, e só Richard, o seu ungido. Decidira visitá-lo nas férias de primavera, independentemente do que ele achasse disso. Precisava encará-lo na França, ainda que ele estivesse ausente — e quem sabe pudesse então esquecê-lo, já que também vinha mantendo contato com Gordon Lameyer, que logo chegaria à Europa a fim de investigar a possibilidade de estudar na Alemanha. Aos poucos, Sylvia reconstituía sua corte de rainha, escrevendo em seu diário na noite de 6 de março, após uma longa encenação de Shakespeare, “Vem, meu mentor. Boa-noite, boa-noite”.

Num clima mitológico, a anotação seguinte de Sylvia no diário, datada de 8 de março, menciona uma discussão sobre “O homem que morreu”, de D. H. Lawrence, na palestra de Dorothea Krook. Enquanto Krook lia trechos da fábula, Sylvia sentiu um calafrio, como se o “anjo tivesse me carregado pelos cabelos, causando um surto de arrepios: por sobre o templo da Ísis enlutada, da Ísis à procura”, escreveu em seu diário, citando textualmente as palavras do autor. Lembrou-se de sua visita a Veneza, onde Lawrence morrera. Teve uma “visão mística de Sassoon; eu era a mulher que morria”. Na presença de Sassoon, ela renascera, revivera em chamas, vivenciando a “fúria resoluta da existência”. Acreditava ter vivido o que Lawrence escrevera. “É importante”, declarou.

Lawrence trouxe de volta a Plath as consequências da sua tentativa de suicídio e a recuperação por que passou, que ela havia tentado explorar anteriormente em “Tongues of Stone”, mas sem muito sucesso. Em “O homem que morreu”, a ressurreição de Cristo é apresentada como uma

experiência de quase morte, uma perda de consciência que ele acolhe de bom grado: “Ele queria ficar de fora, no lugar onde até mesmo a memória é morta como pedra.” Nauseado ao voltar à consciência, ele anseia pela “nulidade de estar morto”. A descrição que Lawrence faz de Cristo em seu túmulo, cercado por estreitos muros de pedras por onde penetravam filetes de claridade em direção aos quais ele se inclina ao despertar, traz à lembrança os momentos de tontura no espaço exíguo do porão, quando Plath se mexeu e bateu a cabeça contra uma parede ou uma pedra.

Cristo está “cheio ainda do nojo de uma desilusão indizível”. Mas é claro que ele não é Cristo — não o Cristo cristão, pois Lawrence jamais usa seu nome, preferindo, em vez disso, chamá-lo todo o tempo de “o homem que morreu”, o que significa dizer um mortal que escolheu a morte, como fez Sylvia, devido a uma sensação de desilusão, a um vazio que nada na vida é capaz de suplantar. O homem desperta sem desejo, vivenciando a mesmíssima ausência de desejo que assolou Sylvia nos primeiros dias da sua recuperação. Tão profunda é sua “determinação apática” que o homem a prefere a qualquer forma de consciência.

Pode parecer estranho dizer que Plath ficou eufórica ao ler esse conto perturbador, mas ao que parece ele tratava de seus próprios problemas psicológicos em termos ontológicos. O homem está cansado da existência, não só do que foi capaz de fazer dela. O que o traz de volta à vida é primeiramente a luz e depois a percepção do sol “batendo nas curvas do seu pescoço e seus braços finos, sem cor, totalmente inertes”. Assim como o protagonista de “Tongues of Stone”, ele não nutre qualquer desejo de retornar ao mundo, embora o mundo continue a invadi-lo.

Repetidas referências ao sol que banha o homem em claridade fazem lembrar as muitas referências a banhos de sol na obra de Plath, que lhe despertavam uma alegria absoluta com a existência. O homem se deita ao

sol, e o sol o embala enquanto ele ouve um pássaro cantar o “triunfo da vida”. A vida parece tão resoluto quanto o desejo dele de morrer. Lawrence faz a conexão entre esse reviver gradual do homem e o canto de um galo, que, por sua vez, é comparado à “onda curta e aguda da vida”, o mar de sentimento que enlevava Sylvia até mesmo na infância. O galo, como o homem, é pego na “cadeia circunstancial” (tendo sido aleijado por uma corda), mas continua a cantar “ao sabor da maré do oceano da vida”.

O homem atribui a noção de si mesmo que emerge lentamente a Judas e aos altos sacerdotes que “me salvaram da minha própria salvação”. Com efeito, Cristo repudia qualquer sentido de divindade que reivindicou alguma vez, vendo-se agora meramente como um homem. A quase morte de Sylvia, como ela viria a dizer depois de conhecer Ted Hughes, havia sido necessária para transformá-la na mulher que iria atraí-lo. Sua experiência dolorosa a preparara para seguir adiante. Rejeitara a suposta salvação do seu verão em Nova York, assim como o homem que morreu rejeita “minha própria salvação excessiva”.

No entanto, é precisamente esse desejo de libertar-se dessa “excessiva necessidade de salvação” que atrai o andarilho para a mulher que cuida do templo de Ísis. Na verdade, ela o vê como o Osíris perdido capaz de fecundar o útero da deusa. Plath se identifica com Ísis em sua atração pelo homem-deus, a Ísis que Lawrence descreve como alguém que busca e chora seu amado num “êxtase atormentado”. A Plath dos diários percebe, a essa altura, que descobriu no texto de Lawrence a própria dinâmica da vida que laboriosamente remontou a partir dos fragmentos de uma mulher que morreu. A descrição que Lawrence faz de Ísis encontrando seu amado pouco a pouco, “coração e cabeça e membros e corpo”, é o equivalente à experiência de Plath em todos os encontros com Myron e Richard, Dick e Gordon — cada um deles uma tentativa de encontrar mais um pedaço do

homem que a completaria. “Pois ela era a Ísis do lótus sutil, o útero que espera submerso e receptivo o toque daquele outro sol interior que lança seus raios das entranhas do macho Osíris”, escreveu Lawrence. “A deusa é grande”, diz o homem à mulher que cuida do santuário de Ísis. Sylvia aguardava o homem que iria, textualmente, dizer o mesmo a ela. Na versão de Lawrence do renascimento, o homem talvez se veja como um candidato a Osíris, por assim dizer, mas o que ele vivencia é o “maior dia da consciência humana”. E é essa sensação de falar para e pelo mundo que Plath admirava na história que Lawrence tinha a contar. Talvez o momento mais excitante para Plath fosse aquele em que o homem sente “seu próprio sol nascer e o fogo lhe fluir por todo o corpo, fazendo seu rosto brilhar inconscientemente”.

Não espanta que as aulas de Krook deixassem Sylvia hipnotizada. Para a mãe, escreveu em 9 de março uma daquelas cartas claramente solares, em que descreve a maneira como a luz entra por suas janelas enchendo um quarto que lhe agradava especialmente por causa do banco sob a janela, no qual ela costumava sentar-se para escrever poesia. Cheia de afeto e anexando dois poemas, inclusive “Pursuit”, Sylvia estava efervescente. Observou a qualidade hipnótica, blakeana, de “Pursuit”, enfatizando a “terrível beleza da morte”, o resultado de ter vivido plena e intensamente. Embora Hughes fosse a inspiração primordial de “Pursuit”, os biógrafos ignoraram a revelação de Plath de que associara o fogo da dor nesse poema à alma furiosa de Sassoon, que também a cativara. Não fez menção a Hughes em sua carta para Aurelia, mas talvez estivesse pensando nele ao ansiar por um homem que pudesse “superar” a imagem de Richard. Lembrando muito Marilyn Monroe, que logo se casaria com Arthur Miller, Plath se descreveu como uma princesa à espera de seu cavaleiro branco, empregando a mesma imagem que Monroe usou em sessões com seu psiquiatra.

Escrever para Elinor Friedman Klein no mesmo dia em que comparou a rejeição de Scarlett O'Hara por Rhett Butler em *E o vento levou* (“Francamente, minha querida, eu não dou a mínima!”) ao desejo de Sassoon de fazer fortuna e dar a Plath a liberdade — justo quando ela se preparara para ceder a ele! O tom dessa carta — “Você precisa ouvir isso, porque estou explodindo” — lembra uma confidência no quarto do dormitório tarde da noite, na medida em que Plath revela sua confissão de como Sassoon a fez delirar, escrevendo uma carta que rivaliza com a súplica de Scarlett para que Rhett não a abandone. Sassoon chegou mesmo a falar em se alistar no exército, assim como Rhett abandonara Scarlett para juntar-se aos Confederados em retirada. Sylvia explica à sua querida Elly que havia perguntado a Sassoon se os dois não podiam passar uma primavera juntos na França e na Itália antes que ele fosse morto. Chegou até a imaginar, enquanto lhe implorava para vê-la, que, assim como Rhett, Sassoon tivesse uma amante secreta. Em resposta, recebeu um cartão-postal de seu “nobre” amado dizendo que algum dia ele voltaria a aparecer, “surgindo do éter”.

A essa altura, Sassoon era mais uma obsessão do que um homem de carne e osso, uma imagem que ela só podia substituir por “uma combinação potente e brilhante de todos os homens que já conheci”. Ted Hughes não é mencionado nessa carta; ao que tudo indica, continuava a parecer irreal enquanto o relacionamento dela com Sassoon não se resolvia. Richard ainda amava Sylvia, como viria a deixar claro mais tarde, porém se recusava a agir com a urgência da necessidade que ela tinha dele. Quanto mais pressão ela fazia, mais Sassoon resistia. Antes de 9 de março, a Sylvia do diário parece desvairada com o afastamento de Richard, mas a Sylvia da carta para Elly mostra um lado daquele talento autozombeteiro que a crítica Caroline King Barnard Hall identificou na poesia, do início e do fim (inclusive em “Circus in Three Rings”), que transmite a visão que Sylvia tem de catástrofes.

As cartas para Elly e para Aurelia indicam que Plath estava saindo de seu estado obsessivo-depressivo. Aguardava ansiosa uma visita de Gordon Lameyer. Sua bolsa da Fulbright, renovada por mais um ano, lhe daria dinheiro suficiente para receber Aurelia para uma estadia; e, em Dorothea Krook, ela encontrara uma supervisora brilhante e atraente, à qual se equiparar em termos de perspicácia. Gary Haupt, um bolsista Fulbright de Yale, era uma grande fonte de conforto, “doce, ainda que pedante”. Ele ficara a seu lado durante o tormento de uma intervenção para remover do olho um cisco extremamente doloroso.

Ao contrário do habitual, o diário e as cartas de Sylvia pareciam funcionar em sincronia quando, tendo minimizado seus compromissos acadêmicos, ela confiantemente planejou sua vida como escritora na Europa. Queria escrever um romance que incluísse amor, suicídio e recuperação, talvez num cenário acadêmico, e dele constariam suas cartas para Sassoon. Cantando enquanto pedalava sua bicicleta, numa demonstração de apetite renovado, Sylvia comeu quatro sanduíches.

A princípio ela não percebeu que Ted Hughes a vinha seguindo. Então, enquanto pedalava em 10 de março, soube por um amigo de Cambridge que na noite anterior Hughes havia tentado achá-la, jogando pedras na janela errada. Hughes, recém-formado em Cambridge, fazia frequentes visitas à universidade. Tinha, porém, um emprego em Londres: em suas próprias palavras, “separava a merda” para o estúdio cinematográfico J. Arthur Rank. Lia roteiros o dia todo para determinar quais podiam ser adaptados para o cinema. À menção de sua reaparição, Sylvia, corada, gaguejou para o amigo que Hughes devia “aparecer, sei lá”, antes de se afastar pedalando. A excitação que quase a emudeceu fica evidente num desabafo entrecortado num diário: “Ele. Oh, ele.” E repetiu: “Por favor, que ele venha” como um “negro saqueador”. Que ele seja Ulisses para sua Penélope. Sylvia chega a

citar versos de “Pursuit” enquanto aguarda ser arrebatada. Vestia-se com cores fortes, ferozes, e levou a si mesma a um estado que comparou a escrever “Mad Girl’s Love Song” e “Circus in Three Rings”. Esses poemas refletem o quanto podia ser apocalíptico o seu mundo interior, evocando imagens de catástrofes — do pior acontecendo, conforme havia descrito a primeira vez que viu Hughes. Ela se regalava levando ao extremo suas emoções, mesmo enquanto se dava conta de que ao imaginar o desastre também podia encontrar um modo de se salvar. Salvo se fosse levada ao extremo, ela jamais saberia quão grande poderia se tornar. Na noite anterior, sonhara consigo mesma na pele da “Ísis enlutada, Ísis à procura”. Ela encontra o “moreno” charmoso rindo atrás de um jornal. O homem moreno vem a ser Richard Sassoon. Então, outro homem moreno, supondo que ela fosse uma prostituta, a aborda na rua, enquanto ela corre atrás de Richard. Despertando do sonho, Plath aguçou novamente os ouvidos para seus passos na escada, o tempo todo temendo o que lhe aconteceria em Paris, já que continuava disposta a ter mais um confronto com Sassoon. Chegou mesmo a imaginar que sem a proteção dele seria estuprada.

No dia seguinte, Plath soube que Hughes e dois outros colegas haviam atirado seixos na janela errada de novo. Ela parecia fadada a jamais encontrá-lo, e dessa vez imaginou-se como Blanche Dubois em *Um bonde chamado desejo*, atolada na lama com soldados bêbados que buscavam sua companhia. Pensava em si mesma como uma dama da noite, alguém que Hughes e seus camaradas não confrontariam à luz do dia. Ansiava, contudo, por torná-lo real, pois Hughes existia apenas como uma figura da sua imaginação nesse momento, uma pantera nas “fímbrias da floresta dos boatos”.

Em 18 de março, escreveu à mãe dizendo: “Eu seria mais feliz escrevendo, suponho, com um marido cheio de vida.” Boa parte de sua

ansiedade com relação a Sassoon sem dúvida tinha a ver com sua pressa para implementar a fase seguinte da própria carreira literária. Marido, lar, família, escrever. Ela estava pronta, mas Sassoon, não. No mesmo dia, Hughes escreveu para seu amigo mais próximo, Lucas Myers, perguntando se este poderia providenciar um encontro seu com Sylvia em Londres.

No dia 21 de março, quando estava prestes a embarcar para as férias da Páscoa, Sylvia escreveu uma carta animada para Marcia Brown, omitindo qualquer referência ao drama com Sassoon, bem como seu primeiro encontro com Hughes, salvo para dizer que estava a caminho de Londres para se encontrar com dois “poetas erráticos”. Lucas Myers, primo do poeta Allen Tate, foi mencionado pelo nome, mas Hughes permaneceu anônimo nesse retrato exuberante da vida em Cambridge, onde a política mundial era debatida e os Estados Unidos pareciam um lugar tão provinciano nesse momento que Sylvia tinha medo de voltar, sonhando, em vez disso, em passar um ano escrevendo no sul da Europa. No entanto, apenas um dia antes, ela sonhara com um lar no Vale de Connecticut e com verões em Cape Cod. Essa era a nostalgia que a mãe desejava ouvir, mas também era o que Sylvia desejava escrever. Estados Unidos/Sassoon, Europa/Hughes — dava a impressão de estar optando por duas direções muito diferentes.

Em 23 de março, a caminho da França, Plath subiu correndo a escada do sombrio apartamento de Ted Hughes no número 18 da Rugby Street. Três dias depois, em seu hotel em Paris, ela escreveu no diário sobre a “noite insone de holocausto” de ambos. Mesmo enquanto se preparava para enfrentar Sassoon, ela mencionou as marcas que Hughes deixara em seu rosto “castigado”, inclusive uma mancha roxa, e seu pescoço ferido e ralado. Hughes, por sua vez, mandou-lhe um bilhete, dizendo que a lembrança do seu corpo macio corria por suas entranhas como brandy. Ele ficaria em

Londres até o dia 14 de abril, informou-lhe, e a veria lá ou em Cambridge, depois que ela voltasse de Paris.

Sassoon, porém, não Hughes, prendia toda a atenção de Plath. Em seu apartamento, pronta para fazer seu discurso, soube pela *concierge* que Sassoon partira e só voltaria depois da Páscoa. Seu diário descreve uma cena digna de lágrimas. Do lado de fora, uma velha mendiga está cantando “um lamento monótono”, enquanto, do lado de dentro, o rádio toca aos berros “Smile though your heart is breaking” — “Sorria, mesmo de coração partido”. Às lágrimas, Sylvia escreve uma missiva longa e desordenada, enquanto olha para suas cartas não abertas por Sassoon, “largadas ali, azuis e sem terem sido lidas”. A cor dos aerogramas e o seu humor combinam. Um poodle preto afaga com a pata a amante desconsolada. Uma Sylvia atônita observa: “Jamais um homem se foi e me deixou chorando por ele.” Estoica, afaga o poodle e sai para vagar pelas ruas de Paris.

Nada indica que estivesse escrevendo uma paródia. Essa autodramatização era bastante real para ela, mas, ao mesmo tempo, exhibe todas as marcas do melodrama romântico em voga na época, o tipo de filme estrelado por Merle Oberon e Susan Hayworth no fim da década de 1940 e início da de 1950. Sassoon podia muito bem ter se esquivado da paixão melodramática dela para evitar justamente esse tipo de cena.

Sylvia arrematou seu sofrimento imaginando que Ted estivesse regalando seus colegas de Cambridge com a história da conquista dela. Um deles, Michael Boddy, se deparara com o casal no apartamento da Rugby Street. No mesmo instante haveria boatos dando conta de que ela era amante dele, supôs Sylvia. O próprio Ted se tornou objeto de suspeita: no auge do ato sexual, ele a chamara de Shirley, levando Sylvia a sentir-se como uma de suas amantes intercambiáveis.

O diário dela faz parecer que Boddy pegou os dois na cama, mas Boddy contou ao biógrafo de Hughes que ambos se encontravam simplesmente sentados em cadeiras, inclinados para a frente, sussurrando, e “praticamente me ignoraram”. Depois de levar Plath a pé até seu hotel, Hughes voltou para acordar Boddy, que se lembrou de achar o amigo profundamente agitado, de uma forma que ele jamais vira. Sylvia Plath, com efeito, causara uma intensa impressão em Ted Hughes. Contudo, ela ainda continuava bastante imersa no seu mundo de fantasia. Fazia longas caminhadas pelas ruas de Paris e era abordada por homens de forma bastante semelhante à que imaginara em seus sonhos, embora não tenha sido estuprada e estivesse decidida a evitar o risco de um encontro sexual casual. Podia estar chorando a perda de Sassoon, mas não lhe faltava apetite nem disposição para encontrar alguns amigos, inclusive um de Cambridge, que parecia ficar mais e mais atraente com o passar das horas, até que ela o levou para a cama, apenas para ficar decepcionada quando o rapaz decidiu que era melhor não ir adiante — segundo a jovem, resultado da criação demasiado correta que recebera e do desejo de se relacionar apenas com famílias distintas.

Sylvia mandou uma carta para a mãe enfatizando o “lado alegre” de sua excursão a Paris. Um fragmento de diário do dia 1º de abril de 1956 se refere ao seu “espírito Sally Bowles”. Lembrando também a *americaine* Doris Day, Sylvia adorou o quarto num hotelzinho que tinha funcionários solícitos. A encantadora mansarda em que se hospedou dava para os telhados e cumeeiras e contava com uma claraboia. O diário e a carta para Aurelia estão em sintonia, expressando o recém-descoberto deleite de Sylvia em estar sozinha sem os acompanhantes masculinos de que sempre dependia. Olhou vitrines e concluiu que se fosse uma mulher abastada se daria ao luxo de ter um armário cheio de sapatos coloridos, um arco-íris digno de uma princesa de ópera. De volta ao quarto, “à luz azulada do luar”,

Sylvia sucumbiu novamente ao choro pela perda de Sassoon. No dia seguinte, porém, recuperou o bom humor com um farto almoço de sopa de cebolas, um filé malpassado, duas taças de vinho e uma torta de maçã. Raramente dispensava uma sobremesa — ou as fantasias do “saqueador negro” que se “dividira em vários homens” à espreita em escadas, ruas, debaixo de camas, diante da sua porta ou num banco de parque. Parecia frustrada por Hughes não a ter seguido até Paris, a fim de se tornar “o” homem palpável, em lugar dos diversos que precisava invocar. Uma noite com ele não havia sido suficiente.

Quatro dias depois, encontrou-se com Gordon Lameyer em Paris para a viagem que fariam juntos à Alemanha. Embora não fosse excitante, o encontro poderia ser seguro e sereno, como acontecera com Gary Haupt, imaginou ela, agora que era apenas amiga de Gordon. Ainda assim, ressentia-se da ideia de desejar o apoio de um homem. Teria adiado a partida de Paris caso Sassoon aparecesse de repente. Chegou mesmo a pensar em encurtar a viagem e voltar para Londres e para Ted. Alternando humores de uma frase para outra, ela monitora a própria vida como alguém que consulta obsessivamente um relógio. Em mais uma guinada, Sylvia parte para uma visão panorâmica: “É o momento histórico”, registra no diário em 5 de abril. “Tudo se junta e me avisa para partir de Paris.”

A irritação de Sylvia consigo mesma seria descontada em Lameyer, que começou, mesmo como “amigo”, a evitá-la. Em *The Woman and the Work*, de Edward Butscher, Lameyer se lembra de esquivar-se de sua antiga quase noiva. A temporada foi um fiasco. Os dois brigaram sem parar.

Em 9 de abril, Hughes mandou um bilhete e um poema de amor para Plath, o último contendo uma estrofe ímpar sobre um pássaro abarcando o mundo com uma única nota em sua garganta. “Ridículo chamá-lo de amor”, começa o poema, mas era o que ali estava. Hughes sentia-se perseguido pelo

“genuíno fantasma da minha perda”. Aguardava a chegada dela. Um fragmento do diário de Plath indica que ela voltou para Ted Hughes na sexta-feira, 13 de abril, esperando uma boa recepção — ainda que violenta — ao sujeitar-se à sua “força bruta”, que a obrigara a aceitar sua “existência”. Parecia ainda lutar por algum tipo de perspectiva, já que se comprometera a não se esquecer de outros, como Dorothea Krook (que a fazia lembrar-se da dra. Beuscher) e nem mesmo da lembrança de Sassoon, que podia ser terna, bem como viril. Mas Hughes possuía uma energia solar que Sylvia resolveu absorver enquanto durasse o caso de ambos.

Não foi fácil. Ela continuava a ansiar pelo que chamou em seu diário de “seres mais velhos e maduros” que a pudessem aconselhar de forma carinhosa. A avó, morrendo de câncer, fazia com que Sylvia se sentisse especialmente vulnerável e temesse que a mãe sobrecarregada, que sofria frequentemente de mazelas gástricas, de tal forma se enfraquecesse que também viesse a morrer. Excluída do “ritual do amor familiar”, Sylvia culpava Sassoon pelo “inferno” que parecia tê-la assaltado de súbito, aparentemente sem aviso. Escreveu uma longa carta para Warren, reafirmando seu amor por ele e mais cartas para a mãe cobrando de Aurelia uma visita para breve.

O biógrafo de Hughes acredita que ele já havia decidido tornar Sylvia parte da sua vida. Desistia agora dos planos de juntar-se ao irmão, Gerald, na Austrália. No fim de abril, o casal passou a dar longas caminhadas. Ele soube da tentativa de suicídio dela e logo percebeu, como diria mais tarde à irmã, Olwyn, por carta, que o americanismo às vezes efusivo e prepotente de Sylvia derivava de sua ânsia de causar boa impressão. Com efeito, num fragmento de diário escrito em 1º. de abril, ela insistira consigo mesma para “ser mais moderada” e calada. “*Não tagarele em demasia.*” Em outras

palavras, “ouça mais”. Resumindo: “seja simpática, mas *não entusiasta demais*”.

Os amigos de Hughes ficaram atônitos com seu interesse por Plath. Não gostavam da poesia burilada e organizada dela, que em nada se parecia com os versos vívidos e veementes do companheiro, e deploravam a presunção da moça. Em *Crow Steered/Bergs Appeared*, Lucas Myers menciona ter dito a Hughes que a *Varsity*, uma revista de Cambridge, encarregara Sylvia de escrever sobre Paris, devido ao viés divertido do seu estilo floreado. Hughes mostrou-se magoado e nitidamente decidido a poupá-la do ridículo. Tais comentários o levavam a querer apossar-se dela e protegê-la. Igualmente importante, porém, era o fato de que ele valorizava a leitura perceptiva e compreensiva que ela fazia da sua poesia. Comparado a Sylvia, Hughes era um amador, sobretudo com relação à estrutura do mundo editorial, mas ela também tinha muito a aprender com Hughes, a quem encarava como o poeta superior.

Ele largou seu emprego de “separador de merda” e correu para Cambridge a fim de ficar ao lado de Sylvia e absorver precisamente aquilo que seus amigos evitavam: toda aquela euforia americana. Conforme declarou numa entrevista à *Paris Review*, “Sylvia não era apenas ela mesma, ela era os Estados Unidos e a literatura americana encarnados”. A versão dela desses primeiros dias com Ted é contada sobretudo em cartas para a mãe e o irmão. Apresenta-o como uma das maravilhas do mundo. Nada escondia dele, e esse companheirismo resultou em algumas de suas obras mais potentes. De per se, tal declaração, enviada a Aurelia em 19 de abril, sugere a rapidez com que Sylvia Plath e Ted Hughes alinharam suas estrelas para formar uma constelação inacessível aos amigos dele e dela. Naturalmente, ela *tornou* Hughes enorme, assim como ele a *criou*.

Se Hughes se associou a Sylvia com sua descoberta de um mundo novo, ela se associou a ele com a súbita descoberta de “toda a natureza”, conforme explicou a Aurelia numa carta de 21 de abril à qual anexou “Ode To Ted”, o retrato do homem na natureza esmagando gravetos enquanto caminha na mata, dando nome a criaturas e abrindo sulcos no solo para revelar os habitats de toupeiras e vermes, enquanto os pássaros parecem saudar em coro sua chegada. Ele se desloca por brejos e campos em meio a vacas que pastam até chegar a um leito de terra, onde “me deitei como quis o meu amor”. O poema se refere a “essa mulher de Adão”, e uma Sylvia à vontade convidou Aurelia a visitar o Éden cintilante que criara para si mesma com Ted.

O Éden incluía uma vida meticulosamente domesticada. Ted ensinou a Sylvia como cozinhar no fogão à lenha, levando-lhe camarões, que a ajudava a limpar. Quando chegou a notícia terrível da morte da avó, o casal “consagrou” o feriado de May Day à sua memória. Em tudo, ele dava a impressão de estar à disposição dela. Passou a tarde inteira no sofá lendo o exemplar de Sylvia de *O apanhador no campo de centeio*, enquanto ela descrevia por escrito seu encontro excitante com Nicolai Bulganin, o premiê russo, numa recepção a que os repórteres da *Varsity* compareceram (a *The New Yorker* rejeitou seu relato, mas a *Smith Alumnae Quarterly* publicou-o no outono de 1956). O casal planejava passar um verão na Espanha, durante o qual ela daria início a seu romance sobre Cambridge e escreveria contos para a *The New Yorker* e a *Mademoiselle*. Em 4 de maio, Sylvia falou pela primeira vez em casar-se com Ted numa carta para a mãe. Em 9 de maio, propôs uma visita à família no ano seguinte para uma festa de boas-vindas a Ted, um churrasco em Wellesley. Ela acreditava que sua internação no McLean Hospital a preparara para essa nova vida. Tudo o que sofrera a levava ao encontro com Ted. Ele era a sua recompensa pela espera. Escrevia

para a mãe num tom que sugeria que se acomodara para sempre. Estava em paz. Ted se transformara na obra da sua vida, e ela previa grandeza para ambos.

Em 22 de maio, ele escreveu para Olwyn dizendo que tanto sua vida como seu trabalho se encontravam “no auge” na companhia de uma “poeta americana de primeira linha”, que desejava apresentar à irmã. Essa americana acreditava que o seu trabalho era tão bom quanto ele mesmo achava. Conhecia as principais publicações americanas e não parava de mandar o que ele escrevia para elas. Ele deixou de mencionar, porém, quão próximos os dois haviam se tornado ou que planejavam se casar.

As sessões de Sylvia com a professora Krook haviam sido tão brilhantes, contou ela a Aurelia, que Krook vinha revisando as observações da aluna relativas às aulas sobre Platão. Sylvia descreveu essas sessões como discussões ferozes e meticolosas, sugerindo estar investindo quase tanta energia no tempo passado com Krook quanto no relacionamento com Ted. Wendy Campbell, amiga de Krook, assistia às sessões de Plath com Krook e via Sylvia em sua melhor forma: brilhante e charmosa, “viva, calorosa e interessada”. As memórias de Campbell deixam uma impressão indelével da poeta, impressão que nenhuma fotografia jamais foi capaz de registrar: “Ela parecia totalmente composta e concentrada, focada... Alta e esbelta, de pulsos delicados, tinha um cabelo cor de mel brilhoso, grosso e comprido e belos olhos castanho-escuros. A pele era alva, dourada, e absolutamente uniforme em cor. Campbell observou que Sylvia e Ted “pareciam ter encontrado um porto seguro um no outro” e considerava a companhia do casal estimulante. Ela se sentia “compreendida e aceita”, o que significava bastante, já que as convencionais expressões de conforto após a morte do marido lhe soavam quase insuportáveis. Sylvia e Ted, porém, demonstraram

“uma empatia espontânea com meu estado de espírito, o que foi muito libertador para mim”.

Numa visita a Cambridge, Mary Ellen Chase, uma das mentoras de Sylvia, sugeriu enfaticamente que poderia haver uma vaga para ela no corpo docente da Smith. Plath começou a ponderar a possibilidade de uma cátedra, embora não estivesse disposta a aceitá-la sem um marido a seu lado. Não queria ser mais uma daquelas professoras solteironas sem um papel genuíno na vida social do campus e da comunidade. Talvez tenha sido a visita de Chase o motivo que levou Plath a antecipar a data do casamento, apesar de aconselhada por Olive Higgins Prouty, numa carta, a ir mais devagar.

No início de junho, a benfeitora de Sylvia lhe escreveu uma carta séria, diagnosticando a descrição fantasiosa de Ted feita por Sylvia como sinal de uma paixão por um novo amor. Ele soava em demasia como o poeta-herói de Sylvia, Dylan Thomas, observou Prouty. Não estava se mostrando meramente cética, conforme suspeitou Sylvia. Prouty se revelava ostensivamente contrária a Ted como marido e pai em potencial. Previu sua infidelidade. Seria Sylvia capaz de tolerar seus casos de amor, como a esposa de Thomas tolerara os do marido? A obsessão de Sylvia com Thomas perturbara o equilibrado Gordon Lameyer, que não confiava no exibicionismo do poeta nem na defesa que Sylvia fazia dele. Nesse momento Prouty detectava uma inquietação similar em Sylvia, que ela, como uma mulher mais experiente, tentava refrear. Afinal, Prouty era precisamente o que Sylvia supostamente desejava ter: uma conselheira mais velha para mantê-la afastada dos perigos. Com astúcia, Prouty se apegou às palavras aflitivas que Plath usou para elogiar Ted. “Você não acredita realmente que as características que descreveu, como ‘maltratar as pessoas’, indelicadeza e, se bem me lembro, crueldade, possam ser permanentemente alteradas num

homem de 26 anos, acredita?” Não estaria Sylvia vivendo mais uma rodada de sua perpétua construção dos homens que amava? Esse foi um conselho que a jovem optou por ignorar enquanto escrevia cartas para a mãe destinadas a caracterizar Ted como o tipo de homem todo-poderoso ao qual a própria Aurelia se sujeitara. As cartas que escreveu à mãe em maio parecem destinadas a promover Ted, com um acúmulo acachapante de superlativos que tornaria praticamente impossível para Aurelia fazer outra coisa senão apoiar a escolha da filha.

Mas será que Sylvia tinha dúvidas? Em 4 de junho, Jane Anderson, tendo recebido um convite caloroso da amiga em março para visitar Cambridge, chegou e encontrou Plath muito “pressionada”. Anderson mais tarde recordou-se, depondo sob juramento (estava processando Ted Hughes em razão de um personagem baseado nela na versão cinematográfica de *A redoma de vidro*), de que Sylvia lhe confessara estar apaixonada por um poeta que também era “muito sádico”. Para Anderson, Plath pareceu continuar ansiosa quanto à própria decisão. E Anderson não sabia que reação adotar: bancar a decisão de Sylvia ou pedir-lhe para reconsiderá-la. Assim, Anderson apenas escutou. Após uma breve excursão por Cambridge, as duas se separaram, ficando Anderson com a sensação de que Plath, ainda sob uma tensão considerável, ficara aliviada de vê-la partir. As duas jamais voltaram a se comunicar. Anderson interpretou a caricatura de si mesma na Joan Gilling de *A redoma de vidro* como vingança por sua falta de reação aos planos mirabolantes de Plath.

Em 13 de junho, um casal extasiado recebeu Aurelia de braços abertos em Londres, e no jantar daquela noite lhe deram a notícia de que pretendiam se casar de imediato. Pessoalmente, Hughes passava a impressão do super-homem retratado por Plath com floreios quase cômicos em sua correspondência. Alto, moreno e com estrutura imponente, parecia também,

na presença daquelas duas mulheres fascinadas, um gigante gentil que arrebatara Sylvia como um deus, um Osíris para sua Ísis. Apesar de toda a sua força, ele dava a impressão — então — de um consorte maleável. Aparentemente abandonara a vida bastante dissoluta que ela vislumbrara para ele em seu diário e aparentemente fora domesticado por completo. Abriera seu coração para Sylvia e se identificara com seus sonhos e ambições como nenhum outro homem havia feito. Richard Sassoon a deixara frustrada, Gordon Lameyer brigara com ela, Eddie Cohen a questionara e Myron Klotz e todos os demais a tinham decepcionado ao lhe negarem uma vida de escritora, exatamente o que Ted agora lhe oferecia. Todos esses homens estavam mortos para ela — ou melhor, pedaços deles, como os pedaços de Osíris, haviam sido resgatados para formar a figura vigorosa e genial de Ted Hughes.

Mesmo considerando a predileção de Aurelia por homens poderosos, é de alguma forma surpreendente que ela tenha gostado tão rápido de Ted Hughes, a quem a filha conhecera tão poucos meses antes. Claro que seria devastador negar a Sylvia a felicidade com Ted, sobretudo porque o casal contou a Aurelia pessoalmente quais eram seus planos. O fato de terem agido assim, em vez de simplesmente anunciar a decisão por carta, decerto teve seu peso para Aurelia, que com efeito, havia sido convocada pelo casal real. Era a rainha-mãe, que os acompanharia na primeira fase da lua de mel europeia e depois prosseguiria viagem visitando os locais onde a mãe passara seus primeiros anos, na Áustria.

Mas não terá Aurelia se perguntado se Sylvia estaria tomando uma decisão impetuosa demais? Aurelia jamais foi capaz de contar por escrito a história toda de seus sentimentos por Ted Hughes. Desejando continuar a fazer parte da vida dos netos, temia alienar o pai deles. Hughes detinha os direitos autorais sobre as cartas de Sylvia, ou seja, para publicar *Letters*

Home, Aurelia precisou obter sua permissão. Assim, escrupulosamente evitou comentários diretos sobre Ted e seu casamento com a filha. Mesmo em particular, porém, segundo o amigo Richard Larschan, Aurelia manteve um profundo respeito por Ted e uma consciência lúcida de que a psique perturbada da filha contribuíra para o rompimento do casal.

Em *Letters Home*, Aurelia apresenta o comportamento precipitado da filha com uma frase decisiva: “Para minha completa surpresa, três dias depois de chegar a Southampton, em 13 de junho de 1956, descobri ser o único membro da família presente no casamento secreto de Sylvia e Ted na Igreja de St. George the Martyr, em Londres.” Por que secreto? Sylvia achou que se anunciasse abertamente o próprio casamento correria o risco de perder a bolsa da Fulbright, uma vez que supunha que o subsídio se destinava a estudantes solteiros. Por que surpresa? Afinal, Sylvia falara de casamento em cartas para a mãe. Mas a princípio o casamento era para ser adiado até que ela terminasse os estudos, quando teria a oportunidade de voltar para casa e apresentar seu príncipe. Nesse momento, porém, Aurelia havia sido convidada a unir-se à farsa de ambos, assim como Sylvia sempre partilhara com a mãe bilhetes e relatórios sobre seus pretendentes e seus respectivos méritos e defeitos. Aurelia então fazia parte da conspiração da filha, conspiração desconhecida até mesmo dos pais de Ted. E Ted fez seu papel muito bem, confiando à sogra suas preocupações sobre ter de dar aulas para gerar renda. Aurelia fizera o mesmo durante boa parte da vida e lhe disse francamente que às vezes se sentia não mais que um carcereiro.

Por que Hughes não avisou aos pais ou a Olwyn, em quem ele costumava confiar, sempre intrigou seus biógrafos. Será que esse repentino envolvimento com uma estudante americana era tão avassalador que ele achou que precisava de mais tempo para descobrir o que dizer? Suas primeiras cartas para Olwyn soam como as de um irmão caçula com várias

explicações a dar. Ninguém — decerto não os amigos de Ted em Cambridge — jamais esperara que ele se tornasse um marido convencional e menos ainda que se casasse com uma americana que parecia ter uma sensibilidade tão diversa da dele. Lucas Myers, profundamente cético com relação a Sylvia, interpretou o segredo quanto ao casamento como uma forma de ela assumir o controle total, segura de que ninguém se intrometeria no casal. Ted deixou que Sylvia assumisse o controle e não pareceu resistir em momento algum — mesmo à ideia de partir numa lua de mel na companhia da sogra. Que maneira melhor haveria de demonstrar seu lado obediente do que se acomodar aos arranjos vigorosos de Sylvia? Esse lado passivo dele (se houve alguma briga entre o casal antes do casamento, nenhum dos dois a relatou a terceiros) permitiu — na verdade encorajou — a Plath projetar uma imagem idealizada do casamento de ambos.

Dois dias após o casamento, ela escreveu a Warren, descrevendo sua união com Hughes como o resultado previsível dos três meses passados juntos, lendo e caminhando e cozinhando e escrevendo, lado a lado. Aurelia avalizara o compromisso da filha, e Ted já gostava e cuidava “muito” da sogra, garantiu Sylvia, que mais tarde disse a Marcia Brown que a mãe se comportava como uma “jovenzinha, tirando fotos, bebendo vinho etc.”. Para Warren, Sylvia apresentou o casamento secreto como uma necessidade. Parecia deleitar-se com a exclusividade dessa união: o casal vivia para si mesmo e gostava disso, escreveu para a mãe em 4 de julho, pouco depois de esta ter se despedido dos recém-casados em Paris.

De Madri, em 7 de julho, Sylvia escreveu para Aurelia descrevendo sua excursão pela Europa com o marido como uma espécie de turnê imperial. “Em todos os lugares a que Ted e eu vamos, as pessoas parecem nos adorar.” A classe proletária era atraída por esse casal singelo num cenário de cores vivas e brilhantes. Pela primeira vez na vida, Sylvia soube o que era viver sem

sinusite. Assim como Rebecca West na Iugoslávia, Plath declarou ter encontrado um paraíso no qual não mais se achava sufocada pelo ônus faccioso da modernidade anglo-americana.

No mesmo dia, Ted escreveu para o irmão na Austrália, de uma vez por todas renunciando ao sonho de começar vida nova por lá. Não era o país certo para desenvolver seu talento de escritor. Esse lugar também não era a Inglaterra. Assim como Plath, ele acreditava que a Espanha o liberara. Na companhia de uma “poeta americana” (ele parecia usar a expressão como se descrevesse uma princesa), vinha escrevendo melhor que nunca e com mais continuidade. Sylvia astutamente analisava seu trabalho, comentou ele, e descobria os defeitos que ele nem sequer se achava preparado para reconhecer. Na verdade, como parte do programa de envio de trabalhos, Hughes havia sido publicado com sucesso na *Poetry* e no *The Nation*.

Sylvia continuava a escrever para a mãe sobre a lua de mel de conto de fadas em Benidorm, uma cintilante cidadezinha litorânea espanhola à beira do reluzente mar Mediterrâneo. Estava encantada com os aposentos do casal numa casa ainda mais próxima do mar do que a da avó em Winthrop. Os dois tinham uma varanda com vista para o mar que estimulava Sylvia a desenhar e escrever. Ted vinha compondo fábulas com animais, enquanto Sylvia tramava contos sobre americanos no exterior, ela esperava que fossem aceitos por revistas femininas. No mesmo dia (14 de julho), escreveu para Warren, descrevendo Ted como a “metade masculina” de si mesma.

No diário, ela se derramava em descrições da sala de estar que os dois haviam “consagrado” ao processo de escrita deles. Organizavam seus dias em torno da composição de contos e poemas, Ted trabalhando numa grande mesa de carvalho e Sylvia num descanso para máquina de escrever. Saíam de manhã cedinho para fazer compras, conforme ela contou a Eleanor Friedman Klein, e no mercado popular escolhiam coelhos vivos que eram

obrigados a matar para o jantar. Sylvia e Ted voltavam para casa para escrever durante o restante da manhã, interrompendo o trabalho para almoçar e fazer a sesta, após o que davam um mergulho e escreviam durante mais duas horas no fim da tarde. Encerrado o expediente, os dois liam algumas horas antes de dormir. Viagem, aventura, romance — a vida deles se transformara num filme, escreveu para a mãe.

Ainda envolvido na farsa de Sylvia, Ted escreveu para os pais, depois que o casal chegou a Benidorm, dizendo que pretendia casar-se com Sylvia e o faria antes que os dois os visitassem em setembro. Pediu-lhes para jurarem guardar segredo, mencionando o medo dela de perder a bolsa de estudos se a verdade viesse à tona. Como deixou claro mais tarde para Olwyn, eles precisavam do dinheiro da bolsa para o próprio sustento. Hughes avalizara o plano dela de passar um ano dando aulas nos Estados Unidos e em seguida voltar à Europa. Os pais não precisavam se preocupar, acrescentou, porque não só Sylvia cozinhava muito bem, como também era muito boa com as finanças e mais capaz de ganhar dinheiro que o marido. Ele mencionou ter conhecido a sogra e gostado dela.

Ted dedicou a maior parte de sua longa carta aos pais à descrição de uma tourada a que o jovem casal assistira em Madri, um espetáculo lamentável, que, ainda assim, lhe atraía a atenção por completo. O fascínio de Hughes pelos violentos aspectos cerimoniais desse confronto macabro encobriu qualquer repugnância que ele possa ter expressado para Sylvia, embora a forma direta pela qual descreve o embate para os pais desperte repulsa. Seu comentário analítico, frio mesmo, sobre todo o episódio reduz-se à expressão de surpresa diante da capacidade do touro de se adaptar ao duelo, apesar de ter morrido exangue no fim.

Sylvia sentira nojo do espetáculo lamentável e, em “The Goring”, evoca o clima bastante sórdido que cercava a multidão truculenta, as investidas

canhestras do picador e suas manobras desajeitadas. Somente nos momentos finais do duelo mortal entre toureiro e touro, o ritual sombrio adquiriu a aparência de uma espécie de arte cerimonial redimindo o “ar contaminado”. O tom contido do poema disfarça quão pouco à vontade Sylvia se sentia na Espanha. Para a mãe, ela escreveu sobre o “tenebroso picador” e o massacre sangrento. Embora diga a Aurelia que Ted partilhava seus sentimentos, sua linguagem revela uma sensibilidade marcadamente diversa. Hughes escreveria mais tarde um poema intitulado “Você odiou a Espanha”, sobre a reação de Sylvia. Conforme observa sua biógrafa, Elaine Feinstein, Ted sentia-se em casa com o lado primitivo da Espanha, enquanto o tipo de consciência sangrenta que eletrizara Sylvia na obra de D. H. Lawrence a repugnava pessoalmente.

O idílico ninho à beira do mar aos poucos se transformou num campo de batalha entre o senhorio e uma Sylvia ressabiada, encurralada, tentando contornar a presença incômoda dele, que vivia se intrometendo para ensinar a inquilina a operar o fogão e a não levar “muito a sério” as interrupções de energia elétrica e do fornecimento de água. “That Widow Mangada” fornece uma versão praticamente literal das anotações de Sylvia em seu diário, que registravam a crescente desilusão com o seu paraíso espanhol.

O fato de ela ignorar ou não apreciar a visão diversa de Ted sobre a tourada sugere que parte da sua felicidade exultante não passava de afetação. Essa ao menos foi a conclusão a que chegou Richard Sassoon após receber uma carta dela anunciando o casamento com Hughes. Lembrando o tom de Eddie Cohen, o reservado Sassoon respondeu que não via motivo para que Sylvia não fosse tão feliz, ou mais feliz com Hughes do que havia sido com ele — salvo que o que escrevera não lhe soava como a carta de uma “mulher feliz. Ao menos não para mim, como você me conhece extremamente bem e é uma grande missivista, posso considerar plausíveis

minhas reações”. A sinuosidade da prosa de Sassoon reflete o quanto a relação de ambos se tornara difícil e complexa, mas também, talvez, quão conflitantes e mal resolvidos eram os sentimentos de Sylvia, apesar de suas afirmações em contrário. Ele não duvidava ser merecedor de uma resposta dura, mas ela era “mulher suficiente para saber que não sou eu — acima de tudo eu — quem deve levar a culpa (...) Bem antes que eu fosse seu *bien aimé*, fui outra coisa para você, e acho que sempre fui, de alguma forma, mais que um amante, sempre (...) Você me diz que devo saber que o que está fazendo é o melhor para si; assim é se assim você crê, Sylvia, e se assim for — então é — ‘muito simplesmente’ isso mesmo. Ainda que eu pudesse desejar o contrário”. E Sassoon saiu de cena, recusando-se a se deixar envolver pela versão dela do *affaire de coeur* de ambos.

Um trecho misterioso no diário de Plath, datado de 23 de julho, escrito depois de um embate com Hughes que a deixou temendo “o mal-estar que crescia, espreitava, enchendo a casa”, provê uma pista da natureza deformada de suas afeições, algo que Sassoon detectara. Ela era capaz de transformar, repentinamente, uma decepção pessoal numa noção cósmica de desencantamento, declarando que o “mundo entortou e se tornou azedo como um limão da noite para o dia”. Seu desatino, ademais, não cessou, mas apenas foi atenuado pela visita de Marcia Brown e seu marido, Mike, e pela conversa deliciosa com um grupo de soldados espanhóis num trem para Madri, quando eles aprenderam a tomar vinho num cantil de couro.

Em 25 de agosto, quando se aproximavam do fim as férias de verão, Sylvia e Ted se encontraram com Warren em Paris, um encontro de que ela não falou muito. Warren passara o verão na Áustria e estava voltando aos Estados Unidos para seu último ano em Harvard. O casal estava a caminho da visita à família de Ted, na casa a que Sylvia se referia como *O morro dos ventos uivantes*. Apesar de todas as referências entusiasmadas à Espanha e

dos planos para escrever a esse respeito, os resultados foram modestos. Salvo por “That Widow Mangada”, um punhado de poemas e contos sem nada de especial, além de notas em seu diário, ela não produziu senão uma espécie de artigo insosso com impressões da viagem que foi publicado no *The Christian Science Monitor*.

Em 2 de setembro, Sylvia escreveu para a mãe falando da estadia na casa da família de Ted em Yorkshire. Conforme diz, ela então fazia parte do “clã Brontë”. Seu diário revela que isso era mais que uma alusão casual para uma escritora tão imersa na vida literária que podia viver uma delas. Os morros descobertos, os muros de pedras negras, os ventos gélidos do norte e fornos à lenha que descreve na carta evocam a atmosfera de *O morro dos ventos uivantes*, com Sylvia no papel da intrómita que entra no mundo misterioso, inefável, deixando o sr. Lockwood perplexo e assustado. Ela vaga pelas charnecas ermas, como haviam feito Catherine e Heathcliff. Será que se lembrava da versão hollywoodiana de *O morro dos ventos uivantes* (1939), com sua icônica cena de Laurence Olivier e Merle Oberon abraçados no alto de um morro, duas almas apaixonadas ligadas uma à outra, mas fadadas a se separarem?

Em sua carta de 2 de setembro, Sylvia continua em seu disfarce de sr. Lockwood, chamando os pais de Ted, William e Edith, de “gente simples e querida de Yorkshire”. Ela gostou de ambos. Eles gostaram dela. Nada desagradável acontecera ainda. William, a julgar pelo que o filho dizia dele, era calado, introvertido até. Passara pelo trauma das trincheiras da Primeira Grande Guerra e agora era proprietário de uma tabacaria. Edith, conforme a retratam outros biógrafos de Plath, tinha um profundo interesse por magia e ocultismo — embora mais tarde Olwyn tenha censurado Diane Middlebrook por dizê-lo (na verdade, o fascínio de Ted por astrologia e necromancia superava em muito qualquer coisa que a mãe pudesse saber ou

se preocupar em inculcar no filho). Ela era bastante convencional e gostava de fato de Sylvia, que, é óbvio, saboreou o lado doméstico da vida e levou com ela um apreço romântico pela terra.

A poeta logo voltaria a Cambridge para cursar seu segundo e último ano de estudos. Ted iria para Londres, onde lia poesia para a BBC, emprego bem-sucedido e bem remunerado (os dois haviam gasto quase todo o dinheiro que tinham na Espanha). Hughes tinha uma voz excelente para a poesia moderna. Acreditava que apenas parte do cérebro registrava o impacto da poesia quando ela não era lida em voz alta. Com frequência, lia Shakespeare para Plath e a encorajava a passar parte do dia recitando poemas. A voz gravada da própria Sylvia cresceu em autoridade e potência, o mesmo acontecendo com sua consciência da plateia, e por isso Hughes merece um crédito considerável.

Sylvia preparou-se para escrever um romance baseado em suas experiências em Cambridge. Ela e Ted tinham esperança de conseguir emprego de professores durante um ano e talvez fazer uma turnê de leituras quando Sylvia levasse Ted para os Estados Unidos. Ela andava um tanto esperançosa. *The Atlantic Monthly* comprara "Pursuit" por cinquenta dólares. Mais notícias boas chegaram em 2 de outubro, quando a *Poetry* aceitou seis de seus poemas por 72 dólares. E Peter Davison, na *The Atlantic Monthly* nesse momento, a vinha encorajando a mandar outras obras suas. Ela lhe escreveu uma longa carta expondo seus planos para um romance, bem como promovendo a poesia de Ted. Ele a recompensou com uma pronta resposta, que incluiu o desejo de ver o trabalho de Hughes.

Em sua carta de 2 de outubro para Aurelia, Sylvia fez questão de dizer que ela e Ted não faziam parte de um "mundo artístico", e que tudo de que precisavam era um do outro. Mas a própria noção dessa singularidade também era um elemento de pressão para ela. Pensando que perdera um

encontro com Ted em Londres, Sylvia entrou em pânico e disparou uma “fúria de lágrimas”, conforme contou a Aurelia. Embora o marido tivesse aparecido logo, a reação extremada dela mostrou o quanto ele significava para o equilíbrio da sua vida cotidiana.

Ted tinha plena ciência do investimento dela nele e, de Londres, onde muitas vezes passava a noite enquanto trabalhava para a BBC, reforçava o laço entre os dois com frequentes cartas afetuosas e encorajadoras, bem como com expressões de ansiedade compatíveis com os humores dela. Em 1º. de outubro, escreveu dizendo como se sentia inquieto sem ela. Vagava de um lado para o outro como “alguém com uma cirurgia cerebral semiconcluída”. Insistia com ela para “se manter vigilante” quanto ao casamento, como ele fazia, dizendo que dessa forma a felicidade de ambos seria preservada. Ele a tratava com apelidos (“Puss-Kish-Ponky”, por exemplo), que serviam para intensificar a intimidade e exclusividade do casal. Antecipando um encontro, Ted anunciou que a beijaria até “deixar bolhas em seus lábios”. O homem que jamais se importara com roupas e era conhecido por enfiar peixes recém-pescados nos bolsos do paletó elogiou enfaticamente um terno que Sylvia lhe comprou, dizendo que então podia chegar a Londres “elegante, elegante, elegante”.

Um dia depois, escreveu dizendo como sentia falta do “calorzinho ranzinza” de Sylvia. Mandou-lhe tramas que talvez ela pudesse usar em seu romance. Uma girava em torno de um jovem casal recém-casado que se mudava para o campo a fim de evitar as distrações e complicações da vida urbana. “Eles querem se manter um para o outro apenas, longe da tentação”, escreveu Ted, sem um sinal de que estava baseando esse roteiro na vida deles próprios. Numa guinada sobrenaturalmente profética, ele prossegue fazendo com que amigos do casal em visita encorajem os dois a abrir uma hospedaria, já que são tão afeitos a entreter seus convidados. Embora a

pousada seja um sucesso, o resultado da empreitada é que eles acabam, por assim dizer, levando a cidade de volta para dentro de suas vidas. Pior que isso é o fato de a esposa tornar-se ciumenta e passar a suspeitar do envolvimento do marido com uma ex-namorada. A história tem final feliz, pois o casal vende o hotel e compra outra casinha mais próxima da cidade, o que reflete a consciência dos dois de que não podem escapar por completo à modernidade, mas podem se esforçar para manter a solidez do casamento. Hughes chamou a trama de “podre”, mas será que era só isso? “Você pode extrair algo que preste daí?”, perguntou a Sylvia. Ele estaria relacionando a pergunta ao significado da história ou ao significado da vida de ambos? De todo modo, Hughes ficou satisfeito ao dizer, numa carta posterior, que se alegrara por ela ter gostado da “trama da hospedaria”.

Em “The Wishing Box”, um conto sobre uma mulher que inveja a imaginação fértil do marido expressada em seus sonhos, Plath talvez estivesse articulando a preocupação de que àquela altura Hughes dava a impressão de tê-la ultrapassado como escritor. Ao menos essa é uma forma — a forma de Edward Butscher — de encarar a reação dela à criatividade abundante do marido, tão fecunda que ele vinha enviando suas ideias recém-nascidas para uma colaboradora em parte agradecida e em parte ressentida. As cartas de Sylvia, porém, não apenas carecem de inveja, mas positivamente se mostram exultantes quanto à produtividade do marido.

Hughes certamente não dava motivos a Plath para duvidar de que ela fosse desejável. Ele lhe dava boa-noite, pensando nos “lugarezinhos macios” da sua Bichana e em como queria beijá-la “lentamente desde o dedão do pé”, chupando e mordiscando e lambendo-a “a noite toda”. Sentindo sua falta, ele se via como um amputado, zozzo e chocado, porque perdera metade de si mesmo. Às vezes, ele simplesmente irrompia com: “Eu te amo, te amo, te amo.” Apenas as “cartas incríveis” dela o consolavam. Se mais que um

punhado de dias se passava sem que tivesse notícias de Sylvia, Ted se inquietava: “Nem uma única carta da minha Bichana? Será que ela morreu? Será que metade do mundo se foi?” Ele imaginava a desejável esposa aceitando a corte de serventes, enquanto ele ficava sentado, olhando o horizonte “como uma pedra velha”. Incapaz de trabalhar, consolava-se lendo Yeats em voz alta.

Em suas cartas, Hughes previu grandeza para Sylvia, assim como ela o fizera com ele. Sem ela, escreveu em 5 de outubro, não lhe era possível dormir e acabava desperdiçando seu tempo. Vagava qual um animal estranho e chegara a ser interpelado pela polícia por parecer um sujeito suspeito. De alguma forma, escreveu para a esposa, os dois haviam transformado todas as suas “lacunas” em bons poemas. Ele a aconselhou a estudar para as provas de Cambridge, dizendo de forma sensata, por exemplo, que os seis livros sobre Chaucer que ela precisara ler possuíam, cada um, seu valor, mas com certeza continham muito em comum e não era necessário fazer mais do que uma ou duas anotações para cada capítulo lido. Avaliava a poesia dela, oferecendo conselhos diretos — de profissional para profissional — e elogios. “Seus versos jamais ‘se adocicam’, como acontece com os de outras mulheres”, escreveu em 22 de outubro, embora parecesse um pouco preocupado com o fato de ela estar buscando uma fórmula que as revistas como *The New Yorker* adotavam. Mas Ted se perguntava se tal fórmula existia. Como explicar Eudora Welty ou J. D. Salinger, dois autores bastante distintos, serem, ainda assim, publicados na *The New Yorker*? Se ela escrevesse sobre o que realmente a atraía, não havia como errar, disse Ted a Sylvia. Assim como ela, ele dava a impressão de aceitar bem as recusas, dizendo que ao menos a *The New Yorker* parecia lembrar-se do nome dele, mesmo tendo rejeitado suas fábulas sobre animais.

Para Olwyn, naquele outubro, Hughes louvou as publicações bem-sucedidas de Sylvia em *The Atlantic Monthly* e *Poetry*. Ela não era uma “americana falastrona”. Com efeito, lembrava muito uma infatigável alemã, sem afetações, e tinha um “fantástico talento poético”. Ele fez o horóscopo da esposa, com o qual ilustrou a carta para que Olwyn entendesse. Vinha então mostrando os poemas de Plath para seus contatos na BBC. Ele se agarrava a esposa como uma força renovadora, mesmo enquanto desprezava Londres, chamando a cidade de “assassina”, um fantasma de si mesma e tão exaurida que perdera toda a sua “aura”. Escrevendo para Olwyn, em 23 de outubro, Ted declarou que a cidade já não tinha fôlego.

No fim de outubro, quase tendo um colapso porque Ted passava tanto tempo em Londres que os dois não conseguiam viver como marido e mulher, Sylvia confessou o seu segredo a Dorothea Krook, que corretamente previu que, se Plath consultasse o orientador da Fulbright no campus e o comitê da Fulbright em Londres e fizesse uma confissão contrita e completa sobre o próprio casamento, lhe dariam permissão para manter a bolsa de estudos. E assim foi. Uma Sylvia eufórica contou a Krook que nenhuma crítica lhe fora dirigida; na verdade, haviam lhe dado os parabéns pelo casamento. Krook, no entanto, que ainda não achava conhecer tão bem a aluna, sentiu um pouco de preocupação por vê-la dependente demais do próprio casamento. “Estou vivendo para Ted”, escrevera Sylvia para a mãe em 22 de outubro. Em “Epitáfio para fogo e flor”, um poema que anexou a uma carta para Aurelia, um dos versos diz tudo: Os amantes têm um “toque” que irá “despertar a inveja dos anjos”. Ora, só até certo ponto, pois o final evoca o “olhar ardente” que “enegrece a carne até os ossos e os devora”.

No início de novembro, Ted encontrou um emprego próximo a Cambridge como professor de uma escola secundária, e o casal se mudou para um apartamento a apenas cinco minutos de Newnham. Ele não gostava

muito de Cambridge, e alguns de seus colegas aparentemente sentiam o mesmo por ele. Os decanos consideravam Ted um sujeito de moral bastante questionável e demonstravam surpresa com o fato de a alegre e polida Sylvia ter se unido a tamanho rufião. Morar em Cambridge era sinal de que ele estava fazendo todo o possível para aplacar as ansiedades facilmente despertáveis de Sylvia. Os dois passavam as noites envolvidos com cartas de tarô.

A crise de Suez e a malfadada invasão do Egito pela Grã-Bretanha depois de Nasser nacionalizar o canal trouxeram de volta a repulsa inata de Plath pelo militarismo e pelo materialismo. Mais importante ainda, sua reação reflete uma sensibilidade que rejeitava o nacionalismo tacanho. Sylvia encarava a política da mesma forma como encarava a poesia, em termos cósmicos. Que a Grã-Bretanha se aliasse à França e a Israel apenas comprovava que o mundo andava fora de compasso. Ela não dava a mínima para o Império Britânico, nem pelas medidas tomadas por conveniência nem pelas amenidades e ambiguidades das negociações diplomáticas. Elogiou, e muito, Hugh Gaitskill, líder do Partido dos Trabalhadores, pela eloquente oposição à invasão, mas realmente não se interessava pelos partidos políticos em si. Continuava a ser a mesma pessoa que escrevia para Hans sobre a paz mundial. O fato de que seu país detinha superioridade nuclear não a fazia sentir-se melhor. Outras políticas britânicas em Chipre e nos estados africanos emergentes não eram melhores, e ela esperava que os Estados Unidos pressionassem seu aliado a se retirar de Suez. Considerava sua terra natal como o lugar apropriado para ela e Ted nesse momento. A Grã-Bretanha estava morta. Num raro momento chauvinista, declarou à mãe em 1º. de novembro: “Deus abençoe a América!” Seis dias depois, tornou a escrever para se declarar enojada com a notícia da invasão soviética à

Hungria. Continuou a reiterar sua oposição a toda e qualquer guerra, dizendo torcer para que Warren se tornasse um opositor consciente.

A velha e fuliginosa Inglaterra se tornara um tédio, e Sylvia seduzia Ted com imagens de um suntuoso verão em Cape Cod. Também o inscrevera num concurso de poesia patrocinado pela *Harper's*, tendo como jurados Stephen Spender, W. H. Auden e Marianne Moore. Ganhar o prêmio e a publicação de seu primeiro livro seria vital para o reconhecimento de Ted Hughes nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Hughes escreveu para o amigo Lucas Myers em 16 de novembro a respeito do concurso, expressando “parcas esperanças” de sucesso, embora fosse obviamente um escritor que se via no páreo. Ele e Sylvia tentaram descobrir o próprio futuro num tabuleiro Ouija, com resultados conflitantes. Tentativas reiteradas por parte do casal puseram os dois em contato com um espírito, que corretamente previu que algumas revistas aceitariam seus trabalhos. Confiar, porém, no tabuleiro Ouija para prever os ganhadores da loteria esportiva não lhes trouxe a fortuna esperada.

Em algum momento do fim de novembro, Plath teve seu primeiro encontro com Olwyn Hughes, que a visitou pouco antes que ela trocasse o quarto em Cambridge pelo apartamento que partilharia com Ted. Olwyn tinha então 28 anos, era alta e incrivelmente “bem-apessoada”, para tomar de empréstimo as palavras de Elaine Feinstein. Ocupara vários cargos de secretária em Paris e talvez tenha dado à cunhada a impressão de ser exatamente o tipo de carreirista que Sylvia abominava. A confiante Olwyn, solteira e com uma gargalhada gostosa, parecia totalmente autônoma e não tinha uma companhia masculina permanente. Olwyn achou Sylvia um tanto reservada, mas, segundo Anne Stevenson, nada de especial aconteceu nesse primeiro encontro que desgostasse uma ou outra.

Em 15 de dezembro, Sylvia escreveu para Marcia Brown para contar tudo sobre o magnífico Ted, um “típico sujeito simplório de Yorkshire”. Como de hábito, descreveu-o como “grandalhão” e feroz. Dessa vez, porém, também associou o marido ao “som dos furacões”, um modo hábil de absorvê-lo em suas lembranças mais antigas de uma vida mitológica à beira-mar. Decididamente, se deleitava em relatar que não conseguia dominá-lo, declarando que ele lhe quebraria a cabeça se ela tentasse. Mesmo quando ele conversava sobre sua atividade de professor, Sylvia percebia que Ted granjeava a admiração dos alunos aterrorizando-os. Rotulou-o de “decididamente britânico”, mas tinha esperanças de que ele aceitasse pensar em se estabelecer nos Estados Unidos, já que a Grã-Bretanha era um país sem futuro.

Sylvia acreditava nesse momento que se livrara de seus demônios. Quando Aurelia lhe escreveu no fim do ano a respeito de um jovem com ideias suicidas, Sylvia respondeu em 29 de dezembro com uma descrição sincera do calvário de seis meses que ela própria enfrentara, período durante o qual não aguentava ler ou escrever e odiava o otimismo dos médicos. Queria que a mãe falasse ao rapaz do seu caso, bem como lhe contasse o que dissera à filha na ocasião: que era mais importante se abrir à vida, exigir menos de si mesma, aproveitar a natureza e entender que o ser humano vale pelo que é, e não por suas realizações. Diga a ele, insistiu com Aurelia, que Sylvia achara o próprio caso insolúvel, mas mesmo assim se recuperara. No entanto, advertiu à mãe, não minimize o que ele sente; concorde, mesmo que ele ache sua situação desesperadora, reiterou. Queria que a mãe dedicasse ao rapaz todo o tempo de que pudesse dispor. “Adote-o por mim (como os Cantor fizeram comigo)”, e nada exija, instruiu Sylvia.

Nas cartas de fim de ano para Aurelia e Warren, Ted mencionou que estava encorajando Sylvia a começar o romance que ela vinha anunciando.

Observou que a esposa estava dedicando bastante energia à culinária. O filme *Sylvia* sugere que o preparo de refeições e bolos eram as distrações de uma escritora com bloqueio. E é verdade que ao longo do ano seguinte ela produziria relativamente pouca prosa ou poesia. Mas suas energias precisavam ser dirigidas para outro alvo, e é difícil crer que se obrigaria a escrever o romance a essa altura lhe tivesse feito algum bem. Ela precisava de mais tempo para executar um projeto importante do que tinha disponível enquanto estudava para o curso; a interrupção da rotina literária gerou uma ansiedade considerável e até mesmo depressão.

Sylvia começou o ano de 1957 adotando a disciplina de escrever duas horas por dia, a partir das seis da manhã, antes que Ted saísse para lecionar numa escola secundária próxima. Por insistência dele, decorava um poema por dia enquanto elaborava histórias de amor para revistas femininas. Também datilografava parte do trabalho de Ted e reunia poemas que pretendia enviar para apreciação dos responsáveis pela série *Yale Younger Poets*. Pela primeira vez, numa carta para Aurelia datada de 9 de janeiro, Sylvia mencionou “discórdias violentas” com Ted, mas garantiu à mãe que ele era gentil, amoroso e muito eficaz em disciplinar o trabalho dela. Ted resistia à ideia de lecionar de forma permanente, como alguns poetas faziam então, ocupando cátedras que, a seu ver, poderiam sufocar a criatividade. Escrever era a prioridade. Ele lecionava, temporariamente, para auferir renda. Ela parecia menos segura quanto a renunciar a uma carreira acadêmica, confidenciando à mãe em 19 de janeiro que não brigaria com o marido a esse respeito, principalmente por ter muita confiança no futuro dele.

Em 21 de janeiro, Ted escreveu para Aurelia e Warren agradecendo os presentes de Natal e tecendo elogios à poesia de Sylvia — sobretudo ao poder cumulativo dos poemas no livro que ela estava montando. É evidente que

Ted realmente aterrorizava seus alunos para mantê-los submissos, já que menciona bater em suas cabeças devido à “insolência” dos mesmos. Táticas de terror e até mesmo acessos de fúria chamavam a atenção de garotos que, na verdade, tinham bom coração, insistiu Ted, embora parecesse menos confiante nos próprios métodos do que sugerira Sylvia. Achava que lhe faltava autoridade e se comportava mais como um irmão mais velho do que como a figura paterna de que os alunos precisavam. Ensinar àqueles garotos desobedientes era uma experiência decepcionante, admitiu, que não evidenciava em nada o lado de herói invencível que Sylvia gostava de promover.

Lecionar na Smith durante um ano não era algo confirmado, mas a visita de Mary Ellen Chase a Cambridge animara Plath, que havia pensado que não chegaria a lugar algum sem um diploma de PhD, a julgar pelas primeiras respostas que recebera de universidades às quais pedira informações. Mas Chase disse que as publicações dela mais do que compensavam a falta de doutorado. Sylvia, porém, se preocupava com Ted, na época não muito conhecido nos Estados Unidos. Provavelmente teria de se conformar com um cargo de professor numa escola preparatória particular, sugeriu Chase. Ele não mudara de ideia a respeito do magistério, mas a perspectiva de viajar para os Estados Unidos e ganhar um dinheiro razoável para sustentá-los durante um ano dedicado apenas a escrever o atraía. E ambos queriam se afastar daquela Inglaterra “bolorenta” e “corporativista”, como chamou Sylvia numa carta para a mãe em 3 de fevereiro.

Menos de três semanas mais tarde, em 23 de fevereiro, Ted recebeu um telegrama, às dez e meia da manhã, anunciando-lhe que ganhara o prêmio New York City Poetry Center/*Harper's* pelo seu primeiro livro, *O falcão na chuva*. Agora suas esperanças quanto a uma recepção apropriada nos

Estados Unidos dispararam. O casal telefonou para Aurelia, esquecendo-se de que ela ainda não estaria acordada às seis da manhã em Wellesley, e numa carta complementar no dia seguinte, Sylvia tripudiou, desdenhando dos “medrosos editores de poesia” que antes haviam rejeitado o trabalho do marido. Os principais juízes-poetas reconheceram o talento de Ted. Plath tinha certeza de que o livro dele seria um best-seller.

Como era da sua natureza, ela escreveu para Olwyn contando sobre o marido sortudo, ainda que ele lamentasse que os poemas não fossem melhores. Conforme disse à mãe, Ted era modesto quanto ao próprio trabalho. Sylvia, na qualidade de sua agente, adorava promovê-lo. Sua noção de destino assaltou-a quando percebeu que o dia 23 de fevereiro marcava o primeiro aniversário da “festa fatal” em que ela conhecera Ted. Ela sentia um orgulho de proprietária pelo trabalho do marido, declarando que havia datilografado e redatilografado aqueles poemas e não via qualquer resquício de rivalidade — apenas certeza de que o número de prêmios ganhos pelos dois só faria aumentar. Acreditava que, na verdade, tornara Ted tão competitivo quanto ela. Em *Letters Home*, Aurelia comenta que desde os 4 anos a filha estimulava os egos masculinos, sempre escolhendo rapazes que merecessem seu aplauso. Embora a Ted Hughes decerto não faltasse segurança, a fé “inabalável” (empregando o termo de Aurelia) de Sylvia nele pode muito bem ter acelerado sua ambição. Intelecto, vigor, graça, comprometimento moral e um estilo lírico, “Oh, ele tem tudo”, concluiu Sylvia. Numa carta para o irmão, Gerald, e a cunhada, Joan, Ted simplesmente disse: “Sylvia, sem dúvida, é a minha sorte.”

O repentino sucesso dele nos Estados Unidos coincidiu com um comentário contra seu país natal. Numa correspondência que não aparece na coletânea publicada de suas cartas, ele deu a Gerald e Joan sua opinião condescendente sobre uma Inglaterra em declínio, declarando que o anglo-

saxão “era menos digno de viver do que qualquer coisa ruim na terra”. Hughes menosprezou o Exército Imperial britânico, ao qual havia servido, e as escolas públicas que produziam uma uniformidade estereotipada nos blazers usados nos fins de semana e “no sotaque elitista”, resultando numa “total atrofia da sensibilidade e da introspecção. Nunca se pode corrigi-los, porque nunca se pode levá-los a ver como são tolos”.

Sylvia começava a se atormentar sobre o romance que não escrevia, provisoriamente intitulado “Falcon Yard”. Onde estava a trama? Por que não aproveitara mais suas viagens a Cambridge, Londres, Yorkshire, Nice, Benidorm, Madri e Munique? Baseando a protagonista em si mesma, uma espécie de *femme fatale* que “passa pelas mãos de vários homens”, e apresentando personagens inspirados em Gary Haupt, Richard Sassoon, Gordon Lameyer, Mallory Wober e outros, ela queria explorar uma personagem dividida entre sentir-se segura e embarcar num “grande amor, explosivo e perigoso”. Outros personagens femininos, baseados em Nancy Hunter e Jane Kopp, funcionariam como contrapontos ou alter egos, aparentemente fornecendo os tipos de alternativas confrontadas pela protagonista. Mas então seu diário faz uma pausa para ruminar sobre a vida com Ted e sua preocupação de que talvez ela esteja “se refugiando na domesticidade”.

Voltou-se para Virginia Woolf, cujo diário a consolou porque Woolf também ficou deprimida. Com efeito, Sylvia achava que no sombrio verão de 1953 andara canalizando Woolf e imitando seu suicídio por afogamento. Embora tivesse sonhado com um casamento imponente e tradicional em Wellesley, agora se deliciava com a lembrança da cerimônia simples e espartana na “igreja dos limpadores de chaminé com nada além de amor & esperança & nós mesmos”. Ted usara seu velho paletó de veludo cotelê preto e Sylvia, um vestido de tricô cor-de-rosa que Aurelia comprara. Em sua

prosa arrebatada, ela e Ted eram agora o primeiro casal, e, como um novo Adão e uma nova Eva, estavam destinados a povoar o mundo com uma prole brilhante. O casamento com Hughes transformou tudo o que acontecera antes, de forma que os pretendentes anteriores apareceriam em seu romance apenas para serem dispensados por serem fracos, frouxos e sem propósito.

Apesar de declarar incessantemente estar orgulhosa de Ted, o sucesso do marido cobrou um preço dela, que diz em seu diário que a crítica a seu trabalho veio em má hora. Ela parecia estar sofrendo de um bloqueio, incapaz de escrever seu romance. Conseguia produzir a duras penas três páginas por dia, mas o que escrevia era “bobo”. Parte do problema derivava da necessidade de estudar para as provas de junho. Tentava aliviar a pressão andando de bicicleta, mas ainda sentia fascínio pelo romance sobre uma jovem autodestrutiva redimida pelo poder do amor. Às vezes tinha a impressão de produzir um enredo comercial, uma confissão genuína em forma de história, e não o relato “nobre, de doer as entranhas” que sonhara compor. Parte do problema, deu-se conta, era seu estilo demasiado sério. O antídoto, confidenciou ao diário, talvez fosse algo que lembrasse o jeito Joyce Cary em *The Horse's Mouth*, uma incursão deliciosa, informal, na mente de um artista, ao mesmo tempo vívida, divertida e séria em termos estéticos. Plath invejava a popularidade de Cary e queria imitar seus outros romances leves, como *Herself Surprised*.

Em 12 de março, uma Sylvia eufórica recebeu o convite para ocupar o cargo de professora na Smith com um salário de 4.200 dólares, à época uma remuneração anual respeitável para um emprego como esse. Embora nutrisse dúvidas quanto a lecionar na Smith, agora não conseguia imaginar nada de diferente para fazer, disse a Aurelia. Lecionar três disciplinas por semestre

poderia se revelar assustador, mas Plath supôs que se sairia bem com bons alunos e teria discussões estimulantes.

Em 29 de março, Olive Higgins Prouty reagiu à boa notícia enviando a ela o que Aurelia chamou em *Letters Home* de “observações intuitivas”. “Não há fim para as coisas excitantes que estão acontecendo. Isso me assusta um pouco. Tenho muito orgulho de você, Sylvia. Adoro contar sua história. Alguém comentou comigo depois de ler seu poema em *The Atlantic*: ‘Como é intenso’. Qualquer hora destas me escreva um pequeno poema que *não seja* intenso. Uma lamparina com a chama alta demais pode se quebrar. Por favor, algumas vezes *reluza* apenas.”

Uma semana depois, Plath concluiu um poema, “All the Dead Dears”, uma meditação extraordinária sobre o esqueleto de uma mulher num caixão de pedra que a poeta vira no museu arqueológico de Cambridge. A narradora do poema observa que “esta senhora” não é sua parente, mas, ainda assim, “ela há de chupar/Sangue e drenar minha medula” para provar o contrário. O que não daria Henry James para imaginar um personagem como Sylvia Plath, tão ancorado no passado que às vezes sentia que o passado a estava comendo viva? A narradora imagina essa figura do passado remoto arrastando-a e fazendo-a sentir a presença de outras velhas almas que usurpam seu lugar — ou seja, acomodam-se à vontade numa espécie de cena de morte-em-vida que leva a narradora a pensar na humanidade como “each skulled-and-crossbones Gulliver/Riddled with ghosts”. Os vivos haverão de jazer com as relíquias, como a mulher no caixão de pedra, “deadlocked with them, taking root as cradles rock”. Essa extraordinária evocação gótica de recorrência e continuidade tem o tipo de acuidade reflexiva, brilhante e assombrada que perturbava Prouty.

Sylvia já havia escrito oitenta páginas em espaço simples de “Falcon Yard” e esperava concluir um primeiro esboço do romance antes de partir

em junho para os Estados Unidos. Apenas fragmentos da obra sobreviveram, inclusive uma página intitulada “Caderno da Personagem”. Ela tentava elaborar uma trajetória para sua heroína, Peregrine, uma “Viajante, não Penélope”. Outro personagem, Lisa, é chamada de “mulher-macho” e associada a Nancy Hunter e Olwyn Hughes. Kate, descrita como uma velha passional e sacerdotisa, aparentemente foi inspirada em Dorothea Krook. Uma sra. Guinea seria apresentada como uma espécie de Mulher de Bath (Chaucer). Jess, uma “simplória honesta”, seria confortadora, embora vitorianamente indigesta. A ideia era um romance sobre uma mulher do mundo, uma “fábula de Ísis”, observou Plath.

As mulheres teriam como contraponto o dionisíaco Leonard, um herói, um “homem-Deus”, que é “fecundo” e criativo. Adam Winthrop, uma versão de Gordon Lameyer, um filhinho da mamãe (Sylvia disse isso em seu diário), é dominado por mulheres. A escritora tinha em mente criar um janota de Cambridge baseado em Christopher Levenson, um conhecido seu, e outro pretendente frágil, Maurice, era uma cópia de Sassoon, “um conquistador moreno, doentio”. Caloroso e intuitivo como Mallory Wober, Maurice é bastante cerebral e, assim como Sassoon, preocupado demais com dinheiro (com efeito, ele havia se recusado a casar com Sylvia antes de amealhar uma fortuna). Por que o título “Falcon Yard”? Esse foi o lugar no campus de Cambridge onde Sylvia e Ted se conheceram. Ao que tudo indica, o amor seria retratado como um “pássaro predador”, com “vitoriosos e vítimas”. O romance seria marcado por “depravação e sofrimento”, que dariam origem a uma “fábula de fidelidade”. A aura das Brontë parecia se impor sobre tal obra.

Mesmo em sua forma truncada, “Falcon Yard” é uma revelação. Peregrine claramente é a mulher dominadora, até mesmo predadora, que perturbou Eddie Cohen, que deplorava o tratamento desdenhoso de Plath

aos homens. Em suas anotações para *Peregrine*, Plath faz da personagem uma deusa nascida de um “sonho de amor perfeito”. Assim como Ísis, ela vaga pelo mundo juntando as partes do homem-deus que fará jus ao seu amor. O homem-deus se torna para *Peregrine*/Ísis um pai, um amante e um sacerdote, prometendo o “perpetuamente possível”. Plath, porém, se deu conta do dilema de *Peregrine*: como aceitar o “homem falível como divino”? Essa é uma pergunta que D. H. Lawrence faz em “O homem que morreu”, quando a sacerdotisa de Ísis deseja acreditar que o homem que morreu era Osíris. Ao contrário da Plath de *Letters Home* e da correspondência com seus amigos próximos, *Peregrine* expressa dúvidas sobre o homem-deus que criou. A personagem se identifica não só com Ísis, mas também com Lamia, a “serpente sugadora de esperma” do poema de Keats, e com Medusa, a “Mãe da Loucura, a Mãe da Morte”. Um dia Ted Hughes fugiria de Sylvia Plath, declarando que ela possuía uma espécie de “raio mortal”.

Se Plath vinha tendo problemas de fato para escrever o romance, talvez fosse devido à sua natureza monumental. Como viver a vida perfeita num mundo depravado? — pergunta *Peregrine*. A questão de como escrever o épico feminino perfeito era, claro, igualmente assustadora. Não espanta que Plath reagisse com euforia a *Martha Quest*, de Doris Lessing, o epítome da heroína que desejava criar. Ela interrompeu o romance enquanto se preparava para as provas, vindo depois a trabalhar nele intermitentemente quando já lecionava na Smith e retornando mais uma vez depois de concluir *A redoma de vidro*.

Em 9 de abril, Sylvia escreveu para Elinor Friedman Klein e Marcia Brown para pô-las a par das notícias. Enquanto sonhava com o bangalô de verão em Cape Cod que Aurelia alugara como presente de casamento e esperava chegar a Nova York em 25 de junho — chegada que seria seguida de uma recepção de gala para o casal em Wellesley no dia 29 —, Sylvia se

preparava para os extenuantes cinco dias de provas cobrindo dois mil anos de “tragédia, moralidade etc., etc.”. Encarava seu emprego na Smith como excitante e aterrador ao mesmo tempo. E como ansiava pela volta à terra dos eletrodomésticos modernos depois de passar dois anos lidando com os problemáticos modelos britânicos! Adeus aos fogões de carvão e aos dentistas deploráveis.

Para Marcia Brown, contou que Ted dava aulas a quarenta membros de gangue que portavam correntes e navalhas, mas não conseguiam decorar a tabuada de multiplicar. Essa era sua versão inglesa de *Sementes da violência* (1955), o filme estrelado por Glenn Ford como um neófito professor inglês decidido a ensinar numa violenta escola municipal. Como sempre, nas cartas para os amigos americanos, Sylvia dava um tratamento hollywoodiano a Ted. Ele não podia lecionar sem que ela transformasse isso numa “experiência emocionante, trágica & de muitas formas, gratificante”.

Tanto para Elinor quanto para Marcia, Sylvia espalhou a notícia do prêmio de Ted, o que fez a editora dele, Harper’s, se perguntar se o sucesso estragaria Rock Hunter — mais uma alusão a um filme, este lançado em 1957 e estrelado por Tony Randall como um publicitário, cujo primeiro sucesso envolve fingir ser amante de uma estrela de cinema numa campanha para vender batons. Apenas Sylvia Plath seria capaz de glamorizar a obtenção de um prêmio editorial por Ted como se um novo Clark Gable houvesse sido descoberto e arrancado do ostracismo de repente. Quanto a si mesma, fixava-se numa metáfora esportiva, rotulando-se de “mulher tríplice: esposa, escritora e professora” — embora dizendo que trocava tudo isso pela maternidade.

A aceitação pela *London Magazine* de poemas tanto dela quanto de Hughes levou Sylvia a sonhar com a fama, conforme escreveu para a mãe em 13 de abril. Ted então tinha um editor britânico para *O falcão na chuva*. A

Faber & Faber aceitara o livro por recomendação de T. S. Eliot, que enviara uma mensagem cumprimentando Ted, relatou Sylvia a Aurelia em 10 de maio. Ao mesmo tempo, ela continuava esperando “estourar nas publicações populares”, já que a venda de vários contos comerciais poderia sustentar o casal durante um ano.

As cartas eufóricas para a mãe podem ser minimizadas, salvo que as de Ted para o irmão, Gerald, eram quase igualmente rapsódicas. “O casamento é o meu lugar”, declarou ele. Escrevendo sobre os trabalhos e as caminhadas de ambos em termos incandescentes: “Soltamos fagulhas.” Descreveu os dois sentados à beira do rio contemplando o marulho da água. O “deleite inconsciente” atribuído por Ted a Sylvia a faz parecer muito a sensível Marilyn Monroe descrita por Arthur Miller em suas memórias e contos. “Ela é a criatura mais interessada do mundo, acerca de tudo”, concluiu Hughes. E, assim como Sylvia, ele andava entusiasmado com a ideia de ser recebido de braços abertos nos Estados Unidos. Mesmo no tocante à família, Ted realmente soava como a contrapartida masculina dela, dizendo que seu prêmio e os elogios recebidos eram ainda mais prazerosos por ter realizado os sonhos que a mãe tinha para ele.



Otto, Aurelia e Sylvia Plath, julho de 1933.
Cortesia do Mortimer Rare Book Room, Smith College



Sylvia e Warren Plath num barco a vela em Winthrop, Massachusetts, em agosto de 1940, três meses antes da morte de Otto Plath.

Cortesia do Mortimer Rare Book Room, Smith College



A casa de Aurelia, Warren e Sylvia Plath no número 26 da Elmwood Road, Wellesley, Massachusetts.
Cortesia de Peter K. Steinberg e Mortimer Rare Book Room, Smith College



Sylvia Plath tomando sol no quintal de casa na Elmwood Road, em junho de 1946.
Cortesia do Mortimer Rare Book Room, Smith College



Sylvia Plath, por volta de 6 de novembro de 1954.
Cortesia de Judith Denison. Glenda Hydler: Restauração



Sylvia Plath, em abril de 1954, em frente à Lawrence House, Smith College.
Cortesia do Mortimer Rare Book Room, Smith College



O rio Cam, em Cambridge, cidade em que Sylvia estudou durante os anos da bolsa Fulbright, 1955-57.

Cortesia de Peter K. Steinberg e Mortimer Rare Book Room, Smith College



Sylvia Plath e Ted Hughes em Concord, Massachusetts, em dezembro de 1959.
Cortesia de Marcia Brown e Mortimer Rare Book Room, Smith College



Chalcot Square, Londres, próximo ao apartamento onde Sylvia Plath e Ted Hughes moraram depois de se mudarem dos Estados Unidos para a Inglaterra em 1959.
Cortesia de Peter K. Steinberg e Mortimer Rare Book Room, Smith College



Court Green, Devon, a propriedade que Sylvia e Ted Hughes compraram em 1961.
Cortesia de Peter K. Steinberg e Mortimer Rare Book Room, Smith College



Sylvia e Nicholas Hughes em Devonshire, em dezembro de 1962.
Fotógrafo desconhecido, direitos autorais do espólio de Aurelia S. Plath.
Cortesia do arquivo do Smith College



O apartamento em que Sylvia morreu, no número 23 da Fitzroy Road, em Londres.
Cortesia de Peter K. Steinberg e Mortimer Rare Book Room, Smith College



Primrose Hill, próximo tanto da Chalcot Square quanto do apartamento da Fitzroy Road, um dos lugares favoritos de Sylvia devido ao ar campestre e às trilhas para caminhadas.

Cortesia de Peter K. Steinberg e Mortimer Rare Book Room, Smith College



Aurelia Plath, em janeiro de 1961.
Cortesia do Mortimer Rare Book Room, Smith College



Frieda (à esquerda, no alto) e Nicholas (à direita, abaixo) com os filhos de Elizabeth Compton, Hester (à direita, no alto), Emma (à esquerda, abaixo) e James (no meio), em 1967.

Cortesia de Elizabeth Compton Sigmund. Glenda Hydler: Restauração

CAPÍTULO 5

RAINHA DO MAR

(1957-59)

1957: Plath e Hughes passam o verão em Cape Cod antes que ela comece a lecionar inglês para os calouros na Smith, enquanto Ted consegue um emprego de meio expediente como professor na Universidade de Massachusetts, Amherst; **1958:** O casal se muda para Boston, e Sylvia retoma o tratamento com a dra. Beuscher; **1959:** a poeta faz amizade com Anne Sexton num curso de poesia lecionado no primeiro semestre por Robert Lowell. Sylvia e Ted passam o verão com a escritora em Yaddo, um refúgio para artistas em Saratoga Springs, Nova York, e depois partem para a Inglaterra de navio em dezembro.

No início de junho, depois do calvário de provas que deram a Plath o equivalente a um B+ e um diploma de mestrado, o casal partiu para Yorkshire para se hospedar com os pais de Ted antes de embarcar no navio que os levaria aos Estados Unidos. Em 8 de junho, Sylvia descreveu para a mãe uma reunião íntima de família com Olwyn, que acabara de chegar da França. Ela deixara de lado o que considerava o mundo falso, artificial, de Cambridge com T. S. Eliot na cabeça lhe avisando para “preparar-se para ver as caras conhecidas”. O casal fez longos passeios nas charnecas.

Uma carta escrita por Ted para Olwyn em 20 de junho, a bordo do RMS *Queen Elizabeth* a caminho dos Estados Unidos, sugere que nem todos eram tão simpáticos como dissera Sylvia. “Não a critique em demasia pela forma

como ela se levantou e veio atrás de mim”, pediu à irmã, que achou que Sylvia havia sido rude com John Fisher, o velho e amado professor de Ted. Quando ela saiu correndo da sala abruptamente, fez-se um silêncio constrangedor e Ted achou melhor ir procurá-la. Então, quando voltou à sala, ela corria escada abaixo para ir atrás dele. Olwyn nitidamente se mostrou impaciente quanto aos humores da cunhada, que alternavam entre uma animação estridente e um silêncio ranzinza. Ted contemporizou: uma Sylvia “nervosa” ainda se recuperava das provas e achava que visitas perturbavam sua necessidade de descanso. O comportamento “bajulador” de Sylvia, censurado por Olwyn, era sua reação ao pânico quando ela tentava com afincado ser “aberta & demasiado gentil”. Ted vira um lado da esposa cuidadosamente escondido que o levava a dizer como desculpa: “Ela fala coisas idiotas que depois a deixam mortificada. Sua reflexão, em retrospecto, é penetrante, cética e sutil, mas ela jamais consegue trazer à tona essa postura caso não conheça o interlocutor há algum tempo.” Ted bem podia ser Arthur Miller se desculpando por Marilyn Monroe, cujo comportamento errático com frequência o punha nas mesmas situações embaraçosas. Ambos se sentiam profundamente protetores das mulheres que os haviam inspirado muito além do que qualquer pessoa num cenário social superficial poderia imaginar. À primeira vista, Olwyn teve a impressão de que o irmão se casara com uma mulher indigna dele. Ted se esforçou bastante para fazê-la mudar de ideia: “Você viu como ela estava muito melhor no último dia. Não a julgue pelo comportamento estranho.” Assim como Miller, Hughes dava suas desculpas, mencionando o “passado infernal” da esposa, sobre o qual contaria para Olwyn no devido tempo. Sylvia podia ser uma juíza severa do caráter alheio, disse Ted à irmã, mas já desenvolvera um respeito considerável por Olwyn e a admirava. É impossível dizer quanto desse

discurso tinha como finalidade aplacar a irritação da irmã e quanto ele próprio acreditava no que dizia.

As cartas que Hughes escreveu para a irmã a bordo do *Queen Elizabeth* mencionam um período de depressão; porém, afora as queixas dele sobre a comida suntuosa e o mar entediante, os motivos para tal desânimo não ficaram claros. Naturalmente, ele estava embarcando numa fase nova da própria vida, o que de per se já devia lhe parecer assustador. Mas quando Sylvia, com tamanha frequência, se referia ao marido como sua contrapartida masculina, podia muito bem estar reconhecendo um arco similar de humores oscilantes capaz de tornar a vida conjugal ao mesmo tempo maravilhosa e difícil.

As anotações no diário dela feitas a bordo do navio, se concentram sobretudo nos outros passageiros, que ela avaliava como se fossem personagens para seus contos. Referiu-se, porém, aos “beliches-caixões” e à sua dificuldade para dormir na cabine fria. Um tipo abominável de mesmice parece ter se abatido sobre Sylvia e Ted, que não tinham, de fato, muito a fazer num navio que monotonamente cavalgava as ondas. Seu diário não se alonga sobre os companheiros de viagem bastante convencionais que descreve.

Escrevendo no fim de junho para o irmão, Gerald, e a cunhada, Joan, Hughes relata suas primeiras impressões de Wellesley e da festa promovida por Aurelia. Produz uma descrição clássica dos Estados Unidos conformistas da década de 1950, onde se esperava que todos se “misturassem”, se juntassem à competição e estampassem uma expressão feliz e “bem-ajustada”. A comida opulenta o decepcionou, as apresentações e boas-vindas o cansaram e o excesso de asseio o levou a querer exibir “uma imundície pessoal”. Aquele mundo tinha brilho demais para seu gosto. “Mas vou descobrir meu lugar”, observou, como se esse novo ambiente constituísse

uma espécie de jogo. “É bom para mim estar cercado por um mundo que me provoca instintivamente a tentação de repelir. Eu não devia desperdiçar tanta energia aqui.” Agradava-lhe observar novos pássaros, e estava alerta para flagrar os gambás de que ouvira falar. E havia a pesca, um de seus passatempos favoritos. Os carros enormes — a cultura materialista do que ele chamou de “Cadillacs de 2,5 metros” — o divertiam. Mas o que realmente lhe agradou foi a falta de crueldade na vida literária. Mesmo as resenhas literárias, um paraíso notório para os maldosos, eram “surpreendentemente honestas, francas, mas não venenosas”, ao contrário do que acontecia em Londres, onde Hughes desprezava a sociabilidade viciosa, inata e fingida da vida literária. Quando Sylvia se aproximou de novo com uma fatura de comida — sanduíches de lagosta e galinha —, Ted se maravilhou por ter aterrissado no colo do luxo. Assim como Sylvia, ele acreditava em seu próprio destino, que havia investigado em horóscopos. “Não existe explicação para isso”, disse, encerrando a carta para Gerald e Joan, “embora a astrologia, é claro, explique tudo”.

Relatos sobre o comportamento de Hughes na festa diferem. Enquanto alguns se recordam de um Ted em geral amistoso, embora taciturno, outros descrevem uma figura um tanto condescendente, alheia. Naturalmente, as impressões que sobreviveram foram renovadas com retrospectão — além de impregnadas com as personalidades daqueles que o conheceram e mais tarde falaram do seu comportamento. As cartas dele sugerem emoções conflitantes capazes de validar qualquer versão disponível da sua estreia americana.

Em *Letters Home*, Aurelia se lembra de uma Sylvia radiante recebendo seus setenta convidados e lhes apresentando o marido. Depois, Warren levou o casal de carro até o bangalô de verão alugado pela mãe, de modo que os dois pudessem ter umas sete semanas de repouso e tranquilidade, além de tempo para escrever. Uma semana mais tarde, Sylvia escreveu para Marcia

Brown, descrevendo a “pequena cabaninha cinzenta escondida entre os pinheiros” e “a vida serena, sem telefone, com refeições simples”, que permitia que ambos se vestissem como ermitãos, com macacões rústicos. Escreviam pela manhã, pedalavam até a praia de tarde e liam um tanto à noite. Para Sylvia, isso parecia os romances de Virginia Woolf. Ela teve dificuldade para voltar a “Falcon Yard”, embora no fim de julho tivesse mais sorte escrevendo contos, atividade que encarou como aquecimento para trabalhos mais sérios.

A versão de Ted do verão em Cape Cod, numa carta escrita a Gerald e Joan, foi um pouco diferente. Ele atribuiu seu próprio bloqueio de escritor, bem como o de Sylvia, a uma reação paralisante à generosidade de Aurelia: setenta dólares por semana pelo bangalô. Embora Ted não tenha se explicado, aparentemente a noção de autossuficiência do casal diminuiu. E o que Sylvia chamava de refeições simples eram banquetes para Ted, que ela empilhava em seu prato como pequenos himalaias. Ela cozinhava para relaxar. Era a “princesa das cozinheiras”, que preparava “pratos dignos de um castelo de contos de fadas”, observou um Ted perplexo, que encarava o ato de comer como mera necessidade. No entanto, ele passou a gostar de se bronzear na praia e até a apreciar a cozinha, com toda a sua parafernália moderna. Aproveitava a varanda, onde o casal fazia as refeições, e quando Sylvia realmente escrevia com regularidade, os dois se alimentavam com simplicidade.

Ela adorava caminhar na praia e imaginar Ted como um deus marinho, o consorte perfeito para ela — deusa da terra —, declarou em seu diário. Plath associava sua recém-descoberta maturidade ao casamento com Hughes, assim como Monroe, que também se casou em junho de 1956, vinculava seu rompimento de um ano com Hollywood e a viagem para Nova York para estar com Miller à sua realização como atriz. Apenas a 160 milhas de distância de Ted e Sylvia e praticamente ao mesmo tempo, Arthur

Miller e Marilyn Monroe caminhavam pelas praias de Amagansett, próximo à ponta de Long Island — ele a tratando como uma deusa a ser adorada, e ela cheia de admiração pelo marido alto, como se ele fosse o seu herói todopoderoso. Sylvia e Marilyn, ambas sobreviventes de tentativas de suicídio, viam seus companheiros como salvadores. Sem ter produzido qualquer trabalho notável nos últimos seis meses, Sylvia tinha certeza de que, sem o constante apoio de Ted, ficaria louca. Marilyn, praticamente no mesmo ciclo descendente e profundamente desapontada com o resultado de seu último filme *O príncipe e a corista*, queria crer, como Sylvia, que estava armazenando energia para um novo surto de criatividade. Sylvia Plath, contudo, assim como Marilyn Monroe, era capaz de, em questão de dias, ou mesmo horas, dar uma guinada de 180o graus na imagem do próprio casamento ou queixar-se em seu diário, no dia 18 de julho, sobre “um dia péssimo (...) Acabaram-se os sonhos de rainha e rei por um dia, com lacaios trazendo cabides de ternos formais, paletós etc. para Ted & vestidos de baile e tiaras para mim”.

Uma Sylvia pensativa vinha trabalhando num conto sobre uma mãe problemática que deseja que a filha seja um sucesso social. A trama podia muito bem ter sido roubada de *Stella Dallas*, embora Plath não faça menção à sua mentora na obra. No fim, a mãe é redimida no conto, como ocorre com Stella, tanto no romance de Prouty quanto na série radiofônica. Morando no lindo bangalô ao longo do verão, como Sylvia poderia evitar ser grata a Aurelia? Ao mesmo tempo, porém, odiava a noção de obrigação, de se sentir devedora, sensação que Ted também desgostava. O conto, que para ela soava meloso, porém bom — precisamente o que uma revista como a *The Saturday Evening Post* publicava (embora o tenha rejeitado mais tarde) —, aparentemente melhorou muito o humor de Sylvia. Ted reapareceu no diário como o deus marinho, cheirando como um recém-nascido.

Mas o que veio a seguir foi uma quinzena pavorosa, durante a qual Plath pensou estar grávida. Havia sido bastante descuidada em termos de contracepção, admitiu em seu diário, e agora sua menstruação estava atrasada. Como iria conseguir conciliar o trabalho de escritora, de professora na Smith e as responsabilidades da maternidade? Queria filhos, mas não agora! A energia que o casal teria de investir na criação dos filhos os deixaria em débito, roubando-lhes o tempo de que ambos precisavam para aprimorar seus talentos. Pior ainda, os dois veriam o bebê como um intruso. Ted referiu-se a esse período como a “semana negra” do casal, numa carta para Gerald e Joan, sem mencionar especificamente a temida gravidez. Então, todas as preocupações de Sylvia se dissiparam com o “fluxo quente” de sangue duas semanas depois, que aliviou seu sofrimento, e marido e mulher começaram a escrever com grande velocidade, “usando seus cérebros como brocas elétricas”, conforme contou Ted, cheio de alívio, a Gerald e Joan.

Em 6 de agosto, Sylvia escreveu para a mãe, com certa excitação, sobre um pequeno poema, “Dialogue Over a Ouija Board”, mais tarde incluído no capítulo das notas em *The Collected Poems*. Abordou o assunto de forma sugestiva e cética, permitindo que Ted se dedicasse a suas atividades ocultistas, que em geral tinham motivação materialista. Ele era um poeta, como a esposa, que pensava bastante em dinheiro e em como obtê-lo. Dizer que fizera um investimento em Sylvia, essa americana destemida, pode soar rude, mas ele não a amava menos por isso nem por ser uma mulher esperta, capaz de descobrir como fazer durar cinco libras a ponto de pagar o aluguel em Cambridge e alimentar seus estômagos também. O tabuleiro Ouija, em outras palavras, tornou-se para ambos uma conversa sobre como gerar capital, como acontece com Sibyl e Leroy em “Dialogue Over a Ouija Board”. Sibyl se mostra resignada quanto à obsessão de Leroy com um “tabuleiro nu” que produziu resultados contraditórios. Leroy se pergunta se Sibyl terá sido

incluída no testamento de sua idosa benfeitora — um comentário revelador, talvez, sobre o porquê de Sylvia manter abertas as linhas de comunicação com a abastada Olive Higgins Prouty, garantindo que Prouty fosse uma das primeiras pessoas a conhecer Ted quando ele pisou em solo americano. “Ela é muito divertida, embora velha, e apesar de sua mente divagar um pouco, ainda assim, é franca e direta. Me dei muito bem com ela”, escreveu Ted para a irmã, Olwyn.

“Dialogue” revela bastante a respeito de Hughes, que com frequência se retrata como um amador moldado por Plath para a concorrência no mundo. Como Leroy, porém, é ele quem quer saber do espírito do Ouija se terá “chance de fama”. Sibyl prefere que o futuro lhe seja desconhecido. É fixada na vida após a morte e pergunta sobre o pai, mas recebe uma transmissão distorcida. Embora Leroy pareça o mais crédulo dos dois, Sibyl duvida de sua lealdade ao sobrenatural, dizendo que se um arbusto começasse a falar com o marido, ele se ajoelharia, mas em seguida checaria a fiação. “Dialogue” capta de forma maravilhosa o estresse jocoso e belicoso na união dessas duas sensibilidades, que aparentemente concordam que nessa situação ficam à mercê de pequenos espíritos, já que nem Sibyl nem Leroy conseguem acreditar que algum deus superior atenderá o chamado de um vidro manejado sobre um tabuleiro. Como Sibyl observa com sagacidade, Leroy não precisa realmente de espíritos porque “You’d presume your inner voice god-plumed enough/ To people the boughs with talking birds”.

Leroy implica com Sibyl quanto aos “vislumbres” de “catástrofe” da esposa. Ele a acusa de oportunismo — mesmo quando se trata de invocar espíritos, que ela se apressa em amansar desde que eles prognostiquem o que deseja. “Vale a pena ser política”, responde Sibyl. A aura de lavanda heroica que Plath costumava usar para perfumar a entrada de Ted em sua vida — não só em cartas, mas também ao apresentar pessoalmente o marido a

amigos e parentes — é dispensada no duro, ainda que leve, toma lá dá cá de “Dialogue”. Sylvia Plath nutria muitas ilusões sobre Ted Hughes, mas também tinha incríveis lampejos do homem real. Afinal, Sibyl chama o tabuleiro Ouija de “nosso campo de batalha”.

A obra termina com Sibyl e Leroy voltando à realidade do próprio cotidiano. “[T]he dream/ Of dreamers is dispelled”, conclui ela, desejosa de que o “decoro” dos dias futuros os “sustente”, enquanto ele quer que as ações de ambos reflitam suas boas intenções. Quando as luzes se apagam, os dois pedem o mesmo: “Que duas pessoas de verdade respirem numa sala de verdade”, talvez um reconhecimento da forma tão poderosa como Sylvia e Ted eram capazes de projetar sua imaginação de modo a criar um mundo irreal. “Dialogue” confirma o adágio de Oscar Wilde de que a arte é uma mentira que diz a verdade. A peça de Sylvia parece muito mais reveladora do que o desempenho dos dois em suas cartas.

Sibyl, naturalmente, é o nome de uma profetisa, e Leroy, o codinome de um rei. Juntos, os nomes traduzem a maneira como esses dois poetas se automitologizavam. Sem qualquer traço evidente de ironia, Hughes observa em suas notas para *The Collected Poems* que a esposa “mencionava flashes de presciência — sempre a respeito de algo sem importância”. Não via ele o valor profético de “Dialogue”? A crítica Jacqueline Rose observa que Plath “situa muito explicitamente” nas falas de Leroy a “invocação masculina de poesia” associada à violência que penetra o quarto de ambos como um terremoto, deixando Sibyl “cinzenta”. Como Hughes, Plath ao mesmo tempo venerava e temia a natureza eruptiva do dom poético do marido e a sua própria fúria, que podia eclodir como reação. Em “Dialogue”, Sibyl conclui o colóquio do casal com os espíritos quebrando o vidro.

Cerca de uma semana antes que o casal deixasse Northampton para o segundo semestre na Smith, Ted mandou para Olwyn a primeira de várias

descrições desdenhosas de uma América embrulhada em celofane, “crapularizada” em comida processada que refletia uma carência mais geral de textura numa uniformidade suburbana “ilimitada”, na qual todos eram amistosos de um modo jocoso, mas ninguém conhecia a história familiar de ninguém. Ele tinha uma opinião melhor sobre Northampton, que visitara mais cedo no verão, quando o casal procurava moradia. Com a rua principal cheia de lojas “amontoadas”, Northampton era “bastante inglesa”. Essa carta e outras demonstram que a esperança de Sylvia de que Hughes se abrisse para a América — o que, por sua vez, expandiria a sensibilidade poética dele — não passou de um triste equívoco. Ele associava abastança à falta de autenticidade.

Em setembro de 1957, o casal passou a morar num apartamento em Northampton de onde era possível ir a pé até o campus da Smith. À primeira vista (conforme mostrou à mãe numa carta de 23 de setembro), Ted era um marido atencioso, preparando o café da manhã e lavando a louça. Sylvia tinha três turmas e um total de 65 alunos, cada um dos quais ela também recebia em encontros individuais. Esse trabalho, mais o departamento e as reuniões com os demais professores, a ocupava em expediente integral.

Ela ainda encontrava tempo para ruminar em seu diário ideias para vários contos, inclusive um sobre uma mulher que fica chocada ao descobrir que seu marido-poeta não escreve sobre ela, mas sobre uma “Musa de Sonhos”. Outro conto, ambientado no mesmo cenário de *O morro dos ventos uivantes*, está cifradamente vinculado a Ted como um poeta associado à decadência e “solidão”. Essa talvez seja a primeira vez que Plath reconhece o afastamento de Hughes de uma cena americana que o separou dos fantasmas e espíritos de sua terra natal. As cartas de Hughes refletem uma sensibilidade pouco à vontade no ambiente que para ele não evocava

textura. As alunas da Smith tinham uma espécie de beleza fabricada — “dianas cromadas”, ele as chamava. “Fico horas sentado como a estátua de um escritor”, escreveu ele para Lucas Myers no início de outubro. “Dois anos será o máximo que ficaremos nos Estados Unidos”, escreveu, como quem descreve uma sentença de prisão. Nem mesmo uma visita ao Centro de Poesia o animou, a julgar por suas observações desdenhosas a respeito das viúvas ricas e das mocinhas que o encheram de perguntas sobre seu trabalho.

Em 1º de outubro, o nível de ansiedade de Sylvia chegou ao auge. Tinha dificuldade para dormir, duvidava de seu talento como professora, deplorava a própria falta de experiência, vivia obcecada com as expressões de perplexidade das alunas — mas, acima de tudo, condenava o demônio em si mesma que exigia excelência quando, de fato, ela era “medianamente boa”. Corrigir trabalhos acadêmicos a exauria. Envergonhava-se de admitir que temia não fazer jus aos padrões da Smith. Dizia a si mesma para encarar a realidade, adotar um ar estoico e cumprir suas tarefas o melhor possível. Mas é claro que não conseguia seguir o próprio conselho, admitindo que “não ser perfeita dói”. Ted, mais conformado com a profissão de professor e com um regime de escrita não produtiva, admitiu para Olwyn que a vida era agradável e seu humor, bom, enquanto a esposa estava “vergando sob o peso das suas responsabilidades”. Sylvia queixou-se com Warren, em 5 de novembro, de uma “turma difícil de cadelas mimadas”. Seu problema, admitiu, vinha do desejo de criar suas próprias metáforas, e não se ater a discutir as de Henry James e D. H. Lawrence. Lê-las era uma coisa; ensiná-las parecia diminuir sua criatividade de escritora.

Essas palavras ditas a Warren talvez tenham levado Sylvia a assumir o controle de si mesma. No diário, minimizou as queixas como as de uma garotinha mimada. Merecia umas boas palmadas. Jurou não sobrecarregar

Ted com seus males e aprender a conviver com a própria ansiedade. Aos poucos, observou para si mesma, aprendera a lidar com as alunas, dormir o suficiente, escrever para amigos e, finalmente, cozinhar um pouco. Tais pequenas vitórias lhe deram confiança.

As decepções iniciais como professora e seu ajuste, afinal, à turma, parecem confirmados pelas lembranças das alunas. Como caloura da Smith, Barbara Russel Kornfield “esforçou-se duramente enquanto a turma lia William James, sem dúvida o motivo por que tirei um D+ no meu primeiro trabalho. Ela era uma professora rígida para uma aluna de 17 anos”. Naturalmente, Kornfield desconhecia as lutas da própria professora para melhorar, bem como o que a súbita aparição de Hughes, um estranho à turma, significou para Plath. “Eu me lembro nitidamente”, acrescenta Kornfield, “que não tivemos escrúpulos em lhe perguntar quem era aquele homem. Numa voz etérea, ela respondeu: ‘Este é um homem enviado pelo céu.’”

Parte do problema de Sylvia durante os primeiros meses na Smith derivava da sua decisão de adotar o método socrático de seus seminários em Cambridge. Ela adorava o rígido toma lá dá cá das sessões com Dorothea Krook, diferente de tudo o que ela vivenciara na Smith — ou do que suas alunas estavam preparadas para enfrentar. Anne Mohegan Smith se recorda de que uma das colegas na faculdade, Merrill Schwartz, comentou que em seu primeiro ano de literatura inglesa Plath começou o curso

escolhendo alunas como contrapontos na turma, contestando/ridicularizando seus comentários e em mais de uma ocasião fazendo-as chorar. Ouvi isso de Merrill, que foi uma das alunas escolhidas dessa forma; ela chegou ao refeitório da Wilder House com os olhos inchados e contou a todas à mesa o que acontecera. Era uma moça

animada, com um pesado acento nasal do Brooklyn e uma risada estridente, mas, por mais indomável que pudesse parecer, era capaz de se magoar, e se magoou. Depois daquele dia, ouvi falar de novo desse comportamento por outra aluna da turma de Plath, que morava num alojamento diferente do meu.

Mas antes de iniciar seu ano na Smith, Sylvia escrevera cartas onde mostrava preocupação com a maneira como impor sua autoridade na turma, sobretudo por ser pouco mais de seis anos mais velha que as alunas. Sua opção pela pedagogia de Cambridge foi uma forma de exercer poder precisamente onde se sentia mais vulnerável. Mas “então, de repente, mais ou menos no meio do semestre, esse comportamento mudou”, observou Anne. “Florence Dalrymple me contou anos depois (...) que mandaram Plath (provavelmente o nosso mestre de classe) parar imediatamente com aquilo, que as alunas encaravam como abuso.”

Fossem quais fossem os problemas iniciais de Plath ali, eles parecem ter sido resolvidos com rapidez. No fim de novembro, contou ela a Warren, fora convidada a lecionar por mais um ano, mas já decidira em contrário, visto que dar aulas pusera um ponto final em sua produção literária. Ela e Ted planejavam se mudar de Northampton no fim do verão e se estabelecer em Boston, onde Sylvia esperava encontrar algum emprego de meio expediente que não lhe tirasse toda a energia para escrever. Alugariam um apartamento na “parte decadente” de Beacon Hill, o mais longe possível do ambiente acadêmico.

Apesar de quaisquer reservas que Ted tivesse com relação aos Estados Unidos, ele não perdera nada do seu charme. Sua última conquista era Olive Higgins Prouty, que ficara, caso se possa acreditar em Sylvia, “obcecada por Ted”, experiência bastante comum. Ele precisava apenas de um

cumprimento, lembrou-se Ravelle Silberman (caloura quando conheceu Hughes), para começar a flertar com qualquer mulher. Gostava de ver as mulheres competirem por ele, recordou-se o escritor Marvin Cohen, que o conheceu muitos anos depois e se tornou amigo de Olwyn.

Em 7 de dezembro, Sylvia escreveu para Aurelia consideravelmente mais confiante como professora, dizendo que fazia o melhor possível num emprego ruim. Vários professores haviam lhe contado que as alunas comentavam que ela era uma “professora brilhante”. Esse rótulo, porém, não significava que inspirava grande afeição — sem dúvida, não como um de seus mentores, Alfred Fisher, que as alunas da Smith adoravam e que aparece num poema de CB Follett sobre Sylvia como “nosso rei druida”.

No fim do semestre, ela estava exausta e, ao chegar em Wellesley para as férias de Natal, apresentava febre e acabou contraindo pneumonia, que foi curada com antibióticos. No decorrer dos feriados, alimentou sua ambição, sonhando “em demasia” com a fama, admitiu em seu diário. Imagens de “Falcon Yard” como uma “sátira rica, bem-humorada” se misturavam com ideias para contos, expectativas sobre o destino do livro que enviara para a série *Yale Younger Poets* e planos para se candidatar a uma bolsa que custearia seu retorno à Europa. Certo distanciamento havia se instalado: “Não se pode voltar para casa”, escreveu, observando que suas caras lembranças da infância à beira-mar em Winthrop haviam “encolhido”.

Plath também sofria pressão do corpo docente da Smith, que insistia para que permanecesse no cargo mais um ano. Alfred Fisher afirmou que se ela não aceitasse, seu comportamento seria taxado de “irresponsável”. Sylvia resistiu também a propostas feitas por seu ex-orientador de monografia, George Gibian, comentando em seu diário que os colegas tinham boas intenções, mas não faziam ideia do que era bom para ela. Os invernos costumavam ser difíceis para Plath, e ela desenvolveu uma tosse no início de

janeiro. As dores que sentia davam a impressão de combinar com o horror a preparar suas aulas, comparecer a reuniões de departamento e escrever quase como espectadora, cujos problemas Alfred Fisher minimizou dizendo: “Está tudo na sua cabeça.” *Cidadão Kane* — sobretudo a famosa cena com o globo de vidro que contém a lembrança pesarosa de Kane da cena da neve, que traduz o fim da sua infância, e o desfile de Kanes nas cenas do espelho — agradava a Sylvia, que o considerava emblemático da própria retrospectão assombrada. Para sua surpresa, as aulas às vezes iam bem, mas ensinar continuava a exauri-la. O fato de saber que esse seria seu último semestre a liberara para sentir mais prazer com suas alunas, que agora via como “meninas realmente *boas*”, explicou a Aurelia em 13 de janeiro.

Mas pensava acima de tudo em junho e no seu retorno à dedicação integral à literatura. Parecia fazer muito tempo desde que ela realizara algo notável e agora descobria que não havia ganhado o prêmio Yale Younger Poets e que não veria seu primeiro livro publicado — não ainda. E como a deixava furiosa, escreveu em seu diário, constatar não ter sido incluída numa antologia de seis “novos poetas da Inglaterra e dos Estados Unidos”. Somente dois deles, May Swenson e Adrienne Rich, davam a impressão de ser razoavelmente talentosos e eles não eram “melhores nem mais publicados que eu”, observou Plath. Ela carecia de uma voz mais forte, mais livre, disse a si mesma, antecipando obras que ainda se encontravam a anos de distância. Lamentava suas agendas, “salpicadas de diretivas e imperativos desobedecidos”.

No fim de janeiro de 1958, Ted cobria mais de dez quilômetros a fim de ensinar literatura e escrita criativa no campus em Amherst da Universidade de Massachusetts, cargo que conseguiu por intermédio de um contato de Sylvia na Smith. Ele estava dando duas aulas três vezes por semana. Milton, Goethe, Keats, Wordsworth, Yeats, Thoreau e Molière constavam da sua

ementa para um curso de grandes obras. Também ensinava composição para os calouros. Esse emprego ajudava a pagar as contas que o salário de Sylvia não saldava e contribuía para a poupança da qual o casal dependeria quando voltasse à vida literária.

Havia momentos, confidenciou Sylvia a seu diário, em que visões de uma vida acadêmica intimista a atraíam. Os dois podiam facilmente ganhar oito mil dólares anuais, vivendo de aulas sobre Joyce e James. Ela podia se tornar uma professora/escritora como Elizabeth Drew, uma de suas mentoras, reinando no campus como um ícone idolatrado. No entanto, permaneceu fiel às atitudes antiacadêmicas de Ted e à sua própria ambição de superar poetas como a “afável Isabella Gardner & até mesmo a lésbica e extravagante & amante de joias Elizabeth Bishop na América”. O magistério não lhe permitia vivenciar seu eu genuíno, conforme justificou em seu diário. Precisava suar para parir seu romance no verão seguinte. Com “Falcon Yard” já ultrapassado, talvez o quarto ano de casamento fosse o momento de começar a pensar em filhos. Uma carreira acadêmica significaria anos de estudo para obter um diploma de doutorado e um cargo bastante inicial na Smith. Mas os docentes achavam, conforme declarou George Gibian, que lecionar lá era “a coisa mais nobre que uma intelectual podia fazer, e que abrir mão DISSO era muito estranho”.

Nunca em sua melhor forma nas estações frias, desoladas e tempestuosas, Sylvia se irritava tanto com os melhores amigos, como os Roches. Paul, inglês, vinha lecionando na Smith, e sua esposa, Clarissa, ficara amiga de Sylvia, embora o período mais intenso de intimidade fosse ocorrer mais tarde na Grã-Bretanha. Paul, observou Sylvia, havia perdido a aparência de jovem Adônis e não era poeta — apesar de todas as conexões com William Carlos Williams e Marianne Moore. Ted nutria a mesma visão crítica, descrevendo seu compatriota como um sujeito “alto, magro, com

uma aparência ao estilo Shelley, olhos azuis brilhantes que ele mantém esbugalhados e levemente vidrados, mas também incrivelmente malvestido... um velho sedutor, com sua bela voz rouca e impecáveis boas maneiras inglesas”. Clarissa lhe parecia “ingênua e agradável”, mas no diário de Sylvia ela é descrita como uma figura loura, taciturna, fazendo “beicinho doce” quando toma café.

Sylvia e Ted também se relacionavam com o poeta W. S. Merwin e sua esposa inglesa, Dido, então moradores de Boston. Bill Merwin encarnava um clichê: o homem másculo. A poeta Grace Schulman lembrou-se de que Bill e Ted constituíam uma espécie de clube masculino. A masculinidade totalmente independente de ambos parecia impressioná-la, inspirando um encanto pelo poder de atração masculina que a própria Sylvia sentia de forma tão intensa. Nesse período inicial, porém, os Merwin meramente representavam para Sylvia a admirável urbanidade de um casal dono do próprio nariz, morando num apartamento com janelas tão amplas que lembravam o deque de um navio.

A vida no campus entediava Sylvia por sujeitá-la à companhia de homens como o poeta Anthony Hecht, um misógino notório que a enchia de amenidades paternalistas sobre seu jeito sério, vigoroso. Ela era responsável por avaliar os alunos do curso de Newton Arvin, função que lhe agradava, mas que ainda assim a fazia sentir-se como um burro de carga, lidando com deveres e alunas numa espécie de operação de faxina. Voltava para casa e fazia uma limpeza meticulosa em tudo — e depois preparava uma torta de limão e suspiros, extraindo imensa satisfação em seus próprios domínios. Num humor melhor, descreveu uma festa e seu apreço pela “querida Clarissa, uma feiticeira loura” e pelo Paul querubínico, “uma imagem de Rossetti”, com seus olhos azuis e cachos louros. Os mexericos do departamento a divertiam, sobretudo as histórias sobre Alfred Fisher, que já

se casara com três alunas, e outras que davam conta de que membros do corpo docente detinham “o Poder”. Sylvia se enchia de orgulho quando lhe diziam como eram boas as suas aulas para os calouros. Sentia “uma perigosa satisfação em chocar” as alunas, escreveu para Olwyn em 9 de fevereiro, descrevendo uma aula memorável em que estimulara “riso & até lágrimas, sendo as últimas provocadas num sábado gelado ao evocar a história sangrenta & cruel dos Leveller irlandeses, a Praga da Batata, os enforcamentos em massa etc.”. Tais interlúdios interrompiam o inverno de resto desagradável que fazia Sylvia se apegar a visões de junho, sonhando em trocar sua identidade de ex-aluna da Smith pelo anonimato de Boston.

Em meados de março, foi a vez de Ted cair doente, com problemas de estômago e febre, como se estivesse se pondo no lugar da esposa. Os dois discutiam sobre as roupas dele e sobre a necessidade de Sylvia pregar botões que faltavam nos paletós. Lendo a biografia de um amigo, ela discordou da noção de que um homem pudesse amar eternamente uma mulher mesmo depois de abandoná-la. E meditou: “amar, deixar — soa suave. Não acho: nem meu homem.” Ou assim pensava ela.

Plath buscava inspiração na obra de Paul Klee, Henri Rousseau, Gauguin e De Chirico, e em 22 de março, no início das férias de primavera, relatou a Aurelia que sua improdutividade poética terminara. O trabalho começava a brotar como um repuxo. Também vinha compondo jingles para um concurso da Dole Pineapple. Afinal, um carro não faria mal ao casal. Alguns prêmios em dinheiro ajudariam. Comércio e arte se entrelaçavam facilmente nos poemas que ela enviava à mãe para exame. Em “Battle-Scene from the Comic Operatic Fantasy *The Seafarer*”, seu meticuloso trabalho sobre Klee, Sylvia evoca uma “pequena Odisseia” de batalhas em banheiras, como as que as crianças são capazes de criar com uma intensidade extraordinária. O talento infantil para moldar um mundo totalmente

funcional separado do que Plath chama de “ideias feijão com arroz” em “Departure of the Ghost (After Paul Klee)” sugere quão latente era seu desejo de escapar do mundo extremamente material de sua rotina na Smith.

Em 28 de março, já produzira oito novos poemas — os seus melhores, segundo ela, e se propôs a não desperdiçar “tempo de poesia” com gente de quem não gostava. Num humor descrito por si mesma como arrogante, imaginou-se como a “Poeta da América” e Ted como o “Poeta da Inglaterra”. Ted, por sua vez, se autopromovia para Olwyn, escrevendo no fim de março a respeito da venda de um poema para a *Mademoiselle*, revista de “salto alto”, e louvando a produtividade recente de Sylvia, resultado de expedientes de doze horas de trabalho.

O retorno ao magistério, porém, despertou as queixas de Sylvia. O hábito de Ted de futucar o nariz e se coçar começava a aborrecê-la, ainda que ela se desse conta de que a própria petulância dificilmente tornava agradável sua companhia. Como seria de esperar, Sylvia pegou uma gripe e deu início à irritante rotina de espirros e tosse, recebendo o consolo da proximidade confortante de Ted e sua disposição para assumir a cozinha durante o período de doença da esposa. Graças a Deus, tinha um homem que entendia o seu demônio interior. Na Páscoa, ela encheu os sapatos do marido com um coelho e ovinhos de chocolate, tudo devidamente consumido por ele.

Numa sessão de leitura de poesia organizada para Ted em Harvard por seu amigo Jack Sweeney, Sylvia ficou cercada pelos indivíduos que povoavam seu diário: A sra. Cantor, Gordon Lameyer, Marcia Brown, Phil McCurdy, Peter Davison, Aurelia, Olive Higgins Prouty — uma genuína plateia que ela construía para o casal. O grupo também incluiu Adrienne Rich, uma das principais rivais de Plath, reduzida a uma figura “pequena, roliça & atarracada”, mas também valorizada por “um vibrante cabelo preto curto” e “grandes olhos negros brilhantes”. Teve de admitir que Rich dava a

impressão de ser totalmente genuína, ainda que opiniática. No fim, Sylvia se sentiu alheia ao grupo, como se todo o episódio, à semelhança do romance que ainda não conseguia dominar, estivesse fora de seu controle. Sofria então da nostalgia do fim do semestre, síndrome conhecida dos acadêmicos experientes, mas um período tenebroso para uma poeta mortalmente cansada de ler estudos de eruditos sobre os escritores que adorava. Ao que tudo indica, ela parecia se surpreender toda vez que uma aula ia bem, pois sua mente estava em outro lugar, divagando sobre o que escreveria quando não mais estivesse presa à cátedra. Faxinava o apartamento num surto de limpeza de primavera. Durante esse período de furiosa arrumação, anotou em seu diário uma briga com Ted, que não admitia que ela jogasse fora parte das roupas surradas de seu velho guarda-roupa. Mais tarde, saiu atrás dele e o viu na rua fitando-a com um de seus olhares letais.

Na primavera de 1958, Ted, assim como Sylvia, achava toda a empreitada acadêmica enervante e, aparentemente, descontava esse desagrado na esposa. Eileen Ouelette lembrou-se da época em que o casal compareceu a um dos jantares de quarta-feira na Lawrence House. Sylvia sentou-se à mesa principal com Ted, que a depreciou durante todo o evento, desapontando Eileen. Eileen, que estava então no último ano de estudos, antipatizou com esse inglês alto e magro. Sylvia, porém, parecia muito feliz e muito apaixonada, ignorando os comentários desabonadores do marido. Com efeito, escreveu sobre ele em seu diário como o tipo de homem que as mulheres buscavam em romances água com açúcar e quando folheavam as páginas do *Ladies Home Journal*. Quando ele se ausentava e os dois se separavam até mesmo durante uma hora, Sylvia declarou sentir falta do seu calor e do seu cheiro.

Assim como Hughes, Plath rejeitava qualquer aliança correlata à sua arte. “As Musas Inquietantes”, concebido enquanto abandonava a carreira de

professora, é uma resposta à mãe cautelosa que aparece em suas anotações no diário em 11 de maio de 1958. Uma Aurelia contida não parece jubilosa quando a filha lhe conta, no Dia das Mães, que seus poemas foram aceitos para publicação. Aurelia se preocupava com a insolvência da poesia, mas a filha permaneceu obstinadamente fiel às musas que estimulavam sua genialidade, dirigindo-se diretamente à mãe nas últimas linhas do poema, que renovam a dedicação de Sylvia a suas musas inquietantes: “nenhuma ruga na minha testa/ Há de trair quem me acompanha.” Aparentemente, ela sentiu uma satisfação quase perversa quando a *The New Yorker* rejeitou seu poema. Em seu diário, consolou-se pensando em Henry James, que com frequência escrevia sem grande plateia e a quem desejava informar sobre sua reputação póstuma, uma recompensa por todo o sofrimento enfrentado. Sylvia não pretendia, porém, esperar para ser descoberta. “Sou feita, infelizmente, para o sucesso. Acaso o sucesso me umedece a lâmina?”

Ela descreveu seu último dia de aula (22 de maio) numa carta para Warren, relatando uma chuva de aplausos, variando de mornos a trovejantes, em proporção direta a suas próprias reações a cada turma. Daniel Aaron, que a observara dando aulas no início do semestre, descreveu-a como “uma mestra de escola, empertigada e asseada”, mas, de modo geral, uma instrutora eficiente. Para Warren, Sylvia confessou seu desengano com os colegas, um grupo fraco, vaidoso, invejoso e mesquinho. Chamou a Smith de uma comunidade “hermética” de mexericos, com catedráticos barrigudos, poupando as mulheres de rótulos específicos. Ela adotara o desprezo de Ted pelos americanos empreendedores com seus projetos de dez anos — ainda que, sem dúvida, ela fosse um deles e viesse a achar os meses seguintes de liberdade um tormento precisamente por não possuir um programa de longo prazo de base institucional ou um emprego regular. Orgulhava-se de não ter crediários, TV, carro ou qualquer outro

bem adquirido à prestação. Ted não precisava de sinais imediatos de sucesso, disse ela ao irmão, mas Sylvia sempre precisou, apesar do que afirmava a Warren. Apesar de todo o desdém pelos apetites americanos, Sylvia e Ted pareciam bastante americanos, com efeito, em sua convicção de que se tornariam ricos e famosos.

No fim de maio, o fantasma de Sylvia Plath, retirando-se da sua época demasiado terrena na Smith, via a si mesma e a Ted como mentirosos experientes e sorridentes — ele, o macho vaidoso e auto-centrado, orgulhoso do próprio pênis. Ted vinha saindo sozinho, pedindo-lhe que não o acompanhasse. Ela estava convicta de que o marido se envergonhava de algo. No outro dia, conforme relatado em seu diário, Sylvia flagrou-o próximo ao lago Paradise no campus da Smith, sorrindo de orelha a orelha na companhia de uma aluna também sorridente, cuja presença assaltou Sylvia em “vários flashes contundentes como tapas”. Esse era um homem que buscava adulação, servida de bandeja pela moça, que fugia depois, porém, ao perceber Sylvia a observá-la. Ted nem sequer sabia seu nome ao certo. Seria Sheila? Típico dele, pensou Sylvia, que se lembrou da primeira longa noite dos dois juntos quando ele a chamara de Shirley.

Nenhum biógrafo identificou até hoje “Sheila”, salvo para dizer que ela era uma aluna que tivera aulas com Ted na Universidade de Massachusetts no campus de Amherst. O que, então, estaria fazendo na Smith? Nenhum biógrafo foi capaz de afirmar até hoje que Hughes era infiel a Plath durante esse período do casamento, embora A. Alvarez, que com frequência conversava sobre mulheres com Hughes, não tenha dúvidas de que este fosse essencialmente incapaz de fidelidade. De toda forma, ela começava a entender por que Ted vinha chegando tarde em casa. Rejeitava suas explicações e ficava mais furiosa ainda quando ele roncava dormindo — mais um macho complacente —, enquanto ela permanecia acordada. Em

seu diário, admitiu que percebera esse lado do marido quando o conheceu, mas se rendera ao calor ardente e vulgar do sexo entre os dois. Por que ela havia endireitado esse homem estropiado, agora mal-humorado com a desaprovação dela?

Plath interrompeu por quase três semanas os registros em seu diário, ao qual não voltaria senão em 11 de junho com a admissão de que tirara todo esse tempo para lidar com a última “anotação pavorosa”. Os dois haviam brigado. Sylvia luxara o polegar e arranhara Ted, fazendo-o sangrar. Ele a estapeou com força bastante para levá-la a ver estrelas. Hughes diria mais tarde à sua editora americana, Frances McCullough, que tentara estapear Sylvia para trazê-la de volta à realidade, “mas não adiantou”, escreveu McCullough. “E certa vez ela levou um tapa dele & foi ao médico & disse que apanhava do marido com regularidade.” Para Warren, Sylvia descreveu, em típica hipérbole, que estava “provocando batalhas de vez em quando, das quais saio com o polegar luxado e Ted, sem os lóbulos das orelhas”.

Ted ficou encantado quando encontrou um apartamento no bairro de Beacon Hill, em Boston (eles não se mudariam antes de setembro). As ruas estreitas de paralelepípedos combinavam com sua noção de escala humana. Melhor, evidentemente, morar num apartamento apertado de dois cômodos do que no luxo indulgente dos subúrbios ou na Nova York metalizada, com seu “patético bairro boêmio, chamado de Village”, escreveu para Olwyn no início de junho. O robusto Ted Hughes considerava a América de meados do século XX, domesticada demais, sem dúvida influenciando o comentário de Sylvia para Warren, em 11 de junho, de estar trabalhando para “superar um tom feminino inteligente, demasiado frágil e lustroso”.

Em 20 de junho, o diário de Sylvia registra sua luta contra a depressão. Ela simplesmente não possuía a autossuficiência que tanto admirava em Ted, que comparava a um iceberg com profundidade e realidade que

constantemente a surpreendiam. Admitia que a ideia de ter um filho era tentadora, já que cuidar de um bebê a impediria de pensar em seus demônios — que, em dias melhores, chamava de musas. Convocada a escrever, ainda assim vacilou ante a imensa lacuna que nesse momento se abria entre seu desejo de escrever e a ansiedade provocada por esse mesmo desejo. Esperava amenizar essa paralisia revisitando o local da sua infância, Winthrop, à beira do mar, que sempre associara a um poder vital e à criatividade.

Então, em 25 de junho, um milagre. Depois de anos e anos de rejeição, a *The New Yorker* aceitou dois poemas, “Mussel-Hunter at Rock Harbor” e “Nocturne”. Sylvia decididamente pulou de alegria, exclamando que a boa notícia a levaria a atravessar o verão como “o pico de uma onda criativa”. No mesmo dia, escreveu para Aurelia contando a boa-nova, que, além disso, se traduzia em cerca de 350 dólares, o equivalente a três meses de aluguel.

Os poemas da *New Yorker* mostravam o lado vulnerável de Plath, sombrio e sobrecarregado com o ônus de compor uma vida fora das fronteiras acadêmicas que a protegiam. “Caçadora de mexilhões em Rock Harbor” avança de forma incansável em direção à casca de um siri-patola que saiu involuntariamente de seu hábitat e chegou à grama. Essa criatura perdida induz a uma pergunta: será esse o destino de um recluso, um suicida, um intrépido descobridor de novos mundos? Tais alternativas ocorrem a uma poeta que busca renovar a própria inspiração voltando à praia, imaginando quais são suas opções e tentando se tornar dona de si mesmo, poeta de si mesmo. “Night Walk”, publicado na *The New Yorker*, e mais tarde rebatizado de “Hardcastle Crags” em *The Collected Poems*, trouxe Sylvia de volta a um “profundo despenhadeiro arborizado” no vale do rio Hebden, em Yorkshire. A paisagem se delineia à noite como um “mundo antigo” que acachapa o caminhante, que se volta para a “cidade de pedra”

antes que ela desabe sobre o pó de quartzo das pedras e morros. Sylvia tentava salvar a si mesma enquanto se perguntava que tipo de destino poderia pulverizar suas esperanças. Seria capaz de construir sua obra, como a cidade, a partir da dureza da existência? As passagens assombrosas de seu diário sobre um pássaro ferido de que ela e Ted tentaram cuidar — e o fracasso de ambos, que terminou com Ted matando-o com gás para pôr fim a seu sofrimento — parecem uma previsão involuntária do destino de Sylvia. Ela se maravilhou com a beleza, a perfeição e a serenidade do pássaro já morto por asfixia.

Ao longo desse período, “o espírito do meu pai” (como Sylvia chama em seu diário) dava a impressão de se impor nos poemas que ela vinha reunindo, mais uma vez, para um livro que acabaria por chamar-se *The Colossus*, seu poema epônimo girando em torno da figura mitológica em que ela transformara Otto Plath. Caso tivesse se tornado atriz, Sylvia se sentiria atraída pelo papel de Hamlet, depositário das súplicas do pai, um espírito “fadado a vagar na noite”. Lidar com a imagem poderosa do pai vinha se transformando numa luta shakespeariana com a própria existência, com as reivindicações do passado atropelando o presente. Mesmo quando tentava se liberar do chamado do pai, Sylvia também sufocava. Essa sensação de desolação e a impressão de viver assombrada por um pai que não a deixava atormentava Sylvia Plath, uma filha fortalecida sob o domínio do pai, quando ela se sentava ao lado de Ted diante do tabuleiro Ouija durante o verão de 1958, um pouco acreditando estar, com efeito, em comunhão com Otto Plath, que lhe aparecia como “Príncipe Otto”.

Sylvia não conseguia dormir. Sentia-se paralisada, o romance lhe surgindo mentalmente como um fantasma impossível de se materializar. Pela primeira vez, via Ted como um obstáculo. Ele era fortemente didático quanto às próprias ideias, conforme ela começava a constatar na companhia

de outras pessoas. Os dois continuavam muito compatíveis, confidenciou ao diário, admitindo, porém, que se divertia consigo mesma nos períodos em que ele se afastava. Ted gostava de dar ordens, o que o fazia soar como o peremptório Otto Plath. O torcicolo de Ted, resultado do excesso de exercício, parecia a Sylvia um sintoma da sua personalidade rígida.

Em cartas para Aurelia e Olwyn, Ted não dava qualquer pista dos males de verão da esposa. Ao contrário, ele a retratava como uma poeta em atividade. Será que não via o sofrimento de uma alma que dizia que estar casada com ele era como partilhar a mesma pele? Estaria mantendo as aparências ou apenas satisfazendo um desejo seu? A julgar pelos diários de Sylvia, ele andava tão concentrado na própria rotina que não registrava o tormento da esposa. E ela não o compartilhava com a mãe, a quem dizia que vinha lendo a respeito do mar para obter inspiração poética e que voltara a estudar alemão em função da sua ligação com as próprias raízes.

No fim de julho, Sylvia começou novamente a compor poemas, pondo fim a uma escassez de dez dias. Esse ciclo reprisava o verão anterior em Cape Cod, quando haviam sido necessárias duas semanas para que ela se adaptasse ao regime de escrever com regularidade. A prosa permanecia um obstáculo. Com muitas ideias para contos, ela se via travada no que tangia aos enredos, bem como sentia que fora prejudicada pelo sucesso prematuro da sua ficção publicada na *Seventeen* e na *Mademoiselle*. Mesmo no nível de sua produção para revistas leves, ela achava necessário aperfeiçoar seu talento.

Embora sempre supusesse que esperaria a publicação de um romance ou de um primeiro livro de poesia para só então ter filhos, Sylvia começou a ansiar pela maternidade. Em 2 de agosto, queixou-se em seu diário que a vida com Ted se tornara “encravada”. Em *Letters Home*, Aurelia descreve a reação da filha e do genro numa visita, em 3 de agosto, a amigos com três

filhos. A menina de 2 anos atirou-se sobre Ted, enquanto Sylvia examinava com reverência a de um ano, como se descobrisse algum tesouro há muito procurado. Aurelia se imaginava como uma fada madrinha que com um aceno pudesse produzir um lar e receber a filha com o necessário para que ela tivesse uma família e também sua carreira literária.

Para Sylvia, contudo, ter filhos nos Estados Unidos significava ceder a uma complacência acachapante. Odiou a forma como sua tia Dot desdenhou de Ted por ele não ter um emprego nem perseguir uma carreira. Alcançar essas realizações sólidas, de classe média, significava sucumbir ao desespero que desgostava de ver na mãe. Era melhor a ansiedade do artista do que a neurose do conformista. Sylvia afirmava que a segurança estava dentro de si mesma e de Ted. Confiava ver “Caçadora de Mexilhões em Rock Harbor” no número da *The New Yorker* de 9 de agosto e imaginar os leitores em todo o mundo maravilhados com seu trabalho.

A mudança de Northampton para Boston no início de setembro animou Plath, sobretudo porque agora tinha uma boa vista do rio Charles. Foi preciso adaptar-se ao barulho urbano, escreveu ela para Elinor Friedman Klein. Plath às vezes sofria com ciclos menstruais dolorosos que podiam exacerbar seu mau humor e desconforto com o pouco que produzia. Em 11 de setembro, viu-se vítima de cólicas e febre. Tentou se distrair adotando um comportamento compulsivo: arrumando o novo apartamento, lendo anúncios de emprego no jornal — o tempo todo dizendo a si mesma que precisava ir em frente com o trabalho de escritora. Em vez disso, matutava sobre Elizabeth Taylor roubando Eddie Fischer de Debbie Reynolds. Perguntou-se em seu diário por que isso tinha importância. Mas tinha, sim, porque ela parecia ligada no que o crítico Leo Braudy chamava de “frenesi de renome”. Ted Hughes acompanhava seu interesse, mas ela se comportava de forma tão extremada quanto as estrelas de cinema a respeito das quais lia.

Três dias depois, escreveu em seu diário que os dois se encontravam mergulhados numa “depressão sombria”. O fato de seus humores coincidirem tão perfeitamente lhe parecia mais uma prova de que Ted era sua contrapartida masculina — dessa vez, porém, ela via um lado soturno. Estariam ambos, como vampiros, se alimentando um do outro? Ela andava desconfiada e admitiu sua confusão. Sentia-se uma diletante, já que não mais fazia parte de um regime acadêmico. Se arrumasse um emprego, ao menos ganharia algum dinheiro e extrairia prazer de um dia de trabalho. Em 16 de setembro, Peter Davison, um ex-amante e contato editorial, a visitou e notou que Sylvia estava “tensa e retraída”. Sua visita, porém, fez bem a ela, que dois dias depois voltou a escrever, começando com uma análise da personalidade de Davison. Arrancara dele algumas frases “bem formuladas”. Era sempre assim que acontecia: aliviando a depressão com a atividade da escrita, convertia a ansiedade em ficção satírica. Davison preferia a mulher “mais simples, com menos pose” que lhe contara de forma emotiva sobre o próprio suicídio durante o verão em que ambos se relacionaram. Não lhe agradou a narrativa excessivamente controlada produzida mais tarde por Plath em *A redoma de vidro* e deplorou também “a ironia rude, as defesas, os personagens semifictícios e o azedume, que macularam o romance para mim”. Mas essa era a genuína Sylvia Plath também: azeda e mais feliz com um instrumento de açoite nas mãos para escrever.

Em meados de outubro, ela assumiu um emprego no Hospital Geral de Massachusetts, onde datilografava registros na clínica psiquiátrica, atendia telefonemas e executava todo tipo de trabalho administrativo. O emprego foi um estímulo que resultou, segundo o consenso da crítica, em sua melhor obra em termos de conto, “Zé Susto e a bíblia dos sonhos”. No conto, uma narradora-secretária datilografa obsessivamente os sonhos dos outros. Embora Plath acreditasse que se beneficiara imensamente de suas sessões

com a dra. Beuscher, o trabalho zomba da medicina moderna. Os pacientes são “condenados ao destino obtuso que esses médicos chamam de saúde e felicidade”. A narradora demente se torna o bode expiatório de “cinco falsos sacerdotes em jalecos cirúrgicos brancos”, que colocam uma “coroa de arame” em sua cabeça e a “hóstia do esquecimento” em sua língua. Na década de 1950, tão marcada pelo psicologismo, na era do eletrochoque, Plath imagina devotos protestando contra tal crucifixão, cantando: “A única coisa a amar é o próprio Medo.” A terapia de eletrochoque rouba do paciente não apenas a memória, como o temor que o debilita, mas também é essencial para o ser plenamente humano e criativo. No entanto, a máquina trai os técnicos, e “Zé Susto”, que encarna os sonhos cheios de medo que a narradora fielmente registrou, aparece cercado por uma “auréola de luzes” iluminando o universo. Um final como esse aparentemente implicaria dizer que o medo é uma condição ontológica que não pode ser medicada, ou seja, curada. Plath não estava avalizando o medo per se — sabia muito bem o quanto ele a imobilizara —, mas lamentava a superioridade espúria das instituições médicas que supunham ser capazes de fabricar uma sensação de saúde e bem-estar. A história é sedutora e intrigante em boa parte porque a própria narradora é instável, mas ainda assim impõe certa aura de autoridade — o tipo de retribuição contracultural ao sistema e ao tratamento psiquiátrico institucional refletido em romances como *Um estranho no ninho*, de Ken Kesey (1962).

Sylvia, porém, não enfrentava de forma ostensiva os poetas e editores com quem convivia socialmente. Em seu livro de memórias, *The Fading Smile*, Davison transcreve a observação de Stanley Kunitz: quando fazia visitas, Sylvia parecia transformar em ritual o fato de escolher uma cadeira e sentar-se ligeiramente atrás de Ted, que assumia o centro do palco, por assim dizer. Nas lembranças de Kunitz, ela encarnava o papel da esposa adoradora,

“muito acanhada”. Esse foi o mesmo papel assumido por ela durante o ano em que lecionou na Smith, quando, segundo se lembra Daniel Aaron, era “muito deferente... com relação ao marido” e queria que ele fosse “incluído em tudo”. Essas impressões são compatíveis com as anotações do diário de Plath, que retratam Ted, nessa época, como o poeta superior. Insegura de si mesma, Sylvia retornou a suas sessões semanais com a dra. Beuscher.

Sabemos o que tinha em mente, porque ela transcreveu as palavras de Beuscher em seu diário em 12 de dezembro: “Eu lhe dou permissão para odiar sua mãe.” Estava na hora, em outras palavras, de Plath assumir abertamente seu desprezo pelo “matriarcado de bajulação e união familiar”. Era um grande alívio dizer à permissiva Beuscher o que quer que estivesse realmente pensando. Ao contrário de Aurelia, a terapeuta não lhe “negava o ouvido”. Da mesma forma, Sylvia se regalava em batalhas com Ted, em discussões acaloradas, buscando o que não apetecia em absoluto a Aurelia. Não seria Sylvia, segundo sua própria avaliação, o rato que guinchava? Não teria a terapia tudo a ver com a forma como ela, ao escrever para a mãe — e mais ainda ao estar na presença da mãe —, se rendia ao papel de filha dedicada? Acima de tudo, essa Sylvia queria agradar a mãe, mas nesse próprio desejo — essa necessidade de ser boa, essa ânsia inquebrantável de aprovação — ela traía a si mesma e ao próprio impulso de se impor como totalmente independente, alguém que só se assumia em suas críticas fictícias de outros indivíduos. Por que será que extraía um prazer quase perverso em receber cartas de rejeição? Sem dúvida porque isso é o que faz o mundo: ele *nos rejeita*. Quando um poema, conto ou artigo era aceito, Sylvia quase sempre reagia à boa notícia como se isso fosse uma espécie de milagre, uma vitória momentânea contra probabilidades negativas esmagadoras.

A terapia de Beuscher não proporcionou uma solução permanente para a ansiedade de Plath — ou para a sua visão da mãe como uma “vampira

viva”, sugando a vida da filha. Ela talvez se sentisse mais feliz odiando a mãe, caso Aurelia não tivesse se sacrificado tanto, não tivesse sido tão santa a ponto de enraivecer a filha quando esta pensava que seu comportamento preocupava a mãe. Desprezava Aurelia porque ela se submetera ao autocrático Otto, que não consultou um médico ao ficar doente, que morreu por não ser capaz de lidar com a doença. Sim, a mãe sofrera de verdade, mas a agonia também era uma mentira, porque a tirania de Otto jamais havia sido contestada nem sequer admitida. Em vez disso, Aurelia simplesmente se dedicou aos filhos. A longa luta da mãe com as úlceras revelava o quanto seus filhos a esgotavam. Otto, com a perna gangrenada, teria se tornado um “idiota vivo” caso sobrevivesse por mais tempo, supunha Sylvia. Felizmente para ele um coágulo foi parar no cérebro, para que Aurelia pudesse encarnar o papel de anjo carpideiro, contando aos filhos que papai se fora. Uma Sylvia enojada encerrou seu desabafo no diário com “Homens, homens, homens”. Essa história sobre si mesma e sua família foi contada na terceira pessoa, como um conto de fadas mordaz que terminou num retrato sarcástico da versão “água com açúcar” de Aurelia sobre as vidas felizes de seus filhos inocentes.

Sylvia odiava a mãe como se odeia o mensageiro de más notícias. Era como se Aurelia houvesse matado Otto e feito o papel de esposa chorosa, quando, na verdade, ele, “um ogro”, como todos os homens, “saíra de cena”. A maneira desdenhosa como a filha tratava os homens era sua vingança, admitiu em seu diário. Os homens iam embora e se divertiam; as mulheres ficavam e limpavam a sujeira. E Sylvia, ainda contando a história da própria vida na terceira pessoa, retratava a si mesma como a boa moça que tentou se matar como única maneira de se livrar da mãe. Esta havia sido sua regra de ouro: fazer consigo mesma o que desejava fazer com a mãe. Jurou fazer tudo o que a mãe lhe dizia para não fazer. Não queria mais o sacrifício da mãe,

por isso precisava sacrificar a si mesma. Nesse momento, retomava a primeira pessoa, ressentida pela preocupação que a mãe tinha com ela e Ted. “Ela quer ser eu mesma: quis que eu fosse ela: quer entrar na minha barriga e ser o meu bebê e ficar despreocupada. Mas preciso fazer o que ela manda”, foi o juízo resumido de Sylvia.

A dra. Beuscher associava o bloqueio da escrita ao seu ódio à mãe. O fato de não escrever suprimia precisamente aquilo que extraía a aprovação de Aurelia, o que também seria uma forma de apropriação, tornando a conquista de Sylvia uma conquista da Aurelia. O suicídio havia sido uma tentativa de punir a mãe e de lhe mostrar que o seu tipo de amor era inadequado. A filha se sentira melhor nessa relação enquanto morava na Inglaterra, porque as cartas podiam funcionar como um meio de ambas manterem intactas suas imagens idealizadas.

Sylvia não dava a impressão de perceber o perigo de confiar que Ted fosse absolutamente tudo o que o pai e a mãe não haviam sido. Com ele, acreditava, ela rejeitara os comprometimentos, o conformismo, com menos que o merecido na companhia de homens não tão significativos. A dra. Beuscher identificara os riscos: teria coragem de admitir que escolhera o homem errado? Plath dizia que a pergunta não a assustava. Ao contrário, fazia brotar mais uma ladainha a respeito das virtudes do marido. Um mau sinal.

Com efeito, a compulsão de endeusar Ted levou Sylvia a ideias obsessivas quanto à maternidade e à família, a vivenciar o mesmo tipo de dinâmica que Marilyn Monroe vinha vivendo com Arthur Miller. A *persona* adoradora, praticamente tímida que Monroe exibia nas aparições públicas com o marido reaparecia em relatos da obediência de Plath a seu amo e senhor. Dia 13 de dezembro: uma garota surge à porta do apartamento do casal vendendo ornamentos natalinos, e Sylvia chama Ted, dizendo à moça:

“Nesta casa quem decide é o homem.” A dra. Beuscher poderia observar que sua paciente já não precisava de um pai por motivos muito diversos do que Sylvia supunha. Ou melhor, Sylvia viria a precisar, mas também a rejeitar, aquele pai mais uma vez quando visse que Ted, afinal, não era muito diferente de Otto. Tais ideias não ocorriam a Sylvia nos momentos em que um Ted zangado a acusava de comportar-se exatamente como a mãe. Ela vinha amadurecendo um conto sobre um homem com “ideias convencionais profundamente enraizadas a respeito das mulheres”. Conversas com Ted sobre empregos — o dinheiro de ambos estava acabando — podem ter desviado a atenção dela para a ideia de uma história sobre Dick Norton e a vida de médico à qual ela renunciara ao rejeitá-lo. Um casamento assim a privaria precisamente da experiência que lhe era necessária para tornar-se escritora e, além disso, como esposa de médico, ela se ressentiria das oportunidades do marido. Mas a história não foi longe, e Sylvia se distraiu enquanto indagava sobre as exigências para uma pós-graduação em Psicologia.

As sessões com a dra. Beuscher se tornaram mais tensas, levando Sylvia às lágrimas ao admitir ter ciúmes de Ted e desconfiar da sua atração por outras mulheres — e, finalmente, à confissão de identificá-lo com o pai, seus rostos e corpos ficando intercambiáveis em seus sonhos. Ted tornara-se o homem perdido, o pai com a garota no campus da Smith, uma cena que enfurecera Sylvia e alimentara seu temor de ser abandonada pelo marido. As anotações no diário sobre suas conversas com a dra. Beuscher lembram uma catártica peça grega, com Plath aflita ante a hipótese de a dra. Beuscher, como outros em sua vida, vir a abandoná-la. Sylvia não pagava pelo tratamento e ficou aliviada quando a terapeuta sugeriu a remuneração de cinco dólares a hora. Como Marilyn Monroe, que também fazia tratamento psiquiátrico nessa época, a poeta se perguntava por que não podia contar

nem mesmo com aqueles mais próximos de si, por que desconfiava de seus motivos — enquanto ao mesmo tempo ficava confusa quanto à sensação de culpa que acaba resultando em autopunição. E assim como Monroe, Plath leu Freud na esperança de entender a raiva contra si mesma e contra terceiros que acabou por levá-la à tentativa de suicídio. Ambas tinham dúvidas sobre se trazer mais uma criança ao mundo poderia de alguma forma redimi-las, fazer com que suas vidas valessem a pena fixando-as na continuidade da existência. Dar à luz um filho, porém, também era uma ideia assustadora. Sylvia sonhou que perdia um bebê de um mês de idade. Tinha problemas para levantar-se de manhã e começava a mergulhar na passividade, a “ficar desleixada”, conforme escreveu.

Sylvia tentava manter em segredo suas dúvidas, sabendo como elas afligiriam Ted. A julgar pelas cartas do marido para a família, ele já estabelecera um bom cronograma de trabalho por volta de janeiro de 1959, enquanto ela ainda lutava para fazer o mesmo. Hughes já se decidira quanto à volta dos dois à Inglaterra até o fim do ano. Para um e para outro, um jantar com Robert Lowell e a esposa, Elizabeth Hardwick, revelou-se compensador. Lowell era um grande admirador da poesia de Hughes, e Sylvia fez questão de registrar o carinho com que Lowell beijava a esposa. Tais demonstrações de afeto, que ela valorizava intensamente, mostram um retrato bastante diferente das lembranças agradáveis, mas também arrogantes, de Hughes sobre o encontro com Lowell, o poeta louco, que de vez em quando precisava ser internado quando seu comportamento se tornava errático e mesmo, eventualmente, violento. Sylvia, por sua vez, esperava ansiosa pelas aulas de poesia de Lowell na Universidade de Boston, que teriam início em breve.

Ainda sob o efeito do jantar Lowell-Hardwick, Plath escreveu “Point Shirley”. Ambientado no quintal da própria avó depois do grande furacão da

infância de Sylvia, o poema evoca a imagem de uma nesga de areia lentamente erodida pelo mar — uma imagem perfeita de suas lembranças sofrendo o desgaste do tempo, sugerindo a dor da perda, enfatizada pelo sol vermelho-sangue se pondo acima de Boston. Sylvia se lembrava do amor da avó, que nesse momento queria extrair “dessas pedras ressequidas”. Embora maternidade e nascimento jamais sejam mencionados, ambos parecem presentes no anseio da poeta de gerar uma nova vida a partir do amor pela antiga. O livro do dr. Spock constava da sua lista de leituras. Ela gostava de visitar uma amiga e brincar com seus filhos, sentindo-se parte de um “mundo feminino jovem” concentrado em “conversas femininas”. Vinha até escondendo seus poemas de Ted porque a opinião do marido podia paralisá-la. Depois de uma visita a Stanley Kunitz, concluiu que Kunitz não gostava de poetisas. Ao ouvi-lo, ela só podia pensar em ter um bebê e na sua decepção ante a chegada de mais uma menstruação.

Foi de alguma ajuda frequentar as aulas de Robert Lowell e ouvir a reação do mestre a seus poemas, mas, na verdade, Sylvia não se sentiu muito inspirada pela maneira inócua como ele lecionava e esperava ir além com a sua prosa. Sua turma incluía Anne Sexton e outro poeta conhecido, George Starbuck. Sexton escreveu mais tarde memórias pouco reveladoras sobre seus encontros com Sylvia e Starbuck. Lowell lembrou-se de Plath como uma pessoa “esbelta, angulosa, nervosa, excitada, graciosa — uma presença brilhante e tensa, constrangida pela moderação. A humildade e disposição da poeta para aceitar o que outros admiravam parecia, às vezes, lhe emprestar um ar de docilidade ensandecida que escondia sua paciência e franqueza fora de moda (...) Percebi seu embaraço e sua natureza ímpar e jamais imaginei os desdobramentos terríveis e triunfantes que a aguardavam.” Embora Lowell estivesse entrando em sua fase de poesia confessional e Sexton tenha se mostrado uma acólita competente com seus

poemas esfuziantemente autorreferenciais, a maior influência sobre Plath foi a dos poemas autorreveladores e brilhantemente controlados de Theodore Roethke, cheios de fecundas metáforas de crescimento. Sua leitura de Faulkner — sobretudo de *Santuário* e “O urso” — teria um impacto de longo prazo sobre os próprios versos violentos e apocalípticos dela. Sylvia Plath reconhecia o mérito de Anne Sexton, mas também achava sua obra contemporânea “solta”.

Em 9 de março, Sylvia, acompanhada de Ted, visitou a sepultura do pai em Winthrop, quase ao lado do Caminho das Azaleias. Queria desenterrá-lo como prova de que ele existira. Sentia-se trapaceada, provavelmente porque ver seu túmulo nada resolveu. A morte do pai quando ela era tão jovem lhe pareceu uma canalhice. O poema que celebra essa visita, “Electra no caminho das azaleias”, é excessivo, conforme ela se dava conta. Ainda lhe faltava talento para desnudar as próprias emoções e transpô-las para os versos tensos de suas obras posteriores. Mesmo assim, o poema capta a sensibilidade de uma filha que diz ao pai que via em sonhos o seu “épico, imagem a imagem” e na conclusão do poema confessa: “Foi o meu amor que nos matou a ambos.” Discutir sobre o pai e essa visita com a terapeuta fez Sylvia sentir estar regredindo, mas então Ted obteve a bolsa da Guggenheim, ela teve outro trabalho aceito pela *The New Yorker* e o casal foi convidado para passar dois meses em Yaddo, a colônia de escritores em Saratoga Springs, Nova York. As preocupações com dinheiro seriam aplacadas até o fim do ano e, no clima tranquilo e acolhedor de Yaddo, talvez Plath pudesse finalmente fazer progressos.

Apesar de tanto se queixar de sua criatividade deficiente, Sylvia se deu conta, em 31 de maio, de que desde o início de 1959 havia escrito seis contos, aí incluídos alguns dos seus melhores: “Zé Susto”, “The Shadow”, “Sweetie Pie and the Guttermen” e “Above the Oxbow”. “The Shadow” recria

o cenário dos anos de guerra, quando ela ouvia programas de rádio e lia gibis estrelados pelo Super-Homem, o Besouro Verde e o Sombra, com suas mensagens de que o crime não compensa. No conto, uma garotinha descobre as atrocidades cometidas em campos de prisioneiros de guerra japoneses e sonha com um mal que não é facilmente derrotado: “A aura hostil, chocante, do pesadelo se espalhou, de alguma forma permeando a paisagem que me cercava quando acordei.” Pior do que isso: o pai é relegado ao ostracismo no bairro por ser alemão. E a garotinha o deixa em posição pior ainda ao morder um garoto: “De alguma forma obscura, tortuosa”, ela entrega o pai aos vizinhos. Quando ele é obrigado a deixar o lar por ordem do governo, a garota grita contra essa injustiça e declara que Deus não pode existir para permiti-la. O que parecera ser a exteriorização do mal em programas como *O sombra* a assalta pessoalmente nesse momento. “A sombra em minha mente se alongava com a noite apagando nossa metade do mundo, e além; todo o globo parecia encolhido na escuridão.” Uma história assim desmascara o excepcionalismo americano e preconiza o retorno de Sylvia com Ted à Europa.

Ela continuou a publicar poesia em veículos de primeira linha, como *Partisan Review*, *The Sewanee Review* e *The Hudson Review*, mas seu primeiro livro de poesia acabava de perder o prêmio Yale Younger Poets, concedido a George Starbuck, que Sylvia desdenhava como um escritor de poesia leve. Numa carta para Ann Davidow, ela confessou não ter confiança para comprometer-se com um romance, o há muito adiado “Falcon Yard”, que talvez conseguisse ressuscitar quando fosse com Ted para Yaddo em setembro, agora que inventara um nome para a heroína, Sadie Peregrine, uma substituta para si mesma. Nesse ínterim, os dois embarcariam numa aventura de travessia do país assim que encontrassem um sublocatário para o apartamento de Boston.

Em 25 de junho, Sylvia já comprara equipamento de camping. Como resultado dessa temporada de verão, produziu um conto memorável, “The Fifty-Ninth Bear”, cuja leitura se torna fascinante quando se tem conhecimento da longa carta escrita por Ted aos pais sobre a aventura que inspirou a trama, bem como do relato contemporâneo feito por Sylvia a Aurelia e Warren. Ted descreveu como ele e Sylvia acordaram no meio da noite ao ouvir o ruído de ursos fuçando no lixo no parque de Yellowstone, farejando em torno da barraca do casal e depois aparentemente arrombando o porta-malas do carro, levando-o a sair e descobrir que um urso quebrara a janela traseira para roubar a comida — detalhes que Sylvia incluiu em seu conto. Mais tarde, os dois souberam que um urso matara uma mulher que apontara uma lanterna acesa para ele. Ted contou 67 ursos ao longo da estadia. O relato de Sylvia enfatiza o medo do casal de que o urso os devorasse. Ela diz ter olhado para o urso de dentro da barraca, sem mencionar o que Ted fez nesse momento. Mais tarde, ele efetivamente se levantou para dar uma olhada. Segundo Sylvia, ambos ficaram “bastante abalados”.

No conto, o marido é instado pela esposa passivo-agressiva a espantar o urso com tiros, tentativa que resulta na morte do marido. Essa morte marca o auge das tensões entre o casal, centrada no esforço bastante condescendente dele para acalmá-la. A mulher é retratada como uma histérica que depende do marido e ao mesmo tempo se ressentida dele. Segundo Lucas Myers, quando o conto foi publicado na *The London Magazine*, ele e outros se sentiram perturbados pela disposição de Plath de matar Ted na ficção. Mas o nome do marido em “The Fifty-Ninth Bear” é Norton e ele não se parece tanto com Ted Hughes quanto com Dick Norton, cuja noção de prerrogativa masculina ofendia Sylvia profundamente. Nem os diários nem as cartas provêm qualquer base para o tipo de animosidade

contra o protetor masculino retratado no conto. Ademais, a esposa, chamada Sadie (assim como a protagonista do romance planejado por ela), é um retrato em nada elogioso da própria Sylvia — ou da que teria se tornado como esposa de Dick Norton, sujeitando-se à carreira médica do marido e neuroticamente dependendo dele para paparicá-la. A presença dominadora de Ted e sua afinidade com o mundo natural estão totalmente ausentes da história. Com efeito, como observa a crítica Tracy Brain, “The Fifty-Ninth Bear” gira apenas em torno de turistas que “curtem” a natureza, mas sem qualquer conexão real com a mesma — e pagam por sua burrice com a própria vida.

Ainda assim, como ler o conto sem questionar se Sylvia Plath estaria confessando sua raiva do marido na ficção, ainda impossível de expressar numa voz não ficcional? Afinal, Norton canta uma musiquinha sobre “os garotos de Liverpool”, embora não seja explicitamente identificado como cidadão inglês. Nessa leitura, o nome Norton não passa de uma forma de disfarçar um ataque a Ted. No entanto, o homem que é morto é tolo (usando uma palavra empregada por Ted na carta a seus pais) ao dirigir o foco da lanterna para o urso. E Hughes nada tinha de tolo. Com sua profunda intimidade com as criaturas selvagens, ele não podia ser mais diferente do que o infeliz Norton do conto. Ao que Sylvia podia estar aludindo na mitologia particular da sua vida é irrecuperável, mas o conto parece, mesmo assim, autocongratatório, no sentido de que foi essa a forma de ela explicar por que rejeitara Dick e optara por Ted.

Plath teve suas dificuldades habituais para se adaptar a um novo ambiente. Adorou a mobília tradicional de Yaddo e as refeições suntuosas, mas passou o restante de setembro lendo Eudora Welty e Jean Stafford e anotando ideias para tramas em seu diário. Enviou três contos a Peter Davison, agora editor do *The Atlantic Monthly*, duvidando de que esse

homem pusilânime, conforme supunha que fosse, aceitasse o seu trabalho. Sylvia gastava em torno de sete horas por dia escrevendo, apreciando a vista *top-floor* dos “pinheiros densos”. Ted tinha seu próprio estúdio na floresta para trabalhar em paz. Cafés da manhã fartos e almoços em quentinhas mantinham os dois alimentados o dia todo.

Sylvia leu Arthur Miller enquanto Ted escrevia uma peça, motivo pelo qual talvez tenha sonhado no início de outubro com Marilyn Monroe. Aurelia desejava ser a fada madrinha na vida da filha, e Plath vinha trabalhando um conto com esse tema quando sonhou com Marilyn na cena da fada madrinha. Apenas com Monroe, Plath poderia se descontraír, ainda que Monroe e Miller “possam, é claro, não fazer ideia de quem somos”, escreveu. Continuava sem conseguir levar adiante o romance. E ainda assim chamava Ted de sua “salvação”. Talvez na Inglaterra, confessou ao diário, ela pudesse ter mais sorte. A Harcourt acabara de rejeitar seu primeiro livro de poesias.

Em algum momento da estadia em Yaddo, Plath se descobriu grávida, embora seu diário surpreendente silencie a esse respeito. No início de novembro, no quarto mês de gravidez, ela apressou a criação de novos poemas. “É maravilhoso como a expectativa de tamanha responsabilidade leva a mente de alguém a se concentrar”, escreveu Ted a um amigo no início de dezembro. Mas então a produção de Sylvia cessou abruptamente, e ela se perguntou o que acontecera à escritora confiante de “Sunday at the Mintons”. Temia que, apesar de todas as tentativas em contrário, tivesse dependido demais de Ted. Nesse momento Yaddo parecia um convento que a exilava do mundo, e ela pensou em voltar muito rapidamente para Boston, antes de se estabelecer em Londres — ou talvez no interior inglês, não muito distante da cidade. Estava terrivelmente confusa, alternando momentos de euforia e irritação, ora pensando que um bebê a impediria de ser ela mesma,

ora passando um dia feliz acariciando a barriga prenhe de vida — para no dia seguinte ser perturbada por um sonho em que morria no parto.

O casal decidiu que Sylvia daria à luz na Inglaterra, onde aportou em meados de dezembro. Um Ted esfuziante escreveu para Daniel Huws, declarando que escapara da petrificação e já estava se renovando na Inglaterra. Em seu diário, Sylvia acolheu com satisfação o retorno a um país que havia sido receptivo a seus poemas e contos e parecia partilhar a sua sensibilidade. Em 9 de dezembro, Ted escreveu a Lucas Myers dizendo que a esposa, então no sexto mês de gravidez, escrevera uma dúzia de poemas espetaculares que refletiam uma fase totalmente nova — tudo em forma de monólogos. “Já roubei várias coisas deles”, vangloriou-se.

CAPÍTULO 6

A MÃE UNIVERSAL

(1960-62)

1960: Plath e Hughes alugam um apartamento em Londres; **1º de abril:** nasce Frieda Rebecca, a primogênita; outubro: *The Colossus*, primeiro livro de Plath, é publicado; **6 de fevereiro de 1961:** Plath sofre um aborto; **28 de fevereiro:** Plath faz uma cirurgia para retirar o apêndice; **março:** Plath começa a escrever *A redoma de vidro*; **julho:** o casal compra uma propriedade em Devon; **17 de janeiro de 1962:** nasce Nicholas Farrar Hughes; **maio:** David e Assia Wevill visitam Court Green.

Em 3 de fevereiro, Sylvia enviou uma longa carta para Marcia Brown, explicando como havia sido mudar-se de volta para a Inglaterra. Ela e Ted tinham se hospedado parte do tempo com os pais de Hughes em Yorkshire, mas com Olwyn também de visita e outros parentes aparecendo regularmente, Sylvia contou com pouco tempo e espaço para ler, e menos ainda para escrever. A mãe de Ted, uma dona de casa bagunceira que largava panelas engorduradas no fogão e nos armários, deu nos nervos de Sylvia, que queria ajudar, mas encontrava resistência da parte da sra. Hughes, o que a deixou magoada, contou ela mais tarde à amiga Elizabeth Compton. Compton estava convencida de que a sra. Hughes não desejava

excluir Sylvia, querendo apenas tratar com respeito essa mulher bem-educada, de uma classe social diferente.

Então houve uma busca exaustiva de três semanas por um apartamento mobiliado. O péssimo tempo, chuvoso, frio e com vento — sempre capaz de deprimir Plath —, e as condições lamentáveis, decadentes, de residências disponíveis, que custavam mais que 25 dólares por semana (além do limite imposto pelo casal), a fez sentir-se à deriva na cidade grande, sobretudo em vista do seu desejo de estar perto de um bom médico e de um bom hospital. O poeta americano W. S. Merwin e sua esposa inglesa, Dido, tentaram ajudar, dando telefonemas e usando seus contatos, mas os dois também concordaram com Sylvia que os ingleses eram a “raça mais suja na face da Terra”. Até os objetos novos nas lojas de departamento pareciam surrados aos olhos de Sylvia. Conseguir algo decente envolvia “luvas”, uma forma de suborno polpudo a um corretor de imóveis ou locador. Essa era a Inglaterra ainda não saída das mazelas do pós-guerra.

Graças aos Merwin, Sylvia e Ted finalmente encontraram um apartamento na Chalcot Square, próximo a Primrose Hill, um cenário muito agradável, quase campestre. O lugar precisava de muitos reparos (Sylvia estava dando a sua terceira demão de tinta), mas os dois ficaram felizes de achar um lar com um contrato de aluguel de três anos — e aliviados, pois o bebê estava previsto para o fim de março. O casal possuía uma cozinha ensolarada e com vista para a praça, onde Sylvia observava os pássaros e as crianças brincando. Precisaram comprar eletrodomésticos, mas os Merwin emprestaram alguns móveis. Pagando o equivalente a dezoito dólares por semana, mais as despesas de luz e gás, Sylvia e Ted conseguiam viver usando o dinheiro que ele recebia com sua bolsa da Guggenheim. Naturalmente, o Serviço Nacional de Saúde cobriria todas as despesas do parto. As cartas de Ted partilham o entusiasmo de Sylvia com o novo lar, bem como seu

desânimo com o que chamou de “competição tenebrosa por apartamentos”. Ela contou à mãe em 7 de fevereiro que o marido acabara de pintar as paredes da sala de branco sobre o papel de parede e que os dois pretendiam pendurar uma ilustração de Ísis, ampliada a partir de um dos livros de astrologia de Ted. Para Olwyn, ele escreveu que gostava da “sensação de morar em Londres. Minha estadia nos Estados Unidos parece ter, em grande parte, tornado objetiva a minha noção da Inglaterra”.

Sylvia resolveu ter seu bebê em casa, com a assistência de uma parteira, o que não era incomum na Inglaterra, mas revelou-se a única alternativa porque era tarde demais para uma internação hospitalar por conta do Serviço Nacional de Saúde. Ela poderia ser admitida na Emergência, mas preferia planejar com antecedência. Estava tranquila por contar com a assistência do obstetra de Dido. O parto normal — ainda uma escolha incomum para uma mulher nos Estados Unidos — teve a bênção do médico inglês, que prometeu estar a postos caso houvesse alguma complicação. Sylvia também vinha praticando exercícios de relaxamento, e embora não tivesse comentado o fato com Marcia, Ted também a vinha hipnotizando e lhe ensinando estados auto-hipnóticos com o objetivo de aliviar o estresse. Sylvia confiava que ele estivesse disponível para cozinhar e, em geral, animá-la — apesar de lastimar não poder dispor de uma amiga como Marcia a seu lado. Provavelmente mais temerosa do que deixava transparecer, queria saber o que Marcia achava da situação.

Dido Merwin, Lucas Myers e outros amigos britânicos de Ted descreveram Sylvia como uma mulher rígida, autocentrada e irremediavelmente americana. E essa era uma característica que eles não pareciam apreciar. Seu médico americano havia sido contra o parto normal. E, com efeito, tudo no passado suburbano de Sylvia ia de encontro, ostensivamente, a esse modo de agir do Velho Mundo. Apesar de todos os

seus pesadelos sobre o parto dar errado, ela demonstrou considerável flexibilidade e coragem diante dessa portentosa mudança que se aproximava em sua vida. O marido dava a impressão de ter tido suas reservas. Para Lucas Meyers, Hughes mostrou o primeiro sinal de que as coisas não iam tão bem. Numa saída noturna com o amigo da época de Cambridge, ele “me confidenciou o que não parecia administrável no casamento”, recorda-se Myers em *Crows Steered/Bergs Appeared*. Para Myers, Hughes jamais fizera críticas à vida conjugal com Sylvia, e como muitos de seus amigos, Myers o via como um “prisioneiro de muito bom grado” no casamento. Numa ocasião, porém, Ted comentou com Myers que decidira contar o número de vezes que Sylvia interrompera seu trabalho numa única manhã: o total chegara a 104.

Embora Sylvia tenha dito a Marcia que eles não haviam realizado trabalho algum nos dois meses anteriores, na verdade, como revelam as cartas para Aurelia, ela vinha trabalhando num novo livro de poesias que encontraria um editor em fevereiro. Também estava datilografando parte do trabalho de Ted. Como de costume, ela deu à mãe uma versão anódina dos acontecimentos, enfatizando o aconchego do lar dos Hughes e a convivência com a família do marido — sobretudo com a bela Olwyn, loura, tão alta quanto Sylvia e aos 31 anos não aparentando mais que 21. A irmã de Ted também a amava, declarou Sylvia em sua versão conto de fadas de sua estadia com os sogros. Sua primeira gravidez, assegurou à mãe, ia bem. Afora algumas dores nas costas, azia e um bebê que chutava, ela se sentia surpreendentemente confortável, talvez porque tivesse engordado pouco. Calculou que caminhava entre três e cinco milhas por dia. Perguntava-se se o nascimento do filho coincidiria com a data de publicação (18 de março) do segundo livro de Ted, *Lupercal*.

Em 18 de fevereiro, Sylvia se mostrou otimista sobre a vida na Inglaterra numa carta para Lynne Lawner, uma amiga adquirida durante um concurso de poesias vários anos antes. A Heinemann aceitara publicar seu primeiro livro de poesias: “Acho que serei uma exilada muito feliz & não sentirei desejo algum de voltar à terra de leite & mel & secadoras de roupas.” Um prêmio Somerset Maugham para Ted (cerca de 1.400 dólares) os fez sonhar com uma viagem dedicada a escrever, no inverno seguinte, para algum lugar no sul da Europa. Sylvia preparou uma refeição completa no dia seguinte à data oficialmente prevista para o parto, 27 de março. A resenha positiva de Al Alvarez de *Lupercal* no *The Observer* aparentemente aumentou a euforia de ambos em 31 de março, quando ela previu numa carta para a mãe que a chegada do bebê não demoraria mais que um dia. Pesava agora setenta quilos, cerca de dez mais que seu peso habitual.

Sylvia saiu para uma caminhada noturna, admirando a lua minguante no céu acima da paisagem mágica de Primrose Hill, salpicada de narcisos, e depois se recolheu para dormir. Acordou logo após a meia-noite, quando, conforme escreveu para a mãe, “tudo começou”. As primeiras contrações tiveram início à uma e quinze. O médico chegou por volta das quatro, mas sem anestésicos, já que ninguém previra a rapidez do parto, que Sylvia definiu como violento e doloroso, mas também maravilhoso. Tudo estava concluído antes das seis da manhã, um primeiro parto notavelmente fácil, em nada semelhante ao que ela antecipara. No dia seguinte, sentada na cama, já datilografava cartas para a mãe e para Marcia Brown, detalhando o acontecimento épico e descrevendo Frieda Rebecca Hughes “cochilando” desde a madrugada e de banho tomado, nas mãos da parteira no maior recipiente da casa. Ted segurara sua mão ao longo de toda a experiência difícil. Ela evitara o horror de uma internação hospitalar, um medo que Nancy Hunter Steiner descreveu em suas memórias. Mesmo tendo sido

aconselhada a ficar de cama, Sylvia se levantou para ligar para a mãe e anunciar o nascimento de “Ein wunderkind, Mummy. Ein wunderkind!”. Meses depois, ela escreveria um belo poema, “Morning Song”, que começa com o “choro” de Frieda, anunciando ao mundo sua chegada, e termina com um tributo a uma criança que já molda uma linguagem para si mesma, “vogais claras” que “alçam voo como balões”.

Sylvia deu pleno crédito a Ted pelo seu apoio. Durante semanas ele a pusera para dormir em transe, prevendo um “parto rápido e curto”. Numa época em que os homens nervosos andavam de um lado para o outro em corredores de hospital, afastados da angústia e das complicações de um parto, Ted Hughes ficou a postos, saboreando o momento em que o bebê corou e começou a emergir do corpo de Sylvia. Ele contou a Lucas Myers todos os detalhes três semanas mais tarde numa longa carta. Ted elogiou a participação ativa de Sylvia no nascimento, ao contrário de mães passivas, imobilizadas, “estupidificadas por anestésicos”, manipuladas por um médico em hospitais americanos. Ele comparou a atitude de empurrar o bebê para fora do próprio corpo a “tirar de marcha a ré um caminhão de um beco curvo e cheio de carros estacionados”. Sylvia absorvera a rejeição de Ted pelo *know-how* americano. Uma semana após o nascimento de Frieda, ela repreendeu a mãe por assumir uma atitude chauvinista: “Basta de hormônios do crescimento e coisas do gênero, por favor! Estou surpresa com você. Interferindo na natureza, ora! Que coisa mais americana essa de achar que fazer as pessoas chegarem a uma altura ideal há de deixá-las mais felizes..”

Em 21 de abril, uma Sylvia chorosa assistiu àquilo que ficaria conhecido como o Grande Bloqueio da Fábrica de Armas Atômicas de Aldermaston, em que os manifestantes carregavam cartazes com os dizeres “Acabem com a bomba!” em sua marcha até a Trafalgar Square. Orgulhou-se porque a filha

faria parte desse protesto contra o envenenamento da atmosfera com a radiação oriunda dos testes nucleares. Sylvia jamais vacilou em sua convicção de que a bomba atômica era o grande infortúnio da civilização. Política e culturalmente, ela se sentia muito mais próxima da Inglaterra do que dos Estados Unidos, sobretudo quando via amigos como os Merwin se juntarem à passeata. Esperava que nem Aurelia nem Warren estivessem pensando em votar no maquiavélico Richard Nixon. Perguntava-se o que eles achavam de Kennedy, sem expressar qualquer opinião pessoal a respeito.

“Frieda é a minha resposta à Bomba H”, escreveu a Lynne Lawner. Plath era uma mãe muito feliz. Esperava ansiosamente criar uma grande família. Wendy Campbell veio de Cambridge para visitá-la e viu uma Sylvia radiante assumindo a maternidade com uma segurança impressionante. Jane Truslow, uma amiga da Smith que se casara com Peter Davison, também visitou o apartamento da Chalcot Square, tendo expressado, em seguida, seu espanto com o fato de uma *prima donna* como Sylvia ter se adaptado à vida familiar com tamanho desembaraço. Truslow disse a Edward Butscher que era a primeira vez que via a amiga ser capaz de olhar para algo além de si mesma. Peter Davison, sempre disposto a ver o lado negativo de sua ex-amante, percebeu a intensa inquietude dela. Dido Merwin, até então grande defensor de Sylvia, via nesse momento uma virago que perseguia o pobre marido infeliz, que tudo fazia para acalmá-la. Parece verdade que Ted quase nunca se queixava da esposa com os amigos e se esforçava para justificar os surtos temperamentais e as grosserias dela. Sylvia se incomodava por não ter “uma boa amiga americana”, e a visita de Ann Davidow, no início de maio, foi mais que bem-vinda. As duas reataram a amizade no ponto em que haviam se separado dez anos antes. Plath sentiu uma conexão imediata com o marido de Ann, Leo Goodman, e notou que seu signo astrológico era Leão, assim como o de Ted.

Depois de um mês em casa, Sylvia se divertiu num jantar com T. S. Eliot, a primeira pessoa a recomendar que a Faber & Faber publicasse a obra de seu marido. Ted descreveu Eliot para Olwyn como “impulsivo”, embora “distante”, tendo passado todo o tempo olhando para o chão, erguendo os olhos apenas para sorrir para a esposa, Valerie. Sylvia, porém, gostou de tomar sherry junto à lareira com o “sardônico e espirituoso” poeta. Ele imediatamente deixou-a à vontade, ainda que ela se sentisse na presença de um “deus descido à Terra”. Valerie, igualmente receptiva, mostrou a Sylvia as fotos do marido quando bebê: um homem bonito desde o início, escreveu a Aurelia. Então Stephen Spender e a esposa chegaram. Seguiram-se mexericos sobre W. H. Auden, D. H. Lawrence, Virginia Woolf — praticamente todos os escritores favoritos de Sylvia tiveram sua cota. Sylvia não caminhava, ela “flutuava”. Spender admirou a beleza árida de Ted, “típica de um nativo de Yorkshire, mesclada com certo refinamento.” Lembrou-se de que Plath falou mais que o marido e de ter gostado dessa mulher inteligente e bonita, mais tarde lhe escrevendo para se desculpar por falar demais no jantar quando a conversa de Eliot começou a rarear.

Durante esse período, a poeta conheceu Al Alvarez. Como editor de poesia do *The Observer*, ele aceitara tanto o seu trabalho quanto o de Ted. Alvarez era, nas palavras da biógrafa Elaine Feinstein, um “fazedor de reis”, um crítico capaz de construir reputações. Detinha um cargo proeminente num jornal importante que ninguém mais ocupou — então ou atualmente. Quando visitou o apartamento dos Hughes pela primeira vez, Sylvia representou tão bem o papel da esposa perfeita que Alvarez ficou constrangido ao descobrir que a sra. Hughes era a Sylvia Plath que ele publicara. Ela precisou levantar o assunto do próprio trabalho quando se deu conta de que o editor não a reconheceria. Alvarez, contudo, não

detectou qualquer sinal de contrariedade ou ressentimento em seu comportamento.

Em 21 de junho, numa carta para Olive Higgins Prouty, Hughes chamou Sylvia de mãe maravilhosa que calmamente alimentava o bebê e mostrava infinita paciência. Ela devolveu o elogio três dias depois numa carta para Aurelia, exaltando Ted como um “exemplo de compreensão”, “maravilhoso com o bebê”. Os dois se alternavam trabalhando no estúdio de Merwin — Sylvia de manhã e Ted à tarde. Ambos faziam leituras públicas, e Ted continuava a ganhar bem lendo poemas seus e de outros na BBC, que também produziu duas de suas peças em versos. Começara, ainda, a vender seus manuscritos para agentes e para a Universidade de Indiana. Dessa forma, o casal amealhava uma renda. Os dois compareceram a um coquetel da Faber & Faber, no qual uma Sylvia orgulhosa observou enquanto Ted era fotografado ao lado de W. H. Auden, situando-o na geração seguinte de poetas da Faber. Que seu destino parecia ligado a Londres foi algo aparentemente confirmado no dia em que ela descia casualmente a Fitzroy Road, quando viu uma casa à venda, ocorrência incomum, já que a maioria das moradias era alugada por 99 anos. Essa era a rua onde morara Yeats, disse à mãe. O casal, ainda dependente do dinheiro que Ted recebia da Guggenheim e de mil dólares que Sylvia sacou da conta bancária conjunta em Wellesley, não dispunha de meios para comprar uma casa, mas ela esperava que um dia pudessem encontrar algo assim para morar.

Em 22 de agosto, Ted escreveu para Aurelia e Warren uma carta contando que iria visitar os pais em Yorkshire. Precisava de uma folga da algaravia de Londres. Descreveu uma Sylvia sedutora, que andara lendo o livro de Alan Moorehead sobre a campanha de Galípoli e ansiosamente inquirira o sogro, um sobrevivente dessa catástrofe. Pai e filho raramente falavam desse episódio dramático da juventude de William Hughes, e ver o

pai, em geral taciturno, se abrir com Sylvia revelou-se uma novidade para Ted. Longas caminhadas e o tempo passado no jardim de Edith Hughes serenaram Sylvia, segundo contou à mãe.

De volta a Londres, quinze dias depois, ela recebeu um convite da BBC para ler sua obra no rádio. Com a demanda pelo trabalho de Ted e a esperança de Plath de que ele pudesse escrever uma peça popular, os dois sonhavam com um carro e uma casa no campo, que tivesse, inclusive, um tear, um forno e outros itens artesanais. Ambos achavam que podiam ficar ricos se Ted escrevesse uma peça que satisfizesse o espírito volátil da época, como Arnold Wesker e outros “jovens rebeldes” vinham fazendo. Sylvia chegou a fazer Ted ler Clifford Odets a fim de ele absorver o *ethos* da classe operária, proletária.

Em 17 de dezembro, precisamente quando o casal partia para outras férias em Yorkshire, eles escreveram cartas individuais para Aurelia e Warren. Ted confirmou os relatos de Sylvia sobre a atenção significativa que o trabalho dele continuava a receber. Fez também questão de dizer que adaptar-se à paternidade era algo tão novo para ele quanto era para Sylvia adaptar-se à maternidade. Sentia-se satisfeito por ser agora um pai de família, mas parecia um tanto incomodado com seu status de figura pública. Falou da própria fama como se uma grande crueldade tivesse sido cometida contra si e não mostrou qualquer sinal da euforia que Sylvia demonstrara na esteira de sua recém-adquirida celebridade literária. Ele se disse drenado, enquanto ela parecia realizada. A vida literária aprisionava Hughes, ainda que libertasse sua esposa, mas ela apoiava o desejo do marido de rejeitar certo tipo de atenção da mídia. Hughes recusou, para tristeza da própria mãe, um convite para aparecer num programa de TV que apresentaria o “poeta do ano”. Não lhe agradava a ideia de ser observado. Mas, sobretudo, acreditava que escapara dos piores efeitos do seu renome e emergira ainda

dono do próprio nariz. No mês anterior, Sylvia recuperara seu ritmo, escrevendo cinco poemas de boa qualidade e contos cheios de energia destinados ao mercado das revistas femininas, relatou Ted. Ele achava que esses canais comerciais seriam bons para ela, livrando-a de uma vez por todas do estilo pretensioso promovido por seus professores na Smith. Sylvia realmente precisava botar mais ação em seus contos, com mortes, nascimentos, casamentos — em outras palavras, contos em que as coisas efetivamente acontecessem e não fossem apenas imaginadas. Os dois estavam trabalhando juntos com tramas que fariam seus contos progredirem. Quanto a seu próprio trabalho, Hughes fornece um longo comentário sobre uma peça, *The House of Aries*, aparentemente no tom de D. H. Lawrence: uma investigação das tensões entre a mente lógica, racional, e o ser animalesco instintivo, que, quando em conflito dentro do indivíduo, levam ao desconforto e à ânsia pelo surgimento de um salvador destemido, uma figura de sonho, um “realizador ideal”. Ted temia que sua peça fosse excessivamente abstrata, o que sem dúvida ela é, embora também projete precisamente o tipo de sensibilidade que fez com que Sylvia escrevesse aquela frase notória em “Daddy”: “Toda mulher adora um fascista.”

A visita natalina não correu muito bem, conforme a poeta relatou em parte de uma carta que Aurelia optou por não incluir em *Letters Home*. Segundo a biografia de Anne Stevenson, o problema teve início quando Olwyn manifestou decepção quanto ao comentário altamente crítico de Sylvia sobre alguém que Olwyn não conhecia, mas que era um poeta por ela admirado. Para Olwyn, a furiosa reação da cunhada provou apenas a “regra tácita”: Sylvia não podia ser criticada. Mas, sem dúvida, uma outra interpretação ocorreu a Sylvia: por que Olwyn a estaria julgando, uma vez que nem mesmo conhecia o terceiro envolvido? Não seria Olwyn a pessoa a expressar um juízo tão apressado? Stevenson, trabalhando sob o pesado

ônus das duras cartas de Olwyn, carregadas de exasperação com a forma como a biógrafa abordava os acontecimentos, pouco fala dessa cena amarga. Ao contrário do biógrafo não autorizado Paul Alexander, que discorre sobre ela. Sylvia acusou Olwyn de subestimar tanto Ted quanto ela própria. Uma Olwyn enfurecida chamou a cunhada de “cadela grosseira” e, aparentemente enojada com o apetite voraz de Plath, fez observações sobre sua comilança desenfreada na ceia de Natal. E por que Sylvia não hospedara a cunhada quando ela visitou Londres na primavera? Referindo-se a Sylvia como “srta. Plath”, Olwyn anunciou que *ela* era “a filha dos donos da casa”. Uma Sylvia calada tomou Frieda das mãos da cunhada, mesmo vendo que a irmã de Ted evidentemente tentava se acalmar.

Olwyn contou mais tarde a Alexander que Sylvia “reagira desproporcionalmente ao diálogo tenso” entre as duas. Mas qualquer pessoa imparcial em relação a Olwyn, qualquer pessoa que a tivesse observado durante muitos anos — e que estivesse disposta a falar com um biógrafo (como Marvin Cohen fez comigo) — poderia observar prontamente que, mesmo anos após a morte de Sylvia, ela ainda odiava a esposa do irmão. Com efeito, qualquer um que parecesse a Olwyn intrometer-se na sua relação próxima com Ted estava fadado à rejeição. Edward Butscher relata que Sylvia disse a Clarissa Roche que o vínculo entre Olwyn e Ted beirava um “incesto intelectual”. Em seus momentos mais enfurecidos, Sylvia omitia o adjetivo, confidenciou Roche a Butscher. Quanto mais Ted admirava a esposa — sobretudo depois da publicação do *The Colossus* — mais ciumenta ficava Olwyn. Sylvia jurou nunca mais se hospedar na mesma casa com Olwyn Hughes.

A autora deu enorme importância à resenha de Al Alvarez do *The Colossus*, que o *The Observer* publicou em 18 de dezembro. “Ela não se deixa afetar pelo fato de ser uma poeta, passando ao largo do charme, do

encantamento e do excesso de sensibilidade femininos”, escreveu Alvarez. “Ela simplesmente escreve boa poesia.” Elogios bem-vindos, de fato, para uma poeta que acreditava que, como Ted, havia rompido as amarras que Alvarez achava que aleijavam boa parte da poesia britânica do pós-guerra. O fato de estar se mantendo independente na intensa competição da vida literária londrina (da qual Ted Hughes naquele momento começava a se afastar, sonhando com um refúgio campestre) a encorajou e pode ter motivado sua expressão cáustica de superioridade que detonou o rompante de Olwyn.

As resenhas do *The Colossus* foram notáveis. Críticas em publicações e jornais de prestígio elogiaram as “qualidades virtuosas de seu estilo”, chamando-a de “inteligente”, “vivaz”, equilibrada e situando-a ao lado de Ted Hughes e Theodore Roethke. Alguns desses adjetivos podiam ser interpretados como condescendentes, mas, lidas por inteiro, as resenhas revelam respeito e admiração. Naturalmente, mesmo os seus partidários, como Alvarez, viam certos defeitos — um desejo eventual de se entregar à retórica pela retórica, por exemplo —, mas em geral Plath granjeou a aprovação de importantes críticos-poetas, como John Wain, Roy Fuller e A. E. Dyson. Uma cena no filme *Sylvia*, em que um crítico inglês desmerece *The Colossus* como sendo meramente o produto da esposa de um poeta mais importante, não faz justiça ao lugar de Plath no mundo literário de sua época. Ted Hughes, escrevendo para Lucas Myers em 21 de janeiro, expressou sua satisfação com as excelentes críticas feitas a Plath. Tanto Ted quanto Sylvia escreveram para Olive Higgins Prouty sobre seus próprios sucessos, e ela, por sua vez, respondeu calorosamente, adicionando um cheque de 150 dólares.

Plath engravidou novamente e, além das gripes habituais de inverno, teve uma crise de apendicite. A cirurgia, lhe avisaram, podia ser realizada de

forma segura bem antes da data prevista para o nascimento do bebê, no fim de agosto. Ela se internaria provavelmente no início de fevereiro, mas nesse ínterim assumiu um emprego de meio expediente como copidesque na The Bookseller. Ela e Ted apareceram no programa da BBC *Two of a Kind*, no qual descreveram sua vida e seu trabalho. Ele retratou um casal tão em sintonia que havia se tornado uma só sensibilidade. Ela, rotulando-se de “mais pragmática”, forneceu um relato mais moderado da colaboração entre ambos.

Então, na manhã de 6 de fevereiro, Sylvia sofreu um aborto. Aparentemente não havia como explicar, escreveu à mãe, garantindo que Ted vinha cuidando muito bem dela. Sentiu-se especialmente mal porque pedira a Aurelia para alterar seus planos de viagem de modo a estar presente por ocasião do nascimento do bebê. Sem temor, porém, a filha esperou ansiosamente a gravidez seguinte depois de marcar a remoção do apêndice para o fim de fevereiro. Considerando-se o horror que tinha a hospitais e suas preocupações com as dores e a recuperação da cirurgia, saiu-se muitíssimo bem, aproveitando a visita de Ted ao hospital e a substituição dos sanduíches de filé malpassados e Toll House cookies pela horrível comida hospitalar. Para a apaixonada Sylvia, ele parecia um gigante, vagando pelos corredores do hospital ao lado de gente com metade do seu tamanho. Parecia cortejá-la como em seus primeiros tempos juntos.

O dia 1º de março foi épico, pois Ted lhe entregou o tão almejado contrato de primeira opção da *New Yorker*. Esse desdobramento significava que ela enviaria seus poemas para a *The New Yorker* em primeiro lugar e, apenas se fossem rejeitados, os encaminharia a outras publicações. Pagaram-lhe um bônus de cem dólares pela assinatura, além de um aumento de 25% sobre a remuneração anterior. O contrato de um ano, renovável, continha também a previsão de ajuda de custo para as despesas de sustento. Mesmo

não tendo ainda escrito seus poemas mais brilhantes, tudo apontava para a ascensão dela ao panteão, na companhia de seu amado Ted.

Exceto pela comida, Sylvia não teve queixas do Serviço Nacional de Saúde. Com efeito, as instalações eram mais amenas e o pessoal mais alegre do que ela vira em Wellesley, quando a mãe estivera hospitalizada. Ela também gostava de ouvir os outros pacientes. Começou a tomar nota de suas conversas. Admirava muito suas naturezas resistentes, resilientes. Apreciava os encontros com a animada “Bunny”, a senhora da gota, e com “a Duquesa”. Era tratada mais como uma hóspede do que como paciente. “Vamos fazer um enema?”, sugeria uma enfermeira solícita. Os médicos eram bonitos e tranquilizadores. Realmente, todos se mostravam tão amistosos, dando boa-noite uns aos outros, que Sylvia não sentiu necessidade de ceder à “choramingação” ou qualquer outro tipo de autopiedade. Na hora de dormir, em sua primeira noite de internação, ficou encantada ao descobrir que contava com sua própria cortina floral, que lhe assegurava alguma privacidade.

Quando se restabeleceu da cirurgia, começou a reparar em algumas inconveniências: ser esbarrada no corredor, sentir desconforto num quarto frio por causa de uma janela lascada e — o pior — um paciente que roncava. E por que não havia campainhas para chamar as enfermeiras? Em 5 de março, a caminho da recuperação e controlando muito bem as dores, Sylvia passou a se ver excluída da companhia dos sofredores, que perdiam o interesse por um paciente quando este voltava a ficar saudável. Mas ela adorava todos os mexericos — bom material para histórias — e percebeu que Ted vinha enfrentando muito mais dificuldades em casa enquanto tentava trabalhar e tomar conta de Frieda. A sensação de camaradagem no hospital lembrava os dias passados na colônia de férias. Em ambos os casos, essas comunidades fechadas despertaram sua compaixão, visto que ela consolara

meninas saudosas de casa e mais tarde se dedicou a animar os outros pacientes. E, conforme acontecera durante seu trabalho na ala psiquiátrica e no período a bordo de um transatlântico, Sylvia gostou de estudar os casos dos aflitos e dos excêntricos, anotando-os em seu diário. Relatou que apenas um indivíduo, uma das filhas de outra doente, notou seus livros, contando à mãe que sua vizinha de cama era uma “intelectual”.

De volta ao lar em 8 de março, ela continuou a depender de Ted para segurar o bebê e lavar roupa. Entre o aborto espontâneo e a internação hospitalar, o mês havia sido duríssimo para ele, contou Sylvia à mãe. Mas Ted não se queixava jamais. Ela, porém, se sentia mal por ter delegado tanto trabalho a seu “santo” marido. As mulheres no hospital ficavam maravilhadas com um marido que assumia um fardo tão pesado. Ted tinha certa ajuda com o bebê, mas na maior parte do tempo assumia os cuidados porque queria que a esposa se recuperasse o mais rápido possível para voltar a se juntar a ele na rotina literária. Numa carta para sua tia Dotty, Sylvia contou que, sob os cuidados de Ted, havia recuperado sua energia no fim de março. Com a ideia de ter mais filhos, ela disse a Aurelia que até 1962 eles precisavam encontrar uma casa, embora não dispusessem de renda suficiente para habilitá-los a contrair uma hipoteca. Ted continuava ganhando prêmios em dinheiro, contudo, e seu trabalho na BBC lhe dava algo em torno de 1.500 dólares anuais.

Em 1º. de maio, Sylvia ficou eufórica com a notícia de que a Knopf publicaria *The Colossus* nos Estados Unidos. Ted escrevera para Aurelia algumas semanas antes para dizer que a esposa estava em ótima forma e muito requisitada. Dos seus últimos trabalhos, ele escolhera “Tulips”, um poema resultante da estadia no hospital, obra que refletia a entrega dela ao quadro cirúrgico não só de suas roupas cotidianas e seu corpo, mas também de sua noção de individualidade. Olhando para as fotos do marido e da

filha, ela se descreveu como “um navio de carga de 30 anos”, deixando escapar coisas que “afundam e desaparecem”. O poema diz o que Sylvia não era capaz de confiar a seu diário e suas cartas: a estadia no hospital havia sido uma válvula de escape bem-vinda, um meio de relaxar os nervos e abdicar das responsabilidades familiares. No hospital, sentira-se como uma freira, alva e pura. A hospitalização também é, contudo, um tipo de morte, “a alvura da extinção humana”, nas palavras da crítica Marjorie Perloff. As tulipas vermelhas, primitivas e cheias de vida, chegam como intrusas, invasoras do agradável torpor anestésico. As flores parecem o paciente que ronca, mencionado no diário, levando o mundo de volta a ela. Mas as tulipas também passam a simbolizar o abrir e fechar do seu coração em botão quando ela experimenta água (suas lágrimas?), o que a faz se lembrar do mar salgado num “país tão longínquo quanto a saúde”.

A *persona* do poema, assim como a própria Plath, dá a impressão de emergir da passividade, tornando-se novamente uma pessoa, embora ainda não esteja bem. Em *The Collected Poems*, Ted Hughes inclui uma nota sugerindo que “Tulips” foi o divisor de águas, sinalizando o momento em que Plath jogou fora seu tesouro e falou com espontaneidade e clareza com sua voz de poeta. Decerto, após o aborto e a hospitalização, ambas situações que a deixaram abalada, “Tulips” soa como presságio de um renascimento à maneira clássica — nesse caso com uma heroína, no lugar de um herói, relutantemente a princípio e depois partindo inexoravelmente em direção a uma expedição de busca, uma espécie de Ulisses feminina.

Ted encarou a hospitalização dela como uma desintoxicação. Acreditava que o apêndice da esposa a tinha lentamente envenenado durante cinco anos. Por isso, o repouso fizera bem, dando-lhe uma folga dos cuidados com Frieda também, comentário que podia ser encarado como um elogio a “Tulips”. O fato de ter, como disse a Sylvia, genuinamente apreciado cuidar

da filha é visível em suas descrições deliciosas da menina aprendendo a ficar em pé em seu quadrado e rindo para todos. Ted contou a Aurelia que o casal iria comprar uma nova caminhonete Morris. Prometeu levá-la para passear quando ela chegasse em junho.

Sylvia não mencionou nas cartas para a mãe que já escrevera cerca de um terço do romance que se tornaria *A redoma de vidro*, a história de uma universitária, conforme revelou a Ann Davidow, “entrando em crise e sofrendo um colapso nervoso”. O livro estava cheio de pessoas da vida real, admitiu Sylvia, e teria de ser publicado sob pseudônimo. O tom de confiança da carta, escrita em 27 de abril, sugere que a autora superara os falsos começos e paradas abruptas que tinham inibido suas tentativas anteriores de compor uma longa narrativa. “Jamais me senti tão animada com algo”, escreveu Sylvia — ainda que previsse ações judiciais. Achava o livro ao mesmo tempo engraçado e sério. Ele a fazia rir. E, com efeito, o humor mordaz do romance é divinamente transmitido na narração de Maggie Gyllenhaal do audiolivro.

O início de junho trouxe mais um sinal do crescente renome de Sylvia. A BBC dedicou um programa de 25 minutos exclusivamente à sua poesia, uma marca de distinção, disse ela à mãe, que a situava na companhia de Robert Lowell e Theodore Roethke, poetas cujas obras receberam tratamento similar. Na semana seguinte, Aurelia chegou para se ocupar de Frieda, que começava a andar, de modo que os pais pudessem se juntar aos Merwin em sua fazenda francesa para férias de quinze dias. Ted nada disse sobre as reações negativas dos Merwin ao comportamento de Sylvia, adotando a habitual política (conforme descreveu Dido Merwin) de *jamais* criticar o comportamento da esposa.

Em julho, o casal Merwin juntou-se a Aurelia em Yorkshire, bem como à família Hughes, enquanto Sylvia e Ted começaram a procurar uma casa de

campo para a família que crescia, de preferência em Devon. Sylvia estava então no quarto mês de gravidez. O casal queria ter acesso rápido de trem a Londres, mas também desejava um clima mais sulista — sobretudo Sylvia, que achava Yorkshire fria e sombria. No fim de julho, os dois descobriram a casa de seus sonhos em Devon: Court Green, uma residência de nove aposentos que incluía uma adega e um sótão. Tinha um telhado de palha, pátio de paralelepípedos e um gramado, o que a assemelhava a uma propriedade inglesa digna de figurar numa revista. Tendo um dia pertencido a Sir e Lady Arundel, Court Green se situava num local arado desde o século XI, com vestígios de túmulo que apontava para uma ocupação em época anterior até mesmo aos romanos. A propriedade de mais de dez mil metros quadrados incluía um bangalô de dois cômodos e um estábulo que serviria como garagem. O terreno também abrigava uma horta, um pomar de macieiras, cerejeiras e amoreiras. Uma quadra de tênis abandonada poderia ser transformada num pátio para as crianças brincarem. E havia uma cidadezinha, North Tawton, a curta distância. A casa era bastante imponente, mas também estava um tanto dilapidada. E não se encaixava de modo algum no orçamento de Ted e Sylvia. Uma Aurelia entusiasmada queria bancar a compra, oferecendo uma hipoteca pela propriedade inteira, mas Ted rejeitou tal proposta, concordando, afinal, com empréstimos de 1.400 dólares cada, vindos de Aurelia e de seus pais, o que reduziu em muito a hipoteca.

Sylvia e Ted, ocupados em planejar a mudança para Devon, sublocaram o apartamento de Londres para um jovem poeta canadense, David Wevill, e sua esposa, Assia, uma judia germano-russa, tendo ambos causado uma forte impressão e uma sensação de familiaridade no casal, contou Sylvia à mãe. Afinal, Sylvia e Ted tinham poucos anos a mais que esse outro casal que tentava a sorte na Londres literária. Escrevendo para Lucas Myers pouco

depois de se mudar para Court Green no início de setembro, Ted observou que a Inglaterra dava a Sylvia a oportunidade de “se desenvolver naturalmente” para uma “plateia cada vez mais receptiva, enquanto nos Estados Unidos a fazem sentir-se pressionada com a terrível competição pela fama, à qual Sylvia é tão suscetível, quando se encontra sob sua influência, como qualquer europeu seria”.

Plath se deleitou em seu novo lar, que os Arundel haviam limpado. O fogão de carvão aquecia o primeiro andar, e o aquecedor elétrico dava conta do piso superior. Como sempre fazia quando os dois se mudavam, Ted comprou estantes. Sylvia encheu a casa com flores do jardim e serviu o café da manhã com amoras recém-colhidas. Localizara uma clínica pré-natal nas redondezas e parecia totalmente satisfeita com os arredores tranquilos, que Frieda também adorou. Era evidente que a menina começava a se parecer com a mãe, catando qualquer migalhinha em seu quarto de brinquedos. Sylvia também já escolhera uma parteira e um médico (seu consultório ficava apenas a três casas de distância de Court Green) e aguardava esse novo parto para janeiro. Uma mulher do local foi contratada para faxinar e lavar roupa. Warren foi visitá-los no início de setembro, e ela adorou a maneira como o irmão se mostrou prestativo, aparando a grama e cortando lenha. Warren também lixou uma tábua de olmo que ela passou a usar como mesa no melhor cômodo da frente da casa. O estúdio de Ted ficava no sótão, um aposento só dele que lhe permitia alegremente levar o tipo de vida que sempre desejara, assegurou ela à mãe.

Sylvia ganhou dinheiro de presente da Olive Higgins Prouty e do avô, o que cobriu boa parte das despesas de mudança. Ela vendera um conto, e Ted trabalhava no estúdio da BBC em Plymouth a cinquenta quilômetros de distância. De Exeter, a cerca de uma hora, ele às vezes pegava o trem para os estúdios londrinos da BBC. Suas descrições de Court Green e dos arredores

eram quase tão esfuziantes quanto as da esposa, embora ele achasse a cidadezinha próxima “sombria”. Mesmo assim, livrara-se da “dor de cabeça” de Londres e se sentia como se houvesse tirado uma pedra do seu caminho. Contara 71 macieiras, uma a menos que o total de Sylvia e se ocupava com o cultivo dos morangos, imaginando que poderia ganhar dinheiro com essa produção. Sentia prazer em colher suas frutas e comê-las sentado sobre o monturo que marcava o túmulo pré-histórico.

Escrevendo para Daniel Weissbort, um velho amigo de Cambridge, Ted lhe deu os parabéns pelo casamento, uma instituição que prezava e recomendava. Mas também fez um comentário oblíquo que talvez reflita o que começava a se assemelhar com a acomodação a uma vida totalmente doméstica, sem distrações urbanas, e também sem as saídas que a cidade possibilitava. “O casamento é um ninho de pequenos escorpiões, mas ele mata os grandes dragões”, escreveu. Por mais que o casal insistisse em afirmar sua compatibilidade, é inconcebível que Sylvia escrevesse uma frase como essa — ao menos então.

Ao contrário de Ted, ela realmente queria se acomodar à vida no campo e conversou com o pároco anglicano a respeito de frequentar a igreja, ainda que, conforme lhe explicou, fosse Unitária. O clérigo de mente aberta e viajado foi muito acolhedor, embora Sylvia tenha achado o culto dominical bastante sem graça. O pároco aparece, ao lado de outros personagens locais, no charmoso conto de Plath, “Mothers”, revelando assim sua curiosidade sobre a vida dos vizinhos, que convidava para a visitarem em casa, mostrando por eles o respeito que o marido nem sequer pensaria em expressar. A satisfação de Sylvia não significava, contudo, que ela não sentisse saudades da sua terra. Em meados de outubro, pediu a Aurelia para lhe enviar alguns exemplares da *Ladies Home Journal*, pois sentia falta da “americanice”, nesse momento que se via exilada. E não se manteve apartada

do que acontecia no restante do mundo — principalmente no que tangia aos testes nucleares, que temia que fossem aumentar os níveis de estrôncio 90 no leite. Expressando-se como uma britânica genuína, declarou que a obsessão americana por abrigos contra a radioatividade era uma “sandice”. Escreveu para Marcia Brown na esperança de convencê-la a lhe fazer uma visita. Como era hábito com uma amiga íntima, Sylvia foi mais franca do que costumava ser com a mãe, admitindo que a cidadezinha era bastante feia, e o pároco, chato e burro. Ele dera uma olhada nos livros das estantes de Sylvia e a rotulara de “pagã instruída”. Ainda assim, as preces vespertinas na capela anglicana a serenavam. Dera-se conta de que, para os moradores locais, não passava de uma curiosidade, mas eles a tratavam com carinho e generosidade.

Durante o outono de 1961, fez visitas ocasionais a Londres para se reunir com editores, comparecendo a uma ou outra festa e se encontrando com escritores. Jamais, porém, ficou por lá muito tempo, sempre ansiosa por voltar a Court Green. A vida campestre, incluídas aí as caçadas, continuava a intrigá-la. Caçadores de raposa de paletós vermelhos e botões dourados desfilavam pela cidadezinha com suas trombetas, acompanhados por “sulfurosos cães”. Tais eventos, contou à mãe, eram “estranhamente comoventes”, embora ela se solidarizasse com as raposas.

Sylvia escrevia resenhas de livros infantis para a *New Statesman*, reunindo uma boa coleção para Frieda e, logo, para Nicholas. As reformas na casa prosseguiam. Ela apreciava interlúdios tranquilos na capela anglicana e longos passeios com Frieda. Em 9 de novembro, ficou encantada ao saber que ganhara um subsídio de dois mil dólares da Saxton para custear o romance que propusera, cujo tema Sylvia ainda não partilhara com a mãe. Em vez disso, contou a Aurelia que a *The New Yorker* acabara de aceitar seu poema “Blackberrying”, claramente baseado numa de suas

excursões com Frieda, quando ambas colheram frutas maduras, o que as tornou parte de uma “irmandade de sangue”. Com efeito, as amoras são descritas de acordo com o corpo de Plath, “grande como o meu polegar”. Os prazeres simples descritos nas cartas para a mãe se tornam uma evocação resoluta de ganância nesse poema — tanto dela quanto da natureza —, sugerindo a maneira como os humanos comem e são comidos pelo mundo natural. A colheita de amoras a leva a trilhar um caminho de ovelhas que se abre “para o nada”, apenas um enorme espaço e o “ruído” do que parecem ser prateiros “batendo num metal inflexível”. Mesmo enquanto dizia à mãe que seu mundo vinha adquirindo significado, seus poemas apresentam uma visão alternativa de futilidade.

Em meados de novembro, a autora tinha em mãos um rascunho de *A redoma de vidro* e andava ocupada lidando com detalhes que disfarçariam suas descrições cruas e reais de lugares e pessoas. Seu editor se preocupava com processos judiciais, um problema especialmente irritante na Inglaterra, onde recai sobre o autor e o editor o ônus de provar que não difamaram o reclamante, enquanto nos Estados Unidos o ônus da prova cabe ao autor. Ao menos Aurelia não iria processar a filha, disse Sylvia: no romance, a mãe é “dedicada” e “trabalhadora”, com uma filha “ingrata”. Com o romance praticamente concluído, ela fez o editor jurar segredo, já que o subsídio da Saxton supostamente se destinava a uma ficção ainda não concluída.

Com *A redoma de vidro*, Plath finalmente foi capaz de pôr em perspectiva a própria experiência quanto ao que significava o sucesso na década de 1950 nos Estados Unidos para seu alter ego, Esther Greenwood: “Era para eu ser o objeto da inveja de milhares de outras universitárias como eu em todos os Estados Unidos, que não desejavam senão se equilibrar sobre os mesmos sapatos de couro que comprei na Bloomingdale’s no horário de almoço, junto com um cinto de couro preto e uma bolsa para combinar.”

Esther se encaixa muito bem no perfil, com seu impecável figurino igual aos das outras editoras convidadas de revistas com sua aparência “genuinamente americana”. A expressão “genuinamente americano”, em geral reservada a atletas universitários talentosos, aqui sugere o convencionalismo com que essa equipe era montada. Plath reduziu o número real de editoras convidadas de vinte para doze, o número dos apóstolos — nesse caso, devotos da disposição e energia americanas. Apenas Esther perdeu sua ambição, e o que a perturba é exatamente essa falta de aspirações. Ela não pode simplesmente *ser*. Tem de tornar-se algo mais, e, quando a obstinação de ser grande a abandona, ela fica sem nada.

Com filhos, um lar e um marido, Plath foi capaz de confrontar seu antigo eu. Mas, conforme Ted Hughes escreveu em sua introdução para os diários da esposa, embora um “novo eu” tivesse criado sua poesia madura e seu romance, ele não foi capaz de “definitivamente salvá-la”. Se alguém interpretar *A redoma de vidro* como, sob certos aspectos, a atitude de Sylvia de virar as costas “a um inimigo que parecia decididamente derrotado, e está derrotado”, sua vitória pode muito bem, especula Hughes, ser o “momento mais perigoso de todos”. Nem sempre o intérprete mais perspicaz do estado de espírito da esposa, Hughes dá aqui a impressão de ter entendido direito. De forma equivocada, ela pensava que com *A redoma de vidro* deixara para trás seu trauma.

Esther é desmoralizada, em parte, pela América estandardizada que Hughes tanto odiava. Ela rejeita Buddy Willard, construído à semelhança de Dick Norton, porque ele não tem intuição. Desdenha as “boas notas” do rapaz, mas depois redireciona essa hostilidade para si mesma, observando que depois de passar “dezenove anos correndo atrás de boas notas e prêmios e bolsas de estudo de um tipo ou de outro, eu começava a fraquejar, reduzindo o ritmo, desistindo por completo da corrida”. Ao contrário de

Doreen, que tem intuição e assume riscos, Esther sofre de falta de atrevimento e de uma indecisão paralisante que tenta remediar com um comportamento irresponsável, que resulta num quase bem-sucedido estupro provocado por sua tentativa desesperada de “ir até o fim”.

Esther supera seu período de suplício, rejeitando o conselho fácil de Joan Gilling, cuja falsa recuperação de um colapso nervoso cessa quando ela se mata. Esther não está curada, assim como os demônios de Plath não foram banidos. Na verdade, conforme Esther observa no romance: “Como eu haveria de saber que um dia — na universidade, na Europa, em algum lugar, qualquer lugar — a redoma de vidro, com suas distorções sufocantes, não me prenderia outra vez?” De fato, Ted Hughes usaria a metáfora da redoma de vidro mais de uma vez em *Cartas de aniversário* para sugerir o retorno das fúrias de Plath.

“Frieda faz muxoxos e contempla as vacas, as ovelhas e os pássaros”, contou Sylvia num cartão de Natal para Ann Davidow e o marido, Leo. Na verdade, Sylvia enviou a maioria de seus cartões natalinos antes de 7 de dezembro por “correio normal”, com considerável economia. Podia ser bom para Frieda, supunha Sylvia, frequentar a escola dominical, ainda que ela estivesse fadada a rejeitar o dogma. Plath sugeriu que era melhor ter uma bagagem religiosa contra a qual se rebelar do que não ter bagagem alguma. Escrevendo para Aurelia, confessou que achava a política da Guerra Fria profundamente preocupante e criticou a retórica severa e ameaçadora do presidente Kennedy dirigida a Nikita Khrushchev. Temia por Frieda, crescendo num cenário tão autodestrutivo. O trabalho das organizações de direita como a Sociedade John Birch e o crescimento do complexo militar-industrial a convenceram de que os Estados Unidos estavam no caminho errado. Ela achava um erro os britânicos se aliarem aos Estados Unidos, preferindo um Reino Unido neutro. Ainda assim, adorava receber o *Ladies*

Home Journal enviado pela mãe — sobretudo as receitas da revista, pois os equivalentes ingleses eram “coisas tipo ‘Torta de Pão Velho e Banha’, acompanhada de ‘Pés de Porco Frios’, ou ‘Aspic de Carne Assada Dormida’”. A ausência de aquecimento central vinha cobrando seu preço, ainda que a casa tivesse quatro aquecedores elétricos no momento, além do fogão a carvão. Mas Frieda desabrochava, e de maneira geral Sylvia acreditava que eles estivessem melhor do que estariam num lar americano excessivamente aquecido. Ela se deleitou com um Natal tradicional, que incluiu uma árvore cheia de adornos e uma exposição de cinquenta cartões natalinos.

Próximo ao fim da gravidez, Sylvia parou de escrever em janeiro de 1962, contentando-se em cozinhar e desempenhar outras tarefas domésticas enquanto aguardava a iminente chegada do segundo filho. Finalmente, nascido alguns dias depois, em 17 de janeiro, Nicholas foi um bebê grande. Com mais de quatro quilos, tinha cerca de um quilo a mais que Frieda ao nascer; esse peso se fazia sentir no colo, relatou Sylvia à mãe. Apesar de o parto ter demorado mais dessa vez, aparentemente ela ficou bastante à vontade com a parteira e o balão de oxigênio, com cuja máscara cobriu o rosto. Descreveu o nascimento como um acontecimento épico, o menino quase roxo saindo qual um foguete de dentro dela, em meio a uma “onda colossal de água”, ensopando-a, bem como a Ted, a parteira e o médico. Frieda a tudo assistiu, segurando alfinetes de fralda, e beijou o bebê. Ted achou que havia encarado tudo muito bem, mas no dia seguinte admitiu numa carta para um amigo que estava exausto. Nascimentos, garantiu ao seu correspondente, exauriam tanto o pai quanto a mãe.

Sylvia emergiu do seu “estado ruminativo” e voltou a escrever em fevereiro, aliviada por poder dar a Ted uma trégua do seu ofício de “babá”. Embora a amamentação noturna a exaurisse, ter filhos, disse à mãe, era maravilhoso e ela desejava simplesmente “continuar tendo”. Sentia-se

renascida. Nicholas era muito mais dócil do que Frieda havia sido quando bebê. A menina era o terror da casa então, rasgando pedaços de papel de parede quando encontrava um buraco onde encaixar o dedo e desenterrando brotos de plantas. Sylvia tentava manter a filha ocupada ensinando-lhe jardinagem, um “passatempo apaziguador”, conforme explicou numa carta para Ann e Leo Goodman. Nicholas se mostrava um “genuíno Hughes”: “ranzinza, moreno, calado & sorridente”. Um clima chuvoso e com ventos demais em março, deixou Sylvia ansiosa por uma primavera de verdade. Finalmente, suas cartas para Aurelia começaram a mencionar um romance, “algo divertido”.

Após um frio e nebuloso março, Sylvia, sofrendo de frieiras (conforme escreveu aos Roche em 12 de março) e ocupada com consertos dispendiosos na casa, aguardava a primavera e visitas, inclusive (esperava ela) os Roche e uma equipe da BBC que iria entrevistá-la. Ted fazia viagens diárias a Londres para encontrar-se com editores e para trabalhar em programas da BBC. Ela vinha colhendo seiscentos narcisos por semana e levando-os para vender no mercado. O bebê Nick, como o chamava Frieda, dormia em seu carrinho entre as margaridas. Sylvia não podia apresentar quadro mais idílico para a mãe, que se preparava para visitar o casal no verão. Aos Roche, ela forneceu um relato mais realista sobre o preço que o inverno, que produzia temperaturas abaixo de quatro graus em alguns cômodos da casa, vinha lhe cobrando. Trabalhava então, como relatou ao casal, num “romance amador basicamente” (*A redoma de vidro*).

Ted enviou a Aurelia e Warren uma carta encantadora no feriado comemorativo da chegada da primavera, comparando o conjunto de milhares de narcisos na propriedade a um “perene festival”. Sylvia, segundo ele, andava feliz da vida. Longe da “pressão assustadora” do mundo americano da poesia, ela estava em seu próprio ambiente, escrevendo

extremamente bem. A casa dera aos dois um alicerce totalmente destituído da irrealidade e das fantasias da vida literária, concluiu Ted. O calendário de Sylvia mostra que ela vinha pintando moldes de gesso e outros objetos para o quarto de brinquedos das crianças, cozinhando, jardinando, lendo dr. Spock, escrevendo resenhas para o *New Statesman* e trabalhando num poema dramático, “Three Women”. Ao mesmo tempo, estreitava o relacionamento com Elizabeth Compton e o marido, David, ambos admiradores da obra de Ted e que passaram a ler a dela também.

Além de trabalhar na casa e na horta, Ted começou a pescar duas vezes por semana no rio Taw. Sem dúvida teria feito o mesmo independentemente da situação do seu casamento. Mas a participação dele na demandante rotina doméstica de Sylvia — sobretudo após a excitação inicial com o nascimento de Nicholas e a reforma da casa — pode ter cedido lugar à impressão de que o casamento era “um ninho de pequenos escorpiões”. Escrevendo para o irmão, Gerald, no início de maio, Hughes forneceu consideráveis detalhes sobre suas expedições de pesca, reminiscências dos dias de caça na infância que passara com o irmão mais velho. Ele não mencionou os hóspedes de fim de semana que haviam recebido, David e Assia Wevill. Para Aurelia, Sylvia descreveu David como um “encantador jovem poeta canadense”, e Assia como sua “esposa muito atraente e inteligente”. Relatos variam quanto ao que aconteceu naquele fim de semana. Para Sylvia, porém, a atração entre Ted e Assia foi palpável. Ele contou mais tarde a Olwyn que seu caso com Assia começou em junho, embora David Wevill tenha dito posteriormente a Olwyn que não percebeu o relacionamento até receber uma carta de Sylvia em outubro.

Apenas um ínfimo sinal de problema pode ter transparecido na carta de Ted, datada de 24 de maio, para os Merwin, na qual ele confessa não ter “escrito coisa alguma”. Dizia-se “bastante contente” de deixar a tensão se

dissipar sozinha em vez de “escrever puramente por nervosismo”. Adotando essa postura mais serena, esperava ser capaz de “me ouvir falar”. Trata-se de uma ideia muito comum — o escritor que aguarda a chegada da própria voz —, mas as palavras, em perspectiva, parecem também transmitir uma contradição que talvez o próprio Hughes não reconhecesse. Ele pode ter exagerado seu surto de bloqueio, já que as cartas para Olwyn estão cheias de novidades sobre seus projetos literários, mas talvez tenha usado “coisa alguma” no sentido de não ter produzido algo digno de ser chamado de literatura. Decerto, nada no tom das cartas dele se aproxima da declaração de Sylvia à mãe numa carta de 7 de junho: “Sem dúvida esta é a época mais rica e feliz da minha vida.” Aparentemente, o marido começava a considerar a vida de casado sufocante.

Al Alvarez visitou o casal durante esse período e percebeu que ela não parecia mais a esposa submissa por quem a tomara quando os dois se conheceram. Nesse momento, conforme observa em *The Savage God*, ela dava a impressão de ser “sólida e completa, novamente dona do próprio nariz”. Era arguta e clara e comandava a casa. O poder, trocando em miúdos, passara para ela. Quando ela o levou para mostrar Court Green, Alvarez teve a nítida sensação de que aquela propriedade “era *dela*”.

Sylvia escreveu para Olwyn em algum momento de junho, descrevendo o nascimento de Nicholas, o comportamento pacífico dele e o “ar de Buda”, que ela considerava “encantador”. Durante um almoço, lembrou-se Elizabeth Compton, ninava Nicholas no colo quando disse: “Observe estes olhos. Ele é um garotinho ganancioso. Quer o que lhe pertence.” Para Olwyn, Sylvia contou que aparava grama e ceifava “como um negro” e que se ocupava de várias outras tarefas domésticas. Numa carta para Compton alguns meses após a morte de Sylvia, Aurelia evocou a cena: “o pátio de paralelepípedos, os olmos gigantescos — as portas da frente e dos fundos abertas para que se

pudesse enxergar tudo — e Sylvia aparando seu gramado e plantando mudas de flores enquanto Frieda brincava.”

Sylvia estava um tanto entusiasmada com “Three Women: A Poem for Three Voices”, ambientado “numa ala de maternidade e seu entorno”, sugerindo que o que ocorre se passa tanto na mente como num lugar tangível. Representado na rádio BBC em 19 de agosto de 1962, “com grande impacto”, segundo Ted, esse texto perturbador incorpora vários aspectos da psique de Sylvia: uma mulher grávida que se sente parte do mundo, como se fosse um “grande evento”; uma mãe que ao parir se enfurece contra o mundo de homens “vazios” e “amorfos” que tramam a destruição, dinamitando e guilhotinando o caminho para a morte, que se torna amante da mulher como uma doença que ela carrega consigo; e uma mulher que se pergunta do que sente falta e se percebe “solitária como a grama”. Como se mostrará chocante essa obra profética quando comparada às cartas inofensivas que Plath e Hughes escreviam na época. Embora a voz calma e satisfeita da Sylvia missivista seja representada em “Three Women”, ali também estão sua angústia e ansiedade por sentir que sua vida está para ser abortada. A “segunda voz” insiste que ela pode amar o marido e que ele há de entendê-la e amá-la “através da névoa da minha deformidade”. Mas ela não tem como ter certeza, assim como uma estrela-do-mar não pode desenvolver os braços que lhe faltam, de poder ser “pródiga com o que me falta” e continua dividida entre a esperança e a dúvida. Para Sylvia, tudo só iria piorar.

CAPÍTULO 7

RAINHA TAMBÉM DOS IMORTAIS

(1962-63)

Julho de 1962: o telefonema que aniquilou um casamento — Plath descobre a infidelidade do marido; **outubro:** o casal se separa, e Hughes se muda para Londres; **dezembro:** Plath se muda para um apartamento em Londres com os dois filhos; **janeiro de 1963:** *A redoma de vidro* é publicado na Inglaterra sob pseudônimo; **11 de fevereiro:** Plath comete suicídio.

Dia 9 de julho de 1962: o duplo toque da catástrofe — Sylvia correu para atender o telefone antes de Ted. Para ouvidos americanos, o som da campainha estridente pareceu insistente — ao contrário do chamado monótono de um telefone americano. Ela reconheceu a voz da mulher que queria falar com Ted, ainda que Assia tenha falado baixo, fingindo, segundo achou, ser um homem. Seus nervos já estavam à flor da pele desde a visita de David e Assia Wevill a Court Green em maio. Sylvia viria, mais tarde, a mitologizar Assia como uma Jezebel, uma rainha meretriz, uma mulher cruel, decidida a roubar-lhe seu Ted.

Aurelia, então hospedada em Court Green, viu a filha segurar com força o telefone, enrubescer e depois entregá-lo a Ted. Esse foi o momento em que a vida de Sylvia disparou, o minuto em que sua poesia brotou como uma necessidade grega e se tornou palpavelmente autobiográfica. Dois dias

depois, ainda pôde escrever para Clarissa Roche, convidando-a para uma visita, como se nada houvesse acontecido. Mas, em sua poesia, descreveu seu aviltamento pelas palavras que escorreram do telefone como lama. Court Green, o lar de Devon que ela criara como um porto seguro para sua família e para o ofício do casal, parecia agora poluído: “Oh, Deus, como vou poder um dia limpar a mesa do telefone?” Aurelia observou a filha rigorosa, uma dona de casa que acreditava num lar imaculado — do mesmo modo como acreditava em poesia impecável —, arrancar o fio do telefone da parede, tratando-o como se fosse o tentáculo ameaçador de um monstro. Era tarde demais, e a poeta se sentiu infectada, encarando as palavras do chamador como a garra de um monstro a lhe rasgar o coração.

Ted falou rapidamente ao telefone e desligou, mas Sylvia acreditou que ele havia invocado essa abominação falante: “Foi ele que obteve essas sílabas”, declarou em seu poema criptografado “Words heard, by accident, over the phone”. “Now the room is ahiss”, escreveu, transformando as vogais e os “s” sibilantes do nome de Assia num ruído ameaçador. É uma cena de filme de ficção científica da década de 1950, a imaginação da catástrofe que Susan Sontag via como o tema prevalente da década. O terror pavoroso de ser engolida ressoa nas últimas linhas históricas do poema: “Muck funnel, muck funnel — / You are too big. They must take you back!”. Os anônimos “eles” e Sylvia sendo tragada por esse pânico de sentimentos dramatizam o fato de ter sido engolfada pelo terror do seu casamento em decomposição.

O criticismo então típico de Plath considerava a poesia exagerada, tanto em termos de técnica quanto de temperatura. O leitor que se afasta da obra grita, como ela, “They must take you back!”. Mas a grande conquista da escritora é precisamente sua recusa em ser moderada, em usar o freio que os britânicos consideravam “boa forma”. Assim como o uso de meias-palavras pode ser um poderoso instrumento literário, o exagero, à semelhança de uma

super-correção por parte de um optometrista, é capaz de forçar uma percepção maior.

Palavras carregadas eram uma tônica de Sylvia Plath — independentemente de expressarem seus altos ou baixos. O que ela disse no dia do telefonema — que jamais havia sido mais feliz com o marido, os filhos, a casa e o trabalho — não foi um artifício nem um desejo, consciente ou não, de esconder de Aurelia a tensão entre o casal. Os humores dela se alternavam a cada dia — às vezes a cada momento, como as vozes em “Three Women”. Era com palavras que ela se convencia. Palavras — como reiteram seus poemas — encarnavam o próprio tecido da vida para ela: “O jato de sangue é poesia.” Pelo uso das palavras, ela podia criar aquela união abençoada com Ted, e com palavras podia demoli-la. Não podia, porém, garantir-se permanentemente com palavras, e o reconhecimento de que a poesia não passava de uma suspensão momentânea da confusão desnorteou-a. Ela queria mais do que as palavras eram capazes de lhe dar.

A propriedade mágica que atribuía às palavras fica evidente na fogueira que ela se dispôs a fazer com os papéis de Ted — acrescentando, por via das dúvidas, o segundo romance que escrevera, no qual ele figurava como o herói. Todas aquelas palavras tinham de ser destruídas a fim de que ela continuasse compondo a própria vida e a própria obra. Que a imolação de seus escritos, promovida pela esposa, não tenha perturbado Hughes sugere que ele entendia o significado das palavras para ela. Encarar a queima dos papéis meramente como um ato de vingança — ou mesmo como o ato de uma mulher perturbada — não faz justiça ao tipo de escritora que Sylvia Plath era. Como sabia o marido, ela só podia tornar a viver se destruísse aquelas palavras, que agora pareciam uma mentira. Em “Burning the Letters” (13 de agosto), Plath escreveu sobre flocos de papel que “respiram como gente”, extraindo uma espécie de energia selvagem do fogo em línguas

que “cintilam como árvores”. Essa combustão de chamas se mistura ao ruído de cães destroçando uma raposa, a imagem de uma vida consumida, sua fonte de oxigênio exaurida. Os papéis que historiavam a vida não passam agora de partículas de imortalidade, aparentemente satisfazendo-a enquanto sua fúria ensanguentava o próprio ar.

Sylvia exigiu que Ted saísse de casa. No dia seguinte, ele partiu para Londres. Voltava, vez ou outra, para ver os filhos. Uma Sylvia enfurecida, humilhada, odiou ver a mãe testemunhar a desintegração do seu casamento. Abrindo seu coração com Elizabeth Compton, chamou Ted de “*homenzinho*”, o que soou para Elizabeth como um grito angustiado sobre um ídolo caído. Sylvia tinha problemas para dormir. “Papoulas em julho” reflete sua exaustão e busca de alívio. As flores surgem como “pequenas chamas do inferno” e parecem emitir uma energia sombria pela qual a poeta anseia, imaginando uma boca incapaz de “se unir a essa ferida!”. Sylvia arrancara sangue ao beijar Ted Hughes pela primeira vez e se casara com uma ferida como essa. Nesse momento, ansiava por uma alternativa, “licores” que a entorpecessem e serenassem. Durante essa época turbulenta, Al Alvarez lhe escreveu duas cartas (datadas de 21 e 24 de julho), atendendo a seu pedido de lhe dizer francamente o que achava de seus novos poemas. Sylvia enfatizou que podia aceitar qualquer crítica que ele quisesse fazer. Mas tudo que Alvarez conseguiu dizer foi: “Eles me parecem os melhores que você já fez, de longe os melhores.”

Em 21 de julho, Sylvia escreveu ao poeta irlandês Richard Murphy, perguntando se seria possível que ele a ajudasse a agendar uma visita no fim de agosto para ela e Ted. Aparentemente, ainda tinha esperanças de que o casamento pudesse ser reatado. Desejava “desesperadamente” estar perto do mar e de barcos e distante de “bebês chorões”. O mar havia sido o centro de sua vida, e a presença dele na poesia de Murphy a atraía. “Acho que você

seria uma pessoa encantadora para nós visitarmos neste exato momento”, acrescentou, sem explicar a crise em seu casamento.

Aurelia voltou para casa em 4 de agosto. Recordou-se em *Letters Home*: “Havia bastante ansiedade no ar” quando o casal em conflito lhe deu um adeus frio como pedra, um epílogo dos “silêncios opressivos” entre Sylvia e Ted que Aurelia notara desde o início da estadia. No entanto, os dois continuavam a se falar. Com efeito, continuaram a cumprir seus compromissos profissionais em Londres e em outros lugares, sem manter propriamente em segredo a ruptura, mas comportando-se como amistosos marido e mulher quando apareciam em público.

Sylvia estava confusa quanto ao que dizer às pessoas. Uma carta de meados de agosto para a mãe nem sequer menciona os problemas com Ted. Mas em 27 de agosto ela escreveu na esperança de que Aurelia não ficasse chocada demais com o fato de a filha desejar um acordo judicial de separação. Sylvia não acreditava em divórcio, mas não era capaz de suportar os dias degradantes e a agonia que haviam destruído seu bem-estar. Sua linguagem é melodramática, evocando os romances e casamentos malfadados que sua mentora, Olive Higgins Prouty, retratou em *Mãe redentora* e *A estranha passageira*. Transformados em filmes estrelados, respectivamente, por Barbara Stanwyck e Bette Davis, as obras de Prouty pertenciam ao acervo de histórias lacrimosas como *Jezebel* (outro filme com Bette Davis) que ela podia invocar sem ironia.

Evidentemente Ted não suportava esse lado da esposa, visto que ela relatou à sra. Prouty no fim de setembro: “Ted diz que todo tipo de gentilezas e doçuras que eu amava & me levaram a casar com ele não passavam de mero sentimentalismo.” Para Aurelia, acrescentou “Ele agora acha que toda afeição é sentimental & feminina.” O fato de Plath zombar dos romances sentimentais de Prouty não vem ao caso; eles infectaram o

temperamento da poeta da mesma maneira que uma música de que não gostamos se recusa a sair da nossa cabeça. A cultura fica entranhada na psique humana assim como as ranhuras de um disco.

Pode-se deduzir o humor de Ted a partir da carta enviada para Olwyn no fim do verão de 1962. As “distrações prolongadas” dos nove meses anteriores haviam consumido sua conta bancária e reduzido sua produtividade. Por isso ele ficou grato quando a irmã ofereceu ajuda. “As coisas estão irrevogáveis”, acrescentou Hughes. Durante tempo demais ele havia cedido “aos desejos alheios”. Nesse momento, porém, aparentemente sentia um novo impulso de energia, com diversos projetos promissores em curso. O problema, indicava a carta, havia sido “a terrível interferência íntima que é o casamento”. A linguagem é impressionante, sobretudo depois de ler tantas cartas mais antigas de Hughes transmitindo o sentimento oposto. Mas com Olwyn ele podia se expressar sem necessidade de desculpas ou racionalização. Estava horrorizado de ver como havia limitado a própria existência.

Durante a segunda semana de setembro, Sylvia deixou os filhos com uma babá para fazer uma viagem à Irlanda com Ted. Seria uma tentativa de estabelecer os termos de uma separação ou divórcio? Ted não tinha certeza, disse à irmã. A viagem terminou abruptamente quando ele desapareceu. Mais tarde, numa carta para Olwyn, Ted explicou, de forma contraditória, que Sylvia revertera ao estado imaturo que ele observara ao conhecê-la e que o fazia lembrar-se de Aurelia, a quem afirmou detestar. Não seria ruim se Sylvia amadurecesse, concluiu Hughes. Um Murphy em nada solidário não soube o que pensar de Sylvia, que lhe escreveu após voltar para casa queixando-se de que a frieza dele a deixara perplexa, já que ele lhe mostrara alguns bangalôs que ela talvez quisesse alugar, garantindo que seu único interesse era encontrar um lugar para escrever e cuidar dos filhos, na

companhia de uma babá. A ideia de que ela estivesse invadindo o território literário de Murphy a fim de escrever a esse respeito era absurda. “Por favor, faça a gentileza, a generosidade de dizer que não me quer mal e não me mantenha afastada do que vejo clara e serenamente como um destino em aberto. Eu gostaria de pensar que a sua compreensão poderia aparar as arestas que senti ao partir”, concluiu. Não há registro de que Murphy tenha respondido.

Após o retorno dela a Court Green, sua parteira, Winifred Davies, escreveu para Aurelia. Davies pusera esperança nas férias irlandesas, que para sua decepção desandaram. Sylvia chegara nervosa por Ted não ter voltado para casa e decidira pedir a separação. Segundo ela, a decisão havia melhorado seu astral. Mas Winifred achou que ela era “um osso duro de roer”. Conversar parecia acalmá-la e produzir alguma clareza, garantiu Winifred a Aurelia. A parteira achava difícil “julgar com justiça”, uma vez que ouvira apenas a versão da mulher, mas tinha a impressão de que Ted “jamais crescerá” e que “pagar contas, fazer o imposto de renda, cuidar da esposa e dos filhos” estavam além da sua capacidade. Por isso Sylvia tinha de ser o membro pragmático nessa parceria. Ted queria a liberdade para ir a festas e viajar. Talvez se cansasse disso em dado momento, mas então seria “tarde demais” na opinião de Winifred. “Tenho a impressão de que o sucesso lhe subiu à cabeça e ele não é adulto o suficiente para lidar com isso.” Winifred resumiu sua triste conclusão: “Sinto imensamente por todos, mas não acho que Sylvia possa continuar a viver nesse tormento, e realmente será melhor para as crianças ter um genitor feliz do que dois que não param de brigar...” A mãe de Ted também escreveu para Aurelia, expressando pena pelo rompimento do casamento, mas observando que Sylvia tinha Court Green, um carro e a capacidade de “ganhar seu sustento escrevendo”. Aurelia encarou a carta como sinal de que a ruptura entre eles não teria conserto.

Em 17 de setembro, respondendo ao pedido de ajuda de Sylvia, a dra. Beuscher ficou indecisa quanto ao que fazer. Boa parte da terapia da paciente se centrara em Aurelia e em Beuscher como uma fonte alternativa de autoridade. Estaria Sylvia consultando-a como uma “mulher (mãe) (feiticeira) (deusa terrena), ou como mera psiquiatra?”. Na verdade, Beuscher não podia mais ser objetiva. Uma parte considerável do dilema de Sylvia como filha e como mulher tinha paralelo com sua própria experiência. A psiquiatra admitiu estar furiosa com Ted, que vinha agindo como “uma criancinha”. Sua conversa de começar do zero a cada poucos anos não era característica de um homem maduro. Ele se parecia com uma criança numa loja de brinquedos que quer tudo e depois faz malcriação quando seus desejos não são atendidos. Fazer escolhas, ainda que isso limite de certa forma os próprios horizontes, é dever de todo adulto. Não havia sido assim com Sylvia? Beuscher tinha medo de que ela pudesse ancorar seu bem-estar nesse único homem, em lugar de ancorá-lo em sua própria “singularidade”. A poeta não esgotara suas possibilidades escolhendo um homem “para a vida toda”. Tudo não estaria acabado se perdesse Ted. Sylvia precisava se lembrar de que o marido vinha enfrentando uma crise de identidade. Não deveria, conforme admoestou-a a dra. Beuscher, mergulhar num “redemoinho criado por ELE”, o que significava resistir ao impulso de sofrer em sua companhia: “Chore sozinha.” Ela corria o risco de repetir o papel de Aurelia: o de mártir para um “homem brutal”. Se Ted realmente quisesse uma “sucessão de trepadas perversas”, Sylvia deveria arrumar um advogado para fazer doer seu bolso com pensão para os filhos, recordando-lhe de suas responsabilidades. Finja ser uma dama, insistiu a psiquiatra, e resista à tentação de ir para a cama com ele. Para encerrar, Beuscher ignorou a oferta de Sylvia de pagar a terapia. “Se eu não ‘curar’ mais ninguém em toda a minha carreira, você já basta. Eu te amo.”

A carta seguinte de Beuscher, em 24 de setembro, aconselhou um divórcio, pois Sylvia evidentemente lhe disse que não estava “choramingando” e passara a odiar Ted. Reúna as provas e consiga um divórcio nesse momento enquanto ele continua descuidado, insistiu a psiquiatra. Seria mais difícil depois, sobretudo se, num momento de remorso, ele propusesse uma reconciliação. Se ela conseguisse encontrar a felicidade, achando ou não outro homem, seus filhos seriam felizes. Fique longe da cama de Ted, reiterou Beuscher, aparentemente preocupada com a possibilidade de Sylvia recuar. Leia *A arte de amar*, de Erich Fromm, aconselhou a psiquiatra. Ela confirmaria depois se Sylvia seguira seu conselho. Nenhum amor podia, de fato, sobreviver, sustentava Fromm, sem a autoconfiança fundamental que Beuscher queria ver em Plath.

Até o fim de setembro, Sylvia se autodescrevia como alguém tentando se agarrar aos vestígios do que tivera com o marido. No entanto, durante esse período, ela também consultou um advogado e parecia prestes a se reconciliar com a ideia de uma vida sem Ted — de reivindicar sua própria liberdade, em suas palavras. Em 24 de setembro, escreveu para a mãe que percebera que “iria voltar”. Essa percepção aparentemente libertou-a: “Minha própria vida, minha completude, parece voltar da sedação.” Sedação? Ela usara essa palavra no poema das papoulas para descrever o lento entorpecimento de suas emoções. Estaria fugindo ou apenas entrando no trauma de seu rompimento com Ted? “Para um Filho sem Pai”, escrito dois dias depois, está cheio de presságios: “Logo você terá consciência de uma ausência.” A felicidade de Sylvia foi temporária, o sorriso de seu filho parecia “caído do céu”. Dois dias mais tarde, num outro bilhete para Aurelia, concluiu que precisava exercer controle sobre a pouca vida que lhe restava. Não contou à mãe sobre as crises de choro e a perda de peso. Sucumbiu à gripe. Começou a fumar.

Sylvia se aprumava com rotinas: café da manhã com Frieda e o chá religiosamente tomado às quatro da tarde no quarto do bebê; convites a amigos para visitá-la; saídas com as crianças e aulas de equitação duas vezes por semana. Ter uma babá também ajudava. “Não desmonto se tiver alguém por perto”, garantiu Sylvia à mãe. Clarissa Roche, numa estadia de quatro dias, ouviu ela se referir a Ted como vilão: “O Heathcliff forte, apaixonado, virara do avesso e agora lhe parecia um camponês grandalhão, rude e imbecil, incapaz de protegê-la de si mesma nem das consequências de ter se entregado a ele.”

As noites eram tão terríveis que Sylvia recorria a comprimidos para dormir, que a levavam a algum lugar profundo, dizia, e acordar com muito café a estimulava a escrever tanto prosa quanto poesia nas primeiras horas da manhã. Por mais que culpasse Ted, a ideia de divórcio a repugnava. Ela acreditava na santidade do matrimônio. Suspeitava de que ele tivesse um apartamento de solteiro em Londres. Sylvia não — não havia nenhum outro homem em sua vida. Valorizava as convenções: “Medir a farinha, tirar o excesso/Aderir a normas, normas, normas”, escreveu obsessivamente em “Um Presente de Aniversário ” (30 de setembro de 1962). Sem a noção de ordem, a vida não importava: “Afinal, só por acaso estou viva”, admitiu. “Eu teria alegremente me matado naquela época de uma maneira ou de outra.”

Plath se referia, é claro, à tentativa de suicídio em seguida à experiência traumática na *Mademoiselle*. Suicídio sempre foi uma opção genuína. Ela dissera isso a Anne Sexton durante alguns de seus dias mais felizes com Ted Hughes. As duas poetisas conversaram com desembaraço sobre suas tentativas de suicídio. Queriam levar a vida segundo seus próprios termos, e embora o suicídio possa ser encarado como a ação de alguém descontrolado, os suicidas podem encarar o ato sob uma luz totalmente diversa. Em “Lady

Lazarus”, Plath se gaba de que, para ela, morrer era uma arte: “Eu a desempenho excepcionalmente bem.”

Os poemas e os diários de Plath mostram que a morte em si não lhe causava horror. Revelam ainda que, por mais importante que fosse, para ela, escrever, isso não poderia, no fim das contas, salvá-la. Confessou, pesarosa: “Uma história, uma foto, pode renovar um pouco a sensação, mas não o suficiente, não o suficiente. Nada é real, salvo o presente, e já sinto o peso de séculos me esmagar.” Seus últimos poemas estão carregados dessa noção de história e mortalidade. A passagem do tempo impôs uma pressão incessante, e a perda do pai quando era tão jovem tornou inescapável a consciência da morte. Essa consciência da mortalidade provavelmente é o motivo por que ela dizia viver cada momento com intensidade.

Quando se sentia só, nada parecia real, e o presente lembrava uma concha vazia. Melhor cometer suicídio, confidenciou ao diário: “A solidão da alma em sua lamentável inibição é horrível e acachapante.” Sylvia não acreditava em vida após a morte — não no sentido literal. Pensava, em vez disso, em escritores falecidos recentemente, como Edna St. Vincent Millay e George Bernard Shaw, que “deixaram algo — e outros irão sentir parte do que eles sentiram”. Próxima ao próprio fim, ela confiava que ficaria para a posteridade. A vida após a morte significava “viver no papel e viver em carne e osso na prole”. Ou assim achava ela, recuando com um “Talvez. Não sei” numa anotação no diário feita aos 19 anos.

No outono de 1962, Sylvia Plath sondava sua conexão com a eternidade. Como a eternidade chegaria para ela? Como uma anunciação? Ponderou tal questão em “Um presente de aniversário”. “Meu Deus, que piada”, ouviu a voz da imortalidade zombar dela. Esse poema paulino, com suas referências a véus, ao que embaça a percepção humana de um mundo em outro lugar, construída sobre a superestrutura do seu fascínio com o que se segue à

morte — não tanto um fim em si mesma quanto um trânsito para outra dimensão. A morte, na verdade, é uma presença sedutora aí: “Deixe somente cair o véu, o véu, o véu.” Acaso a chegada da morte já foi recebida de forma mais imponente do que nas três estrofes finais desse poema, que evocam a “sua profunda gravidade”, tão pura quanto o “choro de um bebê”, quando o universo lhe é tirado? A cena recorda Brutus caindo sobre a própria espada, tornado glorioso nos toques greco-romanos de “Edge”, talvez o último poema de Plath, resultado de sua leitura recente do teatro grego.

Em outubro, ela viveu um surto de inspiração e produziu duas dúzias de seus poemas mais potentes. Os críticos ficaram maravilhados por sua intensidade e sua arte, mas não fizeram justiça a seu humor mordaz. Mesmo um poema tão sério e ousado quanto “Daddy” provocou gargalhadas quando lido por Sylvia para Clarissa Roche. A bem da verdade, ela continuava furiosa e às vezes confusa a respeito de seu casamento rompido e do que fazer a seguir. Podia parecer histérica, contando que Ted lhe havia falado da especulação dele e de Assia de que Sylvia cometeria suicídio. Será que Ted Hughes seria capaz de tamanha crueldade? William Styron observou em *Perto das trevas* que a depressão clínica muitas vezes gera tendências irresistíveis para a criação de cenas melodramáticas que expressem sentimentos, não fatos. E o início da depressão costuma não ser detectável por quem a sofre ou por terceiros, porque o indivíduo deprimido continua a funcionar — ao menos num nível básico. Ela vinha se saindo melhor que isso. Mesmo nos piores momentos, continuava a escrever.

A depressão é uma doença misteriosa, enfatiza Styron, assim como as suas origens e as generalizações a seu respeito são problemáticas. Os indivíduos reagem à doença... bem, individualmente. A literatura sobre o assunto, conclui Styron, não contém explicação abrangente do transtorno. É um mistério o fato de uma pessoa sobreviver à depressão e outra não,

embora a poesia de Plath revele uma atitude ante a morte que torna o suicídio, em determinadas condições, desejável — ou quase.

Morte e corpos mortos povoam seus poemas. Em “The Detective”, escrito em 1º. de outubro, ela faz uma paródia da apresentação de pistas e explicações de uma história de detetive que envolve um mistério. O confiante detetive diz a Watson que eles “pairam no ar”, apenas com a lua “embalsamada em fósforo” e um “corvo numa árvore. Tome nota”. A existência é um enigma; as provas, fugazes. A observação é tudo. Nitidamente, a cômica noção de diversão de Plath — diversão de um nível bastante alto — não a desertou. E isso sem dúvida é o que torna sua vida e sua obra tão excitantes: a persistência da visão espirituosa, apesar de todos os empecilhos.

Sylvia passou a criar abelhas, um de seus diversos meios de honrar a memória do pai e sentir-se próxima dele, e na primeira quinzena de outubro escreveu sua famosa sequência sobre um inseto que fascinara Otto Plath. Os poemas e a criação de abelhas promoveram uma experiência abrangente — sem dúvida uma atividade bem-vinda para uma escritora consternada, que havia “visto minha estranheza evaporar”, conforme diz em “Stings” (6 de outubro), encontrando consolo em apregoar seu controle sobre “minha máquina de mel”. Em “A chegada da casa de abelhas”, o enxame ruidoso se torna shakespeariano, amontoando-se em “sílabas ininteligíveis... como uma turba romana”. Sylvia chama a si mesma de o “bom Deus” que irá libertá-las. Mais de um amigo notou uma mulher mais animada, ainda zangada, mas também liberta e nutrida pela animosidade contra Ted e o êxtase de compor poesia. Ela dizia que trabalhar num poema lhe dava mais prazer que qualquer outra atividade. Vivia para isso e — acabou por perceber — estava disposta a morrer por isso.

Os poemas de abelhas também refletem uma sensação de superação da impotência. Ela sabia que esse trabalho era um triunfo, mas sabia que ainda lhe restava um longo caminho a trilhar. Escrevendo para a mãe em 9 de outubro, queria acreditar que, num retorno à Irlanda, “talvez eu encontre a minha alma, e em Londres, no próximo outono, o meu cérebro, e talvez no céu, o que foi o meu coração”. A última parte ecoa o que ela dissera a uma amiga: que dera a Ted seu coração e não havia como recuperá-lo — não nesta vida, ao menos. Encarava a Irlanda, terra do seu herói, Yeats, como fonte de inspiração. Londres era “a cidade” em que a poesia se tornava comércio, onde Al Alvarez no *The Observer*, agora um indispensável leitor do seu trabalho, o publicava.

A carta de Sylvia datada de 9 de outubro pode ser considerada uma espécie de recaída. “Tudo está ruindo”, inclusive seu aparelho de jantar e a casa dilapidada, contou a Aurelia. Até mesmo suas amadas abelhas a picaram quando ela mexeu em seu comedouro de açúcar. Na mesma carta, porém, ela recusa o convite da mãe para voltar para casa, para ser financeiramente sustentada e cuidada. A filha objetou. Fizera sua vida na Inglaterra. Se fugisse, “jamais pararia”. Sem dúvida tal recusa foi um ato corajoso, sobretudo porque ela reconhecia: “Ouvirei falar de Ted por toda a minha vida, do seu sucesso, da sua genialidade (...) Devo criar uma vida própria o mais rápido possível (...) Sou uma lutadora.” Isso significava competir com Ted na terra natal do marido, e, tendo em vista a superioridade do trabalho que ela vinha criando, sua declaração não pode ser considerada mera bravata. Em perspectiva, é difícil não considerar seu suicídio, à luz dessa carta, como uma virada de mesa: “Ouvirei falar de Sylvia por toda a minha vida, do seu sucesso, da sua genialidade.”

Ela deu pistas do frágil equilíbrio da sua vida a Aurelia, expressando a esperança de que Warren ou a cunhada ou algum outro parente pudesse lhe

fazer uma visita na primavera. A própria Aurelia não servia — conforme veementemente observou uma Sylvia inflexível. “Não tenho forças para encontrar você durante algum tempo. O horror do que você viu e do que eu vi você ver no verão passado paira entre nós e não posso encará-la de novo até ter uma nova vida; seria um estresse muito grande.”

E assim Sylvia se reaprumou, escrevendo três dias depois seu poema mais famoso, “Daddy”. Uma nova vida significava uma reconciliação com a antiga. As referências autobiográficas são inescapáveis: o narrador tem 30 anos, mencionando que contava 10 quando o pai morreu e 20 quando tentou um suicídio que o levaria até ele; o pai é alemão e, como Otto, pontificando, fica de pé em frente a um quadro-negro; uma pesada estátua de mármore tem um dedão do pé cinza (trazendo à mente a perna amputada de Otto). E, é claro, o poema definitivamente trata da ânsia de recuperar um pai que exercia tamanha autoridade no lar que parecia, como diz o poema, “um saco cheio de Deus”. Qualquer um que leia as cartas vituperiosas de Sylvia sobre Ted teria dificuldade para não identificá-lo como um dos “brutos” do poema.

“Daddy” reverbera com a história do século XX, sobretudo com os ecos da Segunda Guerra Mundial, e reflete o desejo da poeta de deixar sua marca nos acontecimentos que moldaram o mundo — de se inserir na história como um daqueles judeus enviados para os campos de concentração. A criança que jurou, quando o pai morreu, jamais voltar a falar com Deus inclui um pai em sua lista de figuras de autoridade rejeitadas. Apenas abandonando o que amava e aquilo por que ansiava é possível ser dona do próprio nariz. A imagem da vítima identificando-se com seu algoz, o “homem-panzer”, antecipa a tese que Hannah Arendt propôs um ano mais tarde em *Eichmann em Jerusalém* (Eichmann foi a julgamento em 11 de abril de 1961, mais de um ano antes de “Daddy” ser concebido, e foi

executado em 31 de maio de 1962, pouco mais de quatro meses antes da composição do poema). Conforme aponta a crítica Judith Kroll, Plath também antecipou a análise feita por Susan Sontag da estética fascista — sobretudo o desejo de exaltar “dois estados aparentemente opostos, a egomania e a servidão”.

A identificação da escritora com as vítimas do Holocausto ofendeu alguns leitores. Mas é bastante americano da parte de Plath apropriar-se da história de outros e recebê-la de braços abertos em seu coração. Em lugar de reduzi-la aos limites de sua agonia pessoal, ela encara a própria experiência como um capítulo numa história maior do que ela mesma. “Toda mulher adora um fascista.” Esta é a grande dádiva de “Daddy”: o amálgama do provinciano e do internacional, do pessoal e da mitologia da vida moderna. Referências a “tortura e torniquete” expandem o alcance do poema até a Idade Média, e, com uma imagem de um pai sugando o sangue do próprio filho, até o mito do vampiro. Um leitor da geração dela poderia muito bem evocar Bela Lugosi, o homem de meia-idade, paternal, açambarcando as vítimas em sua capa preta. Fotos do lupino e grandalhão Ted Hughes, invariavelmente vestido de preto, também vêm à mente.

O poema irônico, amargo, de Plath bebe na fonte — ainda que com desprezo — de canções populares como “My Heart Belongs to Daddy” (1938), de Cole Porter, cantada por Marilyn Monroe em *Adorável pecadora* (1960). No filme, “Daddy” (paizinho) é uma gíria para o amante mais velho de uma mulher, que a trata muitíssimo bem. No poema, criança e adulto se fundem no perturbador encerramento: “Paizinho, paizinho, seu canalha, estou farta.” Farta do paizinho? Farta da ideia de um pai idealizado? Ou farta no sentido mais completo de simplesmente desistir? Será que Plath triunfou ou apenas destruiu o que dava sentido à sua vida? O poema é perfeitamente elaborado para sugerir qualquer desses significados.

Mas por que o poema levou Sylvia e Clarissa Roche às gargalhadas? Seria o riso uma forma de dominar os demônios deixados à solta no poema, um desvio terapêutico para evitar a sepultura? Com certeza o astral dela melhorou, pois, no próprio dia em que compôs “Daddy”, ela escreveu se desculpando com a mãe: “Rasgue a minha última carta. Eu a escrevi no que provavelmente foi minha última crise de melancolia. Passei por uma incrível mudança de humor: estou alegre, mais feliz do que há séculos...” Sylvia fervilhava de planos para reformar o bangalô, Ted parecia amistoso quanto a um divórcio e ela começava a escrever toda manhã às cinco horas, um poema por dia, concluído antes do café da manhã. E eram “poemas de livro. Material fantástico...”. Um romance também vinha sendo desenvolvido.

Essa revitalização empurrou-a para Londres: “Sinto falta de *cérebros*, odeio esta vida de vacas, estou louca para me cercar de gente boa, inteligente. Vou ter um salão de saraus em Londres... Sou uma poeta famosa aqui — mencionada esta semana no *The Listener* como membro da meia dúzia de mulheres que não de permanecer —, aí incluídas Marianne Moore e as Brontë!”. Tais cartas só podiam ter sido escritas para a própria mãe — não apenas para impressionar Aurelia, mas também para representar para a única pessoa capaz de se identificar com essa vitória. Aurelia abriu mão das suas ambições literárias para servir ao marido e decerto se solidarizaria com uma mulher que reconstruía a própria vida após a perda do cônjuge.

Para Warren e a esposa, Maggie, Sylvia escreveu no mesmo dia: “Minha energia é enorme.” Continuava a acreditar na genialidade de Ted, e não doía menos ter sido “largada”, mas vinha planejando trabalhar intensamente como freelancer numa temporada londrina, inclusive como locutora e resenhista. Ainda precisava recuperar a saúde, admitiu, mencionando as olheiras escuras sob os olhos e uma tosse seca de fumante. Esperava poder juntar-se ao casal numa viagem. As cartas de ambos significavam muito

para ela, garantiu, e conforme fizera com Aurelia, falou com encantamento dos filhos, acrescentando que gostaria que Warren e Maggie se considerassem padrinhos de Frieda e Nick. A impressão geral era de que Sylvia estava reconstruindo tanto seu mundo pessoal quanto o profissional.

Mas, ao mesmo tempo, ela enfatizou ao casal que ainda não tinha condições de encarar a mãe. Escritas quatro dias depois, linhas de “Medusa” soam como companheiras de “Daddy” — dessa vez, um exorcismo da mãe, o epíteto “bola de Deus”, lembrando “um saco cheio de Deus”. Aurelia surge como um antigo “cordão umbilical” e “cabo do Atlântico”. Imagens de filmes de terror assombravam de novo sua imaginação: “Fora, fora, tentáculos de enguia!” Em vez de gritar “Estou farta”, o poema termina numa nota desafiadora, que parece menos que convincente: “Não há nada entre nós.” Ou será que a última linha é enfática porque também pode significar que já não existe nada separando mãe e filha, que a filha se libertou do jugo da mãe apenas para restabelecer um vínculo nos próprios termos, como filha? O objetivo de ambos os poemas parece claro: reinventar Sylvia Plath a poeta, um ato que implicava colocar seus genitores em seus devidos lugares. Na verdade, não podia rejeitar a mãe, mas na poesia sua sobrevivência criativa dependia do conceito de que fizera precisamente isso.

Ainda que aparentemente a gripe de Sylvia tivesse voltado na manhã de 16 de outubro, com a febre chegando a quase 40 graus, a doente permaneceu eufórica, escrevendo à mãe: “Sou uma escritora genial; tenho esse dom. Estou escrevendo os melhores poemas da minha vida; eles me garantirão um nome.” Sylvia previa concluir seu romance em menos de dois meses e já tinha inspiração para escrever mais um. *A redoma de vidro* havia sido aceito para publicação na Inglaterra e ela aguardava ansiosa seu “salto para Londres”. Mas se afligia com a organização doméstica e uma babá insatisfatória, além de continuar esperançosa de que a tia Dot ou a cunhada,

Maggie, pudessem ir ajudá-la a cuidar dos filhos. Sylvia precisava de uma folga, sobretudo porque também havia o problema do divórcio para enfrentar. Embora repleta de planos, admitiu estar lutando contra “grandes dificuldades e sozinha”.

Em outra carta endereçada à mãe no mesmo dia, Sylvia insistiu na ida de Maggie, sugerindo que a cunhada se juntasse a ela numa convalescença de seis semanas na Irlanda. Era pedir muito, admitiu, querer que a nova esposa de Warren embarcasse tão cedo numa viagem ao exterior. Quase delirante de tanto escrever entre quatro e oito da manhã, ela implorou: “Preciso de alguém de *casa*.” Aurelia, por sua vez, continuava esperançosa quanto ao retorno da filha, embora tivesse mandado dinheiro para que ela providenciasse empregados.

A piora no estado de espírito de Sylvia veio à tona na manhã seguinte em “The Jailor” (O carcereiro), no qual um anônimo envenena a narradora febril, que declara ter comido “mentiras e sorrisos”. Muitas vezes ela condenara Ted por suas mentiras, embora o poema pareça mais sobre traição em si do que sobre um marido infiel. “Lesbos”, composto no dia seguinte, é ainda mais explícito quanto a seu sofrimento, mencionando um “fedor de gordura e cocô de bebê... O vapor de comida cozinhando...”. No entanto, nenhum desses poemas altamente alusivos dá a impressão de estar desenvolvido até o fim, como se, ao resolver não ser tão explicitamente autobiográfica, a autora tivesse truncado a própria arte.

O dilema de Plath não era muito diferente daquele de sua contemporânea Marilyn Monroe. Todas as atuações de Monroe nas telas, começando com *Nunca fui santa* (1956) e terminando com *Os desajustados* (1961), se basearam em roteiros que ostensivamente exploravam suas próprias características e experiências. Nesses filmes, Monroe teve seus melhores desempenhos, mas, assim como Plath, pagando um preço

emocional enorme. Tornar-se o próprio material é, ao mesmo tempo, excitante e exaustivo. A exposição pode ser gratificante, mas também desnudante.

Escrevendo em 18 de outubro, ela mostrou-se chocada com o que havia enviado à mãe dois dias antes. Era a febre falando. Depois da consulta com o médico e da medicação eficaz, além de uma boa noite de sono, sentia-se melhor e em condições de retirar seu pedido de ajuda. Estava forte o bastante para escrever para Paul e Clarissa Roche anunciando que Ted a deixara e que se divorciaria dele. O marido confessara ter lhe faltado coragem para não lhe dizer antes que jamais quisera filhos. Isso a desgostara, pois havia sido dele a ideia de mudar-se para o campo, e agora lá estava ela à deriva, esperando que o casal tivesse uma chance de visitá-la.

Sylvia vinha aos poucos construindo uma persona; persona essa que ela deixou escapar na carta seguinte escrita para a mãe (21 de outubro de 1962): “Não venha me dizer que o mundo precisa de coisas alegres! O que uma pessoa saída de Bergen-Belsen — física ou psicologicamente — quer é que ninguém diga que os passarinhos ainda gorjeiam, mas, sim, que lhe exponha o pleno conhecimento de que outra pessoa esteve lá e conhece o *pior*, é precisamente isso.” Para Plath, o Holocausto era tanto literal quanto metafórico — ela não queria os dois separados em seus poemas, queria sentir-se como um judeu e como “uma negra com patas cor-de-rosa”* torturada com cigarros em “The Jailor”. Alvo de sofrimento, “comendo o pão que o diabo amassou”, a agonia de Sylvia significaria muito mais para os leitores do que a “baboseira” da *Ladies’ Home Journal* sobre casamentos felizes.

Emergindo de mais um ciclo de doença, dois dias depois, enviou outro pedido de desculpas para Aurelia, invocando seu perdão pelas cartas ranzinzas ditadas pela febre. Podia contar com Susan O’Neill-Roe nesse

momento, “um amor com as crianças” e de grande ajuda. No dia seguinte, ela viria a dedicar “Cut” a Susan. Sylvia escreveu em tons catárticos sobre querer “estudar, aprender história, política, línguas, viajar. Quero ser a mãe mais amorosa e fascinante do mundo”, declarou a Aurelia. Para Clarissa Roche, em 25 de outubro, escreveu uma carta igualmente animada anunciando que “as coisas estão serenando” e que ela vinha planejando o futuro com alegria, agora que Ted, com seus comentários desdenhosos sobre a composição do seu romance, saíra do caminho.

Ela não apenas engrandeceu a própria vida, como também a transformou num campo de batalha histórico e mítico, o local de uma contestação épica. Talvez melhor do que qualquer outro poema seu, “Cut” exemplifica sua grandiosidade de propósito, o arrebatamento de cortar “o polegar em lugar de uma cebola”. Essas linhas indicam uma *persona* decidida a se observar com um desprendimento excitado, mas clínico. O acidente chocante se torna uma vinheta de um peregrino escalpelado por um índio e depois — como num filme em CinemaScope — a paisagem se amplia de modo a abarcar a imagem de um milhão de soldados britânicos (“Casacas Vermelhas”), uma alusão, aparentemente, ao sangue que corre do polegar que Plath quase cortou fora. Essa amputação virtual de um dedo a faz imaginar de que lado estão esses soldados, como se visse alguma traição naquilo que ela fez a si mesma. Assim, torna seu dedo a alegoria de um *homunculus*, um sabotador, um camicase (uma curiosa reminiscência do “homem-panzer” em “Daddy”). Ainda mais estranha é a bandagem de gaze rubra de sangue, que lembra um capuz da Ku Klux Klan enfiado no polegar. O poema termina numa saudação ao “trepanado veterano./ Garota suja./ Toco de polegar”, o emparelhamento do literal com o metafórico, do pessoal com o político e do momento com a história. Alusões a mutilações, guerra, subversão e perseguição ecoam o que ela disse em termos próximos à prosa

sobre querer estudar história, política, línguas, viagens. Plath precisava transformar tudo isso em influência sobre o tecido da sua própria vida, o material de seus escritos, e apresentá-lo num palco universal. Não é difícil imaginá-la, com eletrodos na cabeça e passando por terapia de eletrochoque, identificando-se com o “trepanado veterano” — uma “doida” com um buraco na cabeça.

Tais poemas encorajaram Sylvia, que ansiava por fazer boa figura a caminho da cidade. Conforme disse à mãe numa carta escrita na véspera de compor “Cut”, ela planejava usar o dinheiro que Aurelia lhe mandara para comprar um vestido Chagford (referência a uma loja de roupas em Devon, que ainda hoje anuncia vestidos “chiques”). Iria subir a bainha e providenciar um corte de cabelo da moda. “Espere só até arrasar em Londres”, anunciou. Sylvia Plath tinha de mostrar certo “visual”. Tinha aguçada consciência da aparição como uma figura pública, assim como Marilyn Monroe e, igualmente à atriz, ansiava por uma exibição pública de seu talento depois do fracasso do casamento. De certa forma, era uma garota maluca incapaz de se controlar, mas tinha a confiança necessária para ceder a seu tormento. Em consequência, encarava o maior desafio da sua vida nesse momento, usando todas as suas forças conforme caminhava para uma crescente explosão poética.

Ela mencionou para a mãe que sua “mestra de equitação” lhe dissera que era “muito boa”. Uma mulher cavalgando um animal chamado Ariel aparece num poema com o mesmo nome, parte de uma série produzida no fim de outubro, que culmina no triunfo “Lady Lazarus”, em que a protagonista exclama: “Devoro homens como se fossem o ar.” Sylvia mostraria esses versos em Londres, explicou à mãe. Iria anunciar a todos sua intenção de se divorciar de Ted. Recusava-se a assumir o papel da “esposa provinciana” que ele abandonara. Uma mulher traída era também uma mulher vingativa. Ou,

nas palavras da narradora em “Ariel”, “Eu/ Sou a flecha”. Entretanto, apenas duas linhas depois, a palavra “suicida” está vinculada a essa mesma narradora, de modo que, como em “Lady Lazarus”, a experiência de quase morte é considerada vital para o renascimento. Os poemas do fim de outubro, nas proximidades do seu aniversário no dia 27 desse mês, encenam uma ascensão, Lady Lazarus surgindo “das cinzas”, as chamas do renascimento sugeridas por seu cabelo ruivo. Com tanta imponência quanto o poema parece ter, Sylvia prefaciou uma leitura planejada dele na BBC com um comentário que mistura o místico com o pé no chão: “Ela é a fênix, o espírito libertário, como se preferir. É também uma mulher boa, simples e repleta de recursos.”

Na poesia de Plath, nas cartas para a mãe, em tudo que relatava aos outros para os quais escrevia ou com quem falava, ela afirmava sua necessidade de plateia. Em 29 e 30 de outubro, encontrou-se em Londres com Al Alvarez e leu para ele seus poemas recentes. Alvarez parecia então o único editor capaz de apreciar a ousadia de seus novos trabalhos. Quando esbarrou no editor Karl Miller, da *New Statesman*, na rua, um atônito Alvarez descobriu que Miller recusara os novos trabalhos de Plath, inclusive “Daddy” e “Lady Lazarus”, por serem “extremos demais”. Muitos anos depois da morte de Sylvia, Olwyn, que teve acesso ao chamado diário perdido da cunhada, viria a sugerir numa carta para Alvarez que a escritora começara a pensar nele como algo mais que um admirador de sua obra. Olwyn não fez a conexão, mas talvez Sylvia tenha feito: como seu amante, Alvarez passaria também a representar uma parte da sua nova vida, assim como o fizera Ted Hughes depois da rejeição de Richard Sassoon.

A poderosa nova voz de Sylvia emergiu num programa produzido por Peter Orr do British Council. Ela parecia mais velha que seus 30 anos e teve um desempenho arrebatador. Os poemas que leu se destinavam ao ouvido,

insistira Sylvia com Alvarez, que a promoveu como uma nova voz ousada que rompia com a noção inglesa de compostura. Sylvia Plath ousou ser intensa e violenta, a “garota suja” de “Cut”. Assim como Plath, Alvarez também tentara o suicídio. Como ela, assumia riscos, era alpinista e um atleta vigoroso, bem como era um colega poeta que assemelhava a força da obra de Plath a “ofensas corporais”.

Com a ida a Londres, ela planejava derrotar Ted Hughes em seu próprio campo. Peter Porter, um poeta do círculo dele que também conhecia David e Assia Wevill, concluiu que Ted realmente deixara Sylvia porque nitidamente havia visto sua estrela ascender:

Sempre tive a impressão de que Hughes, embora formidável, não era uma força tão potente e imaginativa quanto Plath (...) Deixá-la deve ter sido não apenas um imperativo para alguém que desejava amar outras mulheres sempre que lhe apetecesse, mas também um movimento para defender o próprio talento da concorrência com um talento superior. Tal noção pode parecer duvidosa devido ao fato de que ele gozava de um reconhecimento maior do que a esposa, mas tem começado a convencer os leitores da poesia de Plath depois que a verdadeira escala do seu alcance foi revelada. Quando avaliamos a trajetória completa das produções dos dois poetas, é tentador ver a atitude de Hughes como similar ao turco de Alexander Pope (“Epístola para o dr. Arbuthnot”), que não admitia rival algum junto ao trono.

Em *O deus selvagem — um estudo sobre o suicídio*, Alvarez menciona que em junho de 1962, mesmo antes do telefonema de Assia para Ted em Court Green, o eixo do poder já se transferira para Sylvia. Alvarez, porém,

interpretando mal a cordialidade demonstrada pelo casal, supôs que Ted não se importasse com essa mudança de situação.

A partir do momento em que arrancou o fio do telefone da parede, Sylvia declarou guerra aberta. A esposa que havia posto o marido em primeiro lugar, garantido que ele disputasse concursos de poesia, sido cozinheira e arrumadeira, deixado a carreira em suspenso e criado os filhos do casal, sumiu. Essa fase acabou para Ted Hughes, que sabia disso, sabia porque vira como a escritora era capaz de se virar contra as pessoas e sabia que ela era impiedosa — caricaturando até mesmo mentores, como a sra. Prouty e a própria mãe. E se perguntou: “Por que Sylvia não faria isso comigo agora que havia sido provocada?” Afinal, tratava-se da mulher que lhe arrancara sangue no primeiro beijo. Sylvia podia fazer o papel de vítima, mas nenhuma vítima escreve o tipo de poesia que ela produziu nos seus últimos sete meses de vida.

Sylvia voltou para a casa de Devon em 30 de outubro apenas para ultimar os preparativos para a viagem que faria a Londres na primeira semana de novembro em busca de um apartamento. Embora dona do próprio nariz, aceitou apoio financeiro de Hughes, que se juntou a ela em 4 de novembro na procura por uma moradia londrina. Esses encontros espasmódicos a deixavam nervosa. Amigos a viram chorar e depois substituir o sofrimento por raiva pela traição do marido. Tal comportamento, como os poemas que escrevia então, eram semelhantes a uma obra musical, as notas altas e baixas refletindo um enorme leque de emoções. Em festas, eventos e diversas reuniões, Sylvia, uma atriz prodigiosa, orquestrava sua ruptura com Ted, tornando-a uma encenação operística. Assim como a necessidade de publicar, de ser conhecida pelo mundo — necessidades que datavam de muito cedo em sua vida —, a compulsão por rotular publicamente o marido se impôs.

Ted se comportava de maneira semelhante, anunciando a separação e atraindo a atenção de outras mulheres. Em 1º. de novembro, conheceu a antropóloga e poeta Susan Alliston, que registrou em seu diário a declaração que ouviu dele: “Casamento não é coisa para mim.” Alliston achou que “ele se referia a mulheres anglo-saxônicas, talvez frias demais. Ele então está com uma que não é anglo-saxônica” — referência, sem dúvida, a Assia. Hughes já havia, contudo, posto o olho em Alliston, admirando suas pernas longas, que mais tarde mencionou na introdução romântica que fez para os poemas e diários da antropóloga. Disse-lhe que casamento também não era coisa para ela (que se separara recentemente do marido). Duas semanas depois, lá estava Alliston no The Lamb, um pub em Bloomsbury, tentando “me embelezar um pouco” e esperando que Ted aparecesse.

Por um golpe do destino, Sylvia descobriu a casa dos seus sonhos: situada na Fitzroy Road, no. 23, em Primrose Hill, não distava muito do dr. John Horder, que vinha tratando de seu polegar infeccionado. Estava sozinha quando leu a placa que informava que W. B. Yeats morara ali. *Pronto*. Imediatamente se pôs em campo para conseguir um contrato de locação de cinco anos e correu para casa para abrir seu exemplar de *Collected Plays*, de Yeats, que a recompensou com a seguinte passagem: “Providencie vinho e comida para lhe dar força e coragem e aprontarei a casa.” Embora os obstáculos para uma mulher sozinha obter um apartamento que outros também queriam fossem enormes e as negociações tenham se mostrado complicadas, o apartamento representava a afirmação de um novo ser, um ser insurgente. Sylvia se via como um contraste a Ted, que ela agora considerava um homem do *establishment* preso por “frágeis algemas” e “seduções” no mundo de seda londrino que ele sempre desdenhara — uma visão bastante profética de um homem que se tornaria um poeta laureado.

Em 7 de novembro, preparando-se para a mudança para Londres, uma Sylvia exultante escreveu de Court Green para Aurelia sobre o novo apartamento, que possuía “dois andares e três quartos em cima e sala, cozinha e banheiro na parte de baixo, *além* de uma sacada ajardinada!”. Como sempre, foi incapaz de evitar os excessos, jurando que seria uma “mãe maravilhosa”, que não se arrependia de nada. Gastou mais de uma página com detalhes domésticos, inclusive sua descoberta de um “cabeleireiro *fantástico*”. Adorara o novo corte, que lhe custara apenas 1,50 dólares. Gostava de avaliar a própria felicidade em termos monetários, um aspecto pragmático de Plath que Hughes deplorava, mas do qual dependia. Ted nem sequer a reconheceu na estação de trem. Ela não vivia mais “à sombra” dele, iria seguir por conta própria e ser reconhecida por sua genialidade. Chegava mesmo a se sentir magnânima, ainda que nutrisse desdém, em relação a Assia, que não tinha senão seu emprego bem-remunerado numa agência de publicidade e um desejo vão de ser escritora. Sylvia não invejava “nada” em Ted e Assia. Na rua, os homens então admiravam, embasbacados, sua nova faceta no auge da moda. Ela iria “fechar o comércio” no programa teatral de verão dedicado à poesia no Royal Court. Ted desdenhava do seu gosto por roupas sofisticadas e achava extravagante gastar um dinheirão para comprar ternos. Sylvia era o oposto. Sonhava comprar uma casa em Londres algum dia, caso publicasse um “romance de arrasar quarteirão”.

Ela sofreu um golpe na segunda semana de novembro, quando a *The New Yorker* e a *The Atlantic Monthly* recusaram muitos de seus poemas recentes — exatamente aqueles que viriam a agradar à posteridade. Mas reagiu, reunindo quarenta de suas melhores obras num manuscrito com um título que lhe faria a fama: “Ariel e outros poemas”, aparente tributo à liberdade criativa e ao charmoso estilo andrógino de Shakespeare. Os poemas refletiam um espírito ferozmente feminino incitado por um

regimento de mulheres, inclusive sua velha amiga Clarissa Roche, sua babá Susan O'Neill Rowe e Ruth Fainlight (escritora e esposa do romancista Allen Sillitoe). Essas mulheres estimularam Sylvia a escrever sobre a maternidade como uma escolha corajosa e essencial — precisamente a decisão que uma mulher como Assia, conforme ela acreditava, evitara.

Aquele telefonema terrível em julho continuava a atormentar a poeta que em “The Fearful” (16 de novembro), centrado numa mulher que finge ser homem, esvaziava a voz para parecer morta. A mulher acha que um bebê lhe roubará a beleza (Sylvia ouvira dizer que Assia, preocupada com a perda da beleza, não queria filhos). “Ela prefere morrer a ser gorda”, de tão medrosa que é essa mulher que entregou seu corpo a um homem. Plath teria dado uma excelente biógrafa. Estudara Assia e tinha uma arguta compreensão dos gostos e do temperamento da rival. Mais tarde, após a morte da poeta, Assia teria acesso aos seus diários e veria em primeira mão como Sylvia a conhecia bem.

Quando Clarissa chegou, no dia seguinte, para se hospedar em Court Green, Sylvia abraçou a amiga que chamara anteriormente de “mãe terra”, exclamando mais de uma vez: “Você salvou a minha vida”. “The Fearful” fizera brotar mais uma onda de fúria contra Ted. Clarissa encontrou-a num momento de fraqueza, quando o ônus de cuidar de Frieda e Nicholas, apesar de toda a bravata de Sylvia, a estava exaurindo. Ainda assim, Clarissa também se recorda das gargalhadas de ambas. Plath tinha uma gargalhada contagiante. Quando Clarissa partiu, em 19 de novembro, Sylvia estava de novo animada, escrevendo para a mãe, nesse mesmo dia, como uma profissional ocupada, organizando seu livro de poesias e lidando com todo tipo de correspondência relacionada a seu trabalho. Teve tempo, porém, de adquirir diversas roupas e joias novas, que descreveu em detalhes. Esses objetos eram essenciais, fazendo-a se sentir “como uma nova mulher”,

embora permanecesse em suspense quanto ao apartamento de Londres, já que suas referências e informações financeiras ainda vinham sendo examinadas.

No Dia de Ação de Graças, voltou a escrever, mencionando uma forte gripe, piorada por tarefas como arrastar baldes de carvão e de cinzas. Continuava preocupada com conseguir o apartamento, pois havia “tanta coisa contra mim — ser escritora, ex-mulher de um escritor renomado, americana, jovem etc., etc.”. Vinha trabalhando como uma mula para preparar a mudança, e essa atividade interrompera sua rotina literária, exceto pela produção de textos populares que lhe trazia alguma renda. Estava resenhando livros infantis para a *New Statesman*, além de resenhar *Lord Byron’s Wife*, de Malcolm Elwin, que parecia refletir seu estado de espírito. Embora admitisse que “Byron, o leão, era inegavelmente fraco no quesito marido”, ela atribuía os problemas no casamento dele não apenas à sua insuportável esposa, Anna Isabella Milbanke, que sempre precisava “ter razão”, mas também à irmã de Byron, Augusta, com quem ele tinha uma relação incestuosa não muito diferente da que Sylvia insinuara (sem provas) haver entre Ted e Olwyn. Estaria ela percebendo que quando se mostrava intransigente lembrava Anna Isabella — conforme ela mesma define, fixada em “satisfazer seu orgulho”? Sylvia, que perderia dez quilos durante sua separação de Ted, cita o relato feito por Augusta de Annabella definindo na ausência de Byron: “Decididamente ela ficou reduzida a um esqueleto — pálida, cinzenta —, com um tom de voz profundo & uma serenidade bastante sobrenatural.”

A descrição que Sylvia faz de Augusta como um “Pândaro inquieto, ainda que fracassado” parece profetizar o papel que Olwyn assumiria mais tarde vis-à-vis com Assia Wevill (vide capítulo 8). Sylvia deplorava em Annabella sua “recusa em conceder ao marido um encontro (ela jamais tornou a ver

Byron), sem falar na tentativa de uma segunda chance”. Será exagero supor que a poeta, vendo as consequências desastrosas da atitude obstinada de Annabella, tenha decidido não cortar o contato com seu próprio leão simplesmente por ele estar errado? Trevor Thomas, que ocupava o apartamento de baixo, observaria mais tarde sua fúria, “um misto ambivalente de censura, ciúmes e desejo de tê-lo de volta. Ela não havia abandonado completamente a esperança de recuperar o paraíso”.

Ao que tudo indica, jamais lhe ocorreu que seria difícil reproduzir o grupo de apoio com que podia contar em Court Green. Vizinhos, babá e visitas de amigos haviam funcionado muito bem, mas Sylvia se decidira por essa aventura londrina e esperava, como disse à mãe, ser “autossuficiente”. Vinha agendando leituras e programas de rádio, encomendando a instalação de um telefone no apartamento (atingira a última etapa das negociações contratuais), a aquisição de um fogão e outras trivialidades. Durante esse período, Sylvia impressionou Ted Hughes, que, embora ainda condenasse sua “natureza esbravejante”, também disse ao irmão, Gerald, que os dois haviam estabelecido uma relação mais amistosa após sua chegada a Londres. Teria a atração de Sylvia por Alvarez algum papel em sua ressurgência?

Entre 12 de dezembro, o dia em que se mudou de Court Green, e o fim de janeiro, ela escreveu pouca poesia, concentrando-se, em vez disso, num romance, “Doubletake”, que tratava da deserção de Ted. Leu biografias e romances de escritoras contemporâneas, inclusive Doris Lessing, cujo novo livro, *O carnê dourado*, acabava de ser publicado. Quando Plath conheceu Lessing, a última se esquivou da admiradora incômoda. Uma dupla melhor se formou com Emily Hahn, uma escritora da *New Yorker* que a encantou com seu jeito esfuziante, receptivo. Hahn, mãe solteira e audaciosa contadora de histórias, seria um estimulante para Plath, que andava buscando novos modelos para si mesma.

Conforme disse ao entrevistador Peter Orr no fim de outubro, vinha desviando sua atenção para a prosa, querendo dedicar-se a um leque amplo de temas — estimulada, sem dúvida, pelas biografias históricas que lera. Alguns de seus melhores poemas ainda não haviam sido escritos, mas aparentemente ela sentia que essa fase de sua carreira pudesse estar terminando. Aguardava o lançamento de *A redoma de vidro*, a ser publicado em meados de janeiro sob o pseudônimo de Victoria Lucas. Devido à natureza autobiográfica do romance, Plath achou melhor assim.

A escritora tinha motivos para crer que sua vida em Londres seria um sucesso. Ficava mais fácil do que nunca receber a visita de amigos, o dr. Horder, em quem confiava, ficava próximo de casa e o zoológico, a minutos de distância para divertir as crianças, além da BBC, onde desenvolvera bons contatos. A demora para mobiliar o apartamento, dotá-lo de telefone e encontrar uma babá não chegou a diminuir seu entusiasmo. Alegrementemente, pintou e limpou o novo lar. O clima ainda não se virara contra ela, e as visitas de Ted ao apartamento para ver os filhos ainda não a deixavam irritada. Ainda assim, sua vida parecia adquirir um ritmo inquieto, apressado, que ela tentava interromper com animadas cartas para casa.

Em 14 de dezembro, Sylvia escreveu para sua tia Dot falando da satisfação dos filhos com o zoológico e dos lojistas que se lembravam dela da época em que morara na vizinhança com Ted alguns anos antes. Era como uma aldeia, na verdade, mas com todas as conveniências de Londres. Ela chegou mesmo a fazer os aborrecimentos parecerem excitantes. Soava inglesa, mas ansiava por uma conexão com sua terra natal. “Você não tem noção do quanto significam suas cartas animadas!”, comentou com a tia. Aurelia lhe enviava cartas em que não faltavam notícias de parentes e amigos, garantindo à filha que vinha mantendo a sra. Prouty informada sobre os desdobramentos recentes.

No mesmo dia, Sylvia escreveu à mãe dizendo que nunca se sentira tão feliz. Mesmo correndo para lá e para cá para providenciar a ligação da luz e do gás, e até o fato de ter batido a porta com a chave do lado de dentro, tudo acabou se transformando numa “comédia de erros”. Na ocasião, porém, ficar trancada do lado de fora a deixara transtornada, conforme recordou-se o vizinho Trevor Thomas, que considerou a reação histérica. Apesar de tudo, ela falava como se ter um contrato de locação de cinco anos lhe garantisse cinco anos de felicidade. Imaginava o espírito de Yeats abençoando-a. E por que não? Al Alvarez acabara de lhe dizer que *Ariel* devia ganhar o Prêmio Pulitzer. Ela dispunha de um estúdio com vista para o sol nascente. À noite, admirava, feliz, a lua cheia da sua varanda. Aparentemente, todos eram amorosos — ou ao menos prestativos — em sua lista de bênçãos.

Uma semana depois, nada mudara, quando ela descreveu em detalhes a nova mobília e os vasos de flores para Aurelia, além de mais roupas novas (cuja aquisição foi possível graças ao generoso presente de setecentos dólares da tia Dot e ao cheque de cem dólares da sra. Prouty). “Você devia me ver andando por todo lado em Londres”, disse à mãe preocupada, tentando tranquilizá-la. Aurelia desconfiava de que toda essa atividade frenética simplesmente disfarçava a depressão da filha — ou assim declarara tia Dot numa carta. Sylvia se esmerou no entusiasmo: “O tempo tem estado aberto e o clima é de primavera.” Isso iria mudar.

Veio, então, a fatídica visita de Alvarez na véspera de Natal, sobre a qual ele escreveu em *O deus selvagem*. Sylvia esperava mais que uma crítica de apoio da parte do amigo. O relato atenuado feito no livro sugere que ela quisesse um caso amoroso. Outros indícios, porém, dão conta de que o laço entre ambos era muito mais profundo que isso. Numa carta escrita por Olwyn Hughes para Alvarez em 9 de junho de 1988, na tentativa de conseguir uma entrevista para Anne Stevenson, Olwyn menciona ter lido no

diário de Sylvia uma anotação imediatamente anterior ao encontro deles no Natal. Olwyn conta a ele sobre uma anotação em que Sylvia aconselha a si mesma a relaxar, de modo a não “afugentar [Alvarez]”. Tal conselho, conforme relata, é notavelmente semelhante à anotação da poeta em 1º de abril de 1956, na qual ela insiste consigo mesma para “ser mais reservada” e calada. “*Não tagarele demais.*” Olwyn se refere ao diário “perdido”, repleto do sofrimento de Sylvia, mas também do seu “júbilo” quanto ao próprio trabalho, incluindo dois capítulos — um dos quais descreve o traumático fim de semana da visita dos Wevill em maio de 1962 — que ela rascunhara para um novo romance. Olwyn, então, menciona o “episódio com você [Alvarez]” e a ausência de resposta de Richard Murphy quanto ao pedido de Plath para providenciar um chalé na Irlanda para o inverno. A ex-cunhada nitidamente alude à ligação romântica de Plath com Alvarez, que ela considera “uma das chaves” para entender os derradeiros dias da escritora. Com efeito, Olwyn complica bastante a história ao falar não só do irmão, mas também de Alvarez. O que exatamente pretendia dizer quando acrescenta ser capaz de entender por que Alvarez “não queria cometer tal indiscrição”? Olwyn lhe garante que Sylvia não contou a ninguém sobre seu relacionamento íntimo com o editor — embora não fique claro como ela pudesse saber disso, a menos que Sylvia tivesse escrito a respeito no diário perdido.

Em sua resposta de 10 de junho de 1988, Alvarez se recusa a receber Stevenson e “contar tudo”, expressando desdém pela obra “preguiçosamente pesquisada” dela. O que mais havia a dizer? Quando lhe fiz tal pergunta para este livro, ouvi dele: “Ela estava apaixonada por mim.” Ele não se dispôs a dizer mais nada, salvo repetir o que já escrevera: não podia dormir com Sylvia por estar então envolvido com Anne, sua futura esposa. Alvarez considerava Ted um amigo, a quem não trairia; de fato, Ted dormira

algumas noites no sofá de Alvarez, contando-lhe seus problemas com a esposa de quem estava separado. E Sylvia queria mais dele do que ele estava disposto a dar, e mais do que ele está disposto a dizer, mesmo agora.

A reação da escritora à relativa frieza de Alvarez foi decerto mais do que mera decepção. Assim como Hughes, ele havia promovido a poeta e a mulher. No estudo mais investigativo sobre o *affaire* Plath/Alvarez, um artigo que o próprio Alvarez endossa, William Wooten escreve: “Alvarez estava então avaliando poemas que o marido de Plath não lera. Enviar poemas para Alvarez se tornara tanto um ato íntimo, transformando o editor em confidente na ruptura do casamento, quanto um ato que desafiava a intimidade, primeiro do casamento, depois da confiança”. O fato de Plath não mais poder sentir-se próxima de Alvarez fez das últimas semanas da sua vida uma agonia ainda maior.

Os filhos estavam gripados quando ela escreveu sua carta seguinte para a mãe, em 26 de dezembro, depois de um jantar de Natal com amigos. O feriado a deixou nostálgica de casa. Estava nevando, uma cena invernal que ela comparou a “uma gravura digna de Dickens”. A princípio, o fato de não ver concretizada sua expectativa de um clima úmido e chuvoso animou-a, mas em 2 de janeiro a neve começou a se empilhar. Tudo virou lama e depois congelou. Não havia veículos destinados a limpar as ruas numa terra que raramente via uma quantidade considerável de neve. Nada de telefone ainda. Febre de 40 graus ela estava. Nada de aquecimento central. O dr. Horder prescreveu um tônico para Sylvia, que perdera dez quilos ao longo do verão. “Estou nas melhores mãos”, assegurou à mãe, mas a gripe se instalara. A Inglaterra parecia ter sido engolfada por uma nova era do gelo. Naquele mesmo dia, Sylvia escreveu com desânimo para Marcia Brown, dizendo sentir-se “totalmente *pressionada*” pelos últimos seis meses sem Ted. Como fizera com Warren e a cunhada, Maggie, escreveu para amigos,

insistindo para que viessem visitá-la na primavera. Estava solitária em Londres e se sentia uma “mãe desesperada”.

Apesar de tudo, lhe restavam recursos. Sua necessidade de ordem se impôs. Em 3 de janeiro, Clarissa Roche apareceu para uma visita e encontrou o apartamento impecável — embora Sylvia logo admitisse que era trabalho demais para ela. Ainda recusou o convite de Clarissa para hospedar-se em Kent com os Roche. Não, disse ela, de alguma forma daria um jeito. Trevor Thomas viu o outro lado: a expressão de terror no rosto dela e sua impotência, que começava a se tornar um aborrecimento, pois ela esperava que Thomas a ajudasse a lidar com as crises domésticas. Logo, porém, o filho dele falou: “Pai, você não vê como ela é triste? Preste atenção nos olhos.” As crianças são mais observadoras, observou Thomas em suas memórias sobre Plath.

Ela continuou a escrever, encontrando tempo ao matricular Frieda numa creche durante três horas diárias e aproveitando os momentos de sesta de Nicholas. Foi o desempenho virtuoso que a manteve ativa — durante algum tempo. Tinha algo a provar. Voltar para casa ou hospedar-se com Clarissa significava se arriscar ao desastre, porque, em sua mente, escrever por conta própria se tornara um salva-vidas. Desistir do apartamento — mesmo temporariamente — quando vinha escrevendo tão bem significava voltar a ser uma paciente, voltar a ser a Sylvia de dez anos atrás.

Ela ia aos tropeços até as lojas, com medo de escorregar no gelo. Não dispondo de pás de neve, os lojistas recorriam a pranchas de madeira para abrir passagens estreitas. No apartamento, Sylvia se achava sitiada em cima e embaixo, com uma mancha de umidade se espalhando pelo recém-pintado teto branco e a banheira se enchendo com água turva (resultado de um cano congelado). Ela ponderava os mistérios dos encanamentos britânicos. O papel de parede começava a estufar. Canos rompidos, lhe disseram — e nem

sequer um bombeiro hidráulico disponível, já que todos sofriam as mesmas mazelas. Os telhados podiam suportar a chuva, mas não o imenso peso da neve. Um operário removeu a neve do telhado, mas deixou em seu rastro uma calha quebrada exatamente ao lado da janela do quarto de Sylvia, resultando num pinga-pinga comparável à tortura chinesa. Logo ficou claro que essa casa histórica, exposta ao mau tempo, se encontrava em péssimo estado de conservação.

Sylvia não culpou ninguém por iludi-la — afinal, os vizinhos vinham enfrentando os mesmos problemas —, mas nem por isso deixou de sentir uma incômoda suspeita, jamais muito distante da mente de alguém da classe média criado nos Estados Unidos, de que o insalubre clima britânico causava uma falha na sensibilidade dos seus cidadãos, que, como Ted, sempre se mostravam bastante dispostos a tolerar os reveses. Os americanos tomavam providências para esse tipo de eventualidade, explicou ela aos operários. Nenhum *factotem* ficaria de pé com um balde nas mãos tentando apanhar a água que caía em cascata do teto, com a “expressão envergonhada de estar disfarçando uma obscenidade”.

Do lado de fora, ela contemplava o labirinto de diferentes canos — sem dúvida um quebra-cabeças extraordinário para uma americana habituada a encanamentos escondidos da vista, atrás de paredes ou dentro da terra. Ela foi aconselhada a tapar os ralos toda noite para evitar novos congelamentos. O representante do locador perguntou se ninguém da companhia de águas lhe avisara sobre isso. Não, respondeu Sylvia, perplexa. O homem acrescentou que ela devia aquecer os canos como pudesse (mesmo que precisasse usar velas!) e fazer a água quente correr dentro deles várias vezes por dia. Quando ela jogou um balde de água quente nos canos que ficavam fora da varanda, Trevor Thomas gritou para avisar que havia uma poça no

chão da sua cozinha. “O representante do locador é um idiota”, disse Thomas.

Numa espécie de milagre, um bombeiro apareceu. Só que em seguida vieram os cortes de energia. Era como na época do racionamento — uma inconveniência para os tarimbados sobreviventes da guerra, mas praticamente uma tragédia para Sylvia Plath. As luzes se apagaram. Trevor Thomas lhe disse que a interrupção do serviço havia sido anunciada nos jornais. Ela não tinha lido? Com o gás ainda funcionando, conseguia preparar as refeições, enquanto vestia as crianças com roupas de inverno.

Em meio a esse exílio invernal, Sylvia escreveu para a mãe, admitindo sua exaustão pós-gripe, mas afirmando que se recuperava. Enfermeiras diurnas haviam ajudado com as crianças, que também sofriam com gripe e febre. Ela chamou o clima de “nojento” — um bom termo para descrever sua sensação poderosa de repulsa e tristeza, piorada pela espera de dois meses pela instalação do telefone. Encontrar uma babá foi outro problema. Sylvia fizera o possível para tornar engraçada essa mazela num artigo encomendado, “Blitz de Neve”. Trevor Thomas, um observador não muito solidário dos últimos dias de Plath, se ressentiu da leveza com que ela abordou sua provação ao remover as expressões de puro pânico que ele testemunhara.

Sylvia foi sincera com Aurelia: havia se dado conta de que perdera sua “*identidade* sob o peso das decisões e responsabilidades do último semestre, com as crianças demandando sem cessar”. Ela não disse, mas praticamente não fazia diferença o que pensava de Ted a essa altura. Ele não estava lá para ajudá-la e passara a representar o homem ausente, não o homem com quem sonhara num antigo diário da Smith, o homem que “me admira, que me entende tanto quanto entendo a mim mesma”. Que lástima perceber que iria “*começar do zero*” neste “primeiro ano” da sua nova vida.

Ted diria posteriormente que, nas últimas semanas de Sylvia, o casal planejava uma reconciliação. Susan Alliston, então confidente dele, registrou em seu diário a surpresa de vê-lo falar tanto sobre si mesmo e Sylvia, “tão intimamente”. Atentou para o comentário feito por ele de que “a exclusividade do relacionamento matou alguma coisa — o fato de se manterem sempre no mesmo plano e de ela ser uma absolutista, não aceitar ceder”. Mas agora que Sylvia estava por conta própria e precisava fazer tudo sozinha...? Alliston não conclui o pensamento, observando, em vez disso, que não achava que ele quisesse o divórcio. “Não faz diferença”, acrescenta, enigmática.

Sylvia pareceu esperançosa quando escreveu sobre ganhar o suficiente com a literatura para se sustentar. Ansiava por um “ganho inesperado” que “um romance realmente bem-sucedido” lhe traria para aliviar a “terrível expectativa de ver o aluguel drenar seus recursos ano após ano”. A impermanência de tudo isso depois de uma década de muito trabalho a derrotou. O tempo estava acabando. “Mas preciso de *tempo*”, disse à mãe. Sylvia se autoprescreveu um antídoto, mas que não parece convincente: “Acho que só preciso de alguém que me anime dizendo que agi direito até o momento.”

Uma Aurelia alarmada não teve dificuldade para ler os sinais e pediu para uma amiga em Londres entrar em contato com a filha. Pat Goodall enviou uma carta tranquilizadora para Aurelia, relatando que em 19 de janeiro, “um dia gélido”, visitara Sylvia, encontrando-a com uma “expressão americana radiante e animada”, que imediatamente a fizera sentir-se à vontade. Infelizmente, Pat se equivocou quanto ao significado de tal animação. Sylvia insistiu para que ela e o marido ficassem para o chá, “SEM JAMAIS PARAR DE FALAR!”. As crianças, espertas e alegres, pareciam bem. Todos haviam se recuperado da gripe, garantiu à Pat. Eles tinham um

médico que era um “santo em pessoa”. Sylvia impressionou mais ainda Pat, porque “sábado foi o pior dos dias do inverno, mas apesar disso a vida dentro do seu apartamento era calorosa e alegre”. Plath, uma atriz formidável, adorava dar um show. As visitas a animaram, mas em nada contribuíram para aliviar seu tormento. O período sombrio fica evidente num poema concluído em 28 de janeiro. “Ovelhas na Bruma” vislumbra um céu “sem estrelas e sem pai: uma água negra”. No mesmo dia essa estação tenebrosa fez sua aparição em “Os Manequins de Munique”: “A neve deixa cair seus pedaços de escuridão” — uma frase tão clara anula as amenidades de “Blitz de Neve”.

Começaram a aparecer resenhas de *A redoma de vidro*, algumas boas e outras nem tanto, que pouco ajudaram Plath a se animar, sobretudo porque o romance não encontrara editor para publicá-lo nos Estados Unidos. Numa introdução à primeira edição dos diários da poeta, Ted Hughes observa que “se ela sentiu qualquer dúvida quanto ao lançamento público dessa obra sobrecarregada de sua autobiografia, Sylvia não fez menção a isso na época, fosse em conversas ou em seu diário”. Embora ele admita que certas críticas a tenham deixado exasperada e decepcionada, “aparentemente elas não a derrubaram”. Mas Sylvia confidenciou à amiga Jillian Becker que as críticas britânicas foram desanimadoras, um golpe genuíno, porque, ao ver a prova do livro, ela se dera conta de que não se tratava de um romance para todo gosto e suas expectativas haviam sido muito grandes.

Com Trevor Thomas, Sylvia queixou-se de se sentir encarcerada num apartamento com duas crianças, enquanto Ted se achava livre para aproveitar seu romance com Assia e viajar. Thomas tentou consolá-la, e ela comparou-o ao pai. Thomas jamais sabia qual Sylvia iria encontrar: encantadora, sofisticada, distante ou até ostensivamente grosseira. No fim de janeiro, as alternâncias súbitas de humor se acentuaram. Entre 28 de janeiro

e 4 de fevereiro, ela conseguiu escrever dez poemas, uma recuperação surpreendente após um mês tão desanimador. Mas parecia estar se voltando para si mesma: “Gente ou estrelas/ Me olham com tristeza, eu os decepiono” (“Ovelhas na Bruma”). Expressões similares em “Totem”, “Paralytic” e “Mystic” constituem manifestações diretas de futilidade, amenizadas apenas brevemente por poemas como “Child”, “Kindness” e “Balloons”, que mostram que ela se alegrava muito com os filhos. “Contusion”, concluído em 4 de fevereiro, termina com uma frase portentosa: “Os espelhos estão cobertos.” A sensação de fechar-se em si mesma, de não se ver refletida nas esperanças de outros e o ato de cobrir objetos em cômodos não mais usados — à semelhança do que se faz após uma morte — é disseminada.

No domingo, 3 de fevereiro, Sylvia ligou para Ted e convidou-o para almoçar. As anotações na agenda de Hughes, feitas uma semana depois da morte da ex-esposa, registram que os dois permaneceram juntos até as duas da madrugada. Desde julho o casal não se divertia tanto, observou ele, enquanto a ouvia ler seus novos poemas. Sylvia dava a impressão de ter recuperado seu equilíbrio, embora tenha chorado ao vê-lo brincar com Frieda e abraçado os dois. Quando lhe falou, novamente, que estava convicta de que o ex-marido andava à procura de outra pessoa, ele “negou com veemência”. Ele queria reatar o casamento, mas desde que isso não incluísse o que chamava de devoção escrava a ela. Ted começava a se sentir novamente senhor de si.

No dia seguinte, segundo a agenda de Ted, Sylvia lhe telefonou de uma cabine telefônica pública, sob um frio congelante, e pediu que ele lhe promettesse deixar a Inglaterra dali a duas semanas. Ela não podia trabalhar enquanto continuasse a ouvir falar dele. Ted quis saber quem andava falando a seu respeito. Sylvia não respondeu. E ele ficou pasmo de ver como a Sylvia calma da véspera dera lugar a essa mulher perturbada. Mesmo

quando insistiu que não tinha condições de deixar a Inglaterra nem vontade de ir a lugar algum, ela lhe extraiu um relutante compromisso de partir do país. “Ela queria que eu jamais a visse outra vez”, escreveu Ted, que conversou sobre o telefonema com Al Alvarez, que descreveu o próprio divórcio e lamentou ter continuado a encontrar a esposa depois de constatar que a situação era irreversível. Alvarez aconselhou-o a fazer o que Sylvia dissera. Ted decidiu partir assim que pudesse.

No mesmo dia, ela escreveu sua última e desconsolada carta para a mãe, confessando: “Eu não tenho escrito para ninguém porque venho me sentindo um pouco deprimida — passado o tumulto, estou vendo como tudo isso é definitivo e sendo catapultada da felicidade serena da maternidade para a solidão, e falar de problemas sombrios não é divertido”. Ela não via saída: “Não tenho o menor desejo de um dia voltar para os Estados Unidos. Ao menos não nesse momento.” O trabalho para a BBC e outros canais de promoção não tinha equivalente nos Estados Unidos. A ideia de Aurelia de hospedar as crianças durante um período lhe parecia tão somente fadada a desorientar a filha, a perturbar Frieda, tão próxima do pai, que visitava a casa uma vez por semana. Sylvia também contava com o Serviço Nacional de Saúde. Simplesmente não via como se sustentar caso voltasse para casa. “Vou ter de superar por minha conta por aqui”, insistiu. Uma nova babá alemã, volúvel e detalhista, incomodava Sylvia, mas ainda assim lhe permitia ter algumas manhãs de paz e algumas noites livres. Essa carta foi uma tentativa de amenizar as más notícias. É um devastador testamento decisivo, pois, com efeito, o que diz é que *tudo* agora dependia dela. Aurelia acertou quando achou que a filha fizera uma tentativa corajosa.

Os dois últimos poemas de Sylvia, “Balões” e “Limite”, concluídos na terça-feira, 5 de fevereiro, expressam com perfeição o dilema de alguém

aparentemente entre a vida e a morte — entre a leveza dos balões com que brincavam os filhos, um mundo de satisfação de desejos, e a falta de horizonte de “Limite”, no qual a inevitabilidade da morte é articulada com profunda satisfação. “Balões” termina com um balão estourado, “Uma tira/Vermelha” na “mãozinha” da criança. “Limite” expressa uma aceitação amarga, mas mesmo assim serena: “Chegamos tão longe, acabou.” Estaria acabado? No fim, Sylvia Plath deu a si mesma menos de uma semana para decidir. É um padrão comum, nos suicidas, tais alternâncias entre euforia e desespero. A energia que despendia em suas sessões de composição literária no fim das madrugadas esgotavam-na de toda a capacidade de lidar com o restante do dia. Escrever pode se tornar uma parte regular da rotina de um insone, mas acordar diariamente de um sono induzido por remédios às quatro da madrugada sem dúvida enfraquece um organismo já vulnerável. Quanta vida há de restar depois de escrever de forma tão intensa?

Assim como Marilyn Monroe chegando a um ponto final similar, as exhibições que Plath faz de si mesma se tornaram mais extremas. Ela não conseguiu se fixar em seu apartamento de Londres, da mesma forma que Marilyn não conseguiu se ancorar enquanto mobiliava sua nova casa de Hollywood. As duas partilharam a mesma incapacidade de manter uma nova vida, embora obcecadas com o fracasso da antiga. Sylvia escreveu em hipérboles para Marcia Brown, sua colega de quarto na faculdade: “Tudo estourou em bolhas, deturpando-se, fendendo-se.” E se sentia “no limbo entre o velho mundo e o novo, muito incerto e sombrio”.

Os amigos lidavam com múltiplas Sylvias e Marilyn, confiantes e cheias de dúvidas, felizes e terrivelmente irritadiças. Essas mulheres oneravam a si mesmas. Como Marilyn, Sylvia estava entrando na meia-idade, época em que, segundo as palavras de Leslie Farber, abrange “os anos mais vulneráveis ao assalto da doença do espírito, que, nesse momento, radicalmente

questiona tudo o que fomos, ao mesmo tempo desprezando o consolo antes buscado no futuro, tornando a pergunta quem somos a mais opressiva de todas”.

William Styron descreveu com eloquência o sofrimento contínuo da depressão que o levou a seu período suicida, uma agonia que Leslie Farber articulou sucintamente em seus escritos sobre o suicida que sente que “é um corpo, é mortal e, logo, por definição, a mortalidade é fragmentadora e suas demandas, imperiosas”. No caso de Sylvia, como na vida de muitos suicidas, um isolamento terrível cerceava cada movimento. Ela se queixava de não ter amigos, ainda que os fatos demonstrem o contrário. Sentia-se *sozinha* — assim como Styron, mesmo ao receber um prêmio internacional por seu trabalho. E assim como sua medicação (Halcion) pode ter contribuído para a depressão do escritor, as drogas prescritas a Plath podem ter apressado o começo de seus pensamentos sombrios. Mesmo atualmente, os fármacos usados para tratar a depressão têm impactos muito diversos em indivíduos diferentes. Pode levar semanas — às vezes meses — para se achar a dose certa, e para alguns indivíduos essa dose jamais é adequada.

Nada mudou na última semana de vida de Sylvia Plath, e talvez tenha sido isso que a incomodou, o medo de que nada viesse a mudar. Na quarta-feira, 6 de fevereiro, ainda zangado com os amigos de Sylvia que andavam espalhando boatos sobre o mau tratamento que dava a ela, Ted escreveu um bilhete para a ex-esposa e a visitou, anunciando que contrataria um advogado para pôr fim às mentiras. Ela lhe implorou para não fazer isso. Estava muito nervosa, porém não mais que em ocasiões anteriores, escreveu ele em sua agenda, mas não parava de lhe perguntar se ele tinha confiança nela, e isso pareceu a Hughes “novo & estranho”.

Na quinta-feira, uma nova conversa pelo telefone entre os dois nada resolveu. Sylvia, por um momento, acalentou a ideia de uma reconciliação,

mas depois voltou a insistir para que Ted deixasse o país. Seu humor, contudo, soou melhor ao ex-marido. Naquele mesmo dia, ela demitiu a babá — o motivo não ficou claro, embora exista a versão de que Sylvia tenha flagrado a mulher na cama com um homem. Ela ficou tão desnorreada que chegou a bater na mulher. Em 8 de fevereiro, o confiável dr. Horder concluiu que os remédios não estavam funcionando e tomou providências para hospitalizá-la. O próprio Horder sofria periodicamente de depressão. Sem ter outra empregada à mão, Sylvia ligou para uma amiga, a escritora Jillian Becker, indagando se podia visitá-la com as crianças.

Em *Giving Up*, Becker descreve o último fim de semana desgastante de Sylvia. A hóspede, desesperada, chegou à casa de Becker por volta das duas da tarde na quinta-feira e anunciou: “Estou péssima.” Perguntou, então, se podia se deitar. Jillian levou-a até o quarto no andar de cima, enquanto Frieda e Nicholas brincavam com sua filha caçula, Madeleine. Às quatro horas, Sylvia desceu e disse que “preferia não voltar para casa”. Deu a Jillian a chave do apartamento da Fitzroy Road e lhe pediu para pegar algumas coisas para sua estadia de fim de semana.

Ela aparentemente se acalmou após jantar um bife, assim como acontecera alguns dias antes, quando Clarissa Roche a visitara e preparara uma refeição. Jillian viu, então, a amiga tomar vários comprimidos para dormir e esperou até que ela adormecesse. Às três e meia da madrugada, Sylvia estava acordada e chorando. Durante duas horas, listou seus sofrimentos — a morte do pai e a traição de Ted com Assia. Jillian se lembrou de Sylvia dizer que, quando ela e Ted se mudaram para Court Green, os dois achavam que “a vida ideal estivesse começando”. Aurelia também se tornou um alvo. “Algumas vezes mencionamos nossas mães, as quais nem ela nem eu perdoávamos”, observou Jillian. “No caso dela, a necessidade de impressionar a mãe havia sido uma força propulsora. Ela

precisava presenteá-la com um sucesso atrás do outro. O rompimento do casamento, em sua opinião, sem dúvida foi visto pela mãe como um fracasso, e embora Aurelia Plath não tivesse verbalizado tal opinião, a ideia em si deixava Sylvia enfurecida. Ela odiava a vergonha que isso lhe impunha sentir.” As mulheres ficaram acordadas até as oito e meia da manhã, quando Sylvia tomou um antidepressivo e adormeceu.

Na sexta-feira, tomou um café da manhã generoso e ligou para o dr. Horder, que também era amigo de Becker. Sylvia entregou o telefone a Jillian, quando o médico pediu para falar com a dona da casa. “O que você está achando dela?”, perguntou Horder. “Deprimida”, respondeu Jillian. Ele queria que Jillian garantisse que Sylvia tomasse os remédios. Também era importante, enfatizou, que cuidasse dos filhos. Ela precisava de um propósito e de responsabilidade.

O próprio relato de Becker do que se seguiu é muito menos dramático do que as versões relatadas por outras fontes. Sylvia parece ter tido uma sexta-feira e um sábado tranquilos após a agitada noite de quinta. Saiu no sábado à noite, mas não contou aos Becker aonde foi e não os acordou ao chegar em casa. Segundo a agenda de Ted, porém, os dois se encontraram no apartamento da Fitzroy Road na sexta à noite. Ele recebera um bilhete dela por volta das três e meia da tarde, bilhete que chamou de “carta de amor de despedida”. Em apenas duas frases, ela anunciava que deixaria o país e jamais o veria de novo. Mas ele não atinou com o que ela realmente pretendia fazer. Dessa vez, uma Sylvia Plath imperturbável confrontou um agitado Ted Hughes. Quando ele lhe pediu uma explicação, ela friamente arrancou-lhe da mão o bilhete e o queimou dentro de um cinzeiro, antes de mandar Ted sair, o que ele fez.

No domingo, ela almoçou exageradamente com os Becker, comentando que a sopa, a carne, a salada, o queijo, a sobremesa e o vinho estavam

“fantásticos” (ou “formidáveis” — Becker não foi capaz de se lembrar do termo exato). Sylvia parecia “um pouco mais animada, um pouco menos tensa” e mais atenta aos filhos. Em seguida, anunciou que queria voltar para casa naquela noite. Jillian se perguntou o que teria provocado esse comportamento “subitamente decidido”. Teria sido a saída da véspera? Teria surgido daí alguma solução? Em retrospectiva, Becker examinou o momento: “Seria uma decisão de fazer mudanças na própria vida — ou... de morrer? Acaso a decisão de morrer pode infundir em alguém excitação e urgência? Ou aquela urgência toda não passava de uma representação enganosa para esconder um mergulho no mais profundo desespero? Nesse caso, que força de vontade incrivelmente bem-sucedida! Sylvia parecia revigorada, quase eufórica, como raras vezes eu a vira antes.” Enquanto a observava fazer as malas com determinação, aparentemente no controle total de si mesma, Jillian lembrou à amiga de não deixar de tomar os remédios. “Vou me lembrar, sim”, garantiu.

Becker sentiu alívio: “A verdade é que ela havia me cansado. Sua necessidade de atenção começava a parecer implacável.” Jillian teria continuado a cuidar de Sylvia, mas “ela queria ir embora, e eu não podia fazer nem dizer nada que a impedisse de sua vontade”. E me lembrei das palavras do dr. Horder: ‘Ela precisa cuidar dos filhos, sentir que é necessária a eles.’” O marido de Jillian, Gerry, levou Sylvia para casa de carro. No caminho, ela começou a chorar, e Gerry, um sujeito sensível que gostava dela, tentou insistentemente fazê-la desistir e voltar. Mas Sylvia recusou e ele a deixou no apartamento por volta das sete da noite, depois que ela alimentou as crianças e as pôs na cama. Então o dr. Horder ligou para saber se estava tudo em ordem.

Próximo à meia-noite, ela tocou a campainha de Trevor Thomas e lhe pediu selos. Queria mandar por via aérea algumas cartas e pretendia postá-

las antes que amanhecesse. Quando ele lhe deu os selos, Sylvia indagou a que horas Trevor sairia para trabalhar no dia seguinte. Ele perguntou por que queria saber. Curiosidade, apenas, respondeu. Não muito tempo depois de fechar a porta, Trevor percebeu que a luz do corredor continuava acesa, e, quando abriu a porta, lá estava Sylvia, que não se mexera. Ele lhe disse que ligaria para o dr. Horder e ela respondeu que não queria o médico, que estava tendo “o sonho mais maravilhoso do mundo”.

É provável que a Sylvia vista pela última vez por Trevor Thomas estivesse sob o efeito de antidepressivos. A sensação eufórica de completude, comum em estados induzidos por medicação, provavelmente passou por volta das cinco da manhã, quando Thomas, ao adormecer, pôde ouvi-la ainda andando de um lado para o outro no andar de cima. O momento maravilhoso, porém fugaz, de transcendência, similar ao que vivenciava ao escrever poemas, esvaiu-se dela. Sabendo que uma enfermeira chegaria pela manhã, é possível que Plath esperasse ser salva. Estaria buscando um estado temporário de esquecimento para aliviar sua agonia? Uma quase morte a ser seguida por mais um renascimento? Ninguém é capaz de dizer. Talvez Alvarez esteja certo ao sugerir que o suicídio, como o divórcio, é uma confissão de fracasso, uma admissão, no caso dela, de que “toda a energia, o apetite e a ambição de alguém foram abortados”.

Mães em toda a Inglaterra costumavam optar pelo gás como forma de pôr fim às próprias vidas. Com frequência levavam junto os filhos — extensões de suas identidades —, talvez como vingança contra maridos e amantes, ou porque haviam se virado contra um mundo que trataria com crueldade sua prole. Sylvia parece ter ponderado tal opção em “Limite”, que descreve uma mãe encapsulando os filhos de volta em seu corpo, como pétalas “de uma rosa que se fecha...”. Sempre, porém, ela retornara ao suicídio como um ato singular e à morte como uma espécie de salvação.

Sylvia entendia a perda de consciência como um tipo de morte. A sensação a fascinava, conforme ela diz numa anotação no diário feita após a extração de um dente. Quando o gás penetra em seu corpo, ela sente a boca esboçar um sorriso: “Então é assim que é... tão simples, e ninguém tinha me dito.” A morte em si ela imaginava como uma escuridão se instalando, como num desmaio, mas “sem luz, sem despertar”. “Sei um pouco como deve ser”, escrevera profeticamente mais de uma década antes, “sentir a água se fechar sobre a própria cabeça... Ter a mente cindida e ver o conteúdo evaporar, ir embora”.

Estávamos agora no dia 11 de fevereiro, e a poeta se preparava para morrer. Deixou comida e bebida para os filhos no quarto deles e abriu uma janela. No corredor, prendeu um bilhete com o nome e o telefone do dr. Horder no carrinho de bebê. Calafetou a cozinha da melhor maneira que pôde com fita isolante, toalhas e panos. Ligou o gás e enfiou a cabeça o mais profundamente possível no forno. Uma enfermeira, que chegou por volta das nove e meia para começar seu expediente, ouviu as crianças chorando na janela e chamou um operário para arrombar a porta do apartamento. Eles encontraram Sylvia Plath deitada no chão da cozinha com a cabeça dentro do forno. Era tarde demais para revivê-la.

Pode parecer perverso — ou, no mínimo, paradoxal — dizer que, por meio do suicídio, Plath finalmente encontrou uma maneira de recuperar a si mesma. Por todos os relatos, inclusive os seus, ela vinha escrevendo a poesia que iria lhe trazer notoriedade, mas sabia que nenhum ser humano seria capaz de sustentar tamanho nível de perfeição e desempenhar todas as funções da existência na “cozinha da vida”, como Martha Gellhorn costumava chamar a existência cotidiana. Quando pôs fim à sua vida, Sylvia Plath havia alcançado um daqueles picos de crise e euforia e se viu exaurida pelo que havia realizado — e por tudo que deixara por fazer. Esse estado de

beatitude, essa descida ao âmago das profundezas, é shakespeariano em sua grandeza e tragédia e parece digno do que Menêncio diz de Coriolano, dono de uma natureza “demasiado nobre para este mundo”.

Nota

* Conferir “Ariel: Edição restaurada e bilíngüe”. Campinas, SP: Versus Editora, 2007. (N.T.)

CAPÍTULO 8

NO TEMPLO DE ÍSIS: ENTRE OS HIEROFANTES

(1963-)

O candidato à iniciação foi levado pela Alta Sacerdotisa (a Gnosis) para o interior do Templo nesse momento, e ela se transformou na deusa Ísis (...) Ele aprende com ela os segredos da natureza (...) Aprende o verdadeiro significado da Magia Negra (...) O fato de a Imperatriz preceder o Imperador talvez seja uma relíquia da regra matriarcal...

— **Basil Ivan Rakoczi**, *The Painted Caravan: A Penetration into the Secrets of Tarot Cards*
(na biblioteca de Sylvia Plath na Smith)

Ela teve acesso livre e controlado às profundezas antes reservadas aos sacerdotes, xamãs e homens sagrados primitivos e arrebatados...

— **Ted Hughes**

Uma sacerdotisa esvaziada pelos ritos de seu culto.

— **Al Alvarez**

Ted Hughes escreveu para Olwyn dando a notícia terrível, laconicamente admitindo que Sylvia lhe pedira ajuda. Exausto das súplicas da esposa, calculara mal o tamanho do desespero que a assaltara. “Por favor, não transforme isso em mexericos de qualquer espécie. Foram os mexericos —

fielmente transmitidos por seus abomináveis amigos — que tiraram Sylvia do prumo & eu não gosto disso.” Para Daniel e Helga Huws, ele escreveu: “Não há dúvida a respeito de onde está a culpa.” Ted tentou se explicar com Aurelia, aludindo às “anormalidades psíquicas” de que tanto ele quanto Sylvia sofriam. Apresentou os problemas de ambos como uma forma de cegueira mútua e concluiu que a ex-esposa se tornara uma vítima da má hora, acossada por “ideias infernais”. Ele acreditava que o casamento deles podia ser consertado. Mas Sylvia não aguentou. Nem suas cartas nem seus poemas derradeiros sugerem uma reconciliação. Para poupar os sentimentos dos filhos, ele destruiu o diário que relatava os últimos dias dela, e esse ato sem dúvida não indica que Sylvia desejasse retomar o casamento. Ted disse a Aurelia que se sentia culpado e não pretendia ser perdoado, presumivelmente devido a seu papel na destruição do que chamou de “um dos maiores e mais verdadeiros espíritos vivos” e uma “grande poeta”. Embora aceitasse que Sylvia podia ser dura com as pessoas que amava, Ted era incapaz, em meio ao próprio luto, de avaliar a raiva dostoievskiana dela. Sylvia Plath odiou Ted Hughes com “aquele ódio que se distingue do amor, do amor mais insano, por um mero fio de cabelo!” — repetindo a passagem marcada por ela com asterisco na introdução de Mark Slonim a *Os irmãos Karamazov*.

Que reação poderia ter Aurelia ao *post-mortem* de Ted? Ela queria que Warren e a esposa, que foram à Inglaterra para o enterro da poeta, voltassem para os Estados Unidos trazendo seus netos. Quando Ted resistiu a tal ideia, Aurelia limitou-se a acalmar Hughes e aqueles à sua volta de modo a poder manter contato com os netos. Tentou obter a ajuda do dr. Horder, que lhe respondeu em 17 de outubro de 1963: “O comportamento de Ted é decepcionante (...) Eu me sinto totalmente impotente porque jamais tive algum relacionamento de fato com Ted e ficou bem claro, faz apenas três

semanas, que nenhum relacionamento de natureza construtiva será possível entre nós devido ao que aconteceu.”

Hughes se preocupava, conforme escreveu a Aurelia três meses depois do suicídio, que ela fosse “choramingar” junto aos netos, sobretudo Frieda, tentando vê-la como substituta da filha. Temia o amor opressivo de Aurelia, que os engolfaria e distorceria a noção de realidade das crianças, que eram jovens demais para entender o que estava acontecendo. Como seus sentimentos e os de Aurelia já não tinham um “objeto terreno”, observou, a ligação de ambos com Sylvia os libertava para encará-la com uma intensidade “sobrenatural” e até mesmo “religiosa”. Não era seu desejo negar a Aurelia as oportunidades de visitar os netos, mas precisava lhe dizer ostensivamente que sua “ansiedade vigilante” tornara a vida muito mais difícil para Sylvia e ele não queria ver o mesmo padrão se repetir com os filhos.

Enfurecido, Ted disse a Aurelia que fora informado por amigos de que a sogra tentara obter mais detalhes sobre seu casamento com Sylvia. Warren havia procurado o advogado de Sylvia, relatou Aurelia a Frances McCullough, a responsável pela publicação de *Letters Home*. “O advogado foi muito receptivo. Abordou livremente o assunto (...) Sylvia estava firme quanto ao divórcio, até pouco antes de sua morte, quando sua força se esvaiu...” Já na época, anos antes que os biógrafos se debruçassem sobre o caso, Hughes disse se sentir “sob investigação” e se ressentir das insinuações de que estaria escondendo algo que Aurelia teria o direito de saber. Determinadas perguntas de Warren haviam deixado Ted desconfiado, e ele começou a declarar que apenas “sua autoimolação ao nome de Sylvia” bastaria. No entanto, quando afirmou que seu amor por ela não morreria e que jamais se casaria de novo, o que estaria propondo se não um tipo de autossacrifício? Mesmo enquanto escrevia cartas para Assia Wevill,

declarando-se totalmente dela, Ted insistia em sua própria forma de consagração a Sylvia Plath. Seu comportamento, quando Aurelia chegou para checá-lo (esse foi o termo usado por Hughes), assinalou a primeira fase de sua tentativa obstinada, porém vã, de ditar o evangelho da biografia de Sylvia.

Hughes vislumbrava uma vida em que seus filhos não “voltariam a sucumbir ao magnetismo de Sylvia”. Estava também determinado a manter sua família distante dos “curadores do passado”. Em outras palavras, somente Ted Hughes presidiria o templo de Sylvia. Para ele, era absolutamente fantástico o fato de Aurelia supor que ele fosse manter Court Green, o “local, com efeito, do meu crime contra ela, contra mim e contra tudo que é humano”. No entanto, um mês depois, Hughes escreveu a Gerald: “Tenho pensado em não me desfazer de Court Green.” O dinheiro com frequência era objeto de grande preocupação para Hughes. Ele esperava que a propriedade se valorizasse e pudesse vir a se tornar um “resort campestre” para seus filhos. Aurelia estava na Inglaterra nesse momento, o que significava, disse Ted ao irmão, “quatro semanas de tensão”.

Ele instalara Assia no apartamento de Sylvia em Fitzroy Road, contra a vontade da própria tia Hilda, que descreveu Assia como uma

Cleópatra reencarnada. A princípio eu não aguentava nem sequer vê-la e lhe disse para dar o fora e deixar Ted em paz durante algum tempo até os Plath e eu termos ido embora. Mas, é claro, ela não se importou & Ted me mandou cuidar da minha vida (...) Ted está enfeitiçado e eu lhe disse que está apenas trocando uma sujeição por outra e que um dia Assia há de virar um demônio (...) Cheguei à conclusão de que onde quer que Ted esteja haverá mulheres, por isso não é bom ficar por perto (...) Também me preocupo com as crianças.

Al Alvarez e a esposa, Anne, partilhavam dessa mesma visão quanto a Assia, com quem haviam visto Ted durante esse período. A mulher parecia manipuladora — e muito satisfeita consigo mesma.

Em 2 de setembro de 1963, Edith Hughes escreveu para Olwyn preparando-a para a situação existente em Court Green. Elizabeth Compton (“muito gentil & que será útil até você se instalar”) dissera a Edith que Sylvia chamara Assia de “demônio. Espere para ver o que ela há de fazer com Ted”. Edith aconselhou Olwyn a não ser dura com o irmão, mas também a ser firme quanto a Assia. “Não seja conciliadora (...) ou ela pode querer se mudar para lá. Pelo bem de Ted & das crianças, isso não pode acontecer.” Com Olwyn e tia Hilda instaladas em Court Green em outubro, Ted prometeu a Assia encontrar outra moradia para ambos, mas jamais abriu mão de Court Green.

Numa carta para Aurelia, ele mandou muitas notícias dos filhos, sobretudo de Frieda, sua preferida. Parecia aliviado com o fato de ambos terem se adaptado ao velho lar. Contou, ainda, que era bem tratado por todos, inclusive por Elizabeth Compton, que havia sido próxima de Sylvia. Estava negociando com editores a publicação de poemas da ex-esposa. Com absoluto controle sobre o patrimônio de Plath, e ainda não exposto ao escrutínio público quanto a seu papel na morte dela, Hughes parecia especialmente motivado a promover o trabalho de Sylvia, “escrito a sangue”, conforme disse ao poeta Donald Hall, levantando reservas quanto a certos poemas que Hall pusera no papel.

Tudo iria mudar — de forma bastante radical — na vida de Ted Hughes com a publicação, em março de 1965, de *Ariel*, o livro que confirmou o status de Sylvia Plath como poeta de estatura internacional. Assia Wevill, desgastada pelo estresse de conviver com a imagem de Plath — que se transformara, nas palavras de Hughes, numa “figura pública espetacular” —,

deu à luz em 3 de março de 1965 a uma filha dele, Shura. Um Hughes ressabiado acusou Assia de guardar suas cartas, talvez para usá-las mais tarde para prejudicá-lo — essa foi a reação dele contra o cerco dos “bisbilhoteiros e oportunistas safados”, embora os primeiros biógrafos ainda estivessem por chegar. Ted instruiu Assia a queimar as cartas para que não fossem “interceptadas”. Anne, esposa de Alvarez, via o casal de cabelo preto, Ted e Assia, com tanta frequência vestido de preto, como duas panteras rosnando uma para outra: “Era muito desagradável.” Anne se lembrou de uma visita feita a Assia, acometida por uma virose: “Ela estava na cama de Sylvia, muito bem-vestida e glamorosa, e a cena realmente me deu arrepios... Não falou de outra coisa a não ser de Sylvia.”

Eis que surge Lois Ames, uma amiga de Sylvia, determinada a escrever a primeira biografia. Conseguira a aprovação de Aurelia. Hughes se mostrou disposto a cooperar, desde que o livro fornecesse uma visão breve e superficial da vida da poeta, baseada sobretudo em reminiscências guardadas pelas “pessoas certas”. Ele declarou sua intenção de boicotar qualquer biografia moderna de larga escala, do tipo que inevitavelmente se revelava reducionista, afirmou a Aurelia e Warren quando lhes escreveu em março de 1966. Embora tenha trabalhado durante diversos anos na biografia, Ames desistiu dela em 1974, dizendo muito mais tarde numa entrevista que “foi ficando cada vez mais difícil para mim fazer isso, como vêm descobrindo outros biógrafos. Decidi finalmente, em prol da minha própria sanidade e da minha família, que era melhor devolver o adiantamento à editora Harper. Sempre achei que tomei uma sábia decisão”. Seu “Notas para uma biografia”, que foi publicado em *Tri-Quarterly* 7 em 1966, soa como um trabalho de circunspeção vitoriana. O último ano de Sylvia é descrito como “difícil”, e Ames nem sequer menciona a separação do casal, dizendo apenas que Plath se mudou para Londres e que, “apesar dos

cuidados de um médico e dos sedativos receitados, Sylvia foi incapaz de lidar com a situação”.

Hughes contribuiu com notas biográficas para o mesmo número da *Tri-Quarterly*, justificando-se com Aurelia, em 19 de maio de 1966, ao dizer que Sylvia já se tornara uma “lenda literária” — sem reconhecer seu papel nesse feito. Situou-a bem à frente de Robert Lowell e ainda melhor do que o padrão de Hughes, Emily Dickinson. Seu fervor contradizia a alegação de que não desejava se rotular de “alto sacerdote dos mistérios de Sylvia”. Isso, porém, foi precisamente o que ele fez ao reivindicar controle total não apenas sobre a obra da ex-esposa, mas também sobre a forma como sua vida deveria ser reverenciada.

Depois de a poeta receber um tratamento aviltante e maldoso na *Times*, Hughes se solidarizou com Aurelia em 13 de julho de 1966. O exemplar de 10 de junho da revista trazia uma resenha de *Ariel*, focada em “Daddy”, transcrito integralmente, e rotulando o poema de um exemplo do estilo de Plath, “brutal” como um porrete. O poema era “meramente o primeiro jato de fogo expelido por um dragão literário que nos últimos meses de sua vida vomitou um rio vivo de lava no panorama literário”. Na Grã-Bretanha, *Ariel* vendera 1.500 exemplares em dez meses, número em geral associado a um best-seller, segundo a *Times*.

O remorso de Hughes quanto a seu papel no suicídio de Sylvia era agora superado pela sua fúria com o desnudamento póstumo dela. Ele se arrependeu de publicar *Ariel* nos Estados Unidos — embora seja difícil entender como equacionar seus temores e o desejo de promover a grandeza de Plath, sobretudo porque dera um jeito de publicar o livro com uma introdução de Robert Lowell para atrair atenção. Hughes deplorou a vinculação simplista entre os poemas de Plath e seu suicídio. Com efeito, os poemas a tinham “curado”, discordou ele.

Em dezembro, Aurelia escreveu para Elinor Epstein, agradecendo-lhe a publicação de um livro de memórias que honrava sua amizade com Sylvia sem revelar as intimidades que as duas partilharam. O livro anódino de Epstein, enfatizando a pessoa vivaz que era a poeta, apenas serviu para impulsionar uma enxurrada de reminiscências, pró e contra Plath. Em 3 de dezembro de 1966, Aurelia escreveu para Epstein: “Estou cansada da ‘lenda/da imagem.’”

Mesmo enquanto se permitia esvaziar as tentativas de qualquer um — salvo ele próprio — retratar Sylvia Plath, Hughes copiava o próprio padrão doméstico desordenado que contribuíra para a morte da poeta. Uma desanimada Assia Wevill começou a se convencer de que não apenas lhe seria impossível competir com a lenda, como nem sequer seria capaz de conseguir que Hughes cumprisse a promessa de encontrar um lar permanente que ela pudesse chamar de seu. Em vez disso, era obrigada a tolerar uma série de domicílios improvisados, a começar pelo apartamento da Fitzroy Road, depois Court Green, seguido de um breve período na Irlanda — e em seguida voltar para Court Green para confrontar a hostilidade dos pais de Hughes, ali instalados como caseiros sempre que a sensibilidade devastadora de Ted o levava a partir para a cidade ou para outros locais que recebiam de bom grado essa controvertida celebridade da poesia. No fim do ano, Assia voltou para Londres com Shura, matutando sobre o que fazer quanto às promessas rompidas de Hughes.

Para Daniel Weissbort, em dezembro de 1966, ele revelou seu lado zombeteiro que tanto revoltava Plath: primeiro o tônico estimulante da vida campestre pacata, depois a momentânea sensação de equilíbrio daí resultante e então a fuga para a cidade a fim de “passar o pente-fino nos piolhos familiares”. Plath entendia a necessidade de afastamento de Londres — ela própria a sentia —, mas formular tal necessidade de forma tão

asquerosa e se deleitar em renegar a domesticidade que lhe era tão cara a enfurecia, sobretudo porque Hughes podia passar de flexível a desdenhoso num piscar de olhos. Muito já se escreveu sobre os humores instáveis de Plath, mas Hughes não ficava muito atrás.

Em 25 de maio de 1968, Olwyn escreveu para Aurelia trazendo à baila a ideia de publicar *A redoma de vidro* nos Estados Unidos — ainda que, conforme admitia na carta, Ted houvesse lhe dito que Aurelia era teimosamente contrária a tal publicação. Pense em como será muito maior o dinheiro obtido com um romance do que com um livro de poesias; dinheiro que beneficiará as crianças, argumentou Olwyn. A resposta de Aurelia, que ela própria decidiu não enviar a moça, foi ríspida e direta: “Sem dúvida as crianças hão de respeitar o pai, quando forem adultas, por ele ter se recusado a ganhar dinheiro para elas a custo tão alto para os parentes da mãe!”

Olwyn persistiu ao longo dos dois anos seguintes, escrevendo uma série de cartas para Aurelia, mais tarde recolhidas ao arquivo de Sylvia na Smith. Em 2 de julho, Olwyn argumentou contra o medo exagerado da publicidade em torno da publicação de *A redoma de vidro*. Ninguém daria muita importância às figuras da vida real que Sylvia transformara em seus personagens. A própria autora ficara decepcionada quando a Knopf não quis publicar o romance. E, para completar, Olwyn sugeriu que Aurelia estaria privando Sylvia do seu lugar no “nosso legado literário”. Uma Aurelia cética e furiosa fez anotações nessa carta, mencionando a polêmica que “Daddy” havia causado. Escreveu para Olwyn uma semana depois, dizendo que esta não fazia ideia da “cobiça” da imprensa americana e da indústria cinematográfica, que só se interessariam pelos aspectos sensacionalistas de *A redoma de vidro* e pelo suicídio de Sylvia. Aurelia consultara um advogado, que apenas confirmou seus temores. Num bilhete não enviado, datado de 29

de dezembro, Aurelia foi direta com Olwyn: esperava-se não só que Aurelia sofresse a publicação do romance, como também que “o sancionasse!”. Olwyn recuou, temporariamente, embora tenha mencionado opiniões de escritores como Alan Sillitoe, que considerava o romance uma obra respeitável. As cartas posteriores de Olwyn para uma Aurelia inflexível garantiam que o espólio poderia controlar a publicidade em torno de Sylvia dirigindo todas as perguntas a respeito de sua vida a Lois Ames — que se tornou, com efeito, não apenas a biógrafa autorizada, como também a proprietária da biografia.

Foi quando Frances McCullough anunciou que a Random House planejava lançar uma edição americana de *A redoma de vidro*, aproveitando-se da lei de direitos autorais então vigente: “Plath ou seu editor na Inglaterra teria de haver publicado o livro nos Estados Unidos no prazo de seis meses, mas, como a autora nunca pretendeu publicá-lo aqui e ele foi publicado sob pseudônimo, isso jamais aconteceu.” McCullough entrou em contato com a Random House e “conseguiu convencer a editora de que publicar o livro seria falta de ética, já que Ted Hughes prometera à mãe de Sylvia que isso jamais aconteceria”. Aurelia, preocupada com a própria saúde em deterioração e com a segurança financeira, percebeu que nada cessaria o interesse por todas as facetas da vida e da obra da filha. Em consequência, seguiu o conselho de Frances McCullough, segundo o qual para “proteger o livro” seria preciso publicá-lo. “Mais tarde tornou-se possível alterar a provisão de direitos autorais e ele foi registrado em nome de Frieda e Nicholas”, explicou McCullough a Beth Alvarez, arquivista da Universidade de Maryland.

Em 23 de março de 1969, Assia Wevill suicidou-se junto com a filha, inalando gás. No ano anterior, sua vida com Hughes se tornara insuportável. Ela escrevera para Aurelia em 4 de janeiro de 1968: “Ted me disse que eu

não tinha serventia alguma para ele como inválida (isso foi durante a minha depressão pós-virose, sinusite, bronquite e outros), e considerei isso a coisa mais cruel que ele já havia me dito, visto que cuidei dele e da sua mãe durante as três semanas em que ele sofreu com hérnia de disco. De repente me ocorreu que esse grau de crueldade é capaz de me enlouquecer lentamente e que talvez eu deva pensar em viver sem ele.” A reação de Hughes à notícia foi a mesma de quando Sylvia se matou: “Não consigo acreditar que jamais tenha sabido o que realmente estava acontecendo com ela.” Para Celia Chaikin, irmã de Assia, ele afirmou que como casal os dois eram um só, razão pela qual o controle constante que ela fazia dele — até o telefonema dado pouco antes do suicídio — não o havia preocupado indevidamente. Ele andava ocupado e exaurido demais para lhe oferecer a esperança de que precisava. Ted bem poderia ter copiado as cartas escritas para Aurelia após a morte de Sylvia.

Escrevendo para Aurelia em 14 de abril, um angustiado Hughes aludiu à atmosfera infernal de Court Green, referindo-se à sua casa como se fosse um castelo gótico assombrado. O que poderia Aurelia pensar do seu comentário insensível de que ele e Assia tiveram a esperança de poder de “alguma forma expiar” sua culpa com Sylvia? E como ajudaria Aurelia ouvi-lo dizer que desde a morte de Sylvia sua natureza se tornara “negativa”, impelindo-o mais uma vez a começar de novo? Foi precisamente essa noção — a de que ele poderia simplesmente seguir em frente — que tanto devastara Plath.

Em 2 de maio de 1969, Olwyn ligou para Al Alvarez a fim de falar sobre o suicídio de Assia. Ele anotou em sua agenda: “Segundo Olwyn — que é pouco imparcial e deve estar mentindo —, Assia estava bêbeda... e tinha tomado comprimidos para dormir.” Quando Alvarez disse que crime mesmo havia sido matar a filhinha, Olwyn respondeu: “Ela não poderia deixar Ted com *mais* um filho órfão.” Um Alvarez atônito ouviu ainda que a última

semana de vida de Assia havia sido especialmente difícil. Ela devia estar com uma aparência horrível e talvez tenha pensado: “Perdi minha beleza. Ted jamais vai me amar.” Em sua agenda, Alvarez escreveu: “Olwyn mal pôde conter seu triunfo e desprezo.” Escrevendo para Peter Redgrove, um amigo, na primavera de 1970, Hughes poderia ter dito que se tornara um sócia do Manfred de Byron: “Pareço ter sido povoado pelos mortos, que não param de exigir Deus sabe o que de mim & me permitem muito pouco.”

Em agosto de 1970, Hughes casou-se com Carol Orchard, filha de um fazendeiro de Devon de quem ficara amigo. Assim como algumas outras mulheres que entram na vida de um escritor renomado em estágios mais avançados — Elaine Steinbeck e Mary Hemingway são dois exemplos —, Carol se tornou a consorte ideal. Como cuidadora do mito do marido, vivia ansiosa para fazer tudo que estivesse a seu alcance para manter longe do olhar do público a negatividade que Hughes identificara em si mesmo. A partir desse ponto, Carol e Olwyn uniram forças para garantir que o Ted de ambas fosse defendido e blindado contra ter de lidar diretamente com a lenda de Sylvia Plath. Por sua vez, Hughes sentia-se livre para ter casos amorosos, aconselhando Marvin Cohen, um dos amigos escritores de Olwyn, que a melhor maneira de superar a perda lastimável de uma amante era tratar sempre de ter outra à mão para substituí-la. Escrevendo para Gerald e Joan Hughes, Ted anunciou que vinha levando uma vida falsa desde os 16 anos e agora precisava começar “do zero”.

Em setembro de 1971, Hughes escreveu para Lucas Myers sobre a “mania Sylvia”, mencionando artigos de autoria de Al Alvarez e Elizabeth Hardwick, e observando que em Nova York Plath era o assunto das conversas literárias. O que Hughes não disse foi que sua decisão de publicar *A redoma de vidro* nos Estados Unidos havia detonado essa paixão. Alvarez quebrou o silêncio de modo audacioso, não só discutindo o suicídio de

Sylvia, como também refutando a afirmação de Hughes de que os últimos poemas da ex-mulher haviam sido analépticos. Como escreveu Alvarez em 1971 em *O deus selvagem*, “A arte não é necessariamente terapêutica (...) o ato de expressão formal simplesmente torna o material desencavado mais prontamente disponível para o artista, que pode muito bem se descobrir vivenciando-o ao lidar com ele. Para o artista, em resumo, a natureza com frequência imita a arte.”

Em novembro de 1971, Hughes escreveu para Alvarez “como amigo”, pedindo-lhe para não mais contribuir com a popularização do suicídio de Plath para uma plateia ansiosa por tais revelações. Trechos de *O deus selvagem* haviam acabado de ser publicados no *The Observer*. Essa exumação humilhante, como classificou Hughes, só degradaria a discussão em torno da poesia de Plath, e Alvarez sabia muito bem que a obra deveria se impor por si mesma. Especulação tão intrusa constituía uma ofensa a Hughes e a alguns outros que realmente conheciam as circunstâncias do suicídio de Plath.

Mas seria Hughes detentor desse conhecimento? Saberá sequer qual o papel desempenhado por Alvarez nos últimos meses da vida da poeta? Ao longo dos anos, o que Hughes sabia viria a mudar conforme ele foi desenvolvendo suas próprias teorias e racionalizações para as ações de Sylvia e as suas. Como todos os demais, ele não teve acesso às últimas horas de Plath nem a seus pensamentos. E também sugeriu que, pelo fato de Alvarez ter fornecido tantos detalhes, sua versão se tornara o “texto oficial” — uma noção absurda, sem dúvida, já que é da natureza da pesquisa biográfica ser eternamente provisória e estar sujeita a correções e revisões. Hughes exigira o direito de vetar o trabalho de Alvarez antes da publicação. Com base em quê, portanto, poderia Alvarez ter reivindicado uma autoridade independente? Mas Hughes acreditava que Alvarez não tinha direito algum

sobre tal assunto e devia apenas se sentir envergonhado, porque os filhos de Plath agora tinham de lidar com o que ele pusera no papel. Envenenara as mentes de Frieda e Nicholas com palavras que penetraram o cérebro deles como eletrodos. Hughes escreveu com uma série de insultos. Alvarez respondeu no *The Observer* (15 de novembro) a carta queixosa de Hughes, dizendo que seria melhor para todos, inclusive para os filhos de Plath, ter um relato direto e ponderado da vida e da morte dela do que suportar uma “nuvem de rumores vagos e maliciosos”.

Em 1972, a Random House publicou *Monster*, a radical coleção feminista de poesia de Robin Morgan, em que consta seu ataque ostensivo a Ted Hughes. Em “Arraignment”, ela o rotula de assassino de Plath. Sua denúncia inclui linhas que sugerem que ele teria abusado mental e fisicamente de Sylvia, efetuado uma lavagem cerebral nos filhos, tirado proveito do seu patrimônio literário e levado Assia Wevill à morte também. E tivera o apoio de um meio literário cúmplice nessas ações nefastas. Até Alvarez e outros críticos e poetas do sexo masculino simpáticos a Plath foram acusados de tê-la tratado com paternalismo. Como um credo para o movimento feminista, *Monster* atraiu atenção considerável, vendendo mais de trinta mil exemplares, um sucesso notável para uma coletânea de poesia. Depois das ameaças de Ted Hughes de uma ação judicial, porém, a Random House decidiu não publicar o livro no exterior. Como crítica, Janet Badia observa, na mais extensa abordagem do livro de Morgan e do que se seguiu a ele, que a hipérbole e a ironia de *Monster* — terminando na evisceração e assassinato de Hughes por uma gangue de feministas disfarçadas de tietes dele — são o epítome do feminismo militante na literatura da década de 1970. Edições piratas surgiram entre mulheres que organizavam piquetes nas leituras públicas de Hughes e mesmo na frente da sua casa. A própria Morgan, conforme relata em suas memórias, *Saturday’s Child*, recebeu um

telefonema de Doris Lessing lhe pedindo para desmobilizar os manifestantes e suspender a publicação de *Monster*. No entanto, como Badia chama a atenção, quanto mais Hughes e seus defensores buscavam livrar-se do livro, mais atenção ele recebia. Embora Badia tenha encontrado muito poucos indícios de um boicote disseminado a Hughes e sua obra, a imprensa repetiu a história amplamente divulgada de que ele se tornara vítima de um incansável ataque feminista.

Em março de 1972, a especialista em Plath, Judith Kroll, viajou a Londres para se encontrar com Olwyn e discutir a possibilidade de estabelecer textos definitivos dos poemas de Sylvia. Depois de escrever para a Rainbow Press a respeito de discrepâncias textuais numa edição da obra da poeta, Kroll ficou surpresa ao ser contatada diretamente por Olwyn. Descobriu então que Olwyn e Ted eram os fundadores da editora e achou Olwyn “formidável”: alta, ruiva e alternadamente amistosa e autoritária. Ela era facilmente distraída por um caso amoroso com um sujeito arruaceiro, identificado por Kroll apenas como “Richard”, que com frequência interrompia o trabalho de ambas e durante a segunda visita de Kroll, em junho, chegou mesmo a ameaçar destruir os documentos em que as duas trabalhavam. Kroll teve dificuldade para entender o que queria Olwyn, que aparentemente fazia comentários destinados a aborrecer a acadêmica cautelosa. “Acho que Sylvia só escreveu esses poemas para seduzir Ted e consegui-lo de volta”, comentou Olwyn. Era difícil para alguém manter o equilíbrio na presença dessa personalidade inconstante: Olwyn permitiu que a especialista ficasse com documentos valiosos durante muitos dias, apenas para se mostrar condescendente e indignada quando a acadêmica, que estava realizando um trabalho de edição considerável, trouxe à tona a questão do pagamento (não havia nenhum previsto). A natureza errática de toda a empreitada — frequentemente interrompida pelo exigente Richard,

que podia se tornar violento e levar Olwyn a “encerrar o expediente” — reduziu as horas que Kroll planejara dedicar ao trabalho. “Alguns homens eram grosseiros com ela [Olwyn]”, comentou Marvin Cohen, um amigo dela.

“Negligente e descuidada” foram os termos usados por Kroll para qualificar a custódia da obra de Plath por Olwyn, o que resultou em diversos erros que poderiam ter sido evitados em *The Collected Poems*. Tanto Olwyn quanto Ted não fizeram cerimônia quanto a reorganizar a ordem da obra de Plath, mesmo estando claro qual era a intenção da poeta. Ted passou várias horas com Kroll quando ela visitou Court Green. Elogiou seu trabalho, dizendo achar que ela acertava na maior parte do tempo. Vindo de Hughes, tratava-se realmente de um elogio, pois ele desdenhava o estudo acadêmico da literatura (abandonara seus próprios estudos literários em Cambridge em prol da antropologia, acreditando que, como diz a crítica Janet Badia, a crítica literária “destrói não só o poema, como também o poeta”). Graças à capacidade de Kroll para identificar as fontes biográficas dos poemas, porém, Ted tinha certeza de que ela havia conversado com amigos de Plath. Na verdade, a acadêmica obtivera tais conhecimentos por meio do estudo intenso da obra de Plath, o que a levou a identificar Aurelia com o poema “Medusa”. Ted e Olwyn lhe disseram que publicar a conexão do poema com Aurelia mataria a mãe de Sylvia. Quando Kroll respondeu à pergunta de Olwyn sobre seu signo astrológico, Olwyn exclamou que um dos seus planetas estava em “rota de colisão” com um dos de Aurelia. Em resumo, ela era “fatal para Aurelia”. Quando Kroll insistiu, dizendo que cedo ou tarde o histórico de “Medusa” viria ao conhecimento do público, Olwyn repetiu sua pergunta: “Você quer ser uma assassina?”

Em 1978, a estudiosa resolveu visitar Aurelia, que anunciou que não lera seu livro porque o editor não se dera ao trabalho de lhe enviar um exemplar.

A visita transcorreu bem e, algumas semanas mais tarde, Aurelia lhe escreveu para dizer que lera o livro e aprendera bastante com ele, que rotulou de “brilhante”, acrescentando depois que a sua identificação com Medusa era uma “brincadeira” entre ela e Sylvia. No exemplar anotado de Aurelia do livro de Kroll, agora na coleção Sylvia Plath na Smith, a mãe comenta a discussão sobre “Medusa”, observando que Sylvia costumava “implicar comigo sobre essa questão!”. Quanto ao comentário de Kroll de que o poema “mostra o exorcismo de um genitor opressivo”, Aurelia argumenta: “E eu me esforçava continuamente para libertá-la & encorajar todos os seus atos de independência!” Uma Aurelia agitada leu, então, que, como em “Daddy”, Plath criou em “Medusa” “um bode expiatório carregado de todos os males da sua história comprometida, fonte e sustento de seu eu falso, que, portanto, merece ser expulso”. No fim da página, ainda escreveu: “Eu me esforcei para me livrar dela & e no mínimo viver a *minha vida* — para não ser sugada para dentro das complexidades e crises dela. Eu adorava ficar com meus filhos — mas queria liberdade, o que Sylvia se recusava a me conceder. *Ela*, no verão de 1962, me mostrou uma casa onde queria que eu me recolhesse — na Ing!” Noutro ponto no livro de Kroll, Aurelia produziu a prova de que desejava uma Sylvia autônoma: “Mandei-a para a colônia de férias, deixei que frequentasse a Smith em lugar da Wellesley, fiquei encantada com a bolsa da Fulbright! Eu queria que ela fosse livre finalmente!”

Não menos que Ted Hughes, Aurelia Plath queria refutar diversos relatos da filha, sobretudo com relação ao *A redoma de vidro*. Em agosto de 1972, escreveu para a editora americana do romance, Frances McCullough: “Para mim, o livro em si sempre será insuportavelmente doloroso devido ao registro de sofrimento que ele incorpora e aos amigos decentes e leais que ele magoa. Ao mesmo tempo, sendo muito humana, me ressinto de ser

identificada com a ‘mãe’, cujos discursos moralistas e personalidade insípida me dão vontade de vomitar!” Aurelia acreditava que uma coleção de cartas demonstraria o quanto Sylvia havia sido amorosa com ela, bem como revelaria as tentativas da própria mãe para dar à filha todos os meios possíveis de apoio. Mas Ted Hughes detinha os direitos autorais sobre a correspondência, e Aurelia temia que Olwyn fosse bloquear a publicação do que levaria o título de *Letters Home*. Em 16 de agosto de 1972, Aurelia escreveu para Ted: “Olwyn, é claro, não me conhece tanto quanto você. Francamente, ela me assusta. Sou, creio, uma pessoa direta, descomplicada — financeiramente imprensada contra a parede nesse momento, porque, em boa-fé quanto a esse projeto, queimei minhas pontes [ela abandonara o magistério]. Dependo de você, Ted, para me libertar desse trabalho muito difícil, que estou fazendo pelos seus e pelos de Warren.” Como poderia Hughes lhe recusar isso, quando tantas vezes ele e Olwyn discutiram a publicação da obra de Plath com o argumento de que ela beneficiaria Frieda e Nicholas?

Hughes concordou com a publicação desde que Aurelia respeitasse sua censura às referências de Sylvia a ele. Queria que o livro fosse consideravelmente reduzido, de modo a ser lido como um romance, algo que, supunha, fosse calar os detratores e fazê-lo tornar-se um best-seller. Em outras palavras, ele continuava incapaz de perceber que fazia parte do próprio processo de investigação biográfica e popularização que condenava. Ainda que tivesse elogiado Frances McCullough como uma editora perspicaz, Hughes se surpreendeu com a objeção feita por ela aos extensos cortes que propôs e escreveu uma carta apaziguadora para Aurelia (após ela contratar advogados a fim de garantir que Ted cumprisse o acordo que fizera). Aurelia se insurgiu, afirmando que ele estava retalhando seu livro, mas ouviu que o genro a estava poupando da “gangue” — um de seus

termos favoritos, usado para descrever praticamente qualquer interessado em o que quer que fosse que tivesse a ver com Plath afora a obra dela.

Em setembro de 1972, Harriet Rosenstein publicou “Reconsidering Sylvia Plath” na revista *Ms.*, parte de seu trabalho para uma tese de doutorado na Universidade Brandeis. Plath já se tornara alguém de destaque, com cada linha por ela escrita como foco de discussão biográfica e debates críticos. Rosenstein é mencionada muitas vezes na correspondência de Olwyn como alguém que andara entrevistando amigos e associados de Plath, apesar de avisada por Olwyn de que Lois Ames detinha a exclusiva cooperação do espólio. De fato, a experiência de pesquisa de Rosenstein sobrevive no folclore de plathistas como um exemplo do que sofreram os biógrafos como resultado dos embargos do espólio da poeta.

Na coleção de Frances McCullough na Universidade de Maryland, a infatigável Rosenstein faz repetidas aparições como “Harriet, a espiã”, obtendo as cartas de Sylvia de forma furtiva, entrevistando a dra. Beuscher, escondendo gravadores debaixo de um sofá e, de maneira geral, “mostrando-se ardilosa” com Lois Ames — de tal forma que McCullough propôs a Olwyn fazer uma “trégua” com Rosenstein e nomeá-la biógrafa autorizada depois de dispensar a autora da “idiota biografia sancionada”. Olwyn, porém, não aceitou a sugestão, observando que Rosenstein vinha dizendo a terceiros que a irmã de Ted era “o verdadeiro monstro da história toda” e uma “bruxa”.

Em seu artigo na *Ms.*, Rosenstein emprega linguagem religiosa ao descrever a já dividida plateia de “apóstolos” e “infiéis” em confronto por causa de Plath. “Seitas” e “cismas” ameaçavam suplantar o objeto de estudo, nesse momento, o centro de uma “Guerra Santa”. O fato de Rosenstein estar brigando com todos os lados deveria tê-la colocado em posição de escrever uma biografia genuinamente independente. Ela entendia por que o uso da

raiva de Plath e a investigação que fez da vida e da rotina doméstica das mulheres faziam dela um ícone para o movimento feminista e uma nova figura impressionante na história da literatura anglo-americana. Ao mesmo tempo, a biógrafa expressou preocupação com o fato de que a própria voz de Plath houvesse sido sufocada pelos argumentos programáticos a respeito do que ela defendia. Era preciso fazer distinções entre Plath como uma figura representativa e a singularidade da poeta.

Escrevendo em 23 de novembro de 1973 para Clare Court, uma vizinha de Court Green que incorrera na ira de Olwyn ao escrever uma carta para o *TLS* elogiando Plath, Al Alvarez observou: “A srta. Rosenstein parece melhor do que a maioria (...) Parece muito rigorosa e também independente — embora ninguém saiba quanto tempo isso vá durar (...) Devo, porém, confessar que é deprimente pensar que a abominável Olwyn Hughes tenha conseguido assediar e insultar você também, de modo a calá-la. Ela tentou a mesma tática com tanta gente que não tenho muita esperança de ver emergir a verdade daquele episódio trágico e sórdido.” Pobre Clare Court, que havia sido seduzida pelas histórias de Sylvia sobre os andorinhões pretos que levavam a palha de sua casa para fazerem seus próprios ninhos.

Talvez a recalcitrância do espólio de Plath tenha sido, afinal, suficiente para impedir Rosenstein de publicar sua biografia. Talvez ela também tivesse ciência de outra contendora, Elizabeth Hinchliffe, uma aluna da Wellesley High School, editora convidada da *Mademoiselle* e autora de uma tese sobre Plath na faculdade Wellesley. Hinchliffe também fora caloura na Smith, parecendo, assim, mais uma “sósia”, algo de que a própria Plath teria gostado. A julgar por um manuscrito que consta do arquivo Frances McCullough na Universidade de Maryland em College Park, e por sua correspondência no arquivo de Alvarez na Biblioteca Britânica, Hinchliffe fez um volume considerável de pesquisas e entrevistas, reunindo detalhes

íntimos e até macabros que não lhe teriam granjeado simpatia em negociações com o espólio de Plath. Os arquivos Plath nada dizem sobre o que aconteceu à biografia de Hinchliffe. A coleção McCullough na Universidade de Maryland inclui uma carta de Olwyn julgando o trabalho de Hinchliffe de “altamente ofensivo e absurdo”. Ted Hughes escreveu mais tarde ao poeta e biógrafo Andrew Motion sobre biógrafos que não tiveram sorte tentando escrever sobre Sylvia, observando que Linda Wagner-Martin era “tão insensível que evidentemente escapou dos efeitos habituais de assumir essa específica empreitada — ou seja, colapso nervoso, surto neurótico, catástrofe doméstica —, o que em parte nos poupou de ver concluídas diversas paródias desse”.

Em 1973, Edward Butscher, que não era uma alma tímida, já estava adiantado na produção da primeira biografia extensa de Plath, descobrindo que “autores ingleses... relutantemente se recusaram a me receber com base no fato de não poderem revelar a verdade sobre os últimos anos de Sylvia e continuar a manter laços sociais e/ou profissionais com Ted e Olwyn Hughes”. Elizabeth Compton, uma vizinha de Sylvia em Devon, escreveu a Butscher: “Se você escrevesse o que sei sobre Sylvia não poderia publicar, porque Ted & Olwyn sem dúvida iriam processá-lo: ‘A verdade sobre Sylvia só pode ser contada quando você estiver morrendo’, me disse Ted algumas semanas atrás.”

Olwyn encontrou-se com Butscher três vezes e respondeu por escrito suas perguntas. A certa altura, ofereceu-se para atuar como sua agente no Reino Unido se ele submetesse o livro à sua aprovação. No início de 1975, Olwyn enviou correções detalhadas da biografia de Butscher, com objeções, sobretudo, ao retrato simpático que ele pintou de Sylvia depois que Ted a deixou. Na versão dela, Sylvia fora agressivamente ciumenta e expulsara Ted da casa que era dele, garantindo assim que ele se voltasse para Assia, cujo

comportamento era desculpável visto estar tão apaixonada por Ted. Olwyn, tentando mitigar o tratamento dado por Ted a Sylvia, defendeu incansavelmente um retrato positivo das ações de Assia — chegando mesmo a conseguir que o amigo de Assia, Edward Lucie-Smith, escrevesse um estudo de caráter que suavizasse a imagem que dela fazia o livro de Butscher.

Em 7 de abril de 1975, Butscher respondeu, agradecendo a Olwyn por poupá-lo de cometer alguns erros embaraçosos, mas também admitindo achar sua “missiva maciça” tediosa. Abordou as preocupações dela ponto a ponto, identificando fontes e observando que muitas de suas objeções diziam respeito a pontos de vista de Sylvia, que o biógrafo estava tentando respeitar. Ele não pretendia reescrever o livro. Quando Olwyn exigiu mais mudanças e mencionou sua intenção de contatar o editor, Butscher respondeu em 5 de maio de 1975 que considerava essa reação uma ameaça. Encorajou-a a ir em frente, dizendo que a Continuum Books ficaria encantada de anunciar a biografia como “O LIVRO QUE HUGHES TENTOU CASSAR!”. Também a fez saber que contratara um advogado que, depois de examinar o livro, lhe garantiria que ganharia qualquer ação judicial que viesse a ser proposta (Olwyn já sugerira que determinadas passagens podiam ser passíveis de processo por injúria, calúnia e difamação). Embora inicialmente tivesse acreditado na sinceridade dela, agora percebia que um número significativo de suas “sugestões recentes cheira a censura”. Concordou em mudar a redação de alguns trechos, mas nada além disso. Se lhe negassem a permissão para reproduzir trechos da obra de Plath, ele iria promover uma campanha de cartas de leitores a periódicos literários e jornais, prometeu, condenando a “pré-censura” e a “tática mão pesada” de Olwyn. Concluiu dizendo não considerar tais propostas de ação ameaças, mas apenas recursos para cumprir seu dever com “a literatura e o academicismo objetivo”.

A resposta de Olwyn em 12 de maio foi indulgente, sugerindo que a “fúria” de Butscher era resultado da carta dela escrita às pressas, enviada cedo demais devido à pressão de outros compromissos. Mas, em meados de julho de 1975, quando o livro já se encontrava em fase de provas e as correções seriam onerosas para o autor e o editor, a irmã de Ted ainda continuava a exigir mudanças e cortes — mesmo depois de ter endossado o pedido de permissão da Harper’s para reproduzir trechos da obra de Plath. Butscher concordou com mais algumas alterações, dizendo a ela que era tarde demais para ir além disso. Três anos depois, numa troca de correspondências com Peter Owen, editor de uma coleção de ensaios de Butscher, *Sylvia Plath: The Woman and the Work*, Olwyn queixou-se do “abominável Butscher” como um “sujeitinho vingativo”.

Resenhando *Letters Home* no *Los Angeles Times Book Review* (23 de novembro de 1975), a poeta e romancista Erica Jong queixou-se de que a obra de Plath havia sido conspurcada por “parentes... ansiosos... para suprimir a verdade”. Para Jong, Ted, Olwyn e Aurelia não eram melhores do que outros comentadores que tinham “contas a acertar”. No *The National Observer* (10 de janeiro de 1976), Anne Tyler, uma romancista bastante respeitada, foi igualmente ferina, chamando a Sylvia de *Letters Home* de uma “imagem de cera”, e a coleção de cartas não muito mais que um livro de recortes de família. No *Southwest Review* (verão de 1976), a acadêmica Jo Brans questionou a “confiabilidade das cartas devido à edição sofrida”. Tantas elipses sugeriam um cunho tendencioso. Os comentários de Aurelia, em itálico, foram desprezados por serem uma racionalização reduativa.

Sylvia Plath: Method and Madness, de Edward Butscher, lançado quase simultaneamente à publicação de *Letters Home*, forneceu uma explicação para os leitores que não entendiam como a filha dócil do livro de Aurelia podia ter escrito a escaldante poesia do último ano de Sylvia. O biógrafo

argumentava que Plath precisou libertar-se do seu recato feminino e valores de classe média para se tornar a “deusa-cadela” totalmente consumida pela sua arte. Como muitos críticos, o amigo de Sylvia, Phil McCurdy, achou que Butscher havia extrapolado em sua tese. “Você coisifica características demais”, escreveu ao biógrafo. Numa carta posterior para Butscher, McCurdy expressou sua gratidão a Sylvia, que o transformara num homem melhor. “Se isso era apenas resultado de uma racionalização doentia, manipuladora — até mesmo inconsciente —, fico feliz por ter sido um dos alvos!”

Embora tenha sido acusado de misoginia e psicologização superficial, Butscher revelou-se um crítico astuto, estabelecendo “quase todas as fórmulas que biógrafos posteriores adotariam e reforçariam”, opina Susan R. Van Dyne em *The Cambridge Companion to Sylvia Plath*. Prejudicado em alguns casos por sua incapacidade de dar nome aos bois (tanto Assia quanto Dick Norton receberam pseudônimos), Butscher ainda assim extraiu o testemunho de muitos observadores importantes, ao mesmo tempo que atestava sua confiabilidade. Um ano depois, em *Sylvia Plath: The Woman and the Work*, Butscher incluiu memórias importantes de autoria de Clarissa Roche e Elizabeth Sigmund (casada com David Compton quando conheceu Sylvia em Court Green). Sigmund identificou Olwyn como “a pessoa mais difícil da família de Ted”, alguém que “temia o talento e a beleza de Sylvia, ressentindo-se de ambos, bem como de seu relacionamento com Ted”.

Em 1977, Ted Hughes publicou uma coletânea dos contos de Plath, *Zé Susto e a bíblia dos sonhos* (1977) seguida, em 1981, por *The Collected Poems*, com notas e introduções auxiliares, e depois, em 1982, por uma edição revisada dos diários de Sylvia, comandada por Frances McCullough. Hughes queria que McCullough cortasse as referências à sua “falta de educação”, porque elas incomodavam sua esposa, Carol. Trechos que criticavam Aurelia também tiveram de ser removidos, assim como diversas

referências a amigos de Ted. Uma McCullough exasperada escreveu para ele em 21 de setembro de 1981:

O efeito de boa parte dos cortes é suprimir a sexualidade de Sylvia. Isso me parece realmente equivocado (...) É absurdo pensar que Aurelia possa ficar envergonhada com o fato de Sylvia ter impulsos sexuais na universidade — uma das grandes virtudes de Aurelia em *LETTERS HOME* é falar francamente sobre sexo com Sylvia e tentar ao máximo parecer liberal a esse respeito, fossem quais fossem seus sentimentos verdadeiros. Suprimir tais passagens com base em que ela possa levantar objeções às mesmas parece apenas puritanismo, trivializando Sylvia (...) Já houve tanta censura cercando Plath que seria muito melhor simplesmente conservar o material desagradável. Com efeito, acho contraprodutivo censurá-lo...

Inabalável, Hughes pensava apenas na humilhação da esposa e dos filhos. McCullough escreveu para Olwyn quase uma década mais tarde, depois da publicação dos diários: “Houve uma possibilidade genuína de o livro ser cancelado devido à última série de cortes.” A editora retirou-se do campo de Plath, queixando-se com Olwyn de que estava cansada das acusações de ser um “bode expiatório para Hughes em suas tentativas de condenar Sylvia ao ostracismo por meio da censura” e dos ataques de Olwyn, que a chamava de “arquiteta de uma trama inteligente para inflamar as feministas”.

Como aconteceu com *Letters Home*, a reação dos resenhistas aos diários de Plath foi previsível. “O que realmente aborrece são as longas sombras de censura que caem sobre esses documentos”, queixou-se Marni Jackson na *Revista Maclean's* (17 de maio de 1982). “A decisão de publicar seu diário deveria respeitar a personalidade contraditória dela; em vez disso, a edição

nos faz sentir que o marido, a mãe e a editora de Plath estão espiando por cima de nossos ombros enquanto lemos...” Como muitos críticos, Miriam Levine, no *American Book Review*, lamentou a admissão de Hughes de que havia destruído um dos diários de Plath e perdido outro. Em “The Second Destruction of Sylvia Plath”, Steven Gould Axelrod argumentou na *American Poetry Review*, que — assim como os últimos poemas de Plath — o último diário, destruído por Hughes, era provavelmente uma obra-prima. Axelrod citou os comentários de diversos outros acadêmicos e críticos, que consideraram a obra editada de Plath como um “escândalo”. Mirando na introdução de Hughes aos diários, na qual Ted sugere “O que está escrito dá a impressão de anotações apressadas, que dirigem a atenção para o problema central — ela mesma”, Axelrod conclui que era “muito possível que os escritos que nos impediram de ver tivessem dirigido a atenção para os problemas centrais dela — por exemplo, o problema do próprio Ted Hughes”. O papel dele no comando da carreira póstuma de Plath foi, em resumo, nada menos que deplorável.

Não só Hughes rearrumou a ordem dos poemas de *Ariel* para satisfazer sua visão de proprietário da genialidade da ex-mulher, como também perfidamente dividiu *The Collected Poems* em duas seções, uma delas uma espécie de gueto prisional chamado “Juvenilia”. Os poemas “maduros” datam desde 1956, o ano em que Sylvia conheceu Hughes. Assim, o desenvolvimento da poeta fica obscuro e incompleto em *The Collected Poems*. A exclusividade do volume não tem lugar para poemas como “Mad Girl’s Love Song”, por exemplo, um dos favoritos de muitos fãs de Plath.

Linda Wagner-Martin, pretendendo escrever uma biografia feminista que faria plena justiça à obra da biografada, criou caso com a tentativa do espólio de Plath de intimidar os biógrafos negando permissão para reproduzir trechos da obra da poeta caso a interpretação do biógrafo

divergisse da do espólio. Ao todo, Wagner-Martin cortou cerca de quinze mil palavras de seu livro quando ficou claro que não iria obter permissão para conduzir leituras minuciosas dos escritos de Plath. Exasperada, a biógrafa escreveu para Elizabeth Compton: “Nenhuma menção a Assia foi permitida, por exemplo. Bom, assim a separação parece ter sido porque Sylvia *perdeu* a cabeça.” Como observou Al Alvarez, Olwyn e Ted tinham uma “visão soviética da história”, acreditando ser possível “fazer sumir as pessoas com um passe de mágica”. Talvez o mais perturbador para Ted Hughes fosse o ceticismo de Wagner-Martin a respeito da sua afirmação de que ele e Sylvia podiam ter se reconciliado. Ted e Olwyn decidiram então que se tornara mais importante que nunca encontrar uma substituta para Lois Ames, de modo que a versão do espólio sobre a vida da poeta começasse a consertar os estragos feitos a eles por biógrafos não autorizados.

Para Dido Merwin, que agora desprezava Plath e endeusava Ted, qualquer biógrafo que achasse que Sylvia cometera suicídio depois de se dar conta de que os laços com o marido estavam rompidos se equivocava. Ted era uma “parte essencial, inerradicável, insubstituível do mito de Sylvia,” avisou Dido a Wagner-Martin numa carta (18 de setembro de 1985). Sylvia jamais pensara em pôr fim à vida, Dido tinha certeza. Ou melhor, as ações visavam assustar Ted e levá-lo a uma reconciliação. Na verdade, Dido estava organizando o que viria a se tornar a biografia autorizada de Anne Stevenson, que também iria redirecionar o foco para os defeitos e para a sensibilidade manipuladora de Sylvia. Dido resumiu a posição anti-Plath de forma deplorável em abril de 1986: “Acima de tudo, havia seu fenomenal senso dramático. Seu talento para organização e para identificar oportunidades. Uma capacidade para criar o máximo de embaraço, vergonha, consternação e desânimo, além, é claro, de culpa, como vingança contra qualquer coisa que a desgostasse, o que nos lembra um personagem

de Strindberg.” No fim, o que é tão perturbador a respeito dos relatos de Dido Merwin é o fato de ela se mostrar tão *segura* do próprio ponto de vista, sem enxergar qualquer mérito numa análise feminista, e descartar a narrativa de Wagner-Martin como um “cala-boca”. Boa parte da carta de Dido foi mais tarde incorporada ao livro de Stevenson como apêndice.

A biógrafa reivindicava uma espécie de autoridade absoluta porque estivera *lá*, tática com frequência empregada contra um biógrafo que não pode dizer o mesmo. Ainda assim, apenas um exemplo do seu equívoco de avaliação quanto a Hughes demonstra por que as declarações de uma testemunha ocular podem ser duvidosas. Dido não aceitava o fato de Sylvia ter se instalado no único cômodo decente para escrever no apertado apartamento de Londres que partilhava com Ted, relegando o marido a uma mesa de jogo no corredor. Ele, porém, disse mais tarde a Anne Stevenson: “Um dos melhores lugares [para escrever] que tive na vida foi o corredor do apartamento na Chalcot Square — um cubículo sem janela onde só cabia uma cadeira.”

Em 25 de agosto de 1985, Anne escreveu a Ted para informar que a Viking Penguin oferecera a ela um contrato para escrever uma biografia curta de Sylvia Plath. A remuneração era boa demais para ser recusada, admitiu. Repudiando o feminismo “descontrolado” e determinada a ter “tato”, garantiu a ele que poderia retirar qualquer trecho ofensivo. Hughes respondeu no outono de 1986 que recebera a carta com o “desânimo habitual”. Para ele, biógrafos eram estranhos cujas invenções derivavam de “uma porção de boatos transformados em lendas e mal-alinhavados”. Hughes, porém, pareceu mais conformado do que enfurecido. Mesmo os velhos amigos vinham então “dando com a língua nos dentes”, comentou, provavelmente pensando em Lucas Myers, que uma semana depois enviou suas memórias a Hughes. Myers concordara com o pedido dele para

suprimir passagens das cartas que lhe mandara e que pudessem ser mal interpretadas. Mas Hughes vendeu essas mesmas cartas a Emory, e elas foram mais tarde reproduzidas numa edição da sua correspondência. Com o incentivo de Olwyn, Stevenson perseverou enquanto Hughes lidava com a ação judicial de Jane Anderson. Ela alegava que ele havia permitido que o crime de difamação que sofrera em *A redoma de vidro* fosse perpetuado e amplificado na adaptação do romance para o cinema. A ação, finalmente encerrada com um acordo em 1987 por parte da AVCO Embassy, produtora da adaptação de *A redoma de vidro*, não custou um centavo a Hughes.

Não parece possível discernir consistência ou lógica alguma na administração dele dos próprios trabalhos e dos de Sylvia, talvez porque sua visão do casamento de ambos mudava continuamente. Para Myers, Hughes escreveu que se arrependia, por exemplo, de ter colaborado para a publicação de *Letters Home*, que polia o mito de Sylvia como mártir e absolvía Aurelia. O problema, disse a Myers, é que ele havia “mimado Sylvia” — precisamente o ponto abordado por Dido Merwin em suas memórias. Ele deveria simplesmente ter agido por conta própria em lugar de se submeter a Plath, concluiu Hughes.

Em meados de 1987, Stevenson abandonou o projeto da Viking Penguin em prol de uma biografia integral a ser publicada pela Houghton Mifflin e supervisionada pela mão pesada de Olwyn. Stevenson possuía um currículo promissor para um biógrafo de Plath. Era uma americana que fizera da Inglaterra seu lar. Pertencia à geração de Plath. Era poeta. Segundo escreveu a seu editor, Peter Davison, em 29 de dezembro de 1986, entendia a “identificação incomum de Plath com arquétipos mitológicos (Ísis, a Deusa Negra) e sua luta para ser as duas antíteses de si mesma: americana bem-sucedida, conforme o padrão da escola feminina Smith, e grande deusa-poeta...”.

Quase imediatamente, porém, Stevenson enfrentou problemas, relatando a Davison, em 25 de fevereiro de 1987, que tinha pouco acesso direto a Ted e não conseguia “contornar” as “ideias fixas” de Olwyn sobre o irmão. Depois de uma viagem até a Biblioteca Lilly, na Universidade de Indiana, escreveu a seu editor dizendo que Olwyn não conseguia entender que seus próprios preconceitos interferiam na biografia que ela queria escrever. Na biblioteca, Anne descobriu uma carta escrita por Sylvia no Natal de 1960-61, durante uma estadia na casa dos Hughes. Sylvia adotara sua costumeira reação despótica às críticas pessoais: “Olwyn fez uma cena tão dolorosa que jamais poderei permanecer sob o mesmo teto que ela, que nunca escondeu o ressentimento de mim. Sua relação com Ted é mesmo um tanto patológica.” Embora Anne já estivesse habituada a dar um desconto no tocante a muitas das declarações extremadas de Sylvia — sobretudo os ataques a Ted depois do fim do casamento —, no quesito Olwyn, a biógrafa “começava a pensar que Sylvia tinha razão”.

Olwyn era uma fonte indispensável para Stevenson, que obteve acesso a material e entrevistados inacessíveis a biógrafos anteriores. Davison, que não nutria simpatia por Sylvia, acreditava que a biógrafa teria a oportunidade de pôr fim ao mito da poeta martirizada, mas se deu conta de que Olwyn vinha sendo um obstáculo para tanto. Quando Davison lhe pediu para deixar Stevenson em paz, uma Olwyn ofendida voltou-se contra Stevenson, em 20 de agosto de 1987, negando a queixa de estar tentando “comandar o espetáculo”. Para Davison, Olwyn expressou sua raiva do “ressentimento feroz (algumas vezes) de Anne quanto à minha ajuda”. A insinuação da biógrafa de que Olwyn estivesse tentando “mudar o tom do livro” e a crença de Davison de que Anne pudesse dar conta do livro sozinha deprimiram Olwyn, que não via como Anne iria seguir em frente sem “dicas, ajuda e supervisão constantes”. Como sempre, Olwyn levantou objeções contra a

descrição de Ted, alegando que o material que Stevenson pretendia incluir era “difamador”. Pior ainda, numa carta para Anne em 13 de setembro, Olwyn acusou a biógrafa de se identificar com a biografada! Cuidado com a empatia, advertiu, garantindo a Anne que ela em nada se parecia com Sylvia, ainda que de vez em quando também surtasse.

Davison apoiou sua autora, dizendo a Olwyn que ele se solidarizava com “a sensação de Anne de que você às vezes dá a impressão de vigiá-la. Já é suficientemente difícil decidir o que escrever sem imaginar que alguém esteja escutando...”. Mas Olwyn declarou que Stevenson não era melhor do que a “deplorável Wagner”. Resumindo, Olwyn “apostara no cavalo errado”. Davison se alternava entre Stevenson e Hughes, apoiando a primeira e serenando a última. Enquanto a biógrafa se preocupava com a possibilidade de o livro lhe arruinar a reputação, Olwyn afirmava estar poupando o bom nome dela e exigiu 25% dos direitos de todo o trabalho, o que manteve Anne na linha. Davison, com um livro já atrasado seis meses, finalmente perdeu a paciência e disse sem rodeios a Olwyn, numa carta datada de 13 de janeiro de 1988, que estava disposto a cancelar a publicação. Ela havia assumido a direção, disse ele, inserindo trechos em seu próprio estilo, o que conflitava com o de Anne. Pior ainda, Olwyn queria 40% dos direitos, exigência que não deixaria Edward Lucie-Smith, um amigo seu, surpreso. Por mais que gostasse da amiga, ele a chamara de “vaca” em relação aos negócios, numa conversa com Edward Butscher. Davison não podia falar mais claro: se Olwyn não aprovasse o manuscrito que ele lhe mandaria dali a três dias, a biografia de Stevenson seria cancelada por “falta de cumprimento do prazo”.

Numa carta datada de 17 de fevereiro com carimbo de “não enviada”, um Davison irritado resumiu a postura de Olwyn: “Algo está errado. Alguém foi negligente. Você não aprova, não está satisfeita e vai retirar a

declaração de Ted ou a permissão para citar cartas dele...” Davison não tinha motivos para supor que um texto por ele editado fosse “ser aprovado por *você*”, concluindo que simplesmente não era possível para Olwyn “largar o osso”. Ela tinha “prioridades variadas demais”. Muitos anos mais tarde, Davison confidenciou a Karen V. Kukil, responsável pelos arquivos da Smith, que, no curso normal dos acontecimentos, sua correspondência teria sido destruída. Nesse caso, porém, seu desejo foi manter um registro do ocorrido.

Por que um editor tão experiente se deixou envolver em tamanha confusão merece ser comentado. Davison havia sido seduzido pelo acesso prometido não só por Olwyn, mas também por Ted (que almoçara com Davison e falara sobre a biografia). Acesso, porém, conforme ficou comprovado, significava obediência às condições de Olwyn, que só aumentavam. Por ironia, ela demonstrou exatamente o tipo de comportamento monomaníaco que atribuía a Sylvia. Em sua carta não enviada, Davison dizia ter acabado de perceber que Sylvia havia envenenado a vida de Olwyn. No entanto, quando ambas, Olwyn e Anne, concordaram em aceitar o julgamento de seu trabalho por Davison, ele decidiu ir em frente, observando que o livro havia “sobrevivido, por pouco, a uma série de grandes cirurgias, durante a qual os médicos aparentemente discordaram quanto a seus diagnósticos e tratamentos”. A guerra prosseguiu, com Anne atacando: “Quaisquer que fossem os defeitos de Sylvia, ela não pode ter sido mais cega ou perversa do que você no tratamento daqueles que tentou usar”, e Olwyn retrucando que Stevenson a estava manipulando “como fazia Sylvia”.

O resultado acabou se aproximando muito do que queria Olwyn. Ela cansara tanto o editor quanto a biógrafa, fazendo ambos chegarem ao ponto em que conseguiram seu “ok” relutante. Tentando ser otimista, Davison

escreveu a ambas para dizer como estava satisfeito com o livro, que agora equilibrava a “doçura” de Anne e a “asperza” de Olwyn. Quando foi lançada, recebendo críticas positivas e negativas, a biografia continha uma nota de Anne Stevenson afirmando que *Amarga fama* era praticamente uma obra de coautoria — uma admissão à qual Olwyn resistiu, mas acabou cedendo em lugar de se mostrar como a cobiógrafa do livro.

Em 22 de abril de 1989, o *The Independent* publicou uma longa carta de Hughes refutando diversas acusações feitas a ele por Ronald Hayman, que associava a suposta negligência de Hughes quanto ao túmulo de Plath à sua lamentável administração do espólio e dos biógrafos dela. Hughes observou de forma correta que jamais havia movido qualquer ação judicial contra um biógrafo, mas se disse ciente de que o espólio negara permissões a biógrafos para transcreverem trechos da obra de Plath, usando, com efeito, os direitos autorais como uma forma de censura. Hughes parecia pensar que, só porque os biógrafos haviam conseguido publicar, não houvera prejuízos. Quanto ao túmulo, confessou sua incapacidade de manter o local devido aos constantes furtos e desfigurações (três vezes o nome Hughes havia sido raspado, de modo a restar apenas o nome Sylvia Plath). Para ele, tal profanação confirmava sua crença de que seu direito a celebrar Plath havia sido aviltado.

Embora Paul Alexander tenha tentado obter a cooperação dele — ao menos no que tange a uma entrevista —, o biógrafo decidiu se manter ao largo do espólio de Plath depois da recusa de Hughes. Alexander teve um encontro memorável com Olwyn, que o relatou a Frances McCullough: “Alexander realmente me parece bastante perdido (...) Conteí a você sobre a grande inspiração dele? Para quem você acha que foram aquelas cartas, me perguntou ele, para as quais ela queria selos na sua última noite? Respondi que provavelmente tudo não passou de uma desculpa para descobrir se o

vizinho deixaria entrar a enfermeira no dia seguinte. Então ele anunciou, com os olhinhos brilhando, que eram para... Sassoon! Aconselhei-o a se limitar a escrever ficção...” Alexander produziu uma biografia “útil”, publicada em 1991, baseando-se em resumos e citações breves, um livro muito detalhado, utilizando intensamente os arquivos de Plath e centenas de entrevistas com pessoas que a conheceram. Em 19 de agosto de 1992, o espólio Plath entrou em contato com a editora de Alexander, a Penguin USA. O vice-presidente e principal advogado da editora, Alan J. Kaufman, respondeu:

Providenciei para que a obra em questão fosse cuidadosamente examinada do ponto de vista jurídico antes da publicação. Estou, portanto, surpreso com sua carta alegando que existem numerosos trechos que difamam acintosamente seu cliente, Ted Hughes.

Como editores responsáveis, estamos interessados em saber, com grande especificidade, exatamente que trechos na obra são difamatórios em relação a seu cliente.

Nenhuma ação judicial foi movida. Ted escreveu para Olwyn em 26 de agosto, alertando-a para não entrar numa discussão na imprensa com Alexander, já que ninguém se lembra do que é dito nos jornais, que se interessam apenas por “notícias quentes”. Olwyn deveria escrever seu próprio livro. O de Stevenson era “catastrófico”, acrescentou Hughes com floreio retórico, “porque tudo o que foi dito ali foi ouvido como se você a fizesse dizer — e como se eu fizesse você fazê-la dizer”. Apenas os livros alcançam novos leitores, argumentou. “Nada mais é acessível a eles. Pense, também, no adiantamento.” Embora tenha sido dito que Olwyn vem trabalhando em suas memórias, nada foi ainda publicado.

The Death and Live of Sylvia Plath (1991), de Ronald Hayman, seguiu uma linha mais ousada do que a escolhida por Alexander. Hayman argumenta que Plath cruzou a linha entre a vida e a arte, e que sua maior obra praticamente exigia ser lida em conjunto com sua biografia. Em outras palavras, o argumento convencional do biógrafo de que a vida ajuda a iluminar a obra foi revogado em prol de uma fusão de ambas, tornando a recusa do espólio a liberar material e suas tentativas de controlar o fluxo de informações sobre Plath ainda mais repreensível. Como os biógrafos poderiam diferenciar a Plath da vida privada daquela da vida pública? Embora os especialistas tenham se afastado da noção de combinar a poeta e sua obra, o argumento de Hayman é difícil de ignorar. Kathleen Connors e Sally Bayley observam em *Eye Rhymes: Sylvia Plath's Art of the Visual* (2007) que as “fronteiras entre os críticos literários, os biógrafos e os fãs” que se inclinam diante “do altar de Plath”, permanecem nebulosas.

Em 11 de fevereiro de 1991, o aniversário do suicídio de Plath, Janet Malcolm encontrou-se com Olwyn para conversar sobre o projeto de um livro, que se tornou *A mulher calada* (1994). Assim como Judith Kroll, Malcolm descreve Olwyn como uma pessoa “ameaçadora e impositiva”. Desdenhando o zelo trabalhoso de biógrafos que fingem ser neutros ou objetivos, Malcolm então desfere o golpe de misericórdia contra Olwyn: “Ela parece a diretora de um colégio ou uma guarda de prisão: alunos ou encarcerados vêm e vão, enquanto ela permanece.” Com efeito, no filme *noir* de Malcolm, ela se transforma na sra. Danvers, que recebe Rebecca (a biógrafa inexperiente) em Court Green, a Manderley da biografia de Plath. Não causaria surpresa a inclusão, por Malcolm, da frase de Daphne du Maurier: “Esta noite sonhei que voltava a Manderley.”

Malcolm, porém, é recompensada tão somente com a concordância relutante de Olwyn em levar a escritora importuna para dar uma olhada, de

fora, no apartamento da Fitzroy Road. Boa parte da conversa das duas gira em torno do fato de Olwyn ter servido de “babá” para Anne Stevenson e sem proveito, já que Anne, mesmo assim, entendera Sylvia de forma “errada”. Malcolm observa que o suicídio sempre deixa os sobreviventes com culpa, e nada pode ser feito a esse respeito, porque Plath continua “calada, poderosa” — e com a razão. Ela justifica a exigência de Olwyn para que Anne retirasse o relato do ataque que lhe desferira Sylvia como sendo o único método disponível de responder a Plath — ainda que as palavras ásperas de Sylvia possam ser interpretadas como uma influência tendenciosa, que o leitor é perfeitamente capaz de detectar. Olwyn, sugere Malcolm, não deixa o biógrafo nem o leitor fazerem seu trabalho. Apesar das críticas dela, Olwyn e o irmão lhe deram liberdade — talvez por ser tão evidente o seu desdém pelos biógrafos que não se preocuparam em tornar os Hughes seres humanos reais, lidando com uma situação difícilíssima, ambos desejosos de proteger a própria privacidade e fazer justiça à obra de Plath. Ted Hughes se deu conta de que Malcolm estava do lado do espólio, mas, ainda assim, antes da publicação do livro, ele tentou remover o que ela escreveria sobre Olwyn. Malcolm respondeu, em 16 de setembro de 1992, que naturalmente Olwyn constava na narrativa, mas não como uma “figura central”. A desconfiada biógrafa acrescentou: “Sinto que lhe contando isso estou dizendo mais do que devia (talvez você sinta que estou dizendo muito pouco)..”

Dona de um estilo brilhante, Malcolm evoca a problemática da biografia. Como seria possível aos biógrafos saber a verdade? Como dizia Dido Merwin, eles não estiveram *lá*. Claro que, sob tal lógica, Malcolm também é suspeita. Presumivelmente contudo, é mais digna, porque ao menos admite (realmente enfatiza) a falibilidade da biografia. No entanto, memórias escritas depois dos fatos não são menos falíveis, motivo pelo qual Malcolm se concentra nas cartas de Hughes, exibindo-o como um brilhante

intérprete da obra de Plath. Ela tem razão quando ressalta que em suas cartas Ted praticamente não expressa qualquer animosidade com relação a Plath, mas é difícil entender por que essas cartas deveriam ser encaradas como a última palavra. No fim, tudo indica que Malcolm se pôs a serviço de Ted Hughes, desejosa, como Olwyn, de salvaguardá-lo de predadores.

Ted, contudo, não viu as coisas assim. Para ele, Malcolm adotara o disfarce de uma objetiva contadora de verdades, dolorosa e lamentavelmente revelando “o ruim assim como o bom, porque essa é a verdade”. Sua mistura de comentários psicanalíticos e “insegurança interior” dão uma impressão de “verossimilhança impotente”. Malcolm conhecia seu público e sabia como ele devoraria vorazmente um livro controvertido escrito no patente estilo Malcolm. E Ted entendeu, conforme alertou Olwyn, que ela era o “alvo principal”. A essa altura, ele apenas fazia parte do “campo arrasado”.

Em *Cartas de aniversário* (1998), que contém poemas endereçados a Plath escritos ao longo de um período de 35 anos, o ex-marido finalmente apresenta suas desculpas. É difícil considerar a obra como uma biografia, pois ela tem a mesma relação com a realidade que o criativo trabalho de Plath. Ainda assim, um poema como “Fulbright Scholars” é quase irresistível, por representar tamanho antídoto para as amargas lembranças dos amigos de Hughes. Ao mencionar a franja “Veronica Lake” de Plath, ele evoca não só o glamour da poeta na Cambridge do pós-guerra, mas também o fato de ela transpirar muito mais estilo que suas contemporâneas. Era tão americana e tão romântica, uma garota de sonhos saindo de uma tela de cinema diretamente para seus braços, a sua Marilyn Monroe. *Cartas de aniversário* não é um registro do que aconteceu, mas uma lembrança lapidada do que Sylvia Plath significou para Ted Hughes.

Em perspectiva, ele se descreve em “Visit” como um candidato ao papel principal no drama dela. Hughes evoca o poder da “marca” que os dentes de

Sylvia lhe deixaram durante quase um mês depois de mordê-lo. O rito de sangue do primeiro encontro dos dois está presente em “The Shot”, na Plath “buscadora de Deus”, uma Ísis em busca de um Osíris para adorar — embora Hughes não dê nome ao deus que o define. Ele permanece em primeiro lugar entre os candidatos a deus depois que ela descarta os “caras comuns”, mas é notável nesses poemas a forma como sujeita a sua *persona* aos objetivos dela, copiando precisamente o padrão daqueles biógrafos de Sylvia por ele considerados abomináveis.

Cartas de aniversário também revela como era parca a noção que Hughes tinha do torvelinho interior da esposa até ler, como seus biógrafos, os diários e acompanhá-la em sua última e desesperada perseguição a Richard Sassoon em Paris. E igualmente aos biógrafos dela, Hughes não pode senão recriar seu sofrimento. Também ele não estava *lá*. Tenta adivinhar e especula, presumindo que a poesia, mais que a biografia, tenha licença pra recriar a vida de Plath. E se apaixona pelo mito de Plath como tantos outros, em “18 Rugby Street”, imaginando-a em visita aos “santuários” de suas viagens com Sassoon. Como, pergunta-se Hughes, estaria Plath “invocando-o”?

Terá sido a morte dela que o fez escrever de forma tão suplicante? Numa cena impressionante de humilhação, ele se refere não às armas que ele possui, mas à “artilharia” de Plath, quando a imagina subindo as escadas do apartamento depois das tentativas fracassadas de reter Sassoon. Plath praticamente emite fagulhas com a “pressão” de sua “efervescência”, sugerindo uma natureza eruptiva que praticamente subjugou Hughes. Ainda que se trate da hipérbole do olhar em retrospectiva, quão abrangente se tornara o mito, não apenas para seus biógrafos. É Plath, a deusa com carnudos lábios “aborígenes”, que inicia Hughes nos mistérios. Ela voa pelo apartamento de Londres como um espírito que ele não consegue conter, o

rosto tal qual o mar, sujeito a todo tipo de intempéries e ao jogo do sol e da lua. Devoto da astrologia — seu vocabulário aparece constantemente em *Cartas de aniversário* —, Hughes parece imobilizado pelos mapas dos humores de Plath, simplesmente “aguardando” até que ela possa moldá-lo. O que causa estranheza aqui é a ausência do Ted de Sylvia — ao menos daquele que ela via como um deus. Por que essa ausência em *Cartas de aniversário* do titã que Sylvia descreve em suas cartas, poemas e diários?

Hughes de vez em quando fornece vinhetas impressionantes do cotidiano mitológico de ambos, como a que alude ao desespero de Sylvia quando não o vê no local onde costumam se encontrar e sai à procura dele de táxi como se estivesse numa carruagem. Ele se encanta em “Fate Playing” com seu rosto e olhar quando o recebe como se ele “tivesse voltado da morte”, a resposta às preces de uma sacerdotisa. Então, ele “entendeu o que que houve/ O que é um milagre”. Aqui, Hughes revela por que ela Plath era tão irresistível, chegando mesmo a transformar o motorista do seu táxi num “pequeno deus”, que trata sua erupção de alegria como um ato da natureza ensopando a “terra calcinada” no “dilúvio” das suas emoções. Em “The Owl”, o abandono infantil que ela sentia na natureza despertou a própria “infância extasiada” de Hughes, trazendo-lhe de volta um arrebatamento fundamental vivenciado antes apenas com o irmão mais velho. Em “A Pink Wool Knitted Dress”, ele imagina seu casamento como as bodas do porqueiro com a princesa, o maltrapilho do pós-guerra “não exatamente... príncipe-sapo” unido à *persona* transfigurada e incandescente de Plath. Na lua de mel, descrita em “Your Paris”, ele é como o cachorro de Sylvia, farejando o medo e a corrupção na cidade colaboracionista, enquanto ela se deleita na aura de seus antecessores expatriados: Miller, Fitzgerald, Hemingway e Stein. Enquanto ele se atola na história, ela alça voo para uma mitologia autocriada.

Durante o período da lua de mel em Benidorm, na Espanha, Hughes, ao que parece, emerge pela primeira vez do feitiço de Plath, observando em “You Hated Spain” como o culto primitivo das touradas a amedrontara. Em contraste, ele se sente à vontade, percebendo nitidamente — talvez pela primeira vez — que parte dela ainda era uma “típica garota americana”. Desenhar a acalmava, funcionando também como afirmação do seu talento, que exercia um impacto benéfico sobre Hughes, que se sentia “libertado” — uma alusão aparente ao estresse que lhe causavam os humores oscilantes da esposa. Quando Plath adoeceu (com uma intoxicação alimentar), Ted se sentiu poderoso, apreciando o papel de cuidar dela como mãe, como ele havia sido cuidado — embora o medo fervoroso que Sylvia tinha da morte, seus “falsos alarmes”, despertasse a desconfiança dele quanto à sensibilidade exacerbada dela. Como haveria de saber quando ela estivesse de fato em seu extremo derradeiro? Essa pergunta assombra a *persona* que Hughes cria para si mesmo em *Cartas de aniversário*, enquanto tenta ler Plath, que o amarrara à sua busca pela fama. Do contrário, ele poderia estar, conforme afirma em “Ouija”, “pescando empoleirado numa pedra no oeste da Austrália”.

Em “The Blue Flannel Suit”, descreve Sylvia a bordo de um transatlântico que os leva para os Estados Unidos, novamente evocando uma vida que parece ter sido tramada para ele. Em “Child’s Park”, ela é tão potente que tem “um segredo plutônico” — expressão reminiscente dos artigos da década de 1950 que saudavam Marilyn Monroe como “a loura atômica”. Esses poemas sugerem que, de fato, o que abalou Hughes nos Estados Unidos foi a sua sensação de estar tirando proveito de Plath. Sua humilhação é palpável em “9 Willow Street”, em que chama a si mesmo de um “manikin in your eyeball”. Ao contrário da poeta, Hughes explica em “The Fifty-Ninth Bear” que não havia necessidade de transformar “em ficção aquele cenário falso”,

tornando maior o breve encontro de ambos com o animal do lado de fora da barraca no parque Yellowstone na história de um marido perseguido pela esposa importuna que o leva à morte. Existe em Hughes, assim como existia em Arthur Miller, um medo tenebroso de se tornar totalmente absorvido na imago da esposa. Ele trata a viagem ao Grand Canyon como a peregrinação de Plath ao oráculo de Delfos, buscando um sinal sobre o destino de sua gravidez de seis semanas. É de surpreender que esse casal tenha enfrentado sofrimento tentando viver no nível dos deuses? Antes do embarque para os Estados Unidos, ela sonhara que esse país faria de Hughes um poeta ainda maior, mas poemas como “Grand Canyon” sugerem que a vastidão da geografia americana apenas o fez ansiar pelas ruas estreitas de paralelepípedos de sua terra natal.

“Assombrado” não é propriamente a palavra para o que ele tem a dizer em “Black Coat” sobre o olhar penetrante, “de atirador paparazzo”, de Plath ao pô-lo de encontro a uma paisagem marinha, aparando-lhe as asas com sua câmera e o transformando — na imaginação de ambos — em seu pai, rastejando para fora do mar e escorregando “para dentro de mim”. Esse poema amplifica a potência dos ensaios autobiográficos de Plath, que transformam Otto Plath numa gigantesca besta marinha que, no poema retrospectivo de Hughes, lhe causa um arrepio, congelando-o para sempre em suas lentes. Captado pela dupla visão de Plath, Hughes se dá conta de ter se tornado um amálgama das lembranças e dos desejos dela.

Ele admite em “Stubbing Wharfe” que Plath tinha um alcance semelhante ao Atlântico, mas, enquanto ele se encantava com a ideia de um lar nos escuros vales da sua infância, ela via ali “escuridão”, a “face do nada”. Plath triunfou porque, como ele anuncia em “Remission”, sujeitou-se a uma gravidez “oceânica”, tornando-se exatamente o tipo de mulher fecunda de tempos imemoriais, a Vênus de Willendorf. Quando Hughes menciona a

parteira indiana de Plath, que parece ser uma deidade do Ganges, a imagem de voluptuosos ídolos femininos pendendo de templos indianos nos vem à mente. Não espanta, portanto, que em “Ísis” Hughes imagine o parto como a esposa despindo sua “mortalha” — ou quem sabe isso não passasse de uma interrupção na atração que ela sentia pela morte como se pai dela fosse? A esse respeito, Hughes não tem mais certeza do que os biógrafos de Plath, mas a imagina como um depositário de vida, uma Ísis carregando “o que nunca morreu, o que nunca conheceu a Morte”.

Em “The Lodger”, a mudança para Court Green se torna um anúncio da vida em desintegração de Hughes, que o faz sentir-se “já póstumo”. A mudança de endereço é parte do tema “opção pela via errada” que permeia esse trecho de *Birthday Letters*. Imagens em que ele escava um jardim são transformadas em imagens em que ele escava a própria sepultura. Hughes trata essa traição a si mesmo de modo muito semelhante à história do eu e seu duplo que tanto fascinava Plath. Com efeito, se apresenta como alguém sobrepujado por outrem, um “coringa alijado”. Em “The Table”, seu duplo se torna o pai de Sylvia, de modo que Hughes se mostra não como sua salvação, mas como sua desgraça, um ator sem script num “palco vazio”. Perdera, em outras palavras, a sua própria concepção do casamento de ambos.

Desse ponto em diante, ele parece retirar-se da imago de Plath, temendo em “Dream Life” a descida dela para a cripta de sua imaginação e sentindo a futilidade das próprias tentativas para lhe dar coragem e calma através da hipnose. Ela estava, na noção retrospectiva de destino de Hughes, se preparando para a câmara de gás. Em “The Rabbit Catcher”, ele se imagina novamente seguindo Plath como um cão, tentando se adaptar aos humores voláteis da esposa. Presa da hostilidade dela, pergunta-se se Sylvia estará expressando seu próprio “eu malfadado” ou reagindo a algo “noturno e

desconhecido por mim” — o mais próximo que Hughes chega da reflexão sobre sua culpabilidade. No entanto, ele se rende ao “novo mito”, termo seu, que a levaria de volta ao pai — tão seguramente quanto a criação de abelhas em “The Bee God” como forma de reverência ao seu “Daddy”.

Assia Wevill faz sua infeliz aparição em “Dreamers” como uma espécie de Lâmia, um demônio, que enfeitiça Hughes, que recupera o sonhador em si mesmo apaixonando-se por ela. O poema parece sereno demais, parte de uma mitologia, porém não parte do registro do que realmente ocorreu. Um Hughes sob pressão escreve como se não lhe restasse alternativa senão sucumbir a Assia, “contaminada por mistério erótico”, a antítese de sua esposa imaculada, que em “The Beach” buscava o mar como uma forma de limpar uma Inglaterra encardida ainda sob a camuflagem imunda dos tempos da guerra.

O Hughes que afirmou que a reconciliação com Plath continuava a ser uma possibilidade emerge por um instante em “The Inscription”, que reflete sua confusão a respeito dos sinais recebidos dela — exigindo que continuasse a seu lado ou insistindo para que “sumisse da terra”. Em “Night-Ride with Ariel”, ele atribui a indisposição dela para voltar a se comprometer com ele à influência da constelação de mulheres em sua vida: a mãe, a sra. Prouty, Ruth Beuscher e Mary Ellen Chase — todas qualificadas por ele de misturadoras das “wavelengths” de Plath, confundindo-a com seus conselhos. Hughes acrescenta seu próprio insight pesaroso em “A Picture of Otto”: “I was a whole myth too late to replace you”. Em seguida, *Cartas de aniversário* perde o rumo num fim enigmático, e Hughes jamais se reconcilia com seu papel na fase final do casamento. Em *Howls and Whispers*, publicado no mesmo ano em edição limitada que atraiu a atenção apenas de poucos acadêmicos, Hughes endereça mais cartas a Plath, dessa vez cedendo ainda menos espaço para a própria psicologia e responsabilidade,

produzindo uma obra sem polimento que é “excessivamente vituperiosa e autopiedosa”, nas palavras da crítica Lynda K. Buntzen, que observa a “falta de controle” do poeta.

As reações a *Cartas de aniversário* foram heterogêneas, variando de elogios à sua candura e lirismo até críticas às estrofes sem graça e semelhantes a prosa, bem como a seu tom justificativo. Alguns acharam que Hughes depositou o ônus do fracasso no complexo de Electra de Plath — embora ele não forneça explicitamente justificativas freudianas. No geral, ele parece ter feito algum bem a si mesmo ao produzir seu próprio diagnóstico da vida e da morte de Plath. Em *Ariel's Gift: Ted Hughes, Sylvia Plath and the Story of Birthday Letters* (2000), Erica Wagner, ao que parece, inicia uma nova tendência na exegese de Plath, argumentando que Hughes “honra a obra e a pessoa de Sylvia Plath. Não há maior prova de amor do que essa homenagem”.

Her Husband (2003), de Diane Middlebrook, faz uma investigação meticulosa e compreensiva do que os dois poetas deviam um ao outro. Com efeito, o livro de Middlebrook é a melhor resposta àqueles que açoitam os biógrafos com a afirmação “Você não estava lá”. Tirando proveito da perspectiva fornecida por biógrafos anteriores e da leitura atenta dos textos de Plath e Hughes, a autora supera em percepção os memorialistas que reivindicam os privilégios da proximidade. Rejeitando boa parte da especulação biográfica, Middlebrook aparentemente granjeou até mesmo o respeito relutante de Olwyn Hughes, que implicou com alguns fatos da biógrafa, mas também elogiou seus insights. Reverente em seu tratamento da devoção de Ted à literatura — sobretudo à sua leitura de *A Deusa branca*, de Robert Graves —, ela acaba por absolvê-lo: “O casamento de Hughes foi obra da Deusa branca, que reivindicou para si Ted Hughes por meio de Sylvia Plath: ele não teve escolha.” Essa sensação de predestinação é

abundante em *Cartas de aniversário*, absolvendo Hughes ao transformá-lo em nada mais que uma figura numa alegoria. A própria Plath estava ciente da tendência dele a virar as costas à racionalização em prol de horóscopos e predestinação. Em “Hill of Leopards”, Jess, inspirada em Plath, provoca o amante, nitidamente uma versão de Hughes, em relação à sua confiança nos horóscopos para avaliar a natureza humana. “É determinista demais”, diz ela.

Ostensivamente ausente de *Cartas de aniversário* está qualquer registro dos dias e horas finais de Plath. Em 11 de outubro de 2010, o *New Statesman* publicou “Last Letter” [Última carta], a coda de autoria do próprio Hughes, desenterrada de seu arquivo na Biblioteca Britânica. O poema, aparentemente jamais terminado, ostenta uma mudança de tom, motivo pelo qual talvez ele tenha optado por não concluí-lo para *Cartas de aniversário*. “Last Letter” tem muito a ver com o momento, centrado na eventualidade dos acontecimentos enquanto ele ruma a respeito do *timing* de seu último encontro com Plath — e por que ela lhe telefonara, queimara a carta que lhe escrevera e agira como se ele, de alguma forma, tivesse truncado suas intenções. Ao que tudo indica, Sylvia esperava que a carta não fosse entregue numa sexta-feira e, sim, após o fim de semana. Quando Hughes chegou ao apartamento naquela sexta-feira, dois dias antes de sua morte, ela estava nervosa. O que dizia seu bilhete? Acaso anunciava o suicídio ou era apenas o pedido de ajuda de que mais tarde ele comentou com Aurelia? A julgar pelo viés nebuloso dos versos de Hughes, sua visita a Plath não solucionou coisa alguma. Como a qualquer exegeta, só lhe resta especular sobre o que aconteceu. Ele a imagina telefonando para seu apartamento vazio. Nesse momento, na verdade, Hughes dormia com outra poeta, Susan Alliston, no mesmo prédio onde dormira com Plath pela primeira vez e mais tarde passara a noite de núpcias. Alliston representava,

ao que parece, um alívio depois de Sylvia e Assia, as duas “agulhas”, como são chamadas em “Last Letter”. Ele imagina Plath ouvindo o telefone tocar, uma cena que lembra Marilyn Monroe grudada ao telefone, ao mesmo tempo pedindo ajuda e dizendo adeus ao mundo que cortejara e perdera. Apenas algumas horas depois, um telefonema lhe transmitiu a notícia da morte da esposa.

Ted Hughes, que morreu em 28 de outubro de 1998, permaneceu evasivo até o fim, não fornecendo ajustes ao mito que tanto fizera para alimentar, ainda que condenasse seu desenvolvimento — e nem sequer por um momento analisando seu papel como sacerdote renegado. A biografia dele, escrita por Elaine Feinstein e publicada em 2003, não foi de grande ajuda para Olwyn. Em 25 de maio, ela escreveu ao cineasta Pawel Pawlikowski, dizendo que *Ted Hughes: The Life of a Poet* era “extremamente impreciso” e “boateiro”.

A filha de Ted, a única de Sylvia Plath a sobreviver (Nicholas se suicidou em 16 de março de 2009, depois de lutar com uma depressão cíclica), adotou a postura do pai, acusando os produtores do filme da BBC *Sylvia* (2003) de motivações voyeuristas, criando a “Sylvia boneca suicida” para os “consumidores de pipoca”. Em 2004, no prefácio para uma edição revista de *Ariel*, que retificava as mudanças feitas por Ted na primeira versão publicada da obra-prima de Plath, Frieda transmitiu a explicação do pai de que omitira determinados poemas porque eles magoariam pessoas vivas, outros por serem mais fracos do que os que acrescentara ao arranjo original de Plath. Frieda também atacou Aurelia, afirmando que, “quando pequena” (ela tinha pouco mais de 2 anos), observara a avó estimulando Sylvia a expulsar Ted de Court Green. Os arquivos Hughes na Emory University incluem outros exemplos da animosidade de Frieda em relação a Aurelia. Demonstrando considerável animosidade com os “estranhos” que tomaram

posse e remodelaram sua mãe, Frieda descreve um pai amoroso que ajudou-a a manter viva a memória da mãe. Esse laço com ele a faz desprezar outros que exaltaram sua mãe em seu próprio panteão. Mostra-se consternada com o fato de o pai “mais moderado [em comparação à mãe] e otimista” ter sido vilanizado. Hughes jamais gostou de ver o nome de Assia impresso junto ao dele, e a lealdade de Frieda por ele fez com que Assia se tornasse “a outra” no prefácio.

Quando a English Heritage propôs afixar uma placa comemorativa no prédio da Fitzroy Road, Frieda insistiu para que ficasse no muro da Chalcot Square 3, onde os pais moraram durante quase dois anos e onde escreveram boa parte de seus melhores trabalhos. Os ataques que se seguiram por parte dos que acreditavam que a placa deveria ficar na residência da Fitzroy Road exacerbaram o ódio de Frieda à forma como a mãe tem sido “dissecada, analisada, reinterpretada, reinventada, romantizada e, em alguns casos, totalmente fabricada”. Ainda assim, como o pai, Frieda lançou uma *Ariel* — só que dessa vez se trata daquilo que esses analistas e reinventores passaram quase cinco décadas desejando: uma Sylvia Plath composta pela própria poeta, uma mulher que não está mais calada.

APÊNDICE A

Sylvia Plath e Carl Jung

O arquivo da Smith inclui diversas páginas de anotações feitas por Plath durante a leitura de *O desenvolvimento da personalidade*, de Carl Jung. Infelizmente, não foram registradas datas nos trechos que copiou nem ela anotou suas reações aos mesmos. A especialista em Plath, Judith Kroll, sugere que esse material possa datar do fim de 1962, porque ele trata de “muitos tópicos pertinentes às suas preocupações próximo ao fim da vida”. Desinteressada em lidar com Plath em termos biográficos — ou, pelo menos, sem disposição para fazê-lo —, Kroll, assim como Diane Middlebrook e Jacqueline Rose, está mais preocupada em investigar como Plath e Hughes fizeram uso de Jung em sua obra. Conforme observa Margaret Dickie Uroff, Plath escreveu para a mãe contando que estava lendo Jung para sua tese sobre Dostoiévski e observou em seu diário, em 4 de outubro de 1959, que a leitura de Jung confirmava o uso que fizeram de certas imagens em seu conto “Mummy” — sobretudo a da criança sonhando com uma “mãe amorosa, bonita, como uma feiticeira ou animal”, e uma outra imagem da “mãe antropófaga... tão somente boca”. Embora críticos como Kroll e Rose se esquivem da abordagem biográfica, a própria poeta não via problema nisso,

concluindo que era a “vítima” do que escrevia e não uma “analista. Minha ‘ficção’ é apenas uma recriação nua do que eu sentia, em criança e depois, que devia ser verdadeiro”.

Menos escrupulosa do que suas comentadoras acadêmicas, Plath se deu conta de que sua “ficção” podia ser lida de ambas as maneiras: como contos e como relatos da sua vida. Os problemas para um biógrafo, porém, são a cronologia e a causalidade. Seria esclarecedor saber se Kroll tem razão sobre o fato de essas passagens terem sido lidas tão tarde no desenvolvimento de Plath como indivíduo e como escritora. Se assim for, Jung é uma espécie de “prova” para Plath, e também, talvez, um catalisador para sua derradeira explosão de criatividade. Se tiverem sido lidas mais cedo, talvez possam ser consideradas influências, uma leitura que moldou sua psique e seu estilo. O crítico Tim Kendall argumenta que Jung serviu como justificativa de Plath, enquanto ela também se torna “sua própria história de caso”. É o mesmo papel duplo — tanto vítima quanto analista de sua vitimização — que ela faz em “Daddy”, conclui Kendall.

Essa discussão sobre Plath e Jung aparece como apêndice precisamente porque suas transcrições de Jung feitas de próprio punho não podem ser datadas e por isso não podem ser inseridas com segurança numa narrativa sobre a sua vida. Mesmo assim, o que ela copiou explica determinados mistérios que aparecem em seus diários e cartas. Para começar, o que exatamente fez Aurelia a Sylvia que deixou a filha ao mesmo tempo grata e hostil? Tanto os arquivos da Smith quanto os da Emory contêm cartas de uma Aurelia perplexa, que enfatizava tamanho tato e tolerância que tentara empregar com a filha.

Carl Jung ratifica boa parte do que Sylvia (e seu alter ego na ficção, Esther) sentia ao observar que os pais “se impõem a tarefa fanática de ‘fazer o melhor para os filhos’ e ‘viver apenas para eles’”. Em consequência, os pais

jamais se desenvolvem, de tão concentrados em enfiar o seu “melhor”, pela goela dos filhos. “Esse chamado ‘melhor’, no fim, não passa daquilo que os pais mais negligenciaram em si mesmos. Por isso, os filhos são instigados a sofrer os mais lúgubres fracassos dos pais e a viver carregados de ambições jamais satisfeitas”. Exatamente. Aurelia escreve na introdução a *Letters Home* que após o primeiro ano de seu casamento se deu conta de que não teria paz com Otto, a menos que fizesse o que ele mandasse. Sua orgulhosa independência e seus interesses literários teriam de ficar subordinados ao trabalho do marido. Numa carta a Ted, que se encontra no arquivo da Emory, uma angustiada Aurelia lhe conta (anos depois da morte de Sylvia) o quanto ansiava por partilhar a alegria da filha com a literatura em vez de ser a mãe cuidadora o tempo todo — não só para Sylvia, mas também para Ted, quando recebia a visita do casal — e que fazia tudo ao seu alcance para que os dois se sentissem à vontade, jamais exigindo tempo para si mesma. Um dos bilhetes de Aurelia que constam dos arquivos da Smith dá boas-vindas a Ted e Sylvia com o aviso de que a geladeira não está apenas abastecida, mas também repleta de refeições semiprontas. Ela não queria para a filha uma vida dependente, mas mesmo assim Sylvia teve dificuldade para não copiar o casamento da mãe com um homem poderoso, tendo “herdado” o desejo de se rebaixar, desejo este que continuou a assombrá-la mesmo após levantar-se da cama partilhada com Ted para se tornar independente como pessoa e poeta.

A insistência de Aurelia para não se projetar em Sylvia é refutada por Jung: “A natureza contagiosa dos complexos dos pais pode ser percebida a partir do efeito que seus maneirismos têm sobre os filhos. Mesmo quando seus esforços de se controlarem são bem-sucedidos, de modo que nenhum adulto detecte o mínimo sinal de um complexo, os filhos se darão conta disso de alguma forma.” Jung contava a história da mãe de três filhas

adoráveis que ficavam nervosas com os próprios sonhos, todos eles girando em torno da transformação da mãe num animal devorador. Anos mais tarde, as mulheres enlouqueceram, caindo de joelhos no chão e imitando o som de lobos e porcos. Tudo isso e mais, Plath anotou em quatro páginas de trechos copiados.

Copiou outros trechos de Jung que combatem a “santidade da maternidade”, observando que as mães produziam sua cota de lunáticos, idiotas e criminosos. Por mais que Plath se entregasse à maternidade, ela também sentia uma necessidade profunda de sentimentalizá-la, chamando a atenção de Paul e Clarissa Roche em cartas para o fato de que cuidar de crianças era uma tarefa exaustiva. Não espanta que tenha ficado enfurecida quando o marido disse que a vida de família estava lhe pesando em demasia. Sua morte, de certa forma, finalmente impôs a paternidade sobre ele, transformando-a em seu destino inescapável.

Uma última página de citações sobre o casamento talvez explique por que Kroll acredita que Plath leu Jung no fim de 1962. Jung descreve o casamento como um retorno à infância e ao útero materno, na tentativa de recapturar a comunhão de sentimentos que os adultos raramente alcançam. Como pais, marido e mulher se tornam parte do “impulso da vida”, mas essa harmonia inicial inevitavelmente se torna angústia e dor para qualquer um que valorize a individualidade e a independência. Às vezes, o Jung citado nas passagens copiadas por Plath soa muito parecido com a sua poesia, como aqui, onde ele descreve a trajetória do casamento: “Primeiro havia paixão, depois ela se tornou dever & finalmente um ônus intolerável, um vampiro que se alimenta da vida do seu criador.” Dito de outro modo, em Ted Hughes Sylvia criara um monstro.

APÊNDICE B

A biblioteca de Sylvia Plath

Plath sublinhou, acrescentou asteriscos e comentou em anotações as passagens em livros que se seguem e agora fazem parte da sua coleção na Universidade Smith. Essas escolhas refletem sua ampla leitura de literatura, filosofia e teologia, que a levaram a acreditar na primazia do poeta. Na literatura, sobretudo na obra de D. H. Lawrence, ela pôde ler a profecia da sua própria vida e os meios pelos quais iria provocar a própria morte.

[E]nquanto todos nós, no fundo, perseguimos apenas nosso interesse particular, usamos esses disfarces a fim de pegar outros desprevenidos e expô-los ao máximo às nossas maquinações [na margem direita, Plath escreveu “bom”].

—David Hume, *Uma investigação sobre o entendimento humano*

[A] odiosa luz alva da compreensão que flutua como espuma nos olhos de todas as mulheres inglesas e americanas brancas, oh, tão brancas, com suas vozes compreensivas e suas profundas, tristes palavras, e seu profundo bom humor. Pfui! [Plath escreveu “uau!”].

—D. H. Lawrence, *Estudos sobre a literatura clássica americana*

O artista precisa ser desumano, extra-humano, precisa ser parte de um relacionamento distante com a nossa humanidade... A literatura não é uma vocação, é uma maldição, acreditem!... Começa-se por uma sensação de alheamento, de estar em curiosa oposição às pessoas normais, boas... o poeta como o mais altamente desenvolvido dos seres humanos, o poeta como santo.

—Thomas Mann, *Tonio Kroeger*

Tudo parecia ter sido destruído para o jovem. Ele não conseguia pintar... Tudo parecia tão diferente, tão irreal. Não parecia haver motivo para que as pessoas caminhassem pela rua e as casas se amontoassem à luz do dia. Parecia não haver motivo para essas coisas ocuparem o espaço, em lugar de deixá-lo vazio. Os amigos falavam com ele: ele ouvia os sons e respondia. Mas o porquê do ruído da fala, ele não conseguia entender [ao lado dessa passagem, Plath escreveu “cf. julho de 1953].

—D. H. Lawrence, *Filhos e amantes*

Oh, estranha felicidade, que busca a aliança da Morte para ganhar sua coroa... Deve ser necessário um mal muito intenso, com poder para fazer do homem (não, do homem sábio) seu próprio carrasco... Um homem sábio, com efeito, suportará a morte com paciência, mas ela precisa vir *ab externo*, pela mão de outro homem, e não pela sua [na margem esquerda, Plath escreveu “Por quê?”]. Mas esses homens que dizem ser possível tomar a si tal tarefa precisam apenas confessar

que existem males intoleráveis, que obrigam um homem a cometer tamanha e extrema indecência [Plath escreveu “sim”].

—Santo Agostinho, *A cidade de Deus*

[Q]uem procura a filosofia corretamente estuda para morrer; e para eles, entre todos os homens, a morte é menos assustadora.

—Platão

O casamento lhe trouxe uma terrível desilusão [a Herman Melville], porque ele procurava o casamento perfeito [Plath escreveu na margem “Todo o nosso sofrimento deriva de não ser capaz de ficar só”. E na página seguinte pôs um ponto de exclamação junto à seguinte passagem:] Melville voltou para casa para encarar o longo resto da sua vida. Casou-se e teve o êxtase de um período de corte e cinquenta anos de desilusão.

—D. H. Lawrence, *Estudos sobre a literatura clássica americana*

Era sua profunda desconfiança do marido — era isso que escurecia o mundo.

—Henry James, *Retrato de uma senhora*

APÊNDICE C

David Wevill

Em 10 de julho de 2010, escrevi o seguinte para David Wevill:

Fico pensando se posso testar sua paciência e lhe pedir para responder algumas perguntas via e-mail. Sei que faz bastante tempo, mas eu gostaria muito de uma frase ou duas a respeito do que Sylvia Plath lhe parecia. Como era estar na sua presença? Até mesmo uma vaga impressão seria de grande ajuda. Uma pergunta relacionada: o senhor por acaso se lembra de ter notado alguma mudança nela entre a primeira e a última vez em que a viu? Por exemplo: ela estava mais magra? Eu ficaria muito grato mesmo sendo uma frase ou duas, que eu não usaria sem sua explícita permissão.

Em 19 de julho de 2010, David Wevill respondeu:

Não notei mudança alguma na aparência de Sylvia durante o tempo em que a conheci: ela era esbelta, parecia em forma, tinha ótima

postura. Pessoalmente, era espirituosa, afável, com um sorriso fácil e uma conversa brilhante que abrangia um vasto escopo. Dava a impressão de se interessar pelas pessoas e suas vidas, era capaz de contar fofocas, mas não de maneira cruel. Ela e Ted passavam a imagem de se complementar, não de se contradizer. Não senti tensões entre os dois. Mais tarde vim a concluir que isso era fruto de algum esforço — não propriamente uma atuação, mas um autocontrole calculado, talvez. Nós quatro nos demos bem, parecia o início de uma amizade, com tanta coisa em comum. Quanto à biografia de Assia, acabei conhecendo Eilat e Yehuda e gostei deles. Fizeram seu dever de casa e falaram com muitas pessoas. A história que tinham a contar era difícil, trágica, e acho que houve problemas de tom e de avaliação quanto ao que incluir e o que deixar de fora. Achei algumas partes sensacionalistas demais e também detectei algumas imprecisões. Jamais ameacei matar quem quer que fosse; nunca andei pela rua à noite com uma faca, nem implorei a Assia para ficar (na verdade, foi o contrário)... Quanto a Sylvia, eu gostaria de ajudá-lo. Durante aproximadamente meio século, tentei me manter afastado do que se tornou quase uma indústria investigativa.

Em 22 de dezembro de 2011, escrevi novamente para David Wevill, dizendo que gostaria de transcrever sua resposta de 10 de julho de 2010 e que queria fazê-lo sem qualquer comentário meu. Ele me deu sua permissão para isso.

APÊNDICE D

Elizabeth Compton Sigmund

Em 14 de janeiro de 2012, viajei até a Cornualha para me encontrar com Elizabeth Sigmund e ter com ela uma conversa de dois dias sobre Sylvia Plath. Elizabeth era casada com o escritor David Compton quando se tornou grande amiga de Sylvia durante o período de Court Green. Também teve uma boa oportunidade de observar Ted e o casamento Hughes-Plath e se transformou numa das participantes principais de um conflito que, infelizmente, tudo indica se arrastará como as Guerras Púnicas, envolvendo Olwyn, Ted — e até mesmo a segunda mulher de Ted, Carol, e a filha de Sylvia, Frieda — contra Elizabeth, Al Alvarez e Clarissa Roche, aos quais se juntaram mais tarde os biógrafos Linda Wagner-Martin e Ronald Hayman. Este último lado do conflito, horrorizado com a administração do espólio de Plath por Olwyn e crítico do papel de Assia como responsável pelo abandono de Ted do lar e da família, se identifica com o sofrimento de Sylvia e deplora a acrimônia da biografia de Anne Stevenson. Elizabeth me mostrou uma carta de Olwyn para Clarissa Roche, escrita em 24 de março de 1986, que resume a guerra em duas frases curtas: “Você gostava dela. Acho que ela era veneno puro.” Fui falar com Elizabeth na tentativa de

entender por que Ted deixou Sylvia. Praticamente nada nos relatos sobre o comportamento de Hughes enquanto casado com Plath — e decerto nada nas cartas dele que até o momento vieram à luz — indica o tamanho da infelicidade expressada para a irmã pouco tempo depois da saída dele de casa.

Mais tarde, Olwyn tentou atenuar as ações do irmão chamando atenção para o fato de que Sylvia o expulsou. Em outras palavras, não foi culpa dele, não foi sua escolha. Mas a carta que Hughes escreveu para Olwyn, enviada pouco depois de sua partida de Court Green, mostra seu desejo de romper o casamento. Era próprio da sua natureza deixar que Sylvia declarasse o início das hostilidades — assim como, também, quase sempre deixar que as mulheres, inclusive Sylvia, parecessem o agente agressor. Ted, semelhante ao espírito feminino que lhe aparece em sua peça radiofônica, “Difficulties of a Bridegroom” (Dificuldades de um noivo), e à *persona* que criou para si mesmo em *Cartas de aniversário*, era uma vítima curiosamente passiva de um destino irreprimível. Ele era um predador sexual, me disse Al Alvarez, mas a presa precisava se tornar visível e vir a seu encontro — “mostrar-se”, acrescentei em conversa com Alvarez.

O testemunho de Elizabeth Compton Sigmund é crucial, em parte porque ela gostava bastante de Ted Hughes de início. Não o considerava um Heathcliff renitente, embora romântico. Ela apenas se envolveu na acrimônia do fim do casamento quando Olwyn se irritou por ela não estar seguindo o protocolo estabelecido com relação ao comportamento de Ted — protocolo estabelecido por Olwyn, que então começou a escrever que, na verdade, Elizabeth se encontrara com Sylvia e Ted não mais que uma dezena de vezes, talvez, e não era absolutamente uma amiga próxima do casal (isso, apesar de Sylvia ter dedicado *A redoma de vidro* a Elizabeth e David Compton).

Nos arquivos de Elizabeth, duas cartas de Aurelia revelam o que Olwyn não deseja que seja revelado. Em 11 de abril de 1963, Aurelia escreveu para Elizabeth: “Sei quão grandes amigos você e seu marido foram para a minha menina quando ela se viu tão chocada pela mudança que se abateu sobre seu casamento.” Depois de descobrir que Ted instalara Elizabeth em Court Green para cuidar da casa em sua ausência, Aurelia tornou a escrever em 5 de maio: “Quero dizer que não existe outra pessoa na Inglaterra que eu preferisse ver em Court Green, fazendo o que você está fazendo. Desde o primeiro momento em que a vi, me alegrei por Sylvia ter uma amiga tão boa e encantadora. Com efeito, desejo vê-la quando for até aí em junho... Fico feliz de pensar em você em Court Green.” E mais de uma década depois, após a guerra em torno de Plath ter esquentado, Aurelia escreveu para Elizabeth em 18 de maio de 1976: “Quando conheci você... Achei que era uma das mulheres mais bonitas e riosas que já vi na vida. Meu coração se encheu de afeição por você desde o início.”

Em maio de 1963, Ted mandou uma carta para Elizabeth, instruindo-a a ser cautelosa quanto ao que contar a Aurelia, pois a ex-sogra vinha “montando uma rede de espionagem” em torno dele como parte de uma trama para lhe arrancar os filhos. Cautelosa sobre o quê?, eu quis saber. Elizabeth não conseguiu atinar com o que Ted tinha em mente. Em junho, ele lhe pediu para esconder álbuns e outras lembranças que com certeza Aurelia surrupiaria. Incomodada com tais instruções, Elizabeth deu uma olhada no conteúdo de uma escrivinha, mas não encontrou coisa alguma que quisesse esconder. Em julho, ele deixou claro que considerava Aurelia parcialmente responsável pela ruptura do casamento, escrevendo a David Compton: “Minha tentativa de me afastar dela foi em grande parte o motivo da minha partida de Court Green no verão passado & no começo do incêndio que não fui capaz de apagar.” Quando Elizabeth deixou claro que

não poderia seguir suas ordens, Olwyn lhe aplicou o castigo, garantindo que os filhos de Sylvia jamais se encontrassem com Elizabeth de novo.

Ao longo de dois dias, gravei as lembranças de Elizabeth e examinei seus extraordinários arquivos, que incluem artigos sobre Ted, Sylvia e Olwyn, bem como cartas que lhe foram enviadas por Aurelia, Olwyn e outros, e correspondências envolvendo Olwyn, Clarissa Roche e Linda Wagner-Martin, além de poucas cartas da própria Sylvia. O que incluo a seguir são as palavras exatas do testemunho de Elizabeth, editadas apenas para esclarecer a cronologia e eliminar repetições. Sou grato a ela por verificar a exatidão desse relato.

Elizabeth tomou conhecimento do casal pela primeira vez quando os dois apareceram no programa da BBC “Two of a Kind”, descrevendo a casa bastante apertada em que moravam e que lhes deixava pouco espaço para escrever. Por isso, ela descreveu para ambos de sua encantadora residência em North Devon, que tinha, inclusive, um pomar: “Meu marido também é escritor, e adorariamos que vocês viessem se hospedar conosco e tirar umas férias. Posso cuidar das crianças, porque estou bastante habituada a isso, e vocês três podem se retirar e escrever.” Em seguida, disse a mim: “Meu marido, que era muito cínico, me falou: ‘Sua boba, eles não vão responder’. E, claro, um ano se passou sem que eu obtivesse resposta. Então chegou uma carta de Ted dizendo: ‘Nós também estamos morando numa espécie de fazenda, a alguns quilômetros de vocês. Venham almoçar ou jantar conosco.’” Para Elizabeth, o casamento dos dois pareceu sólido como uma rocha, um casamento que jamais seria rompido.

Os dois davam a impressão de serem um só. Essa impressão se fortaleceu porque, quando vieram nos visitar e saíram para caminhar

até um regato próximo, pude ver como eram próximos. Mas Sylvia conversava comigo e Ted conversava com David sobre direitos autorais e dinheiro, como fazem todos os escritores. David estava escrevendo ficção científica e coisas do gênero. Sylvia me disse: “O que mais você faz?” E respondi: “Bom, faço propaganda eleitoral para os Liberais-democratas”, e ela deu um pulo, correu até Ted e o sacudiu, dizendo: “Achei uma mulher engajada!” Nosso membro do parlamento, Mark Bonham Carter, chegou a conhecer a poeta e gostava muito dela. Conversamos um pouco a respeito do complexo industrial militar. Ela era extremamente interessada em política.

Às minhas perguntas “Ted falava de política? Tinha algum interesse nisso?”, Elizabeth respondeu:

Ainda bem que você fez essa pergunta, porque ninguém jamais me perguntou isso. Eu estava a caminho de uma reunião sobre armas químicas na Câmara dos Comuns [Elizabeth era ativista do movimento para aboli-las], e por acaso Ted estava na estação também. Ele disse: “Posso ir com você?” Ele jamais havia estado na Câmara dos Comuns. Demos uma volta e Ted admirou os grandes bustos de mármore e disse: “Sinto vontade de derrubá-los, de esmagar suas cabeças.” Ted tinha esse sentimento contra os poderosos e o sistema de classes. Por outro lado, claro, quando virou poeta laureado, teve de ir se curvar diante da Rainha e me escreveu uma carta dizendo que, devido ao seu caso com uma mulher três vezes casada [Assia], seus pais viviam dizendo que ele jamais seria um cavaleiro, o que o fazia dar gargalhadas.

Eu tinha por Ted, infelizmente, sentimentos ambíguos. Porque, quando fui a Londres (no início de março de 1963) depois da morte de Sylvia, a babá [que cuidava dos filhos dela] me disse que Assia se mudara [para o apartamento da Fitzroy Road]. Então perguntei: “Onde ela está?” A babá respondeu: “Fazendo uma daquelas operações”. Insisti: “Você quer dizer um aborto?”, e ela: “Sim.” Quando os dois voltaram para o apartamento, Assia passou direto pela cozinha e subiu para o quarto de Sylvia. Ted entrou na cozinha e se encostou à parede, parecendo um cachorro surrado. Realmente estava com uma feição péssima. E me disse: “Não acontece com muitos homens assassinar um gênio.” E eu disse: “Bom, você não assassinou Sylvia.” E ele: “É como se eu tivesse assassinado.” Por isso a minha primeira impressão foi a de que ali estava um homem totalmente destruído pelo que acontecera. Ele disse: “Escuto os lobos uivando” [Eles estavam perto do zoológico do Regent’s Park]. Parece adequado. Tive a impressão de que ele se sentia oprimido pela culpa.

Mais tarde, a tia dele, Hilda, que estava cuidando das crianças, disse a Elizabeth que Assia havia chegado ao apartamento da Fitzroy Road depois da morte de Sylvia e, segundo Elizabeth, anunciado:

“Estou de mudança para cá.” “Não está, não”, retrucou Hilda. “Lamento, mas estou, sim, e hei de vencer”, e assim foi. Tia Hilda, então, foi para Court Green. Era tipicamente uma mulher de Yorkshire [eu contara a Elizabeth o comentário de Al Alvarez de que Olwyn e Ted eram camponeses do norte que davam valor demais ao dinheiro]. Quando nos encontramos, ela perguntou: “Seu marido ganhou algum dinheiro dessa vez?” Acabei conhecendo todos eles.

Os pais de Ted [foi nessa época que Ted pediu a Elizabeth e David para morarem em Court Green e cuidarem da casa, o período em que Assia esteve lá e sentiu a lealdade de Elizabeth a Sylvia]. Essa foi a primeira vez que vi Olwyn, que foi muito agradável comigo, daquela maneira um tanto feroz dela.

Antes de ouvir falar de você, tentei, no ano passado, contato com Wagner-Martin [que se correspondera com Elizabeth e a entrevistara por telefone] porque senti que alguém precisava escrever um livro que contasse a história de Olwyn, afinal, ninguém fez isso de verdade — houve uma sugestão aqui, outra ali. A postura de Ted era muito esquisita, porque ele sabia que eu era fiel à memória de Sylvia. Ele gostava de mim. [Alguns anos depois] no trem para Exeter... [não muito distante de Court Green, Elizabeth, voltando para o seu assento, encontrou Ted e a segunda esposa, Carol Hughes]. Ela se levantou, olhou para mim e disse: “Não se preocupe, vamos mudar de lugar.” Eu respondi: “Não é preciso”, e ela: “Venha, Ted.” E ele se levantou com as malas e simplesmente a seguiu.

Mas Elizabeth se lembrou de dias mais felizes, quando ele cantava e entretinha os amigos. “Você tornou Ted humano”, disse Daniel Craig a Elizabeth quando foi conversar com ela durante os preparativos para o papel de Hughes no filme *Sylvia*. Elizabeth acrescentou: “Houve ocasiões em que [Ted] ia à nossa casa e tomava café e cantava, quando ele era uma pessoa bastante normal, comum. Lembro de uma véspera de Natal em que ele apareceu e pegou os filhos e três dos meus para ir a Dartmoor. Paramos no alto da charneca. Um raio de sol penetrou por entre as nuvens, e ele disse: ‘Olhem, crianças, aquele é o olho de Deus.’”

FONTES

- AP:** Aurelia Plath
- BB:** Ted e Olwyn Hughes, documentos da Biblioteca Britânica
- CA:** *Cartas de aniversário*
- CP:** Sylvia Plath, *The Collected Poems*
- EB:** Edward Butscher, *Sylvia Plath: Method and Madness*
- EBD:** Edward Butscher (documentos), biblioteca da Smith College, Coleções especiais
- ECS:** Elizabeth Compton Sigmund (documentos)
- Emory:** Ted Hughes (documentos), Emory University
- Lilly:** Sylvia Plath (documentos), Biblioteca Lilly, Indiana University
- LTH:** *Letters of Ted Hughes*
- LWM:** Linda Wagner-Martin, *Sylvia Plath: A Literary Life*
- Maryland:** Frances McCullough (documentos) Coleções especiais, University of Maryland, College Park
- OH:** Olwyn Hughes
- PA:** Paul Alexander: *Rough Magic: A Biography of Sylvia Plath*
- Smith:** Sylvia Plath (documentos), Smith College Library, Coleções Especiais
- SP:** Sylvia Plath
- SPCH:** Linda W. Wagner, *Sylvia Plath: The Critical Heritage*
- SPWW:** Edward Butscher, *Sylvia Plath: The Woman and the Work*
- TH:** Ted Hughes
- ZS:** “Zé Susto e a bíblia dos sonhos”

Sempre que possível, construí esta biografia a partir de fontes primárias que li na Smith College, Indiana University, Emory University, the University of Maryland e na Biblioteca Britânica. Agradeço a Peter K. Steinberg, autor de uma apresentação perspicaz sobre Sylvia Plath, por me proporcionar mais fontes primárias. *Letters Home*, a edição minuciosa dos diários de Sylvia, cuja autora é Karen V. Kukil, e *Letters of Ted Hughes*, de autoria de Christopher Reid, foram fundamentais para a minha narrativa.

Embora eu me afaste de diversas biografias sobre Plath, teria sido impossível escrever este livro sem tê-las lido. Como primeiro biógrafo de Plath, Edward Butscher entrevistou pela primeira vez muitas das pessoas-chave da vida da escritora. Na verdade, Butscher cometeu erros, e sua teoria da “puta deusa” é deplorável, mas ele merece um lugar de honra na biografia da poeta, tendo sido um descobridor, e a quantidade de notas a seguir mostra o quanto devo a ele. Paul Alexander fez muito ao descobrir bastante material sobre a família de Plath e sua infância. Seu domínio sobre os detalhes da biografia de Plath é tão imponente que me vi consultando seu livro ao longo da escrita do meu. A biografia literária de autoria de Linda Wagner-Martin foi o primeiro esforço para unir e discutir dois assuntos: a sensibilidade literária de Plath e sua vida de um ponto de vista do feminismo. Ao decidir sobre como lidar com alguns dos assuntos mais complicados da vida da poeta, consultei repetidamente a elegante e sucinta biografia escrita por Ronald Hayman.

Anne Stevenson é a única biógrafa a ter o consentimento do espólio e, por isso, ao escrever seu livro, teve facilidade para acessar alguns materiais, além do fato de que pôde transcrever, palavra por palavra, muito do que viu e leu. Mas há também desvantagens, como o fato de tudo ter de passar pela aprovação do testamenteiro. Sabiamente, Paul Alexander escolheu não lidar com o espólio e permaneceu independente. Conversei diversas vezes como

ele enquanto ele pesquisava a vida de Plath. Concluí que, se um dia eu escrevesse uma biografia da escritora, não seria com a cooperação do espólio. O resultado, assim como no caso de Alexander, foi que fiz poucas citações e tentei lidar mais com meu próprio material.

Nos meus agradecimentos, lembrei-me de todos os que entrevistei para este livro. Na minha bibliografia, menciono as obras que considere úteis para construir a minha narrativa. A seguir, listo apenas as fontes de capítulos que não são identificadas no texto dos capítulos específicos.

Agradecimentos: Para minha crítica a respeito do *The Silent Woman*, de Janet Malcolm, ver *Biography, A User's Guide*.

Introdução: A palavra “Ísis” surge no texto datilografado de “Edge”, último poema completado por SP.

Antes de tudo, esbocei a ideia de SP como a Marilyn Monroe da literatura moderna em “Visions of Sylvia Plath”, no *New York Sun*, 17/02/2004. Jacqueline Rose pensa diferente quando chama Plath de “Marilyn Monroe dos literatos”. Ela pode estar certa; mas, nas palavras de Rose há implícita a ideia de um mito sobreposto em Plath. O que quero dizer é que a própria Plath fez a conexão com Monroe, que lhe surgiu à mente como uma visão fantasmagórica de si própria mais criativa, ambiciosa, em busca de um novo visual, e uma visão ainda mais aguçada de autossatisfação. Devo a Peter K. Steinberg, que descobriu a linha rejeitada em “A Winter's Tale”, nos documentos da *New Yorker*, na Biblioteca Pública de Nova York.

Paródia de *Dragnet* escrita por Plath: de SP para Gordon Lameyer, 27/06/1954, Maryland.

Em *No Man's Land*, Sandra Gilbert e Susan Gubar fazem menção ao esquema de fotografias de *Varsity* como um exemplo da “personificação feminina” similar às estratégias promocionais de Edith Sitwell, Marianne Moore, Edna St. Vincent Millay e Elinor Wylie. Mas o termo personificação não faz justiça, a meu ver, às motivações de SP. Ela não estava meramente personificando o que os outros queriam: ela estava muito mais envolvida na cultura do que um mero termo pode dar a perceber. Gilbert e Gubar revelam o equívoco que cometeram a respeito dela quando se afastam do episódio de Cambridge e começam um novo parágrafo com as palavras “Mais a sério, no mesmo ano, Plath escreveu um poema [...]”. Ao se dar o nome de Betty Grable, SP poderia estar brincando, mas aquilo também fazia parte de sua vontade inerente de se exhibir — e não apenas parte do que Gilbert e Gubar chamam de “auto-obediência sexualizada”.

Assim como a imagem pintada pelo rádio, Stella Dallas é uma mãe que demonstra força de vontade de engenhosidade. E de forma muito mais positiva do que uma mera personagem de classe inferior do romance de Prouty.

Capítulo 1: Para detalhes da infância e dos primeiros anos escolares de SP, baseio-me nas histórias que ela própria contou e em ensaios publicados em ZS e em EBD, assim como no manuscrito inédito de Elizabeth Hinchliffe, “The Descent of Ariel: The Death of Sylvia Plath”, disponível em BB e Maryland. As impressões de Wilbury Crockett a respeito de Sylvia se baseiam na carta que ele escreveu em 26/07/1974 para AP, que se encontra no Frances McCullough Papers, em Maryland. Em ensaios, poemas e ficção, SP se baseava em detalhes de sua vida para criar uma *persona*, uma mitologia própria, e o crítico tem direito de questionar quanto de tudo o que ela já havia escrito era verdadeiro. Por exemplo: ela se baseia na experiência

da família durante a Primeira Guerra Mundial — quando os americanos de origem alemã eram considerados suspeitos — para valorizar a figura de Otto, o alemão. Mas qual é a verdade? Claro que alguns fatos podem ser verificados. Mas, em se tratando de uma figura tão multifacetada quanto SP, não é fácil distinguir fato de invenção.

Os primeiros escritos de SP, entre os quais as cartas que escreveu enquanto esteve no campus, estão na Lilly. Seus relatórios escolares estão na Smith.

Susan R. Van Dyne cita a carta com data de 1/12/1978 escrita por AP e endereçada a Judith Kroll.

Com frequência, Sylvia via o mundo como um grande filme. O relatório que escreveu em 14/05/1946, na Philipps Junior High School, a respeito do poema “Evangeline”, de autoria de Longfellow, aponta que a obra daria “uma cena de filme, especialmente sob os efeitos do technicolor”, com a gentalha a “arder de raiva” e protestar contra a lei que os obriga a ceder as próprias terras à Coroa. Correndo em direção à porta, eles gritam: “Abaixo os tiranos!”

Capítulo 2: As cartas de SP para Hans, Marcia Brown, Ann Davidow, Enid Epstein, Phil McCurdy e Sally Rogers estão na Smith.

Os testemunho de Jane Anderson e de sua terapeuta estão em *Jane Anderson v. AVCO Embassy Pictures*, que se localiza no arquivo da Smith, assim como as cartas de SP para Anderson.

As cartas dela para Eddie Cohen, Dick Norton, Elizabeth Drew, Gordon Lameyer e Richard Sassoon se encontram na Lilly.

Em SPWW, Gordon Lameyer fala sobre sua primeira impressão: “Senti que ela estava muito entusiasmada, assim como era um tanto pueril e

imatura.” SP, entretanto, parece não ter detectado resistência alguma a seu entusiasmo.

Agradeço a Susan Plath Winston, filha de Warren Plath, a respeito do significado da carne de *skalshalala*. Ela escreve, num e-mail para Karen V. Kukil: “Falávamos essa palavra em casa também quando éramos novas, mas acho que meu pai e Sylvia a inventaram.”

A carta de SP endereçada a Olive Higgins Prouty: LH

Os originais das cartas para sua mãe estão na Lilly e são uma leitura fascinante, ainda mais quando lidas lado a lado com as versões editadas em LH.

Nanci A. Young, arquivista da Smith, me deu a informação a respeito dos exames e das fotos de postura.

“Iniciação”: ZS

A carta de AP endereçada a Dick Norton se encontra na Lilly.

Capítulo 3: A carta de Robert Gorham Davis endereçada a AP está na Lilly, e as cartas de SP para Gordon Lameyer estão em Maryland. Para saber as impressões de Davis e George Gibian a respeito de Plath, leia a carta de George Gibian em EBD.

As cartas de SP endereçadas a Warren e as de Olive Higgins Prouty a AP estão em LH e em Lilly.

Para as lembranças de Laurie Levy sobre SP no mês em que esteve na *Mademoiselle*, leia SPWW.

A lista de atividades extracurriculares de SP na Smith está impressa numa carta datada de 1/05/1953 e enviada a ela por *Mademoiselle*, agora na Lilly, assim como outras correspondências e materiais que rememoram o tempo em que Plath era editora convidada.

“In the Mountains”, “Tongues of Stone” e “The Wishing Box”: ZS.

“um grande compromisso”: *Jane Anderson*, Smith.

“Qualquer um que não tenha conhecido”: 2/09/1982, Emory.

As impressões de Wibury Crockett a respeito de Sylvia: WC para AP, 26/07/1974, Maryland.

Agradeço a Karen V. Kukil por disponibilizar uma xerox da tese de SP: “The Magic Mirror: A Study of the Double in Two of Dostoevsky’s Novels.”

A descrição que SP faz de Alfred Kazin brinca exatamente com o homem que conheci. A carta de recomendação que ele escreveu está na Smith.

Agradeço a Helen Lane por suas lembranças, e a Constance Blackwell, Kathleen Knight, Judy Denison, Marilyn Martin, Ellen Ouelette, Barbara Russell Kornfield, Anne Mohegan Smith, CB Follett, Barbara Schulz Larson, Darryl Hafter e Ravelle Silberman Brickman — todos por aceitarem falar comigo a respeito dos anos que SP passou na Smith e por responderem às minhas perguntas por e-mail.

A descrição de SP sobre a mãe, a qual qualifica como “muito atraente, porém nervosa”, se encontra numa carta não datada (c. dezembro de 1954) na Smith.

Constance Blackwell diz que os amigos de Sassoon o chamavam de “Dick”, mas já que SP se refere a ele em seu diário como Richard, eu adotei o padrão dela.

Capítulo 4: As cartas de SP endereçadas a Elinor Friedman Klein e Marcia Brown estão na Smith. As cartas enviadas a Mallory Wober estão em Kings College, Cambridge; e a carta de Wober a Edward Butscher está em EBD. Um trecho do livro de memórias de Elinor Friedman Klein a respeito de Plath aparece em SPCH. As memórias de Wendy Campbell estão em Newman.

Ver SPWW para as memórias de Jane Baltzell Kopp e as reminiscências de Dorothea Krook, incluindo a descrição desta a respeito do estilo feminino de se vestir de SP. Para mais informações a respeito de Kopp, ver SP para AP, 5/03/1956, em LH.

Edward Butscher não foi capaz de encontrar ninguém no grupo de teatro amador que tivesse uma opinião diferente sobre Plath, mas ela permaneceu no grupo durante apenas um semestre e participou apenas com alguns papéis menores.

SP para AP: 24/03/1956, LH.

Vender fósforos em Moscou ou rodar bolsinha na Place Pigalle: SP para Elinor Friedman Klein, 10/02/1956.

Descrição de TH a respeito do quarto “grande muito bem-decorado”:
LTH

OH teve ótima impressão do primeiro encontro de Sylvia e Ted. Em 11/03/1987, ela escreveu para a intelectual Marjorie Perloff para dizer que as lembranças de Ted do primeiro encontro eram de que ele “quase arrancou um brinco e tirou a fita em torno da cabeça de Sylvia durante um abraço, quando ela já estava bastante bêbada. É preciso entender essa descrição dentro de um contexto, pois, na época, ela cultivava uma imagem baudelairiana, sob forte influência de Sassoon”: ECS

“maior sedutor de Cambridge”: Os amigos de TH reclamaram a respeito desse comentário, feito por Hamish Stewart, que, de acordo com Daniel Huws, mal conhecia TH. Assim como outras pessoas, Lucas Myers afirma que TH teve pouquíssimas namoradas. Huws se lembra de apenas duas e tem certeza de que Sylvia era muito mais experiente do que ele nesse campo. Talvez Huws esteja certo, mas, como ele próprio também afirma, não era isso que Sylvia queria. Ver TH como um homem sedutor era estar de acordo com

o que ela estava determinada a conseguir: estar próxima ao perigo e correr riscos.

Para saber sobre a busca de Marilyn Monroe pelo “cavaleiro branco”, leia a minha biografia sobre Marilyn Monroe.

Ver PA para saber sobre a discussão a respeito da carta enviada por Olive Higgins Prouty para SP que falava sobre TH.

A carta de TH para seu irmão, Gerald, datada de 7 de julho, está na Emory e não foi incluída em LTH.

Resposta de SP à tourada: PA, EB, AS.

Carta de Sassoon para SP: Lilly.

“The Widow Mangada”: ZS.

Cartas de OH para Diane Middlebrook: Emory.

Fragmentos de “Falcon Yard”: Emory.

Capítulo 5: “Ela é muito divertida”: 8/07/1957, BB.

“alto, magro”: TH para OH, 8/07/1957, BB.

A resposta dos Roche aos diários de SP está nos arquivos de TH na Emory.

Os comentários de Grace Schulman resultam de minha breve conversa com ela nos corredores do Departamento de Inglês da Baruch College, onde ela me deu um exemplar de seu livro, *First Loves and Other Adventures*, no qual incluiu um ensaio sobre SP e TH em Yaddo.

“riso & até lágrimas”: BB.

As impressões de Daniel Aaron a respeito das aulas de SP estão citadas em Davison, *The Fading Smile*.

“Ele a estapeou com bastante força”: Frances McCullough para David McCullough, 7/07/1974, Maryland.

“Hardcastle Craggs”: O lugar é identificado nos bilhetes de TH para CP.

“tensa e retraída”: Davison, *The Fading Smile*.

“ironia rude”: Davison, *Half Remembered*.

“muito deferente”: Davison, *The Fading Smile*.

“esbelta, angulosa”: Citado de Davison, *The Fading Smile*.

“The Fifty-Ninth Bear”: ZS

Capítulo 6: O calendário e as cartas enviados por SP para Marcia Brown e Lynne Lawner estão na Smith.

“beleza árida de Ted, típica de um nativo de Yorkshire”: citado de Leeming.

Cartas ameaçadoras de OH: Há diversos exemplos da supervisão de OH a Stevenson nos documentos de Stevenson na Smith e nos documentos de Frances McCullough em Maryland.

“qualidades virtuosas”: Há diversas resenhas importantes sobre *The Colossus* em SPCH.

“a alvura da extinção humana”: Ver Marjorie Perloff, “Angst and Animism in the Poetry of Sylvia Plath”, Wagner, *Critical Essays on Sylvia Plath*.

“Mães”: ZS.

“dedicada” e “trabalhadora”: SP para James, Smith, 14/11/1961.

“com grande impacto”: Ver notas em CP.

Capítulo 7: Cartas escritas pela dra. Beuscher e por A. Alvarez e endereçadas a SP estão na Smith, assim como as cartas de SP enviadas a Clarissa Roche e OH. A última vez em que TH visitou SP, recontada por ele em seu diário uma semana após a morte dela, estão em BL. A carta de Winifred Davies para Aurelia, bem como a descrição que Aurelia faz de uma carta enviada a ela pela mãe de Ted, estão em Maryland.

Assia como uma Jezebel: Trevor Thomas lembra-se de SP ter chamado Assia dessa forma. A reação de SP pode parecer melodramática, mas conforme relatam Yehuda Koren e Eilat Negev, Assia tinha reputação de *femme fatale*. Edward Lucie-Smith, amiga de Assia, chamou-a, mais tarde, de desonesta, embora não esteja escancaradamente relacionando essa característica ao fato de que ela seduziu TH. Pelo contrário: tanto Edward (duas de suas cartas estão em EBD) quanto OH (conforme ela contou depois a Butscher) pensavam que o ciúme de Sylvia empurrou TH para os braços de Assia. Esta disse a OH que pediu a um homem que ligasse para Court Green em nome dela. Seria Edward Lucie-Smith? Ele trabalhava no mesmo escritório de Assia. Ele disse a Butscher que havia escrito em nome de OH e que Butscher não deveria citá-lo. Em cartas a Anne Stevenson, que agora se encontram na Smith, OH contou como começou o caso de seu irmão com Assia.

Escorreram do telefone como lama: “Words heard, by accident, over the phone”, datado de 9/09/1962, CP.

“O jato de sangue é poesia”: “Kindness”, CP.

“*homenzinho*”: Para Gerry Becker, uma das últimas pessoas a ver SP com vida, ela segredou que fazia amor com Ted “como gigantes”. Ver a biografia de Jillian Becker, *Giving Up*.

“Ted diz”: Carta de SP à sra. Prouty, 29/09/1962: Lilly. A carta enviada a AP, datada de 26/09/1962, foi publicada na edição de AP do livro *Letters Home*, mas TH insistiu que AP não publicasse a parte da carta aqui citada. Outros biógrafos trataram com muita cautela as versões de SP a respeito do que TH disse a ela, mas muito do que ela escreve sobre seus modos, seu comportamento e muito do que se disse sobre os comentários dele está replicado no que Assia Wevill disse sobre o tratamento de TH a SP. Ver Yehuda Koren e Eilat Negev.

Uma viagem à Irlanda: Relatos sobre o episódio na Irlanda são bastante distintos — e com razão, pois o que SP dizia sobre TH mudava continuamente, e a versão de Richard Murphy, incluída em Stevenson, parece uma novela. As cartas de SP para Murphy estão na ECS.

“Uma história”: Essa citação, bem como as subseqüentes, foram retiradas dos diários de quando ela estava com 18 anos. Mais tarde, nada mudou a respeito do que ela pensava sobre a eternidade, suicídio e o ato de escrever. Com frequência, SP confundia “its” e “it’s”.

“com medo”: as trocas entre OH e Alvarez estão em BB.

“Sempre tive a impressão”: Peter Porter, “Ted Hughes and Sylvia Plath: A Bystander’s Recollections”, *Australian Book Review*, ago. 2001: <http://www.australianbookreview.com.au/past-issues/online-archive/153>.

“Ela é a fênix”: BB.

Por um golpe do destino: os detalhes sobre como SP descobriu a casa da Fitzroy Road estão em sua carta endereçada a Olive Higgins Prouty em 20/11/1962, Smith.

Emily Hahn: Constatei a generosidade e a benevolência de Hahn quando a entrevistei para a minha biografia sobre Rebecca West. Ela se interessou por meu trabalho de imediato e me ajudou a conseguir entrevistas com outras pessoas. Lessing também me ajudou bastante, mas, assim como SP, eu me vi diante de uma pessoa muito mais calma que Hahn.

Em 2 de janeiro: a origem dos detalhes desse parágrafo se encontra no ensaio de SP “Snow Blitz”, em ZS.

“se sentiu em dúvida”: Em *Ariel Ascending*, Alexander publica a versão completa da introdução de TH aos diários de SP.

Último fim de semana desgastante de Sylvia: Meu relato corrige biografias anteriores. Becker mostrou-se insatisfeito com as biografias já publicadas. Disse que elas “suprimem” as informações dela, “ou a distorcem,

acrescentando não apenas incorreções, mas fazendo recortes apenas para provar algo”.

Dr. Horder: ver <http://www.camdennewjournal.com/feature-literature-could-i-have-done-more-sylvia-plath-poets-doctor-john-horder-his-role-her-final-d>.

“Algumas vezes mencionamos nossas mães”: Lembro-me bem de ter falado com Becker a respeito de sua mãe — que também foi escritora — enquanto pesquisava para a minha biografia sobre Rebecca West. Jillian tinha sentimentos muito ruins a respeito dos pais, o que a levou a fazer amizade com SP.

“toda a energia”: Alvarez, *The Savage God*.

Ligou o gás e enfiou a cabeça o mais profundamente possível: Jillian Becker ouviu esse detalhe de um policial ligado ao médico-legista de Londres.

Em “The Descent of Ariel: The Death of Sylvia Plath”, um manuscrito depositado tanto na Biblioteca Britânica quanto na University of Maryland, Elizabeth Hinchliffe conclui que Plath não colocou a cabeça no forno antes de sete e meia ou oito da manhã. SP perguntara a Trevor Thomas, na noite anterior, a que horas ele saía para o trabalho. Ele respondeu que às oito e meia, como sempre. Hinchliffe supõe que Plath esperava que, antes de ir para o trabalho, Thomas sentisse o cheiro do gás e a salvasse. Sylvia não previra que seu vaivém manteria Thomas acordado durante a maior parte da noite ou que ele tomaria um comprimido para dormir, cujo efeito se misturou ao gás que se alastrou pelo apartamento. Desmaiado, Thomas não pôde salvá-la. A reconstrução das últimas horas de Plath gira, no entanto, ao redor de como exatamente ela ligou o gás. O dr. Horder pensou que Sylvia havia cometido suicídio aproximadamente às quatro da madrugada e

disse a Stevenson que, mesmo que ela fosse encontrada com vida, sua mente estaria completamente destruída.

Capítulo 8: A correspondência de AP com Frances McCullough está em Maryland.

“Ela teve acesso livre e controlado”: citado de Clark.

“aquele ódio”: Marcações, anotações e sublinhados nos livros de SP estão na Smith, assim como as duas cartas de Dido Merwin para Linda Wagner-Martin, e as correspondências trocadas com AP. Meu relato da pesquisa de Edward Butscher é tirado de EBD, o qual inclui cartas escritas por Olwyn Hughes. As cartas de OH e Peter Davison para Anne Stevenson também se encontram na Smith, assim com as de Stevenson para Davison e OH.

“Por favor, não”: BB.

“Cleópatra reencarnada”: para OH, BB.

“muito bem-vestida”: BB.

“foi ficando cada vez mais difícil”: Holder.

“Notas para uma biografia”: reimpresso em Newman.

“Estou péssima”: Smith.

“Plath ou seu editor”: e-mail de Frances McCullough para Beth Alvarez, 8/02/2012, encaminhado para mim.

“Ted me disse”: Maryland.

“A srta. Rosenstein parece”: ECS.

Pobre Clare Court: entrevista com Elizabeth Compton Sigmund.

“tão insensível que”: citado de Malcolm.

“autores ingleses”: SPWW.

“Se você escrevesse”: Elizabeth Compton para EB, 24/01/1974.

pedido de entrevista de Butscher: “In Search of Sylvia”, SPWW.

“para mim”, Smith.

“Olwyn, é claro”: Emory.

A “mob”: LTH não tem toda a correspondência entre AP, TH e Frances McCullough, mas tudo está disponível na Emory e em Maryland, College Park.

Críticas a respeito de *Letters Home*: SPCH.

“Você coisifica”: 4/02/1975, EBD.

“Se isso era apenas”: 11/02/1975, EBD.

“Houve uma possibilidade genuína”: 30/04/1991, Maryland.

“O efeito de”: Emory.

“Nenhuma menção a Assia”: ECS.

“visão soviética da história”: entrevista com A. Alvarez.

feminismo “descontrolado”: Emory.

“notícias quentes”: BB.

“figura central”: Emory.

“um segredo plutônico”: TH para Victor Kovner, advogado que o defendia no processo de Jane Anderson, Emory.

“I have had the work in question”: Emory.

“o ruim assim como o bom”: 26/08/1992, BB.

Rejeitando boa parte da especulação biográfica: Emory.

“É demasiado determinista”: Emory.

“excessivamente vituperiosa”: Bayley.

“Sylvia boneca suicida”: Os comentários de Frieda são citados em Jamie Wilson, “Frieda Hughes ataca a BBC por causa do filme sobre Plath”, *Guardian*, 3/02/2003.

Em “Nicholas Hughes, Sylvia Plath’s Son, Commits Suicide”, *Huffington Post*, 23/03/2009, Frieda é citada dizendo que seu irmão tinha depressão.

“extremamente impreciso”: ECS.

BIBLIOGRAFIA

- Alexander, Paul. *Rough Magic: A Biography of Sylvia Plath*. Viking-Penguin, 1991. Edição Kindle, nova introdução, 2003.
- _____, ed. *Ariel Ascending: Writings about Sylvia Plath*. Harper & Row, 1985.
- Alliston, Susan. *Poems and Journals, 1960-1969*. Richard Hollis, 2010.
- Alvarez, A. *The Savage God: A Study of Suicide*. Random House, 1972.
- _____. *When Did It All Go Right?* William Morrow, 2000.
- Axelrod, Steven Gould. *Sylvia Plath: The Wound and the Cure of Words*. Johns Hopkins University Press, 1990.
- Badia, Janet. *Sylvia Plath and the Mythology of Women Readers*. University of Massachusetts Press, 2011.
- Bayley, Sally, e Tracy Brain, eds. *Representing Sylvia Plath*. Cambridge University Press, 2011.
- Becker, Jillian. *Giving Up: The Last Days of Sylvia Plath*. St. Martin's Press, 2003.
- Brain, Tracy. *The Other Sylvia Plath*. Longman, 2001.
- Butscher, Edward. *Sylvia Plath: Method and Madness*. Seabury, 1976. Edição Kindle, 2003.
- _____, ed. *Sylvia Plath: The Woman and the Work*. Dodd, Mead, 1977. Clark, Heather. *The Grief of Influence: Sylvia Plath and Ted Hughes*. Oxford University Press, 2011.
- Connors, Kathleen, e Sally Bayley. *Eye Rhymes: Sylvia Plath's Art of the Visual*. Oxford University Press, 2007.
- Davison, Peter. *The Fading Smile: Poets in Boston from Robert Lowell to Sylvia Plath*. W. W. Norton, 1994.
- _____. *Half-Remembered: A Personal History*. Story Line Press, 1991. "Education: Woman & Man at Yale." *Time*, 20 de março de 1972.
- Farber, Leslie. *Lying, Despair, Jealousy, Envy, Sex, Suicide, Drugs, and the Good Life*. Basic Books, 1976.
- Feinstein, Elaine. *Ted Hughes: The Life of a Poet*. W. W. Norton, 2001.
- Ferretter, Luke. *Sylvia Plath's Fiction: A Critical Study*. Edinburgh University Press, 2010.
- Gilbert, Sandra M., e Susan Gubar. *No Man's Land: The Place of the Woman Writer in the Twentieth Century*. Volumes 1 e 2. Yale University Press, 1988-89.
- Gill, Jo, ed. *The Cambridge Companion to Sylvia Plath*. Cambridge University Press, 1976.

Hall, Caroline King Barnard. *Sylvia Plath Revised*. Twayne, 1998.

Hayman, Ronald. *The Death and Life of Sylvia Plath*. Birch Lane, 1991.

Heinz, Drue. "The Art of Poetry." *Paris Review*. Primavera de 1995.

Helle, Anita, ed. *The Unravelling Archive: Essays on Sylvia Plath*. University of Michigan Press, 2007.

Holder, Doug. "Lois Ames: Confidante to Sylvia Plath and Anne Sexton." Entrevista de 2005.
<http://dougholder.blogspot.com/2009/11/lois-ames-confidante-to-sylvia-plath.html>.

Hughes, Ted. *Cartas de aniversário*. Rio de Janeiro, Record, 1999.

_____. *Howls and Whispers*. Gehenna, 1998.

_____. *Letters of Ted Hughes*. Ed. Christopher Reid. Faber & Faber, 2009.

Huws, Daniel. *Memories of Ted Hughes, 1952-1963*. Five Leaves, 2010.

Kazin, Alfred. *New York Jew*. Syracuse University Press, 1996.

Kendall, Tim. *Sylvia Plath: A Critical Study*. Faber & Faber, 2001.

Kirk, Connie Ann. *Sylvia Plath: A Biography*. Prometheus Books, 2009.

Koren, Yehuda Koren, e Eilat Negev. *Lover of Unreason: Assia Wevill, Sylvia Plath's Rival and Ted Hughes's Doomed Love*. Carroll & Graf, 2006.

Kroll, Judith. *Chapters in a Mythology: The Poetry of Sylvia Plath*. Sutton, 2007.

Kukil, Karen V., ed. *The Unabridged Journals of Sylvia Plath*. Anchor Books, 2000. Edição Kindle, 2007.

Lane, Gary. *Sylvia Plath: New Views on the Poetry*. Johns Hopkins University Press, 1979.

Larschan, Richard. "Art and Artifice in Sylvia Plath's Self-Portrayals," em *Life Writing: Autobiography, Biography, and Travel Writing in Contemporary Literature*. Ed. Koray Melikoglu. Ibidem Press, 2007.

Lawrence, D. H. *The Man Who Died (1929)*, Edição Kindle, 2011.

Leeming, David, *Stephen Spender: A Life in Modernism*. Henry Holt, 1999.

Lever, Janet, e Pepper Schwartz. *Women at Yale: Liberating a College Campus*. Allen Lane, 1971.

Malcolm, Janet. *The Silent Woman: Sylvia Plath and Ted Hughes*. Knopf, 1994. (A mulher calada - Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.)

Middlebrook, Diane, *Anne Sexton: A Biography*. Random House, 1991.

_____. *Her Husband: Hughes and Plath-A Marriage*. Viking, 2003.

Myers, Lucas. *Crow Steered/Bergs Appeared*. Proctor's Hall, 2001.

_____. *An Essential Self: Ted Hughes and Sylvia Plath*. Five Leaves, 2011.

Newman, Charles, ed. *The Art of Sylvia Plath*. Indiana University Press, 1970.

Peel, Robin. *Writing Back: Sylvia Plath and Cold War Politics*. Fairleigh Dickinson University Press, 2002.

Plath, Aurelia, ed. *Letters Home: Correspondence, 1950-1963*. Harper & Row, 1975.

Plath, Sylvia. *Ariel*. Ed. restaurada e bilingue. Verus Editora, 2007.

_____. *A redoma de vidro*. Rio de Janeiro, Record, 1999.

_____. *The Collected Poems*. Harper & Row, 1981.

_____. *Zé Susto e a bíblia dos sonhos*. Lisboa, Relógio D'Água, 1977.

Reid, Christopher, ed. *Letters of Ted Hughes*. Farrar, Straus & Giroux, 2008. Edição Kindle, Faber & Faber, 2011.

Rollyson, Carl. *Biography: A User's Guide*. Ivan R. Dee, 2008.

_____. *Marilyn Monroe: A Life of the Actress*. UMI Research Press, 1986. Reimpresso em brochura por DaCapo, 1993.

_____. *Rebecca West: A Modern Sybil*. iUniverse, 2008, Edição Kindle, 2009.

Rose, Jacqueline, *The Haunting of Sylvia Plath*. Harvard University Press, 1992.

Schulman, Grace. *First Loves and Other Adventures*. University of Michigan Press, 2010.

Schweizer, Bernard. *Rebecca West: Heroism, Rebellion, and the Female Epic*. Greenwood, 2001.

Steinberg, Peter K. *Sylvia Plath*. Chelsea House, 2004. Edição Kindle, 2004.

Steiner, Nancy Hunter. *A Closer Look at Ariel: A Memory of Sylvia Plath*. Harpers Magazine Press, 1973.

Stevenson, Anne. *Amarga Fama: uma biografia de Sylvia Plath*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

Thomas, Trevor. "Last Encounters." Impressão particular.

Uroff, Margaret Dickie. *Sylvia Plath and Ted Hughes*. University of Illinois Press, 1980.

Van Dyne, Susan R. *Revising Life: Sylvia Plath's Ariel Poems*. University of North Carolina Press, 1994.

Wagner, Erica. *Ariel's Gift: Ted Hughes, Sylvia Plath's and the Story of Birthday Letters*. W. W. Norton, 2000.

Wagner, Linda W. ed. *Critical Essays on Sylvia Plath*. G. K, Hall, 1984.

_____, ed. *Sylvia Plath: The Critical Heritage*. Routledge, 1988.

Wagner-Martin, Linda. *Sylvia Plath: A Biography*, St. Martin's Press, 1987.

_____. *Sylvia Plath: A Literary Life*. Palgrave Macmillan, 2003.

Wootten, William. "That Alchemical Power: The Literary Relationship of A. Alvarez and Sylvia Plath." *Cambridge Quarterly*, setembro de 2010.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Ísis americana

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/418719-sis-americana>

Good Reads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/2915779.Carl_Rollyson

Twitter do autor

<https://twitter.com/crollyson>

Facebook do autor

<https://www.facebook.com/carl.rollyson>

Wikipedia sobre Sylvia Plath

http://pt.wikipedia.org/wiki/Sylvia_Plath